UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

RAFAEL BARBOSA DE JESUS SANTANA

"*Na Pikin de Rule Contri*": memórias infantis da guerra civil e o trauma coletivo em Serra Leoa

Porto Alegre
2026

RAFAEL BARBOSA DE JESUS SANTANA

“*Na Pikin de Rule Contri*”: memórias infantis da guerra civil e o trauma coletivo em Serra Leoa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Jocelito Zalla.
Linha de Pesquisa: Cultura e Representações.

Porto Alegre
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITORA

Márcia Barbosa

VICE-REITOR

Pedro de Almeida Costa

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

DIRETOR DO INSTITUTO DE HISTÓRIA

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE HISTÓRIA

Clarice Gontarski Speranza

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Vladimir Luciano Pinto

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa de Jesus Santana, Rafael
"Na Pikin de Rule Contri": memórias infantis da guerra civil e o trauma coletivo em Serra Leoa / Rafael Barbosa de Jesus Santana. -- 2026.
208 f.
Orientador: Jocelito Zalla.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2026.

1. Serra Leoa. 2. Literatura. 3. Direitos Humanos. 4. Trauma. 5. Infância. I. Zalla, Jocelito, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFAEL BARBOSA DE JESUS SANTANA

"*Na Pikin de Rule Contri*": memórias infantis da guerra civil e o trauma coletivo em Serra Leoa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Jocelito Zalla.
Linha de Pesquisa: Cultura e Representações.

Porto Alegre, 26 de março de 2026.

Resultado: APROVADO.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Jocelito Zalla (Orientador)

_____
Profª Drª. Denise Moraes Pimenta (UNIFESP/FAPESP)

_____
Profª Drª. Priscila Maria Weber (UERJ)

_____
Prof. Dr. José Rivair Macedo (PPGH – UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Nos meus trabalhos anteriores de monografia e dissertação faltou espaço para agradecer tantas pessoas que foram especiais na minha vida pessoal/profissional. Com o passar dos anos, minha trajetória foi ficando mais solitária e mais individualizada, assim como no meio acadêmico. Nesse sentido, agradeço primeiramente a mim, por não ter desistido de ser historiador no Brasil, por continuar lutando por dias melhores mesmo desacreditado. Em seguida, agradeço àquelas pessoas que entraram e não saíram da minha vida: Raicilane Barbosa, Eliane Araújo, Ari Sérgio Barbosa, Ariane Barbosa, Amanda Lobo e Igor Rabuske. Não menos importante, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos parcial, importante para o desenvolvimento desta pesquisa, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) que financiou minha mobilidade acadêmica na *University of Sierra Leone* (USL), em Freetown, mas que só foi efetivada pela solidariedade da professora Fernanda Oliveira. Essa mobilidade proporcionou uma experiência humanitária singular. Por fim, gostaria de agradecer ao professor Jocelito Zalla, que foi um verdadeiro orientador nesses últimos quatro anos.

A maioria dos jovens aqui se tornaram rebeldes, até mesmo crianças que nem sabiam o que era errado (Anônimo IV, 2024, entrevista pessoal).

RESUMO

A presente tese de doutorado tem por objetivo analisar de que forma a construção e disseminação de memórias e representações em quatro obras literárias de Serra Leoa foram influenciadas e influenciam os sentidos coletivamente compartilhados em relação aos impactos da guerra civil daquele país (1991-2002) nas infâncias, nas crianças e na passagem destas para a vida adulta nas duas décadas após o término do conflito. O enfoque principal do estudo está nas crianças que foram recrutadas para atuarem como soldados em forças armadas estatais e não-estatais e, de forma secundária, nas crianças civis. Para análise das escritas literárias utiliza-se da metodologia de análise discursiva comparativa, revisão bibliográfica aplicada, de cunho interdisciplinar e qualitativa, numa perspectiva da história global, baseada nos conceitos condutores de infância, trauma e direitos humanos.

Palavras-chave: Serra Leoa. Literatura. Direitos Humanos. Trauma. Infância.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze how the construction and dissemination of memories and representations in four literary works from Sierra Leone were and continue to influence the collectively shared meanings regarding the impacts of that country's civil war (1991-2002) on childhood, on children, and on their transition to adulthood in the two decades following the end of the conflict. The study's main focus is on children who were recruited to serve as soldiers in state and non-state armed forces and, secondarily, on civilian children. The analysis of the literary works employs a comparative discourse analysis methodology, applied bibliographic review, of an interdisciplinary and qualitative nature, from a global history perspective, based on the guiding concepts of childhood, trauma, and human rights.

Keywords: Sierra Leone; Literature; Human Rights; Trauma; Infancy.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Local de nascimentos das autoras e do autor.....22
Mapa 2: Localização de Serra Leoa no continente africano.....37
Mapa 3: Distribuição genérica das etnias em Serra Leoa.....38
Mapa 4: Formação populacional de Serra Leoa.....40
Mapa 5: Localização onde iniciou a guerra civil.....48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA: *American Psychiatric Association*

ECOMOG: Grupo de Monitoramento do Cessar-fogo da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

FRU/RUF: Frente Revolucionária Unida / *Revolutionary United Front*

MHC: *Mental Health Coalition*

NPFL: Frente Patriótica Nacional da Libéria

NPRC: *Na pikin de rule contri*

OMS: Organização Mundial da Sáude

ONU: Organização das Nações Unidas

SCSL: Tribunal Especial para a Serra Leoa

UA: União Africana

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

Introdução.....12

1. Serra Leoa antes, durante e pós período colonial.....37

1.1. Literatura local.....63

1.2. Representações e questões de método.....70

2. Infâncias e Direitos Humanos.....77

2.1. Crianças-soldado: conceito, características e modos de vida.....96

3. Os traumas dos adultos de hoje começaram na infância.....118

3.1. O trauma conceituado.....125

3.2. Direitos calados, traumas espalhados: as entrevistas.....148

Considerações Finais.....176

Referências.....184

Apêndice.....198

Introdução

A guerra civil de Serra Leoa ficou conhecida entre sua população através da sigla NPRC (Fyle, 2006; Tynes, 2012), abreviação da oração presente no título desta tese: *Na pikin de rule contri*. Essa expressão em *krio*,[1] atribuída pelos locais, que significa em português "são as crianças que governam o país", carrega consigo alguns sentidos muito importantes para a elaboração deste trabalho:

1) primeiro, que as crianças estavam envolvidas profundamente no desenrolar da guerra civil e;
2) segundo, que as crianças assumiram posições de poder durante o conflito.

Concomitantemente, a mencionada sentença acaba eclipsando outras questões que envolveram a participação das crianças no conflito armado, diga-se, sobretudo aquelas relacionadas às consequências desse evento nos infantes. Desse modo, a presente tese situa-se no entre-lugar, na visualização da agência infantil durante o conflito, mas considerando que essa mesma agência causou danos permanentes na sociedade serra-leonense.

A presente pesquisa de doutorado começou a ser lapidada, ainda que de modo inconsciente, desde a minha escolha de área de atuação na graduação. Foi nessa etapa formativa que ingressei no Laboratório de Estudos em História e Literatura (LEHL) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), coordenada pelas professoras Renata Dal Sasso Freitas e Cássia Daiane Macedo da Silveira; foi nesse grupo que tive a experiência transcendental de conhecer parte do pensamento e das obras da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a qual me serviu de fonte tanto na escrita da monografia quanto da dissertação em História. Se analisando *Hibisco Roxo* (2003), primeiro romance de Adichie, procurei identificar como era representada uma Nigéria silenciada perante as violências coloniais britânicas em seus aspectos linguísticos e religiosos, com *Meio Sol Amarelo* (2006) tive o intuito de analisar as representações de Adichie do trauma social igbo[2] em relação à Guerra de Biafra (1967-1970), a guerra civil nigeriana. Foi a partir da análise desse romance que me deparei com as questões-chave desta tese.

Em *Meio Sol Amarelo*, um dos personagens principais, Ugwu, um jovem adolescente, é recrutado pelas forças armadas biafrenses.[3] No batalhão militar, Ugwu conhece outras

---

1 Língua crioula atlântica de base inglesa e semânticas semelhantes ao iorubá, ao igbo e outras línguas do grupo mande.

2 Uma das três maiores etnias da Nigéria, junto aos iorubás e hausas.

3 Biafra foi o nome dado à região sudeste da Nigéria que, durante a guerra civil, se autoproclamou independente, mas ao final do conflito armado, em 1970, foi reanexada ao território nigeriano.

pessoas mais jovens que ele e passa por uma série de experiências traumatizantes. Ao decorrer do romance, outras crianças são afetadas pela guerra em curso. Ao perceber essas questões sendo abordadas de forma tangencial, comecei a articular pensamentos sobre as parcelas populacionais mais vulneráveis em ambientes sociais violentos. Realizando levantamentos de reportagens sobre infância e guerra, enveredei por um caminho que me mostrou as atrocidades que são esses cenários violentos para os infantes, os quais veem seu mundo se desmanchar. Foi nessas procuras digitais que conheci rapidamente Ishmael Beah e Michaela DePrince, autor e autora serra-leonenses de três das quatro fontes literárias utilizadas nesta pesquisa.

A partir desse ponto, após decidir que minha escrita acadêmica de maior fôlego seria sobre os impactos da guerra civil serra-leonense nas crianças, a pesquisa por outros(as) autores(as) literários(as) de Serra Leoa ganhou alto grau de dificuldade. Outras obras literárias foram descobertas quando seguia páginas em redes sociais de livrarias britânicas, africanas ou de divulgação cultural de Serra Leoa, como o *Poda-Poda SL, A De Kam Salone, The Library Gang* e *The Young Sierra Leonean CIC*. Naquele momento, eu já tinha decidido que trabalharia com obras literárias de escritores(as) serra-leonenses que viveram a guerra civil na infância. Tive conhecimento dos seguintes livros: *Yabom* (2021) de Rahima Vandy Kargbo, *The Gilded Ones* (2021) e *The Merciless Ones* (2022), ambos de Namina Forna, *The Memory of Love* (2010) de Aminatta Forna, *So the Path does not Die* (2012) de Pede Hollist, *Rising Heart* (2020) de Aminata Conteh-Biger, *Zhuri's Flight* (2021) de Zay Cummings, *The Street Boys* (2011) de Ibrahim Oumar Jalloh e *The Diamonds* (2001) de J. Sorie Conteh; mas nenhuma dessas escritas têm tradução para o português, apenas três delas foram encontradas gratuita e digitalmente em inglês e, ainda assim, não tratam diretamente da guerra ou não foram escritas por alguém que vivenciou o conflito civil na infância, fator que chamo de endogenia para os propósitos deste trabalho.

Com todos esses obstáculos de contato com fontes literárias de Serra Leoa, percebi que pesquisar as expressões literárias deste local político geográfico não seria tão fácil quanto pesquisar sobre a Nigéria, um dos maiores polos africanos de produção e exportação de obras literárias e, por conseguinte, de maior difusão e conhecimento por parte dos(as) acadêmicos(as) do mundo Ocidental. Por fim, em meio a relações interpessoais com uma pesquisadora brasileira que já tinha feito etnografia em Serra Leoa (Denise Pimenta), descobri a escritora Mariatu Kamara, autora da quarta fonte escolhida para a elaboração desta tese.

Feita essa digressão, vos apresento as obras a serem investigadas: a autobiografia do escritor serra-leonense Ishmael Beah, *Muito Longe de Casa: memórias de um menino-soldado* (2015), a autobiografia da escritora Michaela DePrince,[4] *O Voo da Bailarina: de orfã de guerra ao estrelato* (2016) e *A Mordida da Manga* (2012), de Mariatu Kamara;[5] assim como o romance *O Brilho do Amanhã* (2015), de Ishmael Beah. As duas primeiras fontes citadas estão disponíveis de forma digital e impressa em português; as outras, também com tradução em português,[6] obtive acesso de modo físico. Foram escolhidas essas obras literárias por dois motivos que estão intimamente conectados: primeiro, são produções de autoras e autor de relativo reconhecimento internacional e de grandes ações públicas no que diz respeito aos direitos das crianças; segundo e mais importante fator que contribuiu para a escolha dessas obras é que Beah, DePrince e Kamara eram crianças durante a guerra civil iniciada na década de 1990, tendo diferentes experiências no evento, o que contribui para um olhar endógeno e multifacetado sobre as formas que o conflito impactou suas vidas e a vida de outras crianças. No intuito de robustecer a pesquisa, foram utilizadas como fontes secundárias as entrevistas realizadas com trinta e cinco pessoas em minha mobilidade acadêmica na cidade de Freetown, capital de Serra Leoa, entre novembro e dezembro de 2024.[7]

Sobre as versões traduzidas das fontes autobiográficas e da fonte ficcional é necessário fazer algumas ponderações. Conforme Madolo (2019), o(a) tradutor(a) é como se fosse um segundo autor, o qual "precisa estar atento aos princípios que norteiam a escrita da literatura" (Madolo, 2019, p. 279). Mesmo não sendo o foco desta tese, é importante tentar identificar se, na tradução do livro, o(a) tradutor(a) tentou ser fiel à obra original ou ao leitor, entendendo que "a tradução de qualquer texto é guiada pelo objetivo da própria tradução" (Madolo, 2019, p. 280). O(a) tradutor(a), enquanto um(a) mediador(a) cultural, pode "escolher se o [seu] produto será orientado para o idioma de origem ou de destino […] pode optar por introduzir o leitor a uma cultura estrangeira [ou] […] domesticar a tradução" (Madolo, 2019, p. 282, grifos meus). Além disso, pode fazer a utilização de ambos os métodos, principalmente em

---

4 Escrita junto com a mãe adotiva da serra-leonense, Elaine DePrince. Trata-se, então, de um livro de memórias compartilhadas entre mãe e filha.

5 Escrita em coautoria com a jornalista canadense Susan McClelland, profissional que se interessou pela história de Kamara. A jornalista também foi coautora de outras obras com temáticas relacionadas à violação de direitos, como as biografias de Lucia Jang e Sungju Lee (Coreia do Norte) e Romek Waisman (Polônia).

6 Não se pretende realizar análises ou contraposições da obra original em inglês com a sua tradução para o português, pois acredita-se que essa investigação requer um conhecimento profundo da língua inglesa para que se possa identificar os aspectos linguísticos relevantes para a pesquisa histórica, habilidade que o autor deste escrito não tem.

7 Mobilidade financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), a partir de edital (04/2024) que almejava conceder auxílios emergenciais a pesquisadores de doutorado, após

biografias, as quais tendem a ser mais fidedignas à realidade histórica. Por isso, os(as) tradutores(as) entendem que "é importante apresentar todos os fatos sem qualquer distorção ou ajuste para não confundir o leitor-alvo" (Madolo, 2019, p. 282).

De todo modo, Yolisa Madolo, autora indiana que analisa a tradução da segunda autobiografia de Michaela DePrince,[8] voltada ao público infantil do continente africano, argumenta que as traduções querem ser aceitas pelo leitor, como se fosse a obra original, por isso, elas buscam "fazer sentido de acordo com as expectativas culturais do leitor-alvo" (Madolo, 2019, p. 281). O(a) tradutor(a) trabalha, então, com o efeito implícito esperado, inclusive modificando palavras/adaptando o conteúdo original para que se ajuste melhor ao leitor destinatário da tradução. Essa adequação pode ser, entre outras estratégias, por adição ou omissão de passagens. Concomitantemente, o(a) tradutor(a) não é totalmente autônomo(a) sobre o processo de tradução, afinal, deve cumprir com requisitos de compatibilidade para com o texto original. Em última análise, Madolo (2019) afirma que, ainda assim, a tradução pode distorcer a obra de referência ao utilizar palavras ou construções frasais equivocadas.

No caso do livro *O voo da bailarina*, de Michaela DePrince, Sandra Martha Dolinsky foi a tradutora da obra para o português. Enquanto uma profissional generalista, Dolinsky traduz livros que tratam desde exercícios físicos, dietas e esquemas de espionagem, até textos teóricos sobre educação e trajetória de vida de personalidades conhecidas publicamente, como Pablo Escobar. À vista disso, a versão da biografia de DePrince que analisei nesta tese, pode carregar as marcas de sua tradutora, como a tradução meramente para fins comerciais, sem grandes preocupações para o tipo de escrita de DePrince. Por outro lado, a Editora Record, empresa que publicou *O voo da bailarina* no Brasil, apesar de não ter uma grande tradição de publicações de obras literárias africanas, foi responsável pela tradução de produções de romancistas africanas como Sefi Atta, Abi Daré e Namina Forna, todas do oeste africano. O que demonstra, à primeira vista, uma certa abertura editorial às escritas não centrais da estrutura global.

Já a editora Companhia das Letras tem construído um histórico de traduções de grandes literatas africanos(as), como Mia Couto, Chimamanda Ngozie Adichie, Chinua Achebe, Camara Laye, Djaimilia Pereira de Almeida, J. M. Coetzee, Paulina Chiziane, Ayaan Hirsi Ali, Abdulrazak Gurnah, Ondjaki, Ngugi wa Thiong'o, entre tantos outros. Muitos dos(as) tradutores(as) da editora são especializados(as) em alguns gêneros literários, por

---

as enchentes históricas na unidade federativa do RS.

[8] Intitulada *Ballerina Dreams* e publicada em 2017.

exemplo, Cecilia Giannetti, que traduz biografias e autobiografias, como *Muito longe de casa*, de Ishmael Beah.[9] Mas também na Companhia das Letras há tradutores generalistas, como George Schlesinger, o qual traduz livros sobre estatística, matemática, astronomia e, no meio disso, literatura infantil e romances, como *O brilho do amanhã*, de Ishmael Beah. A mesma versatilidade de tradução pode ser observada a partir dos trabalhos de Lea Zylberlicht, tradutora de *A mordida da manga*. Assim, estamos tratando de escritas em trânsito (Mata, 2023), ou seja, escritas com amplas redes de circulação a partir da tradução. Esta, por sua vez, denota a ampla inteligibilidade dessas obras literárias.

Essa suposta universalidade que as fontes aqui em foco emanam, está relacionada também ao sentido heurístico que toda literatura tem. Não que os(as) autores(as) produzam seus escritos necessariamente com este intuito, mas essas obras, em posse do(a) leitor(a), constroem ou desconstroem conhecimentos sobre determinado tema. É válido considerar, então, que os textos literários com foco na infância, "indicam-nos expectativas sociais em relação à infância (e também ao adulto) em determinado período histórico" (Gouvêa, 2007, p. 29). Quando falamos sobre expectativas, neste caso, devemos refletir que tais produções podem romantizar determinados estilos de infância, afinal, elas são narrativas organizadas pelos adultos sobre a criança e a infância, assim como são destinadas aos adultos.

Ishmael Beah nasceu em 1980, na cidade de Mattru Jong, em Serra Leoa. Após suas vivências durante parte da guerra civil, em 1998 fugiu do seu país e foi levado aos Estados Unidos com a ajuda do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Lá, onde viveu boa parte de sua vida, graduou-se em Ciência Política (2004) e virou membro do Comitê Consultivo da Divisão de Direitos das Crianças do *Human Rights Watch*/UNICEF. Sua biografia foi indicada ao *Quill Award*,[10] publicada em mais de quarenta idiomas e foi incluída na lista dos cem livros para se ler em algum momento da vida pela *Amazon*. É importante

---

[9] A tradutora relata que a escrita de Beah era de simples compreensão, mas que o desafio da tradução foi lidar com o peso que aquela narrativa lhe trazia. Esse relato já demonstra uma certa sensibilidade da profissional para com o seu objeto de trabalho. Ver mais em Bergamaschi (2007).

[10] Prêmio literário estadunidense televisionado, organizado pela *Quills Foundation*, que durou três anos (2005-2007) e foi patrocinado pela *NBC Universal Television and Streaming*, pela revista *Parade*, a mais lida dos Estados Unidos em 2014, pela *Borders Group*, uma empresa que produzia livros, CDs, DVDs, entre outros produtos, pela *Barnes & Noble*, livraria com mais filiais nos Estados Unidos e outras instituições. O prêmio literário foi finalizado porque não proporcionou o aumento esperado de venda de livros. Em *Biography/Memoir*, categoria que Ishmael Beah concorreu em 2007, a obra vencedora foi *Einstein: His Life and Universe*, escrita pelo historiador e jornalista Walter Isaacson e que analisa a vida e o legado de Albert Einstein. É válido lembrar que o público geral é que votava e escolhia os vencedores do prêmio, e que Beah foi a única pessoa negra e não-estadunidense a concorrer para a categoria *Biography/Memoir,* o que é sintomático tanto no que diz respeito ao racismo estrutural do *Quill Awards*, como do racismo e xenofobia do público norte-americano que participou da votação.

pontuar que prêmios literários "funcionam como mediação do processo de canonização" (Mata, 2023, p. 46). Por isso, "as instâncias de legitimação literária são fortemente ditadas por instâncias externas" (Mata, 2023, p. 47), por perspectivas críticas antiocidentalizantes, no caso desse trabalho acadêmico. Já o primeiro romance de Beah, *O Brilho do Amanhã*, foi bem recebido pelo *New Work Times* e *The Washington Post*. Na primeira imprensa, a voz de Beah foi entendida como mais lírica em relação à sua autobiografia; foi percebida a transição de uma narrativa de raiva para uma narrativa mais "dócil". Talvez por causa do pacto ficcional, no qual o narrador da ficção é uma figura do mundo imaginado, não tendo relação direta com a figura do autor. Trata-se, segundo o *NYT*, de um romance humanizador.[11] Já o *TWP* menciona que Beah conseguiu dosar bem a narrativa puramente ficcional e a narrativa que encontra respaldo na sua própria experiência.[12]

Sua posição de destaque no UNICEF faz parte de um projeto de vida que, segundo o escritor, tem o acompanhado para, diga-se, "garantir que o que aconteceu comigo não continue a acontecer com outras crianças ao redor do mundo" (Beah, 2007, s/p.). É nesse sentido que Beah criou uma fundação que carrega o seu nome e que dá suporte a crianças envolvidas em conflitos armados. Essa militância, se assim podemos chamar, pode ser um princípio organizador da memória e da identidade, permitindo que Beah realize uma releitura da sua infância e juventude, à luz de valores construídos em seu engajamento militante adulto, e construindo uma narrativa do passado de forma significativa para o presente.

Refletindo sobre os(as) autores(as) que "influenciaram" sua escrita literária, Beah (2014) pontua que se apropriou dos escritos de uma miríade de autores(as), tais como Kurt Vonnegut, Günter Grass e J. M. Coetzee.

> Além disso, o escritor haitiano Edwidge Danticat significou muito para mim […] Claro, na tradição africana há Chinua Achebe e Wole Soyinka – todas essas pessoas me influenciaram de suas próprias maneiras […] Eu leio os escritores contemporâneos, principalmente de ficção. Por exemplo, há Dinaw Mengestu, autora de *As belas coisas que o céu carrega*; e Maaza Mengiste, que é da Etiópia e escreveu um livro chamado *Beneath the Lion's Gaze*. E há ainda Chimamanda Adichie. Tento acompanhar os escritores contemporâneos porque, neste momento, a África tem muitos que valem a pena tomar nota (Beah, 2014, s/p.).

Nota-se que as influências assinaladas por Beah têm um caráter internacional, o que é significativo e correspondente com a sua personalidade pública. É válido ressaltar, ainda, a

---

11 Ver mais em Corbett (2014).
12 Ver mais em Charles (2013).

relevância que o mencionado autor atribui às produções literárias africanas e a sua consciência sobre a notoriedade, em diferentes gerações, dos autores e autoras daquele continente, tanto em sua constituição enquanto escritor, como na composição do cenário literário global.

Figura 1: foto de Ishmael Beah.



Fonte: BEAH (2007).

Michaela DePrince ou Mabinty Bangura[13] nasceu em 1995, na cidade de Kenema, em Serra Leoa. A então garota provinha de uma família muçulmana e viveu a guerra civil de seu país na condição de órfã, após a morte de seus pais em decorrência do conflito armado. Em acréscimo a essa posição, Mabinty sofria de várias formas preconceito em relação ao seu vitiligo, situação crônica na qual partes da extensão dermatológica são despigmentadas. Na cultura local na qual Bangura vivia, tal "doença" era vista como a presentificação do demônio, como ela mesma relata em seu livro. Em 1999, foi adotada por uma família estadunidense e, nos Estados Unidos, realizou seu sonho de ser uma bailarina profissional.

Conforme Collins (2019, p. 208), "A relação mãe/filha é fundamental entre as mulheres Negras. Inúmeras mães Negras empoderaram suas filhas ao transmitir o conhecimento do dia a dia, essencial para a sobrevivência das mulheres afro-americanas". Pensando que muito dessa cultura afro-americana de relação mãe/filha é decorrente das influências africanas, tal afirmativa pode nos ajudar a pensar no contexto africano. Se assim for, é possível afirmar que, em contexto de guerra, essa conexão mãe/filha foi danificada, principalmente para DePrince.

---

[13] Esse segundo nome foi aquele dado à escritora em Serra Leoa, por sua família biológica. Quando foi adotada por uma família estadunidense, passou a se chamar Michaela DePrince.

Assim como Beah, DePrince atuou em instituições de apoio a crianças envolvidas em guerras e na criação de produtos voltados à pele negra, como *band-aid*. Em 2016 foi nomeada embaixadora da *War Child Holland*[14] e criou o evento *Dare to Dream*, o qual buscava dar suporte material e psicológico a crianças que viviam em espaços violentos habituais e de conflito armado. Apoio material e psicológico que a própria autora não teve em sua infância. Seu livro autobiográfico foi traduzido para doze idiomas, talvez pelo interesse do público por histórias de superação que, normalmente, conseguem ativar mecanismos psicológicos e expectativas culturais que satisfazem o leitor.

Em setembro de 2024, aos vinte nove anos de idade, a serra-leonense veio a óbito, mas sem causas divulgadas na imprensa. Especula-se que possa ter sido suicídio, mas não há outros indícios que fortifiquem essa tese a não ser o silêncio sobre o motivo da morte. Enquanto em vida, além de ter aparecido em videoclipes das cantoras M.I.A[15] e Beyoncé[16] e ter um projeto de filme que seria dirigido por Madonna,[17] DePrince foi um ícone pop e, frequentemente, esteve nas capas de revista de empresas como a *Louis Vuitton*, *Vogue*, *Nike* e *Tommy Hilfiger*.

No que diz respeito aos referenciais literários que influenciaram a escrita de DePrince, pouco foi encontrado. Inclusive, uma crítica possível de ser feita às mídias que interagiram com Deprince, Beah e Kamara é que, estas, estiveram muito mais interessadas nas memórias de dor e na superação dessas memórias do que no processo criativo autobiográfico e literário. Contudo, numa das exceções a esse padrão, DePrince (2015) relatou considerar de boa qualidade obras como *Shanghai Girls* de Lisa See, *The Giver* de Lois Lowry, *The Fault in our Stars* de John Green e *Laughing at My Nightmare* de Shane Burcaw.

Todos esses livros, de escritoras(es) brancas(os) estadunidenses, abordam temáticas sensíveis à DePrince, como o local social dos imigrantes e exilados, sobre as experiências de guerra e dor, de choques culturais e de mundos utópicos que não há guerras nem dor. Esses mesmos livros têm personagens protagonistas com algum tipo de doença ou debilidade e, de suas respectivas formas, superam esses empecilhos. DePrince não faz referência a nenhum(a) escritor(a) negro(a) e/ou africano(a).

---

[14] ONG que busca evitar que as crianças se envolvam em conflitos armados e que almeja proporcionar às mesmas espaços para que possam se desenvolver em plenas condições. A ONG surgiu no contexto da guerra da Bósnia, em 1993. Hoje, a ONG atua na Colômbia, Sudão do Sul, Uganda, Burundi, Síria, Jordânia, Países Baixos, Alemanha, Suécia, Afeganistão, Líbano e Palestina. Mais informações em: < https://www.warchildholland.org/history/ >. Acesso em: 21 jan. 2026.

[15] Em *Rewear It*.

[16] Em *Freedom*.

[17] Intitulado *Taking Flight*.

Figura 2: foto de Michaela DePrince.



Fonte: DEPRINCE, Michela (s/ ano).

Já Mariatu Kamara (1986-dias atuais) cresceu no Canadá, para onde emigrou em 2002. A autora nasceu no vilarejo de Magborou, perto da cidade de Port Loko, numa família poligâmica de Serra Leoa e teve suas mãos amputadas durante o conflito armado daquele país. Atualmente, Kamara é Representante Especial do UNICEF para Crianças em Conflitos Armados, instituição que proporcionou à serra-leonense sua instalação no Canadá, onde realiza excursões para promover a igualdade de direitos entre crianças de todo o mundo. Em 2022 foi lançado, também no Canadá, um filme com o título homônimo à autobiografia de Kamara, diga-se, *A mordida da manga*. A obra audiovisual foi nomeada em homenagem à Kamara, apesar de não tratar sobre a vida da escritora.

Seu livro de memórias ganhou vários prêmios na época de sua publicação (2008), como o *Silver Award for Young Adult Nonfiction* (2008) e o *Norma Fleck Award for Canadian Children's Non-Fiction* (2009), sendo esse o pontapé para a criação de uma fundação (*Mariatu Foundation*) de ajuda a crianças e mulheres em situação de violência. Sobre o seu processo de escrita, Kamara (2009, s/p.) afirma: "Acho que foi importante escrever o livro. Me inspirei em Ishmael Beah […] fui incentivada por familiares e amigos a contar minha história, sobre ser vítima na guerra". Percebe-se que as influências da escrita da

supracitada autora estão localizadas no reduto familiar, comunitário e nacional, em contraste distinto se relacionarmos com as defluências de leitura de Beah e DePrince.

Entre as autoras e autor das fontes autobiográficas, Kamara é a menos conhecida. O mesmo pode ser dito sobre sua biografia. De certo modo, a mencionada autora carece de vozes socialmente mais autorizadas do campo literário, as quais poderiam "validar" e divulgar sua escrita. Desse modo, *A mordida da manga* é um misto de voz e silêncio. Contudo, seja qual for o nível de disseminação das escritas de Beah, DePrince e Kamara, as autoras e autor compartilham várias experiências, uma delas, o fato de nascerem no interior de Serra Leoa. Esse é um elemento interessante se pensarmos na dinâmica da guerra civil nacional que, praticamente, eclodiu por causa do relativo privilégio que Freetown vivia em detrimento da pobreza interiorana.

Figura 3: foto de Mariatu Kamara.



Fonte: Google Imagens.

Mapa 1: Local de nascimentos das autoras e do autor.



Fonte: Produção própria a partir do Google Maps.

A partir dessas escolhas, a presente pesquisa, de cunho teórico-metodológico bibliográfico e empírico, amparado numa perspectiva dialógica, interdisciplinar, qualitativa e global, tem como objetivo principal averiguar, a partir de quatro fontes literárias, um romance e três autobiografias, de que forma a guerra civil de Serra Leoa (1991-2002) impactou as crianças, suas infâncias e suas passagens para a adolescência e vida adulta, principalmente aquelas que foram recrutadas para servirem como soldados, num contexto de falta de euritmia social. De modo específico, o estudo busca discutir as formas de representação da guerra em obras de autores por ela afetados enquanto crianças. A análise será centrada nos impactos psicológicos, materiais, literários e simbólicos, bem como nas interconexões desses elementos. Assim, pretende-se analisar as semelhanças entre diferentes experiências violentas individuais no nível micro (pessoal e das relações interpessoais), para compreender a formação semelhante de um ambiente macro traumático em Serra Leoa, principalmente para as pessoas que vivenciaram a guerra na infância.

A hipótese aqui levantada é a de que, em todas as obras utilizadas como fonte, as pessoas em idade pueril foram uma das primeiras a serem afetadas com os efeitos negativos da guerra civil e com intensidade maior que outros grupos sociais, principalmente com o postergar do conflito. Dentro do próprio grupo etário houve graus e tipos diferentes de exposição à violência, seja pelo fator de classe, de gênero ou de sexualidade. A tese que defendo considera também que a guerra civil de Serra Leoa foi um evento limítrofe que desencadeou perdas materiais, sociais, simbólicas e psicológicas nos(as) infantes, tendo como maior expressão o trauma, fruto da violação dos direitos humanos. Destarte, para a análise das

obras serão considerados três conceitos-chave: infância, direitos humanos e trauma. Esse quadro de perscrutação tem suas raízes fincadas tanto nas concepções categóricas "ocidentais", quanto naquelas orquestradas, ressignificadas e/ou reproduzidas no mundo não-ocidental, neste caso, parte da África Ocidental anglófona. As fontes secundárias, os relatos orais, dialogam com a utilização dessas categorias e, de certa forma, complementam as perspectivas literárias, jogando luz sobre as formas de vivenciar os impactos da guerra civil para aqueles que permaneceram em Serra Leoa.

Falar em criança-soldado no Brasil não é uma realidade comum em espaços públicos, visto que o uso de crianças por forças armadas estatais brasileiras não é uma prática e que, de modo geral, não vemos as crianças como protagonistas sociais, ainda que estejam agindo, inclusive por forças armadas não-estatais. Por estas razões,

> […] de modo prático, não se é enfrentado o quadro por setores da sociedade civil ou pela Administração Pública, seja por meio de veiculação de campanhas de combate, de exposição de dados ou de formas de prevenção e alerta. Falar em criança-soldado é algo distante, é problema do Outro (Tenório & Muniz Falcão, 2017, p. 52).

Se é um problema do "Outro", nossas condutas são interpretadas como diferentes, as quais nos impediriam de chegar a este ponto de "selvageria", ou melhor, estaríamos, supostamente, num patamar social em que esta ideia não seria viável. Nesse sentido, concordo com as autoras Vivianne Tenório e Wanda Muniz Falcão, as quais argumentam que é necessário "vislumbrar o fenômeno do recrutamento infantil como um problema da humanidade, logo, diverso de caráter isolacionista para a solução desta problemática" (Tenório & Muniz Falcão, 2017, p. 58-59).

A título de exemplo do tamanho da problemática das guerras para as infâncias, trago alguns dados. Machado (2016) afirma que, apesar de ser um fenômeno milenar, foi apenas a partir do século XX que as crianças começaram a ser inseridas massivamente nos conflitos armados, no contexto das duas Grandes Guerras, na Europa. Sobre esse aspecto, Santos & Muniz (2012) chamam atenção para o fato de Hitler ter utilizado sistematicamente crianças e adolescentes como soldados, as quais tiveram cerceadas "o livre desenvolvimento de sua personalidade, do direito de brincar e de serem protegidas do perigo" (Santos & Muniz, 2012, p. 289). Essa informação é relevante se pensarmos que esse mesmo Ocidente prega seguir os princípios dos direitos humanos.

Dando um pulo temporal, segundo Chinua Achebe (2012), em março de 1968, um ano após o início da guerra civil nigeriana, "oitenta e nove por cento das pessoas afetadas [*pela fome*] eram crianças menores de cinco anos. Os 11% restantes tinham de cinco a quinze anos" (Achebe, 2012, p. 86, *grifos meus*). Considerando este cenário "especialmente difícil para as crianças", o número de mortes também atingiria com força esta população: "A contagem de cabeças no final da guerra foi talvez três milhões de mortos, o que era aproximadamente 20% de toda a população. Esta alta proporção foi principalmente de crianças" (Achebe, 2012, p. 100).

De 1946 até 2001, ocorreram duzentos e vinte e cinco conflitos armados no mundo. Desse montante, cento e quinze ocorreram entre 1989 e 2001 (Vieira Filho, 2012), período que abarca a guerra civil de Serra Leoa (1991-2002). Nesses conflitos armados, as crianças foram as primeiras a serem atingidas,

> tanto de forma direta quanto de forma indireta, já que suas vidas são afetadas de diversas maneiras. Ainda que elas não sejam mortas ou feridas, elas podem ficar órfãs, serem raptadas, socialmente isoladas e psicologicamente estressadas em decorrência da exposição direta à violência (Both; Lima; Alves, 2017, p. 172).

Mesmo sendo, em parte, socializadas ao ambiente privado e com restrições de direitos e deveres,[18] conforme Catarina Fernandes (2017b), baseada em dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1999, "90% das vítimas de guerra são civis e, 50% das vítimas de guerra são crianças" (Fernandes, 2017b, p. 05). No bojo desses números de crianças atingidas há também aquelas que estão na linha de frente dos combates. Apesar de não ser um fenômeno do continente africano, Lourenço (2014) apresenta trinta e três países nos quais tiveram a participação de crianças-soldado em conflitos armados entre 2000 e 2012; desse montante, 48,5% das ocorrências foram nos países da África. É válido lembrar que os territórios europeus tiveram e têm práticas de despojamento da parentalidade. Por exemplo, nos primeiros dez anos do século passado, a Inglaterra criou campos de concentração para crianças na África do Sul. Esses espaços, que tinham como objetivo controlar a população

[18] Em parte porque, por exemplo, no mundo Ocidental e no contexto africano, é estimulado que as crianças brinquem nas áreas exógenas ao domicílio, ainda que hoje em dia sejam menos incentivadas pelos adultos devido à crescente taxa de violência nas grandes cidades. Nos locais mais isolados da África, onde vivem povos como os hadzas da Tanzânia, apesar de não haver uma delimitação tão rígida da área privada e da área aberta, as crianças têm restrições de direitos e deveres em relação aos adultos.

bôeres[19] e o território sul-africano, foram responsáveis pela morte, de pelo menos, sete mil pessoas entre zero e dezesseis anos (Kershaw, 2016, p. 42).

Em consonância com os dados supracitados, Frisso (2012) coloca que na década de 1990, cerca de "2 milhões de crianças foram mortas em consequência de conflitos armados, muitas vezes, deliberadamente feridos ou assassinados. Mais de 300 mil crianças foram utilizadas como soldados" (Frisso, 2012, p. 90). Nesse sentido, Fernandes (2017b) é enfática ao afirmar que "o uso de crianças-soldado é um crime vil que condena à morte os sonhos da infância ainda antes de terem nascido" (Fernandes, 2017b, p. 06). Como veremos nos próximos capítulos, os sonhos já faziam parte da vida das crianças em Serra Leoa. A guerra, nesse sentido, pôs em cheque a realização desses sonhos.

Conforme Giovanna Paiva (2011, p. 67), de 2001 até 2011, "A guerra do Afeganistão gerou aproximadamente um milhão de mortos (desses, 400 mil eram crianças)". Segundo Ilundi Cabral (2005/2006), a guerra civil de Moçambique (1976-1992) causou a morte de, pelo menos, um milhão de pessoas. Desse montante, "estima-se que 50% das vítimas mortais tinham menos de 15 anos" (Cabral, 2005/2006, p. 140). Das duzentas e cinquenta mil crianças que perderam o contato com suas famílias, pelo menos 10% foram transformadas em crianças-soldado no contexto moçambicano. Só em 2015, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), "pelo menos 250 milhões de crianças foram afetadas por conflitos armados no mundo naquele ano" (Biazatti *et al.*, 2017, p. 111).

Com dados catalogados recentemente, a Organização das Nações Unidas divulgou que só em 2020, ano de pandemia global, mais de oito mil crianças foram transformadas em soldados; mais de duas mil morreram em consequência de guerras; e quase vinte mil foram afetadas de alguma forma pelos eventos violentos (Reuters, 2021). A maioria dos casos foram registrados no Afeganistão, Síria, Iêmen, Somália e República Democrática do Congo.

Cerca de 50% da população africana tinha entre zero (0) e dezoito (18) anos em 2009 (Colonna, 2009), dado que se manteve até 2017 (Unicef, 2017). Tendo em vista o crescimento da natalidade naquele continente,[20] é provável que tal porcentagem seja ainda maior neste meado da terceira década do século XXI. Só em Serra Leoa, em 2023, cerca de 46% da população tinha entre zero (0) e dezoito anos (18) de idade (Unicef, 2023), percentual

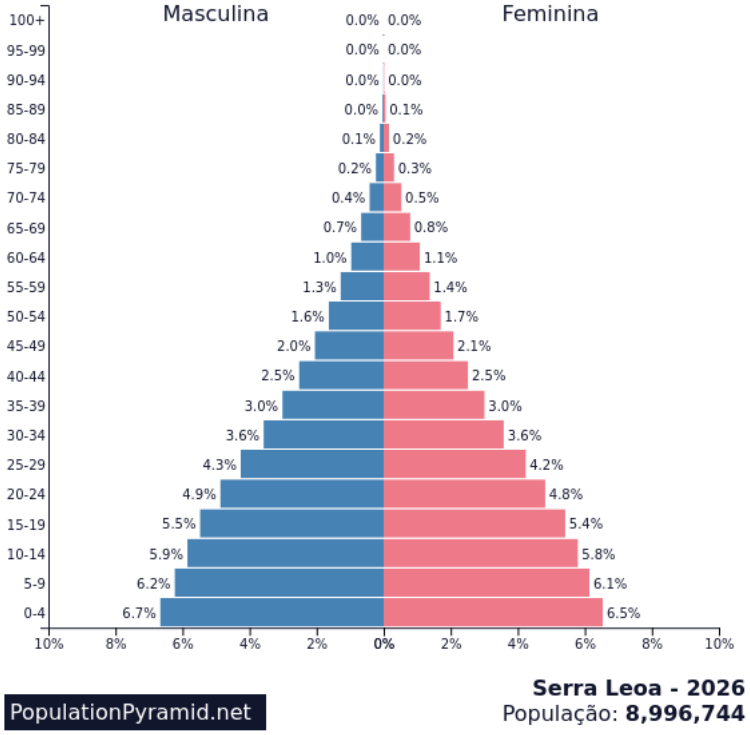
---

[19] Povos de descendência holandesa, alemã e dinamarquesa que já estavam na África do Sul desde o século XVII.

[20] Sobre o crescimento da natalidade em África, ver: < https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/14/africa-enfrenta-dilema-demografico-com-crescimento-acelerado-da-populacao-mas-sem-desenvolvimento-economico.ghtml >. Acesso em: 21 jan. 2026.

levemente superior ao início dos anos noventa, quando 40% da população tinha menos de 15 anos (Huynh *et al.*, 2012). No país, a média da idade populacional é de apenas 19,1 anos de idade.

Figura 4: gráfico que mostra a faixa etária da população da Serra Leoa, por gênero, em 2026.



Fonte: Population Pyramid (2026).

Com esse número expressivo de crianças e adolescentes em África no geral e na Serra Leoa em específico, como pude ver quando estive em Freetown, e com a atualidade e crescimento do envolvimento de crianças e adolescentes em conflitos armados,[21] ainda assim,

[21] Exemplificado na acusação dos Estados Unidos de que a Rússia utilizaria crianças-soldado no conflito contra a Ucrânia. Ver mais em: LANDAY, Jonathan. Notícias do conflito entre Rússia e Ucrânia. **UOL**, 19 jul. 2022. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/07/19/eua-colocam-russia-em-lista-de-paises-envolvidos-em-trafico-humano-e-criancas-soldado.htm >. Acesso em: 20 jan. 2026. No conflito entre Israel e Palestina/Hamas, ver: STACEY, Diego & HIERRO, Lola. Mundo. **O Globo**, 25 out. 2023. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/25/numero-de-menores-mortos-em-gaza-desde-o-inicio-da-guerra-e-maior-que-a-soma-dos-ultimos-23-anos.ghtml >. Acesso em: 20 jan. 2026. No conflito entre Estados Unidos e Irã, ver: QADRI, Mustafa. Irã comete "crime de guerra" ao recrutar crianças, diz grupo. **CNN**, 31 mar. 2026. Disponível em: < https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ira-comete-crime-de-guerra-ao-recrutar-criancas-diz-grupo/ >. Acesso em: 08 abr. 2026. Ou mesmo no crescimento de guerrilheiros infantis na América Latina, ver: ESSABHANI, Amal. Recrutamento infantil por guerrilheiros cresce na América Latina. **Jovem Pan**, 01 jul. 2024. Disponível em: < https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/fabio-piperno/recrutamento-infantil-por-guerrilheiros-cresce-na-america-latina.html >. Acesso em: 20 jan. 2026.

no Brasil, poucos estudos na área da História evidenciam as vivências desses atores e atrizes sociais em contexto africano. Não obstante, também no Brasil, uma grande parcela da população infantil, principalmente aquelas que são negras e/ou pobres, travam uma luta diária contra os vários tipos de violência perpetrados contra eles e elas.

Não faz muito tempo, em 1871, a Lei do Ventre Livre, diziam, libertaria os filhos, a partir dos oito anos de idade, de mulheres escravizadas. Nesse processo, em vez da criança e sua família serem ressarcidas, era o senhor, seu "dono", "que deveria receber uma indenização do Estado […] ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-a a trabalhar até os 21 anos" (Bento, 2022, p. 18). Isso mostra não só a estrutura racista da sociedade brasileira, mas de igual forma, etarista, na qual se posterga, arbitrariamente, para a vida adulta a possibilidade de vida. Portanto, uma pesquisa que visibilize as ações, reações e impactos de conjunturas bélicas sobre os infantes é de muita valia para o campo historiográfico brasileiro, ainda que com enfoque em um evento histórico limítrofe ocorrido em outro país, com outras práticas socioculturais.

Os estudos sobre as infâncias são relativamente recentes no Brasil. Foi só na década de 1990 que, segundo Fernando Ripe (2022), houve a constatação acadêmica brasileira da necessidade de evidenciar as vivências pueris. Francisco Pilotti, Irene Rizzini, José Carlos Souza Araújo, Maria Isabel Bujes, Renato Venâncio e Sandra Mara Corazza são alguns dos nomes de estudiosos(as) que se dedicaram a essa área de estudos. No espectro internacional, algumas décadas antes ou concomitantemente, autores como Philippe Ariès, David Hunt, Elisabeth Badinter, Lawrence Stone, Lloyd DeMause, Linda Pollock, Hugh Cunningham e Neil Postman contribuíram para as reflexões sobre as infâncias.

Contudo, apesar do tensionamento dos movimentos sociais negros da época, a constatação dos(as) acadêmicos(as) de visibilizar a atuação dos infantes para com a sociedade nasceu "em um berço branco", que privilegiava, de modo geral, a realidade das crianças brancas do norte global. Mesmo existindo produções acadêmicas que abordassem a questão das infâncias negras e africanas, as mesmas não estavam sistematizadas e organizadas em um campo de estudo, o que só vai ocorrer no final da primeira década e início da segunda década do século XXI.

Nesse sentido, o Congresso de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE) teve um papel fundamental na cimentação dessa área de estudos que, em sua sétima edição nacional, em 2012, contou em sua programação com um Simpósio Temático (ST) intitulado "Infância e juventude negra e educação: desafios e possibilidades de igualdade racial no Brasil", o qual

teve dezessete (17) trabalhos apresentados. Na nona edição do congresso, em 2017, o ST "Literatura e demais produtos culturais para infância e juventude e a diversidade étnico-racial" e o ST "Infância(s) negra(s): culturas e interseccionalidades" marcaram a tendência de solidificação da área de estudos voltadas às infâncias negras do sul geopolítico.[22] Até que na edição de 2022, o XIII COPENE contou com três simpósios temáticos sobre as infâncias negras, reunindo trinta e oito (38) trabalhos.[23] A tendência é que a área continue em processo de solidificação, considerando que no XIV COPENE, a ser realizado no segundo semestre de 2026, terá cinco ST's sobre infâncias.[24]

Entretanto, apesar da relevância da consolidação desse espaço de diálogo sobre infâncias não hegemônicas, esse mesmo ambiente tem estado refém das análises do contexto brasileiro, abordando de forma central temáticas como: a educação de crianças afrodescendentes, produção e leitura de livros infantis e suas representações do ser negro, os variados tipos de violência perpetrados contra as crianças e juventudes negras, entre outros assuntos. Todos eles são focados na realidade brasileira, como é possível aferir a partir dos resumos de trabalhos presentes nos anais dos eventos supracitados. Dito isso, acredito que a compreensão de experiências infantis negras em África pode trazer questões, inclusive epistêmicas, para as realidades afrodiaspóricas como as do Brasil.

Desse modo, tais constatações dialogam com as proposições de Ripe (2022), o qual afirma que, de modo geral, alguns temas têm sido mais comuns nos estudos sobre a infância e as crianças no Brasil, como o abandono de crianças, trabalho infanto juvenil, crianças escravas, crianças órfãs, brinquedos e brincadeiras, criminalidade infantil e educação de meninas. Cabe aqui ressaltar o papel das próprias literaturas africanas na construção e consolidação de algumas temáticas sobre a infância no Brasil, especialmente aquelas produzidas por Chimamanda Adichie e Sefi Atta.

Ao olharmos para as produções dos(as) autores(as) supracitados, percebe-se uma lacuna historiográfica que justifica a produção dessa tese: a amnésia e/ou o silêncio sobre as infâncias africanas. Assim, arrisco afirmar, de forma subjetiva, que o estudo sobre crianças em contexto bélico africano ainda é pouco explorado no campo histórico do Brasil,

---

[22] Informações disponíveis no site da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros: < https://abpn.org.br/anais-copene/ >. Acesso em: 26 mar. 2023.

[23] Informações disponíveis no site do evento: < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=219 >, < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=234 >, < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=238 >. Acesso em: 26 mar. 2023.

[24] Os Simpósios temáticos 23, 24, 55, 56 e 57. Ver mais em: < https://www.copene2026.abpn.org.br/atividade/hub/st >. Acesso em: 08 abr. 2026.

principalmente, a meu ver, por causa do enfoque pedagógico das escolas e universidades que tangenciam as vivências do continente africano, resultado da colonização dos currículos e das instituições educacionais.[25] Aliado a isso, a Serra Leoa não ocupa um lugar geopolítico internacional relevante ao mundo Ocidental; a cultura literária escrita tem pouco fôlego e com pouca influência no consumo cultural e acadêmico global, mais especificamente atinente ao mundo lusófono.

Apesar de haver várias produções acadêmicas sobre a relação entre guerras e infâncias no campo do Direito e Relações Internacionais, como as autoras e autores citados nas páginas anteriores, percebe-se um debruço demasiado nos elementos quantitativos e econômicos em detrimento dos elementos qualitativos. Desse modo, ter uma perspectiva histórica qualitativa sobre os impactos de uma guerra civil nos infantes mostra-se essencial para um desenvolvimento científico mais inclusivo e polifônico.

Uma vez me falaram que se há uma temática que não é estudada é porque esse "algo" não é importante para ser pesquisado ou não traz resultados à vida cotidiana das pessoas. Mas, a meu ver, em termos qualitativos, no caso dos estudos sobre infância e crianças-soldado em Serra Leoa, o silêncio é resultado de um processo de abnegação da relevância da ação dos infantes na sociedade, principalmente quando essa sociedade é do sul geopolítico, africana, negra e, em sua maioria, pobre. Assim, a interdisciplinaridade inerente a esse escrito dialoga com as proposições de Peter Burke (1992) sobre a heteroglossia, que consiste na valoração das vozes variadas e, amiúde, opostas dentro de uma mesma sociedade. Se estamos preocupados em perscrutar e visibilizar os mais variados espectros de um objeto, a interdisciplinaridade pode servir para o enriquecimento do olhar investigativo.

Justificando este escrito, em última análise, considero a infância como um período da vida humana que pode expressar, em qualquer espaço, o que as sociedades almejam "como possibilidades de vida, no presente e para o futuro, às suas crianças" (Colonna, 2009, p. 10). Entende-se, desse modo, a importância do termo parentalidade para o presente trabalho, definido pelos valores que conduzem a criação de uma criança e a defesa de seu pleno desenvolvimento. Neste sentido, "o trabalho teórico e analítico sobre a infância constitui também uma forma de conhecer a sociedade" (Colonna, 2009, p. 11).

---

[25] Mesma colonização curricular presente, principalmente e paradoxalmente, na cultura escolar, que estigmatiza a África como sinônimo de guerra. Contudo, é válido ressaltar que avanços importantes foram alcançados depois da promulgação da Lei 10.639/2003.

Isto posto, com a intenção de conhecer um recorte temporal da história recente de Serra Leoa (de 1991 aos dias atuais), com um recorte etário (0-18 anos),[26] quando proponho uma análise qualitativa do discurso das obras literárias mencionadas, estou adotando a metodologia de Análise de Componentes Principais (ACP). Esta é uma abordagem mais global de um determinado fenômeno ou acontecimento, em busca da verificação das formas pelas quais determinadas amostras (autobiografias e romance) se relacionam, baseada na redução do número de variáveis (conceitos), no intuito de "encontrar um meio de condensar a informação contida em um número de variáveis originais em um conjunto menor de variáveis estatísticas (fatores) com uma perda mínima de informação" (Zahreddine & Teixeira, 2015, p. 92). Essa perspectiva metodológica dialoga com as proposições de Sebastian Conrad (2019).

Em seu livro *O que é História Global*, Conrad aponta que o tipo de história que dá nome ao título da obra tem a preocupação com dimensões e processos globais, tendo em vista a facilidade da mobilidade (interação, troca e entrelaçamentos) de pessoas e ideias na contemporaneidade. Destarte, conforme o autor, "o propósito da história global também é, por isso, um apelo à superação […] [*da*] fragmentação. […] Foca-se […] nos processos que transcendem as fronteiras e as barreiras. Toma a interconexão global como ponto de partida" (Conrad, 2019, p. 16). Conrad ressalta que "tudo pode ser convertido em história global", pois até as investigações aparentemente localistas, "podem constituir um contributo para a história global" (Conrad, 2019, p. 19).

O fato de acrescentar à minha pesquisa bibliografias de análise de outros contextos sociais semelhantes ao de Serra Leoa já pode contribuir para a definição de uma pesquisa de cunho global. Como é argumentado por Conrad, "a história global é […] uma forma particular de olhar a história: é tanto um processo como uma perspectiva, um objeto e uma metodologia" (Conrad, 2019, p. 23). Trago essa passagem para pontuar que o aspecto global de minha pesquisa diz respeito ao modo como enxergo o mundo, às perspectivas e escolhas teóricas utilizadas e, por conseguinte, à metodologia de pesquisa adotada, fortalecida com minha experiência em campo. É válido dizer que, perspectivas e metodologias calcadas na História Global não precisam explanar sobre o mundo inteiro, já que, no nível do objeto, a História Conectada não é sinônimo de macro-história.

Quando insisto na ideia de aspectos comuns à infância e ao trauma em qualquer sociedade (que é uma das perspectivas possíveis de análise histórica), faço-o pensando nas

[26] Com suas devidas problematizações, as quais serão realizadas no segundo capítulo.

proposições de Conrad, o qual postula que uma abordagem da história global procura "um modo de escrever história sobre espaços demarcados […] mas com a consciência da existência de conexões e de condições estruturais ao nível global" (Conrad, 2019, p. 24). Outras pesquisas fortalecem e exemplificam a viabilidade de realizar-se uma pesquisa a partir da perspectiva da História Global e compromissada com os elementos endógenos dos objetos de análise. Silva, Bento & Nobre (2019), por exemplo, ao investigarem as contribuições da Religião Africana (sim, no singular) para a paz e resolução de conflitos, propõem que sim, há variadas religiões tradicionais em África, mas há diversos aspectos comuns e essenciais que unem essas religiões, a exemplo: "o apelo universal aos espíritos que dão vida a natureza" (Silva; Bento; Nobre, 2019, p. 52) e a importância dada à circularidade, reciprocidade e ao continuum entre vida e morte (seres vivos, os que ainda não nasceram e os mortos).

Assim, em termos práticos, o que sustentarei nos próximos capítulos é que em qualquer sociedade existem aspectos locais na experiência da infância, todavia, existem outros aspectos que são transculturais, e que determinam como é vivida a mesma, elementos que estou mais interessado em minha pesquisa. Por exemplo, quais são as manifestações da infância que estão em atuação em Serra Leoa e que são globais? Em adendo, julgo adequada essa perspectiva na medida em que, o enfoque temporal da tese (1991-dias atuais) vai de encontro com o período histórico de maior dinamização global e internacionalização cultural (Conrad, 2019). É fato que nem tudo está interconectado, mas essa suposição de interconexão de tudo não faz parte das prerrogativas da História Global.

Quando me proponho a analisar as vivências de três pessoas diferentes de modo comparativo e baseado em conceitos, a dizer, infância, direitos humanos e trauma, esta proposição segue alguns postulados de Conrad em relação à história comparada: essas pesquisas, conforme o autor, "tendem a homogeneizar os casos em análise […] tendem a nivelar a heterogeneidade existente no interior de cada caso […] partindo de um referente comum, sendo depois medidos face a um padrão" (Conrad, 2019, p. 56).

Pode-se argumentar que a história global "não passa de um discurso imperialista de dominação […] um produto do colonialismo e das incursões imperialistas nos modos de vida locais" (Conrad, 2019, p. 71), que segue as antigas estruturas de poder. Contudo, como argumenta o autor, essa visão pós-colonial privilegia "as explicações culturais em detrimento das estruturas político-econômicas" (Conrad, 2019, p. 74); privilegia, ainda que inconscientemente, o nacionalismo a partir do "uso de noções quase-nativistas sobre a própria cultura […] [*na tentativa de*] reabilitar experiências alternativas e mundivisões indígenas […]

[*com pesquisas*] guiadas por uma imagem idealizada do passado pré-colonial", colonial e pós-colonial (Conrad, 2019, p. 74, *grifos meus*). Trata-se, muitas vezes, de uma perspectiva "de essencialismo cultural, próprio dos que criticam os essencialismos ocidentais" (Conrad, 2019, p. 74). Esse essencialismo, presente também na corrente teórica das múltiplas modernidades, é "a ideia de que cada civilização tem uma essência cultural […] incompatível com a de qualquer outra" (Conrad, 2019, p. 79).

Outro fator levantado por Conrad e que faz parte de uma crítica já realizada em minha dissertação tem relação ao excessivo enfoque ao colonialismo nas abordagens críticas da História Global. Para Conrad, esse enquadramento do paradigma pós-colonial impõe uma lógica binária e restritiva do mundo: "Falta-lhe, de resto, a capacidade para explicar um mundo complexo em globalização" (Conrad, 2019, p. 75). Posto isso, uma unidade histórica, seja a categoria família, infância, trauma, direitos humanos ou outra qualquer, "não se desenvolve isoladamente e só pode ser entendida através das suas interações com outras [*categorias*]" (Conrad, 2019, p. 85, *grifo meu*). Concomitantemente, para não sermos ingênuos com essa metodologia, deve-se atentar para as relações de poder verticalizadas que condicionam a formação dessas categorias.

Em última análise, como argumenta o autor, as estruturas globais atuais servem como "condição prévia necessária para a emergência de formas particulares" de conceitos (Conrad, 2019, p. 109). Dito isso, o global não é um corpo externo, mas um contexto constitutivo. Considerar o global como externo vai de encontro com a premissa de que "as teorias sociais tratam essencialmente as sociedades como entidades que se geram a si próprias e assumem que as mudanças sociais são sempre obra da própria sociedade" (Conrad, 2019, p. 110).

Tomo esse posicionamento não pelo desconhecimento da teoria de africanidade de Archie Mafeje (2008), o qual postula a adoção de uma ontologia combativa que recuse vincular a África e os(as) africanos(as) a lógicas meramente humanistas que desconsideram os elementos singulares da africanidade, mas me posiciono em diálogo com Inocência Mata (2023, p. 43), que chama atenção para a necessidade de se "pensar as produções culturais para além do seu lugar original, de sua geografia cultural e da historicidade". O que a autora propõe é um olhar cosmopolita sobre a literatura africana, considerando as "viagens de conceitos", ou seja, os fatores interculturais. Tem-se consciência da tendência de visibilizar circuitos e debates universalistas alternativos ao universalismo europeu, fundados nas relações Sul-Sul; da perspectiva pós-colonial e decolonial que questiona o colonialismo, mas parte de uma história linear, que se inicia a partir dos fatos e tempo europeus, e que enxerga a

passagem de uma estrutura de poder (imperial) para outra (local), quase que apenas como continuação política.[27]

Se tem conhecimento também das discussões sobre os movimentos de autopreservação cultural dos atores sociais hegemônicos, que Bento (2022) chama de pacto da branquitude e de branquitude narcísica. Conforme a autora, desde cedo somos formados a partir de um estigma que "cria diferenças e hierarquias nas narrativas sobre negros e brancos" (Bento, 2022, p. 07). O que é inquestionável. De forma geral, Bento propõe a construção de "outros pactos civilizatórios". De acordo com a mesma, são nas instituições que "a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas" (Bento, 2022, p. 13), o que inclui, necessariamente, as Universidades, visto que "As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme" os processos, ferramentas e sistema de valores (Bento, 2022, p. 13). Desse modo, as universidades, seus departamentos, seus cursos, seus currículos, seus componentes curriculares e suas pesquisas acadêmicas são movidas pela branquitude quando escolhem, **exclusivamente**, perspectivas teóricas e metodológicas eurocêntricas, o que não estou realizando de todo aqui.

As próprias fontes adotadas nesta tese são "globais". Alocadas na chamada literatura-mundo, essas fontes são produções literárias "menos centrais" do sistema mundial e permitem tecer relações e circulações de problemáticas de caráter mundial (Mata, 2023). Como bem sinalizou a professora da *University of Sierra Leone*, Elizabeth Kamara, em entrevista que realizei nas dependências da *Faculty of Arts*, apesar de Ishmael Beah ser um escritor da diáspora africana, ele escreve sobre a Serra Leoa, e suas histórias se passam nesse mesmo espaço.

> Embora sua escrita buscasse agradar os leitores ocidentais de certas maneiras, isso não significa que suas obras não sejam destinadas aos serra-leonenses. Que pessoa precisaríamos para melhor escrever sobre a natureza, a crueldade e as ramificações da guerra civil, se não uma daquelas que realmente tiveram uma experiência em primeira mão? A *Long Way Gone* de Beah tem um sabor serra-leonense distinto e se propõe a contar nossas histórias do ponto de vista de alguém que sentiu toda a força da guerra. Seu trabalho busca ajudar os serra-leonenses a se lembrarem do passado e aprenderem com ele, para que os erros daqueles dias sombrios nunca se repitam (Kamara, 2024, entrevista pessoal).

[27] Como feitiço, diria Achille Mbembe.

Desse modo, utilizando os termos de Inocência Mata, a literatura ganha uma "significação local e translocal" (Mata, 2023, p. 45). Conforme Mata (2023), esse sistema mundial é formado pelas geografias significantes conceituais, imaginativas e reais, não apenas as nacionais.

A poeta negra Nikki Giovanni afirma que "Grupos negros que buscam inspiração em filosofias brancas deveriam levar a fonte em consideração" (Giovanni, 1971 *apud* Collins, 2019, p. 222-223). Ora, por mais contraditório que possa parecer, é exatamente este ponto que busco atingir em minha escrita: o recrutamento infantil é um problema da humanidade, a literatura tem esse papel humanizador, as fontes utilizadas neste trabalho são percebidas enquanto universalizantes pela crítica e, principalmente, as autoras e autor das autobiografias e romance tiveram a preocupação de escrever textos humanizadores e universalizantes, com conceitos de mesma qualidade.

Nessa linha de raciocínio seguida por Zahreddine & Teixeira (2015), Mata (2023) e Conrad (2019), mas aplicando esses pressupostos ao campo da memória, Henry Rousso (2014) postula que tem sido característica do nosso tempo (final do século XX e primeiro quarto do século XXI) uma relação com o passado cada vez mais unificada e globalizada, "a suscitar formas de representações coletivas e de ações públicas que, pelo menos aparentemente, são cada vez mais semelhantes" (Rousso, 2014, p. 266). Alude-se aqui a um "movimento planetário de reativação do passado" (Rousso, 2014, p. 267), baseado em momentos de guerra, tensões políticas menores e ditaduras, não só do mundo ocidental, mas de "um espaço bem mais amplo, global sem dúvida" (Rousso, 2014, p. 267). Como expõe Rousso, as experiências traumáticas acabam sendo o elo entre os diferentes eventos violentos, em diferentes espaços culturais. Não só os acontecimentos são semelhantes, mas também seus efeitos, representações e reações humanas frente ao ocorrido, nomeado por Rousso de "sequência ternária – luto infindo, amnésia, anamnese" (Rousso, 2014, p. 270). Essa nova relação com o passado é marcada "pelo acréscimo de poder da figura da vítima, e da vítima que testemunha, ainda que tardiamente" (Rousso, 2014, p. 272).

A literatura de testemunho, como posto implicitamente no título desta tese, consiste em um relato escrito realizado por uma testemunha, um sobrevivente de determinado evento histórico ou por um terceiro empático com os ocorridos de tal ocasião. Como aponta Wilberth Salgueiro (2012, p. 288), "as testemunhas não são iguais […] elas possuem lugar e mesmo prestígio distintos", como foi constatado nas páginas anteriores na comparação entre Beah, DePrince e Kamara. O testemunho não é puro, afinal é contaminado com as percepções do

presente sobre o passado e é afetado pelas falhas da memória. Esse testemunho subjetivo, autêntico e lacunar é narrado, normalmente, em primeira pessoa, mas "se faz porta-voz da dor de muitos" (Salgueiro, 2012, p. 292). Salgueiro (2012) vincula a existência da literatura de testemunho à existência de um trauma.

A guerra civil da Serra Leoa já eclodiu nesse momento de empoderamento da vítima e de seu testemunho, tanto que já em 2007, cinco anos após o término do conflito, Ishmael Beah lançou sua primeira obra, também a primeira autobiografia da Serra Leoa sobre a recente guerra. Intitulado *Muito longe de casa: memórias de um menino soldado*,[28] o livro expõe a experiência de Beah ao ser recrutado pelo Estado da Serra Leoa aos treze (13) anos de idade para ser soldado; experiência que o levará a cometer e sofrer vários tipos de violência.

Um ano depois, movida pela necessidade do testemunho, Mariatu Kamara lançou *A mordida da manga*,[29] uma autobiografia que relata a luta diária da autora para sobreviver no contexto do conflito armado. Enquanto civil afastada de sua família e comunidade por circunstâncias bélicas, Kamara teve suas mãos amputadas aos onze anos de idade por crianças soldados que justificavam tal ato na perspectiva de que os(as) amputados(as) não pudessem votar naqueles que eram os responsáveis pelo estado degradante que a população em geral vivia.

Seis anos depois, em 2014, Michaela DePrince publicou a autobiografia intitulada *O voo da bailarina: de órfã de guerra ao estrelato*,[30] no qual a autora testemunha a história da sua vida, cujo os primeiros anos foram tentando sobreviver à guerra civil de seu país. Se Kamara tinha uma forte base comunitária e familiar, DePrince vivenciou a guerra como uma civil órfã, que era referida não pelo seu nome, mas como "número 27" no orfanato em que vivia, tendo um testemunho mais solitário em relação à guerra. No mesmo ano, Ishmael Beah volta a publicar, mas naquele momento um relato mais ficcional, não sobre o período da guerra, mas sobre o pós-conflito, não mais sobre si, mas sobre a reestruturação comunitária pós 2002. Em *O brilho do amanhã*,[31] Beah utiliza-se de personagens verossímeis para abordar questões sociais de mesma qualidade como o retorno de grupos populacionais para suas comunidades de antes da guerra civil, as problemáticas inerentes a esse retorno e o papel dos antigos e novos jovens na sociedade serra-leonense.

---

[28] Escrito originalmente em inglês como *A Long Way Gone: Memoirs of a Boy Soldier*.
[29] Escrito originalmente em inglês como *The Bite of the Mango*.
[30] Escrito originalmente em inglês como *Taking Flight: From War Orphan to Star Ballerina*.
[31] Escrito originalmente em inglês como *Radiance of Tomorrow*.

Considerando as proposições de Rousso (2014), é possível afirmar que as mencionadas fontes integram a tendência contemporânea globalizada de representação individual e coletiva. Destarte, seguindo as reflexões de Appiah (1997) no entendimento das identidades africanas como híbridas e plurais em contraposição à suposta autenticidade cultural africana, é possível afirmar que os literatas da África Ocidental são os principais árbitros entre o global e o local (Newell, 2006), como veremos nos próximos capítulos.

A partir das definições, problemáticas, possibilidades de análise, arrolamento de fontes e ferramentas teóricas apresentadas nesta longa introdução, a fim de identificar e analisar os processos de constituição do sujeito infantil, adolescente e adulto e o crescimento pueril a partir da repercussão da guerra civil em suas vidas, as próximas páginas da tese estão organizadas da seguinte forma: no primeiro capítulo traço um panorama da história pré-colonial, colonial e pós-colonial de Serra Leoa, dando enfoque aos elementos que influenciaram a eclosão da guerra civil de 1991; em seguida faço uma análise sobre literaturas em contexto serra-leonense e suas representações ao decorrer do tempo, incluindo aquelas relacionadas à guerra civil objeto de estudo. No segundo capítulo aprofundarei a discussão teórica dos conceitos de infância e direitos humanos, tentando defini-los em diálogo com as fontes e com os referenciais teóricos. O terceiro e último capítulo será destinado às discussões sobre o trauma, enxergando-o como o resultado da violação dos direitos humanos e da violência contra a infância, respaldado pelas narrativas literárias e orais catalogadas em campo.

1. Serra Leoa antes, durante e pós período colonial

Mapa 2: Localização de Serra Leoa no continente africano.



Fonte: PNGEGG.

Este primeiro capítulo não tem o intuito de realizar um panorama exaustivo sobre a história de Serra Leoa. Esse exercício já foi feito por estudiosos(as) mais bem habilitados(as) para tal fim.[32] Além disso, não pretendo tecer essa parte do escrito em diálogo direto com as fontes literárias para não correr o risco de ser acusado de reflexologia. O objetivo deste capítulo é contextualizar a existência do espaço que estamos perscrutando e apontar os principais elementos históricos que, de certa forma, influenciaram a eclosão da guerra civil de Serra Leoa no final do século XX e as representações literárias do romance nacional ao decorrer do tempo. Sabe-se que antes do colonialismo europeu já existiam populações e relações sociais na região política que se formou pós-independência da Inglaterra, contudo tais elementos não têm muitas relações com o objeto estudado nesta tese.

Localizada na África Ocidental, uma região de limites geopolíticos demarcados, mas de fronteiras culturais e sociais fluídas e maleáveis, a Serra Leoa é um país banhado pelo oceano Atlântico norte, de clima tropical, com população estimada em quase nove milhões de habitantes,[33] segundo dados de 2023, sendo a maioria adepta, formalmente, da religião islâmica (60%),[34] o que não quer dizer que outras práticas religiosas não coexistam. Desde

---

[32] Alusine Jalloh, David John Harris, Christopher Fyfe, Magbaily Fyle, Aisha Fofana Ibrahim, entre outros.

[33] Em 1808, a população do território era de dois mil habitantes. Em 1974 esse número chegou a 3,5 milhões e a 4 milhões em 2006 (Fyle, 2006). Em 2017, quase 50% da população de Serra Leoa residia nos quase 3% de área urbana do país (Vieira, 2017, p. 205), sendo Freetown, Bo, Kenema e Makeni as principais cidades.

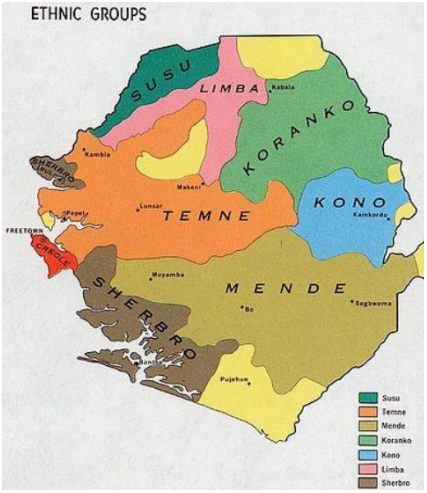
[34] Segundo dados de Vieira (2017).

seus primórdios, a economia local se desenvolveu com base na agricultura de alimentos como arroz, café e cacau; só no século XX a mineração se tornaria a principal atividade econômica.

Já no século XV, o território serra-leonense foi ocupado por diversas etnias, muitas das quais existem até hoje. O primeiro europeu chegou naquele território em 1460. Pedro Sintra de Portugal foi quem iniciou a comercialização de pessoas escravizadas em 1462. A nomeação de Serra Leoa se deu nesse momento, quando os portugueses, na costa africana, avistaram uma montanha, supostamente semelhante a uma leoa. Nesse período, a maioria dos visitantes europeus foram transitórios, quase exclusivamente interessados no comércio e longe de se preocuparem em divulgar informações precisas sobre o local à metrópole.

Desde então, o território foi alvo de disputas por seu controle entre Portugal, França e Inglaterra. O território era ocupado por, em média, "quinze etnias entre as quais predominam até hoje os temnes (35%), concentrados no norte, e os mendes (31%), habitantes do sul" (Fernandes, 2017, p. 482a). Mama Salone (Mãe Serra Leoa) / Swit Salone (Doce Serra Leoa), "como é chamada carinhosamente pela população local, em krio, língua franca do país" (Pimenta, 2019, p. 24), conta com dezesseis línguas e etnias, para além das supracitadas temne e mende, que somam em torno de 66% da população. Juntam-se os limbas (8%), konos (5%), krios (2%), mandingos (2%) e lokos (2%). Em adição a esses grupos étnicos maiores, somam-se em 15% da população os fula, gola, sape, kissi, sherbro, susu, koranko, krim, vai, yalunka, e kru, além dos europeus, libaneses, paquistaneses e indianos.

Mapa 3: Distribuição genérica das etnias em Serra Leoa.



Fonte: PIMENTA (2019).

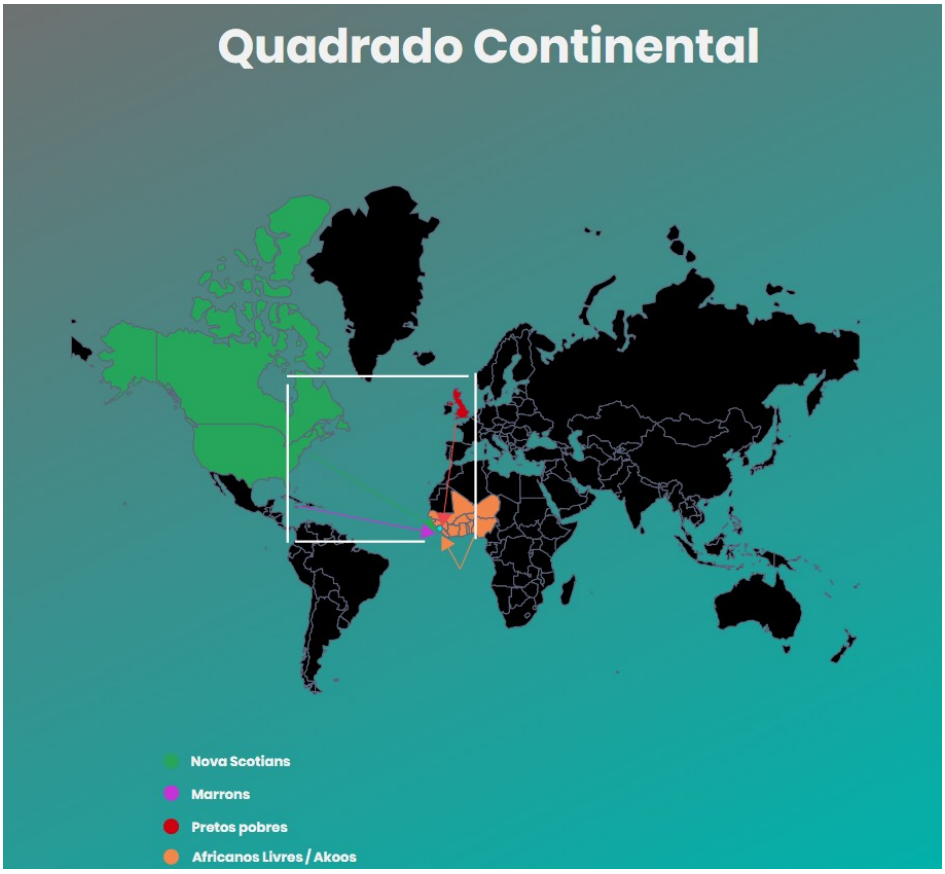
A partir de 1684, os ingleses intensificaram seu desejo pela região, mas só com o fim do tráfico negreiro e da escravidão na Inglaterra, em 1772, que esse desejo se tornou pujante. Nessa conjuntura, "os negros que tornaram-se libertos na Inglaterra eram enviados à Serra Leoa, transformando aquele território num depósito de ex-escravos das mais variadas etnias" (Vieira Filho, 2012, p. 66-67). Os ex-escravizados que foram para Serra Leoa eram deslocados também do Canadá, dos Estados Unidos, da Jamaica e de embarcações clandestinas abatidas pelos britânicos: "muitos dos retornados já não mais falavam suas línguas de origem e haviam adquirido outros hábitos a partir das experiências vividas em contextos não africanos" (Pimenta, 2019, p. 28). Em outras palavras,

> Os abolicionistas tentaram então pôr em prática a ideia que consistia em reinstalar na África os africanos libertos. Esperava-se que uma sociedade baseada no trabalho livre difundiria o cristianismo, desenvolveria uma economia de tipo ocidental, bem como contribuiria à abolição do tráfico. Dessa forma, em 1787, mais de quatrocentos africanos alforriados foram enviados à Serra Leoa, para lá se instalarem (Harris, 2010, p. 146).

É importante frisar que estudar e compreender o processo de colonização de Serra Leoa nos séculos XVIII e XIX teve um alto grau de complexidade para mim, principalmente no que diz respeito ao funcionamento das camadas de poder que foram se sobrepondo ao decorrer do tempo no mencionado território. Pensando nessa complexidade, o trabalho de Érika Melek Delgado (2014) teve um grande papel elucidador. Quando da criação de Freetown em 1787, os primeiros ex-cativos que chegaram à Serra Leoa eram pessoas "que haviam lutado a favor da Grã-Bretanha na guerra de independência dos Estados Unidos e estavam desalojados na Inglaterra" (Delgado, 2014, p. 358). Lá, essas pessoas eram chamadas de "pretos pobres". Uma segunda remessa veio dos Estados Unidos e Canadá, a qual foi nomeada de *nova scotians*. Uma terceira remessa, chamada de *marrons*, veio da Jamaica.

É só a partir de 1808, quando a Serra Leoa passou a ser definitivamente uma colônia britânica, que vão chegar ao mencionado território diversos grupos de imigrantes (chamados de Africanos Livres), como os iorubás, conhecidos como *Akoos* na época, aportados em navios negreiros de diversas localidades. Assim, a população da Serra Leoa foi formada pelo que chamo de quadrado continental, exemplificado na imagem a seguir.

Mapa 4: Formação populacional de Serra Leoa.



Fonte: acervo pessoal produzido a partir da plataforma Visme.

É válido pontuar que outros povos, com tronco linguístico semelhante ao iorubá foram identificados como pertencentes a um mesmo grupo em Serra Leoa. Esse envio massivo de pessoas à primeira colônia britânica na África Ocidental, fazia parte dos objetivos da metrópole de ampliar e manter seu poder na região, assim como desestimular a escravização e o tráfico de pessoas. Os ditos Africanos Livres seriam, então, um grupo populacional diferente das três remessas primárias, seriam africanos escravizados que se encontravam no processo de tráfico para o além-mar, mas que não chegaram a vivenciar a experiência escrava em território americano, por exemplo.

Posto esse cenário, os "pretos pobres", os *nova scotians* e os *marrons* foram os primeiros colonos de Serra Leoa e passaram a ser chamados de *creoles*. Estes compartilhavam o passado escravista, a descendência africana e o conhecimento da cultura e língua inglesa. Esses elementos criaram uma maior unidade identitária, maior participação na administração da colônia e maior conhecimento dos dispositivos a serem utilizados para driblar as imposições coloniais. Concomitantemente, esses mesmos *creoles* foram instrumentos

essenciais para a ocidentalização dos Africanos Livres, ensinando-os o inglês e a fé cristã. Tratou-se então, segundo Delgado (2014), de uma formação artificial de identidades, a qual foi utilizada tanto pela administração colonial como pelos três primeiros grupos de colonos.

Com o desenvolvimento da colônia em vários aspectos, os *creoles*

> não queriam frequentar as mesmas escolas que os Africanos Livres crianças […] Os Africanos Livres eram considerados pelos primeiros colonos e pela administração como nativos [*africanos*]. Diante da lógica colonial, essa categorização os colocava em um patamar inferior em relação aos três primeiros grupos de colonos (Delgado, 2014, p. 368, *grifo meu*).

Conforme a bibliografia, essa visão organizou a sociedade em classes e é a esse elemento que quero chamar atenção, pois julgo ser de grande valia para pensarmos a Serra Leoa da atualidade, a qual já nasceu com a divisão e hierarquização do poder e que vai gerar também uma ordenação econômica de privilégios aos *creoles/krios* e ônus aos ditos Africanos Livres.

Até 1808, os povos residentes de Serra Leoa se autogeriram com lideranças locais. Contudo, como postula Costa (2016), no plano governamental da metrópole europeia, "este contingente populacional de *krios* nunca adquiriram o controle total sobre o governo, nem mesmo após a independência do país" (Costa, 2016, p. 23). Vale destacar que os *krios*, desde sua instalação em Freetown, não eram um grupo social homogêneo: havia várias práticas religiosas e diferentes clivagens sociais.

A fundação de Freetown foi essencial para a expansão inglesa no ocidente africano. A prosperidade da capital "e a emigração de seus habitantes para Bathurst, Badagri, Lagos, e mais adiante, estendeu sobre a costa a influência dos mercadores e dos missionários ingleses" (Ajayi, 2010, p. 08-09). Assim, Freetown, sob o prisma inglês, foi o símbolo de colônia bem-sucedida em África na primeira metade do século XIX. Para não simplificarmos esse cenário, é importante mencionar que, enquanto a "cidade da liberdade" era o reduto de sucesso da empreitada colonial inglesa, o interior do que hoje é a Serra Leoa, tinha grande influência árabe. Um exemplo dessa organização espacial foi a existência, no século XIX, do Império de Samori Touré.

Além disso, essa mesma região tinha grande movimentação migratória, composta por "comerciantes muçulmanos, acadêmicos e líderes políticos e militares que estavam determinados a alargar as suas redes econômicas e sociais e a construir bases sólidas para o avanço das suas ambições políticas e das suas ideias e instituições religiosas" (Skinner, 2016,

p. 28). No entanto, as culturas africanas locais estavam bem estabelecidas, o que gerou uma resistência às pretensões muçulmanas. Na época da colonização britânica em 1808, os europeus tinham uma boa relação com os árabes muçulmanos. Cenário que vai permanecer, segundo Skinner (2016), pelo menos, até meados do século XIX.

Ao decorrer desse século, comunidades e cidades muçulmanas foram erigidas. Junto, instituições como mesquitas e escolas foram construídas. Conforme Skinner (2016), essa presença árabe foi vital para o desenvolvimento econômico de Serra Leoa no século XIX. Com isso, no último terço do século XIX, já havia muitos africanos islamizados, principalmente entre os temnes, limbas, mendes e fulas. Praticamente, a lógica social muçulmana criou "sistemas de liderança, aparelhos de tomada de decisão, normas comportamentais, tribunais e arranjos econômicos" (Skinner, 2016, p. 34) tão atuantes ou mais que as normas europeias cristãs. No campo educacional, madraças foram criadas na segunda metade do século XIX e, principalmente, na primeira metade do século XX.

Até o último quarto do século XIX, a Serra Leoa não tinha grande relevância na agenda colonial europeia. A partir da Conferência de Berlim (1884-1885), a Grã-Bretanha mudou seu olhar sobre o mencionado território, inclusive no que diz respeito à introdução da cultura literária escrita. Mas, segundo Sesay (2019), a literatura escrita teve difícil penetração em Serra Leoa por causa da solidez da cultura literária oral. Foi também nesse momento que a elite negra local (*creoles*) foi expulsa dos altos cargos oficiais que ocupavam e substituída pelos brancos. Nesse bojo, constata-se que, "Em 1887, os africanos detinham quase metade dos cargos *seniors* no serviço governamental de Serra Leoa. Nos trinta anos seguintes, eles deteriam apenas um décimo destes cargos" (Scherf & Gonzalez, 2018, p. 175).

Em 1896, a Inglaterra fez do interior de Serra Leoa seu Protetorado,[35] demarcando com mais ênfase as fronteiras com a Guiné (ao norte) e a Libéria (ao sul). É válido pontuar que mesmo pós-1896, os britânicos foram coniventes com a existência de comportamentos sociais regidos pela moral islâmica, predominante no protetorado. Concomitantemente, até a terceira década do século XX, movimentos de resistência contra a condição colonial se espalharam pelo território serra-leonense, enquanto existia a divisão de duas regiões: a capital (colônia) e o interior (protetorado). Foi nesse período que se intensificou a exploração das riquezas naturais, principalmente minério de ferro e diamantes. Para isso,

[35] Para a metrópole inglesa, a diferença entre o *status* de uma colônia e de um protetorado consistia no grau de autonomia de governança.

> os administradores coloniais impediam deliberada e sistematicamente os africanos de se beneficiarem dos recursos minerais de seu país. Tão logo jazidas eram localizadas, promulgava-se rapidamente uma série de textos legislativos dando o monopólio aos interesses imperialistas. Mesmo onde os africanos vinham explorando as minas há várias gerações, tornou-se ilegal possuírem minérios sem licença especial. A exploração de jazidas de diamantes foi totalmente proibida aos africanos (Kaniki, 2010, p. 460).

É nesse cenário que as classes mais pobres de Serra Leoa vão intensificar seus sentimentos de frustração com suas realidades, provocando tumultos em 1919, induzindo ataques a sírios e libaneses,[36] os quais tinham mais sucesso econômico que os próprios nativos, e eclodindo "a greve dos trabalhadores no mesmo ano […] esses tumultos foram de fato um protesto violento e espontâneo contra o que se considerava injustiças decorrentes da gestão da economia colonial" (Boahen, 2010, p. 730). Conforme Fyle (2006), a ascensão libanesa causou "inveja e ressentimento nos krios de Freetown" (Fyle, 2006, p. 104), sentimentos percebidos por mim durante minha mobilidade acadêmica, afinal, essa parcela populacional minoritária e estrangeira é a dona dos negócios mais estruturados e rentáveis da capital. Essa percepção pessoal do presente dialoga diretamente com os postulados de Fyle, o qual argumenta que foram esses sírios libaneses que, no século XX, dominaram boa parte "do comércio de diamantes e todos os tipos de empreendimentos de negócio em Freetown" (Fyle, 2006, p. 105). Até hoje os libaneses têm grande prosperidade econômica em território serra-leonense.

Aliado a esse contexto de propensão à desigualdade social e falta de construções narrativas e políticas de unificação nacional, quando os primeiros partidos políticos foram orquestrados, na década de 1940, os mesmos não demonstravam "coesão diante de seus interesses e ideologias, acentuando ainda mais as divergências políticas e sociais" (Vieira Filho, 2012, p. 70). Nunca é tarde para lembrar que a ideia de fracasso político é eurocêntrica, na medida em que exige determinados comportamentos políticos do continente africano, quando a própria estrutura política em vigor é uma imposição de um sistema europeu de organização estatal. Como James Africanus Horton[37] escreveu, em 1870, "Roma não foi feita em um dia" (Horton *apud* Boahen, 2010, p. 64). Ou seja, é no mínimo injusto comparar

---

[36] População que migrou para a região no século XIX.

[37] Nascido em Serra Leoa na primeira metade do século XIX, Horton foi um cirurgião negro africano e etiopianista, que lutou ativamente, através da escrita, para a construção de uma consciência racial africana positivada.

séculos de aprimoramento da estrutura política estatal europeia com a nascente caminhada africana naquela estrutura política estatal exógena.

Outro elemento essencial para entendermos o processo de constituição da Serra Leoa enquanto Estado-nação é que, no final da década de 1940 e por toda a década de 1950, personalidades árabes muçulmanos foram essenciais para a criação de partidos nacionalistas, como o *Sierra Leone People's Party* (SLPP) e o *All People's Congress* (APC), através dos quais alguns muçulmanos emergiram como políticos influentes. Com a proclamação da independência, "as iniciativas internas e as relações externas muçulmanas ligaram a Serra Leoa mais firmemente às redes islâmicas internacionais" (Skinner, 2016, p. 42).

Assim como em outros territórios coloniais britânicos, a administração de Serra Leoa ocorreu de modo indireto, através da fragmentação do "país em diversos clãs regidos por um chefe supremo" (Fernandes, 2017, p. 483a) e alguns subchefes. Esse tipo de governo hierarquizou a sociedade local e, a reprodução dessa estrutura de poder no interior do país pós independência, com dinâmicas de exclusão social e centralização de poder em Freetown, foi um dos fatores que contribuíram para a construção da oposição entre "os jovens serra-leonenses, explorados e sem oportunidades de ascensão social, à gerontocracia dos chefes, seus algozes" (Fernandes, 2017, p. 483a). Ou seja, nesta concepção, o passado de "exploração, brutalidade e predação" colonial deixou marcas indeléveis, consoante "a naturalização da violência como parte da vida cotidiana e a perpetuação das mazelas socioeconômicas, [*criando*] uma sociedade extremamente desigual" (Fernandes, 2017a, p. 482, *grifo meu*).

A economia da Serra Leoa foi e continua sendo baseada na exportação de produtos agrícolas e minerais, principalmente diamantes. No século XIX, o governo colonial procurou desestimular, paulatinamente, o acúmulo de produtos e de capital na colônia, através do pouco ou nenhum investimento no país. Até que, no século XX, empresas estrangeiras invadiram, violaram e exploraram os recursos naturais de Serra Leoa, sem se importarem com o modo[38] ou mesmo, com as circunstâncias[39] em que essas extrações eram feitas. A partir disso, esses "gringos",[40] residentes temporários ou permanentes no país africano,

> construíram casas luxuosas, compraram carros novos, adquiriram poder e prestígio, enquanto que os antigos moradores passavam fome, recebiam baixos salários por

[38] Refiro-me à técnica propriamente dita.
[39] Refiro-me à condição temporal, espacial e social.
[40] Termo que aparece nas fontes desta tese.

> seu trabalho e se mantinham subordinados aos mandos dos estrangeiros em seu território […] Toda esta opulência convivia lado a lado com altas taxas de mortalidade infantil, problemas de abastecimento alimentício e de saúde (Costa, 2016, p. 83).

Assim como ocorreu em relação a outras colônias britânicas, em Serra Leoa, nas décadas de 1940-50, os europeus começaram a planejar, sob pressão internacional e africana, as formas de transferir gradualmente o poder político à elite urbana da colônia. Já em 1946 foram criados conselhos regionais e uma nova Constituição, a qual buscava unificar politicamente os territórios, colônia e protetorado. Foi nesse momento que surgiram diversos partidos políticos, os quais "não partilhavam uma coesão de interesses e ideologias, frisando ainda mais os contrastes políticos e sociais em Serra Leoa" (Costa, 2016, p. 87). Após a independência em 1961, outros partidos surgiram, assim como as disputas de poder baseadas em dinâmicas de exclusão social.

Neste sentido, trago as considerações de Frantz Fanon (1968), o qual argumenta que, nessa época, grande parte dos partidos formados no continente africano sentiam

> grande desconfiança acerca das massas rurais. Essas massas lhes dão na verdade a impressão de se atolarem na inércia e na infecundidade. Com bastante rapidez os membros dos partidos nacionalistas (operários urbanos e intelectuais) chegam a manifestar sobre os campos o mesmo julgamento pejorativo dos colonos […] [*Em suma,*] o colonialismo amiúde reforçou ou assentou seu domínio organizando a petrificação dos campos (Fanon, 1968, p. 91, *grifos meus*).

Do ponto de vista da população rural, o "homem da cidade" era traidor e vendido. Assim, a grande problemática dos partidos políticos nas sociedades colonizadas é que os mesmos "não vão ao encontro das massas. Não põem seus conhecimentos teóricos a serviço do povo mas tentam enquadrar as massas de acordo com um esquema a priori" (Fanon, 1968, p. 94). Nesse processo, chefes locais legítimos foram ignorados. Para Fanon, tal cenário não é uma oposição entre campo e cidade, mas sim, "entre colonizado excluído das vantagens do colonialismo e aquele que se acomoda para tirar proveito da exploração colonial" (Fanon, 1968, p. 93). Contudo, creio que esse binarismo apontado por Fanon acaba gerando a oposição entre campo e cidade, como é possível observar nos governos pós-coloniais de Serra Leoa.

De 1961 até 1992, seis personagens políticos (des)governaram a Serra Leoa:[41] Milton Margai (1961-1964); Albert Margai (1964-1967), irmão de Milton; Brigadeiro John Lansana / Andrew Terrence Juxon-Smith (1967-1968); Siaka Stevens (1967-1985) e Joseph Momoh (1985-1992); esses dois últimos foram os responsáveis pela implementação das primeiras ditaduras de Serra Leoa. Neste momento, o presidencialismo e o unipartidarismo foram adotados. Com o passar dos anos, outros golpes militares ocorreram, como aquele de 1992, seguido por um governo provisório. Ahmed Kabbah (1996 e 1998) comandou o país até sofrer um golpe das Forças Armadas Revolucionárias ligadas à Frente Revolucionária Unida (FRU) em 1997 e depois retornou ao poder em 1998.

Se no período colonial as poucas regiões urbanas da Serra Leoa não obtiveram apoio financeiro da metrópole europeia, as regiões do interior do país receberam menos atenção/investimento ainda, cenário que pôde ser visto também após a independência, quando os governantes locais continuaram a favorecer as poucas regiões urbanas, principalmente Freetown, em detrimento das várias regiões interioranas. Como pontua Denise Pimenta (2019), é comum entre a população interiorana de Serra Leoa a expressão "É tudo para Freetown, nada para nós. Além disso, há também complexos sentimentos em relação àqueles que vivem e trabalham em Freetown: desdém, inveja, admiração, encantamento" (Pimenta, 2019, p. 30).

Do mesmo modo, no pós-independência, vários direitos estavam sendo negligenciados à população, "como a falta de pagamento dos salários dos professores, dos médicos, dos enfermeiros, dos funcionários públicos, dos policiais e dos demais trabalhadores em detrimento do acúmulo de riquezas de uma minoria" (Vieira Filho, 2012, p. 80), de um único partido que (des)governou a Serra Leoa durante vinte e quatro (24) anos. Pode-se dizer que "a luta por uma nova Serra Leoa era apresentada como sendo uma oportunidade de criar bases para desenvolver o comércio, a agricultura, a indústria, a ciência e a tecnologia" (Vieira Filho, 2012, p. 79); e, assim, realizar uma mudança estrutural.

Dito isso, é necessário lembrar, mais uma vez, o papel que as organizações árabes muçulmanas tiveram exatamente na promoção das ações abdicadas pelo Estado. Segundo Skinner (2016), entre as décadas de 1960 e 1980, a população de Serra Leoa recebeu suporte financeiro, educacional e social de organizações não-governamentais muçulmanas, internas e

[41] Utilizo o termo desgovernar com base nos dados de Fyle (2006), o qual aponta que, de 1968 até 1990, a Serra Leoa foi marcada pelo aumento dos empregos com baixa remuneração, aumento do custo de vida e diminuição do papel do Estado na promoção do bem-estar social.

externas, que promoviam a formação de professores, a aquisição de suprimentos educacionais e de construção civil, permitindo a abertura de serviços sociais como clínica médica, formação profissional, distribuição de alimentos e organização funeral. O autor não deixa explícita a dimensão que essas ações tomaram na promoção do bem-estar da população, mas, implicitamente, ressalta que muitas dessas ações estavam voltadas às comunidades Temne, predominantes no norte de Serra Leoa e em Freetown. Além disso, Skinner (2016, p. 50) pontua:

> Apesar das muitas contribuições culturais, econômicas e políticas dos líderes e instituições muçulmanas, nenhum programa nacional jamais foi concebido por uma comunidade islâmica unificada para promover o bem-estar geral dos cidadãos da Serra Leoa.

Outro elemento pontuado pelo autor é que, assim como as ações não-islâmicas, muitas das organizações árabes muçulmanas promoviam e promovem os interesses pessoais, desperdiçam capital e são entranhadas pela corrupção, o que dificultaria o atendimento das necessidades da população. Nesse sentido, a guerra civil de 1991 surgiu como uma insatisfação de grande parcela da população com a reprodução da violência estrutural presente no país desde o período colonial. Aliado a isso, na década de 1980, vários locais de mineração foram privatizados ou fechados devido ao esgotamento dos recursos naturais, sem nem mesmo os nativos terem contribuído para tal ocorrido, o que favoreceu a instalação de uma crise econômica no país. É nesse emaranhado social que nasce Beah (1980) e Kamara (1986).

Conforme Fernandes (2017a), a população demonstrava insatisfação com o cenário social local já em 1967, quando houve uma tentativa de golpe militar, e em 1977, quando houve a Revolta dos Estudantes. Fyle (2006) recua mais no tempo para exemplificar a insatisfação popular como, por exemplo, a greve de ferroviários por melhores salários de 1926 e a rebelião contra os funcionários do governo local vistos como fantoches do governo colonial em 1955. Seja como for, logo nos anos de 1970 e 1980, jovens "desempregados e moradores de rua, marginalizados pelo governo […] foram incorporados na RUF [*sigla em inglês para Frente Revolucionária Unida*]" (Costa, 2016, p. 112, *grifos meus*). Outro setor populacional que foi incorporado pela Frente Revolucionária e que é, normalmente, esquecido pelas bibliografias sobre a guerra foi a população empregada, mas que vivia condições degradantes de trabalho.

Espaços da cultura juvenil do *reggae*,[42] por exemplo, serviram como ambiente de união dos jovens contra o governo, à ordem vigente e às injustiças sociais. Em outras palavras, "as massas começam a impacientar-se, a afastar-se, a desinteressar-se dessa nação [desse projeto de nação] que não lhes dá condições de vida" (Fanon, 1968, p. 140). Assim como o *blues*, o *jazz* e o *hip-hop* tiveram e têm papel especial na expressão da população negra estadunidense de modo específico e Ocidental de modo geral, o *reggae* atuou de forma semelhante para a população negra e pobre de Serra Leoa.

Esses mesmos jovens e crianças, com sonhos e ideais, na década de 1990, "foram transformadas em violentos seres que brincavam com armas e que passaram a amedrontar outras aldeias e comunidades" (Costa, 2016, p. 112). Como Ana Costa (2016) bem pontua, estas crianças vão se encontrar em situação de risco e também passariam a ser o próprio risco. Desse modo, o primeiro sinal da guerra civil ocorreu em 23 de março de 1991, na cidade de Bomaru (distrito de Kailahun), no leste de Serra Leoa, a 402 km de Freetown.

Mapa 5: Localização onde iniciou a guerra civil.



Fonte: Google Maps.

Havia um alto contingente populacional desempregado e um Estado que se eximia de garantir condições básicas para a vida de sua população, como saúde e educação. Com a eclosão do conflito civil em 1991, muitas facções da Frente Revolucionária Unida

[42] Fruto da influência dos agudás, ex-escravizados que retornaram para o continente africano após a escravização. Nesse caso, muitos ex-escravizados (*marrons*) tinham vivido na Jamaica até o século XVIII.

(FRU/RUF) foram atrás dos diamantes, elementos essenciais para a riqueza da minoria populacional privilegiada. Ao conseguir tais preciosidades, os grupos contrabandeavam os recursos para a Libéria. Costa (2016) afirma que a insatisfação popular era maior "entre os jovens urbanos que não encontravam meios de se sustentarem e sustentarem aos seus parentes" (Costa, 2016. p. 98), ainda que outras bibliografias apontem também para o protagonismo rural, movido pela insatisfação dos jovens no interior do Estado, perspectiva que adoto neste trabalho. De todo modo, como a maioria da população de Serra Leoa tinha menos de trinta anos de idade na década de 1990, pode-se dizer que havia um sentimento generalizado da falta de perspectiva em relação ao futuro.

É válido situar que existe na historiografia três teorias sobre o surgimento da guerra civil: a teoria da anarquia e niilismo juvenil urbano, germinada por Robert Kaplan no ensaio *The Coming Anarchy*, publicado em 1994, onde o autor chama os jovens de "moléculas soltas" numa sociedade urbana instável; a teoria da marginalização juvenil rural, a mais aceita pela academia, postulada por Paul Richards em *Fighting for The Rain Forest*, publicado em 1996, onde o autor se contrapõe Kaplan, ao afirmar que a guerra não é anárquica e que foi utilizada pelos jovens das áreas rurais como forma de obtenção de poder em relação aos anciões; e a teoria da juventude do lumpesinato. Na teoria de Marx, o lumpesinato seria uma classe de pessoas miseráveis, as quais estariam abaixo do proletariado, destituídos de poder econômico, de consciência de classe e não gerariam lucro com o seu trabalho. Essa perspectiva foi defendida por Ibrahim Abdullah, em *Between Democracy and Terror*, publicado em 2004, onde o autor ressalta o papel dos jovens urbanos e semiurbanos, desempregados e subempregados, e que não tinham bases familiares.

Lansana Gberie (2012) cita estudo que diz que 80% dos combatentes da guerra civil de Serra Leoa eram de origem rural, enquanto que Huynh *et al.* (2012) aumenta esse percentual para 85%. Esses dados vão contra as teses da anarquia e lumpesinato urbano de Kaplan e Abdullah, e vai de encontro com a tese de Paul Richards. Seja como for, essa conjuntura política, econômica e social contribuiu para que "grande parte dos membros que compunham a RUF [*fosse*] recrutada entre os desempregados e entre estudantes […] que se opunham ao governo" (Costa, 2016, p. 98, *grifo meu*). Esses eram aliciados através da violência. Crianças e jovens órfãos também eram persuadidos para fazerem parte do grupo. As adesões voluntárias foram poucas e ocorreram principalmente nas organizações militares estatais. Conforme Costa, inicialmente, a população interiorana apoiou a ação da Frente Revolucionária Unida nas regiões de mineração. Como objetivos, a FRU-RUF elencava a

deposição do governo de então e a promoção de "uma democracia multipartidária com eleições livres" (Costa, 2016, p. 98). Voltaremos adiante a essa questão relacionada ao projeto inicial da FRU-RUF.

Baseado em Keen, Fernandes (2017a) elenca nove elementos que foram essenciais para a eclosão da guerra civil em Serra Leoa:

> (1) o unipartidarismo; (2) o sistema de chefes; (3) as tensões étnicas; (4) o desprestígio dos militares; (5) a parcialidade do judiciário; (6) o receituário neoliberal do FMI e do Banco Mundial; (7) a corrupção sistêmica; (8) a falta de perspectiva dos jovens; e (9) o sucateamento do sistema de educação. [*Aliado a todas essas causas, o autor ainda pontua*] (1) o sistema hierárquico herdado da época colonial; (2) o patrimonialismo; (3) a militarização da sociedade, inclusive devido a práticas pré-coloniais de iniciação dos jovens à vida adulta por meio do imaginário do guerreiro; […] (4) o isolamento das zonas rurais; e (5) a marginalização social da juventude (Fernandes, 2017a, p. 485, *grifos meus*).

Apesar de citar fatores étnicos, vale relembrar que, ao contrário de muitas experiências no continente africano, o conflito civil de Serra Leoa não teve como *leitmotiv* os conflitos étnicos e religiosos (Fyle, 2006), inclusive, segundo Pimenta (2019), a Serra Leoa é um dos países mais tolerantes no que diz respeito à diferença religiosa. Mesmo sendo um evento que tinha alguma polarização (áreas rurais contra capital), não há menções aprofundadas na historiografia sobre diferenças étnicas alimentadas pelo Estado e utilizadas como discurso de ódio para se iniciar a guerra ou no seu decorrer.

Skinner (2016) sustenta que há muito tempo os muçulmanos têm estado no poder em Serra Leoa, não no cargo de presidente, mas nos cargos do legislativo, do judiciário e em outros postos do próprio poder executivo. A partir disso, seria prudente da nossa parte considerar o papel, não apenas das estruturas europeias, mas também das estruturas muçulmanas/islâmicas na formação da guerra civil, como motivação de longo prazo. Como pontuado anteriormente, várias características das instituições árabes muçulmanas em Serra Leoa, como a corrupção e a hierarquização eram elementos que estavam sendo combatidos pela juventude do país nas décadas de 1980 e 1990. Assim, tratava-se de um combate em três camadas: aos modos coloniais europeus exploratórios, insistentes na sociedade; às ações árabes muçulmanas estrangeiras de igual significância; e às ações dos próprios africanos que reproduziam as lógicas exógenas e criavam um tipo específico de exploração das massas.

É válido explicitar ainda que as motivações mais imediatas da guerra foram: o abandono do meio rural, a centralização do poder, a crise fiscal, a corrupção, a falta de oportunidades e a pobreza extrema. O processo de independência teria influenciado nesse

conflito, ainda que em escala menor, na medida em que fora um evento "arranjado à pressa com o envolvimento de apenas um pequeno número de políticos da capital e das províncias" (Luseni, 2004, p. 130). Como última observação, vale lembrar também que o conflito bélico de Serra Leoa entrou numa agenda de conflitos civis no continente africano iniciada na década de 1960 e que tinha a Libéria, na África Ocidental, vizinha de Serra Leoa, como a última nação de eclosão desse tipo de evento, em 1989. Assim, a guerra civil esteve integrada às guerras ao decorrer do Rio Mano, que envolveu a Libéria, a Guiné e a Costa do Marfim.

Uma boa consideração para pensarmos os locais de gênese das guerras civis pode ser vislumbrada na escrita de Luciana Fernandes (2010). Conforme a autora,

> Pode ser determinante para seus efeitos no que se refere ao conflito, a localização dos recursos naturais no território. Se eles estão localizados em uma área periférica do país [*como o caso da Serra Leoa, presente na Figura 9*] ou em uma área de população étnica minoritária, é possível que surja, em meio a esta população, iniciativas separatistas, elevando assim, a probabilidade de ocorrência do conflito civil (Fernandes, 2010, p. 05, *grifos meus*).

Posto tudo isso, é possível vislumbrar o cenário que eclodiu a guerra civil (1991-2002) de Serra Leoa, protagonizada pela Frente Revolucionária Unida (FRU/RUF), pelos Exércitos de base comunitária pró-Estado (Kamajor, Kapra, Tamaboro e Donso), forças civis, países vizinhos (principalmente a Libéria), pelo Grupo de Monitoramento do Cessar-fogo da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOMOG) e pelas forças mercenárias, como as empresas privadas militares. A FRU, organização que iniciou o conflito, justificava seu gradual aumento de violência na ideia do combate à "deterioração das estruturas estatais, as péssimas condições socioeconômicas e a exclusão da população" (Affonso, 2016, p. 15). No entanto, nos seus atos, a FRU disseminou o medo e a violência, seja através de estupros e amputações ou assassinatos. A Frente Revolucionária "na prática parecia menos interessada em fundar bases sociais novas e menos injustas do que em reverter o contexto desigual a seu favor" (Fernandes, 2017a, p. 486). No exército das forças contra o governo, o discurso construído "fora o de que eles lutavam pelo empoderamento dos jovens, pelo acesso à saúde, pelo acesso à água potável, ao combustível, à comida e à dignidade" (Costa, 2016, p. 113).

É válido ressaltar ainda que as guerras não são estáticas, por isso as razões e fundamentos originais de guerra mudaram já no início do conflito. Paul Richards identificou, no primeiro ano de guerra, princípios comunitários na FRU. Esses princípios se

concretizavam a partir da redistribuição de alimentos, de remédios, de roupas e de serviços como habitação temporária, saúde e transporte (Gberie, 2012). Contudo, Gberie argumenta que, se essas práticas ocorreram, foram pontuais e que a norma de atuação da FRU não foi a redistribuição de serviços não prestados pelo Estado, mas sim, a dominação das atividades econômicas de forma predatória.

A Libéria apoiou as forças revolucionárias da FRU/RUF,[43] pois aquele país, fronteira de Serra Leoa no sudeste, requeria uma zona territorial pertencente até então aos serra-leonenses. Portanto, o apoio serviria como instrumento de solução de problemas diplomáticos/territoriais, não só de acesso a recursos econômicos. A Libéria fornecia armas para os "rebeldes", os quais conseguiram levar o pânico para todas as regiões de Serra Leoa. Ainda em 1991, a Frente Revolucionária Unida conseguiu controlar inúmeras regiões do país. No ano seguinte a situação só piorou para as forças federais. Destarte, Charles Taylor, o então presidente da Libéria,

> foi um dos maiores financiadores do grupo [*FRU*], tendo um contato estreito com Sankoh, líder dos rebeldes. Sua motivação decorreria, segundo alguns autores, do desejo de revanche contra o governo de Serra Leoa, que apoiara a intervenção regional na Libéria, cerceando seu poder, além do seu interesse no comércio local de diamantes […] alegava que seu apoio […] vinha do seu reconhecimento da legitimidade de pleito daquele grupo, que lutava contra a elite corrupta do país, que era auxiliada pela Nigéria (Valença, 2006. p. 111, *grifo meu*).

Além disso, o grupo recebia a assistência dos governos da Líbia, Costa do Marfim, Burkina Faso, Guiné e Ucrânia. Estes dois últimos não apoiavam o grupo diretamente, mas o faziam através de contribuições à Libéria. No início da guerra, as atividades estiveram centradas nas áreas produtoras de diamantes, mais ao leste do país. Mesmo não tendo se alastrado sobre o território, em um ano de guerra, os mortos já passavam da casa dos dez mil (10.000).

A vida dos jovens que se aliaram à FRU/RUF estava permeada de precariedades. Aqueles que estavam em busca de seu sustento viram sua situação piorar. Isso porque

> as lideranças precursoras da RUF estavam buscando atender às suas necessidades, notadamente, o acesso ao poder e aos lucros do comércio de diamantes, enquanto

[43] Mesmo o então presidente Charles Taylor tendo negado qualquer ajuda ou envolvimento nas insurgências de Serra Leoa, no Tribunal Especial para a Serra Leoa (SCSL). Essa comissão foi criada pela ONU após o fim da guerra civil, a pedido do governo da Serra Leoa. O Tribunal concluiu que Taylor não só foi um ator protagonista no surgimento do conflito civil no país vizinho, como o criador da Frente Revolucionária Unida, uma extensão da Frente Patriótica Nacional da Libéria (NPFL).

> que os jovens urbanos membros do grupo buscavam por empregos e poder aquisitivo vindo do diamante. Estas perspectivas diferiam das necessidades da população rural, que buscavam alcançar meios de subsistência, romper com o domínio hierárquico nas relações de trabalho e adquirir independência financeira (Costa, 2016, p. 99).

Assim como as forças federais, a Frente Revolucionária recrutou crianças-soldado. Segundo Affonso (2016, p. 16), "no grupo rebelde FRU quase 80% dos combatentes tinham entre 7 a 14 anos". Conforme a bibliografia sobre a guerra, das mais de 70 mil pessoas que viraram combatentes durante o evento, entre 7 e 40 mil eram crianças.[44] Houve poucos casos de crianças que foram servir voluntariamente, como discutirei no capítulo dois. Nesses casos, a falta de perspectiva para o presente e para o futuro eram os principais motivos de tal ato. Pelo elevado número de crianças e adolescentes diretamente ligados à guerra, a expressão "são as crianças que estão governando o país" disseminou-se sobre o território serra-leonense.

Como afirmei em outra oportunidade,[45] e às vezes o óbvio tem que ser dito, a violência faz parte de todas as sociedades, não apenas de uma única. Desse modo, podemos considerar o colonialismo e a colonialidade como mecanismos que estimularam a violência nas sociedades africanas, seja pela catequização, pela "conformação de identidades políticas étnicas impostas por terceiros aos grupos locais, a taxação de impostos, a falta de emprego e o excesso de extração de bens naturais" (Costa, 2016, p. 114), etc. No entanto, devemos compreender que a violência expressada na guerra civil estudada é resultado desses processos históricos e políticos, assim como da autonomia/poder de agência africana. Abrindo mais um parêntese para tratar sobre a violência, trago as contribuições de Mac Dixon-Fyle (2016), o qual declara que a violência é uma ação e reação que quase todos têm capacidade de desenvolver "quando confrontado com ameaças que não poderiam ser contidas por outros meios" (Dixon-Fyle, 2016, p. 124), como é o caso da marginalização e da subjugação da população mais pobre de Serra Leoa.

Sobre a questão da colonização é válido fazer um pequeno relato de uma das minhas primeiras experiências em Freetown. No primeiro final de manhã após ter chegado à minha hospedagem em Serra Leoa, fui recepcionado pela proprietária do espaço, uma mulher branca europeia que vive há vinte e sete anos em África, tendo passado por Guiné e Mali antes de ir para Freetown em 2014. Naquele momento, havia junto com ela mais três pessoas: uma mulher branca holandesa e dois homens negros serra-leonenses. Convidaram-me para almoçar

---

[44] Scherf & Gonzalez (2018) estimam que esse número gire em torno de vinte mil (20.000), Tynes (2012) estima em dez mil (10.000).

[45] Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234758# >. Acesso em: 22 jan. 2026.

com eles um prato "autenticamente africano": arroz e peixe cozido com abóbora e muita pimenta, tal como Denise Pimenta (2019) descreveu em sua tese sobre a onipresença dessa "especiaria" na culinária de Serra Leoa. O ato de comer chamou atenção. A refeição foi servida em uma bandeja e, cada um com seu talher, pegava o alimento e levava até a boca. Não havia pratos individuais, mas sim um único recipiente coletivo que servia a todos.

Conversa vai, conversa vem, começamos a falar sobre a realidade de nossos países e chamou atenção o relato dos dois homens locais. Segundo eles, o grande problema da África e da própria Serra Leoa é o "tribalismo", o que desagregaria a nação. As duas mulheres brancas que estavam na mesa contestaram essa narrativa, ressaltando o papel do colonialismo no "problema" da Serra Leoa atual. Esse contra-argumento foi respondido com o silêncio dos dois homens, os quais não concordaram nem discordaram. O desenrolar dessa conversa nos suscita a questão de que, nem mesmo a percepção das influências do colonialismo no presente é um consenso. Extrapolando o raciocínio, a conversa narrada nos permite tecer que a percepção da violência é difusa, não unilateral. Ao mesmo tempo que complexifica interpretações sobre a guerra, tensiona as disputas éticas e políticas sobre responsabilidade, justiça e representação, colocando em xeque o esquema vítima vs algoz.

Em consonância com esses postulados, Vieira Filho (2012) afirma que a violência faz parte da história da humanidade. Isso porque as relações sociais estão submetidas a disputas de poder e litígios. "Oriunda do latim, violência é aquilo que age pela força, trata com brutalidade, desonra, ultraja" (Vieira Filho, 2012, p. 28). O autor define como violência "os atos diretos ou indiretos – agressão física e psicológica – que prejudiquem as potencialidades humanas, seja no âmbito estrutural e cultural" (Vieira Filho, 2012, p. 32) ou, eu diria, espiritual.

A violência dos anos que perduraram a guerra civil de Serra Leoa não foi uma expressão gerada de um dia para o outro, muito menos uma violência "sem motivos" e banal. Temos que levar em conta que "os conflitos não ocorrem sem que a estrutura apresente causas para que os atores possam agir e reagir" (Vieira Filho, 2012, p. 40). Afinal, "um ator [*no nosso caso, a FRU*] reage à medida em que o outro [*estrangeiros e líderes estatais locais*] atua. Estas ações podem variar entre a diplomacia e o uso da violência, como recurso para atingir os objetivos" (Vieira Filho, 2012, p. 40, *grifos meus*), no caso, o acesso a condições básicas da existência humana.

Ao decorrer do conflito "alguns atos autoritários como a censura à imprensa […] e a suspensão da Constituição nutriram na população urbana um desencanto com o governo"

(Costa, 2016, p. 100). Ao mesmo tempo, a Frente Revolucionária Unida intensificava suas ações de disseminação da violência contra civis. Em 1995 houve tentativas de finalização do conflito, mas o mesmo ainda teve um longo caminho pela frente. Nessa ocasião, o governo federal ofereceu a oportunidade de realização de eleições presidenciais, na qual, até a FRU poderia concorrer. No entanto, a reação do grupo foi a invasão das cidades do interior e da capital do país para cortar "as mãos das pessoas que julgavam ser contra o grupo e que pudesse votar contra eles nas eleições que viriam" (Costa, 2016, p. 101), como aconteceu com Mariatu Kamara, autora de uma das fontes analisadas, ainda que ela fosse, na época, apenas uma criança de menos de dez anos.

Como aconteceu também com um dos meus entrevistados em Freetown: "Eu vim para Freetown em 1999. Foi quando eles [*os rebeldes*] atiraram na minha perna. Eles me perguntaram se eu gostaria de longo ou curto *[longo = amputação desde o joelho; curto = amputação do pé*]. Eu disse que não queria nada" (Anônimo XX, 2024, entrevista pessoal, *grifos meus*). As práticas de amputação, segundo Gberie (2012), foram realizadas na guerra civil da Libéria antes de serem adotadas em Serra Leoa. As próprias crianças e adolescentes realizavam as amputações.

Mesmo com alto grau de crueldade, podemos dizer que a guerra civil de Serra Leoa foi movida por propósitos bem definidos: "A luta de ambos os lados era legítima no que tange a busca por acessibilidade, por poder político e por melhores condições de vida tanto para a população do interior do país, quanto para a população urbana" (Costa, 2016, p. 128); ainda que, de modo geral, as reivindicações iniciais do conflito não tenham sido perseguidas e alcançadas. Como podemos perceber nos anos pós-guerra, o conflito civil agravou os problemas sociais e naturais que foram condições para a eclosão do evento, como a decadência social, econômica e a violência, além de ter criado uma ruptura da unidade familiar e criado nas comunidades a falta de confiança nos jovens. Como manifestou um dos entrevistados,

> Antes da guerra, a maioria da população de Freetown estava nas províncias. Alguns estavam trabalhando na agricultura, outros em atividades diferentes. Depois da guerra, essas pessoas migraram para Freetown e se recusaram a retornar para continuar com suas atividades agrícolas. Então, como resultado disso, temos escassez de alimentos. A maioria dessas pessoas estão dormindo nas ruas, a capital está superpovoada, porque eles se recusaram a retornar depois da guerra. Muitas das crianças tiveram suas mãos amputadas, muitas foram estupradas, ficaram sem educação, algumas ficaram órfãs… A maioria delas (Anônimo XXIX, 2024, entrevista pessoal).

No que tange às representações da mídia internacional, é possível perceber que, de modo geral, esta tratou a supracitada guerra, assim como fizera com outros conflitos africanos, a exemplo da Guerra de Biafra, "como uma espécie de novo barbarismo […] que estaria assolando o continente africano" (Costa, 2016, p. 17). Do ponto de vista das forças federais (e da mídia internacional que reproduziu tais ideias), a Frente Revolucionária Unida (FRU/RUF) "seria o [*único*] grupo que estaria causando o mal à população do interior através de estupros, de mutilações, de pilhagens e da dominação das minas de diamantes" (Costa, 2016, p. 129, *grifo meu*).

Conforme relatório do Tribunal Especial para a Serra Leoa, a FRU cometeu 60,5% das violações dos direitos humanitários durante a guerra (Gberie, 2012), desde homicídio, até estupro, mutilação, espancamento, escravatura e utilização de crianças para a engrenagem da guerra. Contudo, tanto as forças da FRU-RUF, como as forças governamentais foram perpetradoras de violências. Ainda assim, a mídia internacional e a historiografia mais tradicional[46] sobre o conflito tendem a refletir "a epistemologia ocidental evolucionista que depreciou os rebeldes, enfatizando suas disposições primitivas" e sua "violência irracional" (Dixon-Fyle, 2016, p. 124).

Podemos exemplificar tal visão com um caso da mídia brasileira e gaúcha. O jornal *Pioneiro* (Caxias do Sul/RS), na sua primeira e tardia menção à guerra civil em Serra Leoa, fez uma matéria destinada a perceber a participação das mulheres no conflito que vinha ocorrendo no país naquele período. A reportagem dá ênfase às "bruxas" do batalhão das forças federais, as quais previam até "de longe a presença do inimigo [RUF]". Nesta primeira menção, o Jornal não aborda os motivos do conflito, mas reforça alguns estereótipos sobre o continente africano, ao afirmar que os rebeldes bebiam o "sangue de suas vítimas e comem seu coração" (Pioneiro, Edição 5355, 1993, p. 21). Em minhas pesquisas, obtive informações escassas sobre essa prática durante o conflito, mas vale ressaltar que, se realmente ocorreu, cabia à mídia a contextualização de tal ato.

Na segunda menção ao conflito civil, realizada no final do mesmo ano (Pioneiro, Edição 5632, 1993, p. 13), o jornal também não aborda os motivos da guerra, mas anos depois aponta que ela intensificou o estado de "penúria alimentícia" (Pioneiro, Edição 6925, 1998) em Serra Leoa. Noutra oportunidade, a mídia expõe que vários cadáveres foram encontrados enterrados em Freetown, sendo a maioria de crianças e mulheres; que "as ruas de vários

[46] Como as produções de Arthur Abraham e William Reno.

bairros de Freetown […] se encontravam ontem cheias de cadáveres e em chamas" (Pioneiro, Edição 7206, 1999, p. 43). De acordo com o jornal, o clima que reinava era o de pânico e confusão; e que os funcionários da ONU passavam "por uma de suas maiores humilhações" (Pioneiro, Edição 7614, 2000, p. 23) em Serra Leoa. Nada se fala, diretamente, sobre a violência perpetrada aos civis e às crianças-soldado.

Se passaram nove anos de conflito, mas o jornal não se preocupou com as questões que atingiram os serra-leonenses, mas sim pelas freiras europeias e "brasileiras sequestradas por rebeldes que tentam derrubar o governo" (Pioneiro, Edição 5971, 1995, p. 49) e os "300 capacetes azuis da ONU [*sequestrados*] por soldados da Frente Revolucionária Unida (FRU)" (Pioneiro, Edição 7614, 2000, p. 23). Nos onze anos em que durou a guerra civil de Serra Leoa, a mídia exemplificada, que divulgava informações sem assinaturas autorais e/ou apenas traduzindo informativos de agências internacionais, não discutiu em nenhum momento o reflexo desse evento no cotidiano da população civil no geral, e nas vidas das crianças, de modo específico. Há também a omissão dos motivos que levaram à guerra, o que dificulta qualquer tipo de reflexão aprofundada pelos(as) leitores(as) do Jornal.

Dessa maneira, ambos os lados envolvidos na guerra civil acusavam a mídia local e internacional de disseminar análises, comentários, opiniões, entrevistas e reportagens enviesadas, o que teria interferido direta e indiretamente nos acontecimentos da guerra. Em muitos casos, não sabemos se essas colocações são deliberadas ou inadvertidas. De qualquer modo, há alegações de que: (1) houve uma linguagem pejorativa (*sobels*, terroristas) em relação às forças envolvidas no conflito; (2) a apresentação de fatos distorcidos frutos da desinformação, como o silenciamento em relação à violência perpetrada pelo Estado e; (3) a grande ou baixa frequência de disseminação de determinadas ideias, fruto da seleção do que deveria ser publicado ou não. Essas ideias disseminadas pela mídia, podem ter influenciado as imagens de si dos soldados em guerra e podem ter inflado a raiva entre as partes envolvidas, postergando ainda mais a duração do conflito.

Não obstante, olhar com criticidade para essas representações unilaterais não pode tirar de nossa vista o fato de que grande parte da violência cometida em Serra Leoa de 1991 a 1994 foi perpetrada pelos "soldados do exército do Estado que se disfarçaram de rebeldes da RUF para atacar alvos civis ou usaram o pretexto da presença da RUF para saquear ou extrair contribuições para o esforço da guerra" (Hoffman, 2006, p. 05). Portanto, há uma miríade de perspectivas sobre um mesmo evento, sendo a história mais complexa do que os jornalismos "baratos" sustentaram.

Conforme Giovanna Paiva (2011), a guerra civil de Serra Leoa se encaixa naquilo que o mundo acadêmico tem chamado de "novas guerras". Esses eventos têm a característica de extrair "da economia mundial os recursos necessários para se prolongar" (Paiva, 2011, p. 64). Além disso, o que há de novo nesses conflitos é "a revolução nas tecnologias de informação e comunicação, que se reflete nas novas guerras através da maior presença de agentes internacionais nos conflitos" (Paiva, 2011, p. 64). As ditas "novas guerras" também são derivadas "da desintegração ou erosão das estruturas do Estado Moderno e que estão ligados à identidade étnica, racial ou religiosa" (Paiva, 2011, p. 65).

Ainda que os fatores étnicos e/ou religiosos não sejam as causas primárias do conflito em análise, estes podem ser utilizados para reforçá-lo. No mundo capitalista,

> A miséria extrema, contrastando com a riqueza, pode gerar uma guerra civil, que se torna um prolongado conflito na medida em que se supõe que no território existam riquezas naturais que geram dinheiro a quem detém o controle desse território […] as novas guerras têm caráter de economia globalizada, no sentido em que são influenciadas por políticas estrangeiras e estão integradas em sistemas de intercâmbio da economia mundial, o que impossibilita o desenvolvimento controlado de suas economias nacionais, as quais acabam sendo afetadas pelas altas taxas de desemprego, alto nível de importações e uma administração débil (Paiva, 2011, p. 65).

Aliado a esses fatores, as "novas guerras" precisam de menos recursos financeiros para a sua execução, "pois no lugar de exércitos [*regulares, Estado e grupos autônomos*] utilizam até mesmo crianças" (Paiva, 2011, p. 66, *grifos meus*). Mas

> se as novas guerras são baratas para aqueles que a fazem, para a sociedade são mais caras devido ao estrago social que provocam, não só localmente, mas também em países vizinhos, e devido à sua longa duração. Logo, porque a guerra é tão barata, são elevados os custos da paz (Paiva, 2011, p. 66).

Scherf & Gonzalez (2018) afirmam que só em 1999 a comunidade internacional começou a levar a sério a situação em Serra Leoa, à esteira da intensificação das hostilidades em Freetown. Isso foi simbólico, visto que o país era, historicamente, dividido entre os interesses urbanos e rurais. Precisou a violência extrema na área urbana para que o governo da Serra Leoa buscasse a mobilização internacional. Como pontua Pimenta (2019), os moradores de Freetown "foram os últimos a tomarem conhecimento das reais dimensões do conflito país afora, apenas em 1999, quando da invasão da capital pelos rebeldes, que mataram milhares de pessoas e mutilaram outras tantas" (Pimenta, 2019, p. 121).

O conflito armado deu seus primeiros sinais de desgaste através do ineficaz Acordo de Paz de Abidjan (1996). Em seguida, uma segunda tentativa foi elaborada no Acordo de Lomé, assinado no Togo, em 1999. No entanto, o documento não foi cumprido, o que fez o conflito se estender até 2002, quando a pressão interna dos civis e a constrição internacional rompeu com onze anos de violência escancarada. Um dos meios para a durabilidade dos ataques e das defensivas "rebeldes" foi a venda, para empresas estrangeiras e Estados vizinhos, do direito de exploração de recursos minerais que a FRU/RUF almejava captar num futuro próximo. Isso corroborou para que o grupo angariasse instrumentos e recursos para se manter vivo na guerra até 2002.

De acordo com Affonso (2016, p. 16), "uma corte de crime de guerra foi instalada pela ONU e pelo governo de Serra Leoa", a fim de punir os responsáveis pelas violações de direitos humanos após o final do conflito. É importante ressaltar que, segundo Skinner (2016), a própria população árabe muçulmana de Serra Leoa defendia a reconstituição dos direitos humanos, em termos bem semelhantes à ideia que vinculamos ao mundo Ocidental. Milhares de pessoas morreram, outras tantas ficaram com os corpos deformados/amputados e um terço da população total teve que procurar refúgio em outros países.

Tendo esses conhecimentos, podemos afirmar que a guerra civil de Serra Leoa consistiu-se na defesa de um modo de vida desejado, das sociabilidades, da busca pela dignidade humana, da "vontade de viver, de poder cumprir o devir de tornar-se alguém, da vontade de sair da situação de instabilidade social" (Costa, 2016, p. 107) e de sair da Grande Noite, como escrevera Achille Mbembe. A violência gerada na guerra, a qual criou zonas de "indistinção entre a regra e o caos" (Costa, 2016, p. 107), nada mais foi que um instrumento "para se chegar à imposição de vontade sobre o inimigo" (Fernandes, 2010, p. 14), um ato discursivo, muitas vezes confuso, obscuro e indeterminado. Em tal cenário de violência extrema,

> as armas assumiram mais valor do que as pessoas […] A dor física causada pelos ferimentos de guerra e a dor física da perda de seus parentes, de sua identidade e de seu território se misturariam e se confundiriam em um estado de anestesia do corpo. A atmosfera pesada da guerra conduzira os sujeitos que ainda estariam vivos a romper uma tênue linha que separaria a vida da morte; a dor da insensibilidade; o ódio da racionalidade e dos valores morais (Costa, 2016, p. 107).

Nesse sentido, as amputações e estupros ocorridos durante a guerra civil foram as maneiras que os jovens marginalizados socialmente viram para, paradoxalmente, "reunir o

apoio do povo [*e*] demonstrar a eles que o governo não poderia os proteger" (Hoffman, 2006, p. 14, *grifo meu*). Portanto, não devemos enxergar os combatentes da Frente Revolucionária Unida como irracionais ou primitivos, pois havia uma lógica e diversas mensagens por trás das ações violentas, ainda que não concordemos com tais ações. Afinal de contas, "toda atividade é legítima ou ilegítima, de acordo com sua própria lógica" (Hoffman, 2006, p. 17).

Em última análise, o que quero defender aqui é a ideia de que a guerra é sempre um evento violento e doloroso, que beneficia os desejos e interesses das elites e extermina com a população pobre, civil e outros atores e atrizes subalternos, como as crianças, os idosos, os negros e as mulheres, ou mesmo, os homens. Para Breno Fernandes (2017a), a experiência da guerra é, essencialmente, traumatizante; afirmação que é reforçada se considerarmos que o conflito civil de Serra Leoa construiu sujeitos que "detestavam os civis" (Fernandes, 2017a, p. 477).

Tal conjuntura exterminou com a vida de mais de setenta mil pessoas – há autores como Luseni (2004) que dizem que esse número chega aos cem mil, do mesmo modo que há autores como Grant (2006) que afirmam que esse número pode chegar aos duzentos mil. Além disso, amputou mais de dez mil pessoas,[47] forçou o deslocamento de mais de dois milhões de pessoas[48] e foi responsável pelo estupro de duzentas e cinquenta mil mulheres e meninas, segundo Pimenta (2019).[49] Este mesmo evento criou espaços e sentimentos generalizados de insegurança, pois "não havia local onde fosse seguro permanecer por muito tempo" (Fernandes, 2017a, p. 478), mesmo nos primeiros anos após o término do conflito. Além disso, destruiu mais de quatrocentas e trinta mil (430.000) casas, conforme dados de Scherf & Gonzalez (2018). Se esses são os números que temos conhecimento sobre mortes, amputações, deslocamentos, estupros e destruição de propriedades, os casos que não foram computados por causas variadas podem elevar essa cifra.

É válido ressaltar também a falta de números sobre o estupro de crianças e adolescentes do sexo masculino. A inexistência de informações quantitativas sobre o assunto leva os(as) pesquisadores(as) a negligenciarem a existência desse ato em cenários bélicos, principalmente em contextos em que houve a participação de tantas crianças e adolescentes.

---

47 Pimenta (2019) afirma que somando o número de amputados e mutilados, esse número chega a cem mil (100.000).

48 Scherf & Gonzalez (2018) estimam que esse número gire entorno de um milhão e meio (1.500.000); já Pimenta (2019) defende que houve meio milhão de deslocados internos e a mesma quantidade de refugiados.

49 Grant (2006) estipula que o número de abusos sexuais contra mulheres e meninas fique entre duzentos e quinze mil (215.000) e duzentos e cinquenta e sete mil (257.000): "Em outras palavras, quase 10 por cento da população feminina do país sofreram violência sexual" (Grant, 2006, p. 305).

Nesse sentido, o romance *Feras de lugar nenhum* (2006) do nigeriano Uzodinma Iweala é singular ao trazer à tona essa questão. Enquanto estava em Freetown, visitei o *Sierra Leone Peace Museum* que, fundado em 2013, é uma instituição com estrutura e acervos preservados, inclusive com um guia museológico, o qual, a cada sala que apresentava, pegava uma "colinha" para saber o que falar. Pude fotografar boa parte do acervo do museu, exceto a sala que continha relatos de meninos e meninas abusadas sexualmente e amputados, imagens fortes de corpos decapitados e esquartejados, e fotografias dos líderes da Frente Revolucionária Unida, grupos correlatos e grupos de oposição. Seja como for, apesar da escassez de fontes sobre abuso sexual a meninos na guerra civil de Serra Leoa, o museu oferece indícios da existência regular dessa violência.

Por fim, a reflexão de Vieira Filho (2012) é essencial para pensarmos o pós-guerra. Para o autor, este momento não representa o fim dos conflitos: "para definir e promover a paz, é preciso não somente cessar a violência física, mas observar de que forma outros tipos de violência também são praticados" (Vieira Filho, 2012, p. 30). Esse pensamento dialoga com a ideia de que existem conflitos latentes (implícitos) e manifestos (explícitos). De qualquer modo, é válido pensar que o período de paz pode ser definido como aquele em que a população como um todo usufrui, ainda que precariamente, "de estrutura jurídica, educacional, saúde, trabalho, lazer, liberdade religiosa, étnica e de gênero em consonância com o gerenciamento dos recursos ambientais e econômicos a partir da participação civil nas tomadas de decisões políticas" (Vieira Filho, 2012, p. 51).

Skinner argumenta que muitas organizações islâmicas e cristãs, internas e externas à Serra Leoa, procuraram criar esse ambiente de paz pós-2002. Ainda que carregadas de elementos proselitistas, as atitudes dessas organizações não-governamentais foram além da caridade, "muitos dos projetos educativos [*islâmicos*] podem ter contribuído para uma sociedade mais produtiva" (Skinner, 2016, p. 48, *grifo meu*). Mulheres e homens muçulmanos

> proporcionaram a troca de bens importantes, empregos e a acumulação de capital para atividades econômicas continuadas. Construíram-se habitações residenciais e centros comerciais, desenvolveram-se plantações e ocupações especializadas e forneceram matérias-primas e alimentos (Skinner, 2016, p. 49).

De qualquer modo, Vieira Filho defende que a guerra civil

> não só acarretou a destruição das estruturas físicas, como prédios, casas e estradas, mas também sustentou e agravou outros tipos de violência, principalmente as

> cometidas contra crianças, mulheres, deslocados internos e refugiados […] [*os quais carregam*] na sua memória os traumas vividos durante o conflito (Vieira Filho, 2012, p. 127, *grifos meus*).

Conforme o autor, "do total de combatentes, cerca de 25% eram crianças com idades entre 7 e 14 anos que estiveram armadas durante o conflito" (Vieira Filho, 2012, p. 127). No que diz respeito aos refugiados e deslocados internos, o autor ressalta que estes "não sofreram só com a perda de suas habitações, mas também se tornaram vítimas de sequestros e trabalho forçado pela RUF" (Vieira Filho, 2012, p. 129). Nos dias atuais, o desemprego daqueles(as) que eram crianças e adolescentes durante a guerra civil resulta no aumento das taxas de criminalidade no país. Sheku Bakarr Kamara (2012), estudioso da *University of Sierra Leone*, aponta que, em 2009, o desemprego juvenil em Serra Leoa era de cerca de 70%. O autor não chega a definir quem estaria agregado no termo "juvenil", mas afirma que a lista de jovens urbanos desempregados continuava a crescer em 2012. Posto isso, "a maior ameaça à frágil paz da Serra Leoa continua a ser o desemprego juvenil" (Kamara, 2012, p. 80). Por outro lado, as crianças dos dias atuais vivem, involuntariamente, num sistema opressor,[50] que continua a negar-lhes os direitos básicos.

Em sua bonita, sensível e perspicaz tese de doutorado, Pimenta (2019) resgata uma série de questões que fizeram e fazem parte do cotidiano pós-guerra em Serra Leoa. Para a autora, temos que estar atentos ao fato de que etapas biológicas e sociais de uma pessoa, ou seja, referências temporais (nascer, crescer, reproduzir e morrer), para as pessoas do interior de Serra Leoa, não são a idade ou o ano, mas sim "eventos de destaque ocorridos em suas comunidades ou no país" (Pimenta, 2019, p. 34), ou ainda, fenômenos naturais. Assim, a sociedade se guiaria temporalmente a partir da ideia de geração, acontecimentos e processos significativos que marcaram e influenciaram a comunidade. Como é ressaltado na escrita, "a guerra era um desses marcadores de tempo, usada para definir acontecimentos ocorridos antes, durante e após o conflito" (*Ibidem*). Em outros termos, a guerra civil molda a elaboração e a percepção temporal e, se assim é, o tempo em Serra Leoa tem sido marcado por violências frequentes? Por infortúnios?

Em sua pesquisa com mulheres que sobreviveram à epidemia de ebola (2014-2016) em Serra Leoa, Pimenta constatou que, nas conversas, a guerra civil atravessava qualquer pauta. Isso porque "a violência da guerra é filtrada no cotidiano e vivida pelas pessoas

---

[50] Ver: < https://istoe.com.br/presidente-de-serra-leoa-decreta-emergencia-contra-estupros/ >. Acesso em: 24 jan. 2026.

comuns do país […] um conflito armado [*que*] deságua lentamente e de forma irreversível no cotidiano, que se torna, ele mesmo, testemunha da violência" (Pimenta, 2019, p. 36, *grifo meu*). Em adendo,

> a guerra não saia das cozinhas e varandas onde se encontravam minhas interlocutoras. Ao contrário, como um saber picante, a guerra atravessava todas as minhas conversas, não importando se tristes ou alegres. Compreendi que o saber da guerra era como a pimenta para aquele povo, impossível de ser retirada do paladar na medida em que constituinte de quem eram […] Quiçá para ser um serra-leonense há que ter sido marcado de alguma forma por ela, seja diretamente ou pelas histórias contadas pelas mães, avós e *elders* (Pimenta, 2019, p. 43).

Por essas e outras que o editor-chefe do *The Journal of Sierra Leone Studies*, especialista nos estudos sobre grupos étnicos da Etiópia, Malawi, Namíbia, Zâmbia e Zimbabué, e professor da Universidade de Makeni, em Serra Leoa, John Birchall (2012) se refere à guerra civil serra-leonense como o evento mais influente daquele país pós-independente, na medida em que influenciou a vida individual e coletiva. Assim, para quem vivenciou a guerra, ser sobrevivente é fazer "referência às manobras e táticas para lidar com as violências diárias vividas no país" (Pimenta, 2019, p. 38) como, por exemplo, o recurso ao riso. A este aspecto eu já estive atento, por exemplo, na análise de romances nigerianos nos quais o riso e a música eram instrumentos essenciais para lidar com as dores, para movimentar os sentimentos e conhecimentos.[51]

Nesse diálogo, Pimenta argumenta que o riso é instrumento essencial nos dias de hoje de Serra Leoa: "ri das desgraças, usando o riso como a própria arma (e vingança) da dor da guerra" (Pimenta, 2019, p. 46); ainda que tal instrumento seja utilizado mais pelas mulheres, atrizes sociais que estão, amiúde, com maiores dificuldades/desvantagens em contextos bélicos, se pensarmos essas situações de forma generificada. "Sem dúvidas, o riso das mulheres estava diretamente ligado à lembrança dos riscos enfrentados para sobreviver" (Pimenta, 2019, p. 50). Em sua pesquisa de campo, a autora constata que já os homens, "ao contrário, sempre empostavam a voz e mudavam a performance do corpo ao rememorar o conflito" (Pimenta, 2019, p. 46), uma performance adotada também durante o conflito.

1.1. Literatura local

Todo esse histórico pré, durante e pós-guerra marcou indelevelmente a população de Serra Leoa, a qual vai expressar esse marco temporal de várias formas, inclusive através de

---

[51] Santana (2022).

romances e autobiografias. O professor, romancista e crítico literário serra-leonense Eustace Palmer (2006) postula que a literatura escrita de Serra Leoa ainda está em desenvolvimento, sendo que o próximo estágio desse processo se concretizaria no momento em que a população interiorana de seu país tivesse maior participação nas produções literárias, dominadas desde seus primórdios pela elite de Freetown. Sob a ótica de Palmer (2006), esse movimento levaria ao que chamo de indigenização literária,[52] ou seja, escritos elaborados por pessoas que estão em contato próximo com a tradição local e que, vivenciando essa tradição, a expressa de forma crítica, positivada e imaginativa.

Mas se em 2006 Palmer tinha a percepção de incipiência da literatura escrita de seu país, em 2024 fui convencido por Elizabeth Kamara que já existe muita produção literária em Serra Leoa. Fazendo referência ao objeto de estudo desta tese, Kamara (2024, entrevista pessoal) afirma que muitas pessoas estão sabendo sobre a guerra

> por causa da literatura, porque nossos escritores, nossos poetas, nossos dramaturgos, nossos romancistas capturaram as coisas que aconteceram naquela época e as colocaram em seus livros para que aqueles que vierem depois deles possam aprender com ela [*com a guerra*]. Aqueles que vierem depois podem aprender as lições que estão lá, aprender sobre as coisas boas que acontecem na sociedade e igualmente ser avisados contra a repetição das coisas negativas (*grifos meus*).

Por outro lado, a professora citada ressaltou que a Serra Leoa ainda tem dificuldade de aproximar as pessoas comuns da literatura escrita, afinal, é preciso alguma educação formal para a compreensão dessa forma literária. Em suas palavras, fazendo um contraponto à fácil disseminação da literatura oral, "você não precisa ser educado para contar um conto popular ou ouvir um conto popular sendo narrado e entendê-lo. E você não precisa ser educado para contar provérbios ou enigmas e outros gêneros de literatura oral" (Kamara, 2024, entrevista pessoal). Assim, indiretamente, a avaliação do atual cenário da relação entre a população de Serra Leoa com a literatura nos leva a crer que, por falta ou existência deficitária de códigos de leitura, as pessoas comuns ficam afastadas da significativa produção escrita de romancistas e outros literatas que já vêm disseminando suas produções há décadas.

Um primeiro nome proeminente na literatura escrita de Serra Leoa é o de Adelaide Casely-Hayford (1868-1960). Essa autora tinha a escrita baseada no estímulo do orgulho cultural e racial dos serra-leonenses no período colonial e na identificação do lugar da mulher

---

[52] Entendido aqui como a tomada de poder da escrita literária pelos grupos populacionais não centralizados em uma determinada sociedade, os quais utilizariam da sua própria posição social para representar elementos culturais e narrativos em suas produções, apresentando outras perspectivas e temáticas históricas.

nesse sistema. É válido ressaltar o papel singular de Casely-Hayford que, no início do século XX, criou uma escola vocacional para meninas em Serra Leoa, proporcionando oportunidades de agência para muitas crianças e adolescentes do sexo feminino. Além dela, Gladys Caseley-Hayford, Crispin George e Jacob Stanley Davies pertencem à primeira geração de literatas.

Pensando numa segunda geração de literatas, já no calor dos movimentos de independência em Serra Leoa, podemos citar os nomes de Robert Wellesley Cole (1907-1995), Delphine King, Raymond Sarif Easmon (1913-1997), Abioseh Nicol (1924-1994), William Farquhar Conton (1925-2003), Farid Raymond-Anthony (1933-2015) e Yulisa Pat Amadu Maddy (1936-2014). A escrita desses(as) autores(as) abordavam questões relacionadas ao nascente nacionalismo serra-leonense, aos choques culturais dos africanos em diáspora, como foi o caso pessoal dos(as) autores(as) supracitados(as), e os desafios das nações africanas nas primeiras décadas pós-independência.

Uma terceira geração pode ser delimitada nas últimas décadas do século XX com a produção de obras de nomes como Gaston Bart-Williams (1938-1990), Lemuel Johnson (1941-2002), Yema Lucilda Hunter (1943-2022) e Syl Cheney-Coker (1945-dias atuais). Além de abordarem a questão da diáspora, esses autores e autoras utilizaram a literatura como forma de denúncia em relação às estruturas, conjunturas e cenários de vida violentos em Serra Leoa pós-colonial.

Em último caso, temos uma quarta geração formada por autores(as) nascidos(as) na segunda metade do século XX e que têm publicado suas obras no século XXI: Aminatta Forna, Karamoh Kabba, Olufemi Terry, Namina Forna, Oumar Farouk Sesay, Mohamed Sheriff, Pede Hollist, J. Sorie Conteh, Paul Conton, Osman Sankoh, Elizabeth L.A. Kamara, assim como as autoras das fontes a serem analisadas nesta tese, Michaela DePrince, Mariatu Kamara e Ishmael Beah. A geração mais recente é marcada pela abordagem da guerra civil, da catástrofe do Ebola, das tensões entre o tradicional e o moderno, do capitalismo predatório em contexto africano e das formas de resistência a esses infortúnios.[53]

Percebe-se que, a despeito da "impopularidade" da literatura escrita, muitos homens e mulheres se dedicaram à produção literária em livros. Contudo, Sesay (2019) ressalta um aspecto problemático das gerações de escritores em Serra Leoa: cada geração é vista e se vê de forma independente, como se os escritores estivessem começando do zero a história da

[53] *Landscape of Memories*, de Oumar Farouk Sesay, *This Side of Nothingness*, de Mohamed Gibril Sesay, *Redemption Song*, de Yema Lucilda Hunter e *The Road to Kaibara*, de Gbanabom Hallowell são algumas das obras que abordam essas temáticas.

literatura escrita no país. Percebo que esse posicionamento dos/das escritoras(es) se dá por causa do desconhecimento em relação ao passado literário local ou pela tentativa de demarcar limites literários geracionais. Inclusive, talvez esta seja uma das possíveis explicações para o pouco conhecimento no mundo Ocidental, lusófono e brasileiro das literaturas produzidas em Serra Leoa, visto que parte dos serra-leonenses, até da própria elite letrada, desconhecem ou omitem a existência desses escritos anteriores. É óbvio que outros elementos influenciam nesse desconhecimento Ocidental, como a dificuldade do estabelecimento de fóruns de divulgação literária em Serra Leoa, a dificuldade de publicação de livros por conta dos recursos financeiros para tal ato ou a escassa existência de editoras (Sesay, 2019; Kamara, 2024), o que explica a construção de carreira literária no exílio. É salutar ressaltar que a virada do século XX para o XXI proporcionou uma pequena onda de criação de grupos editoriais no supramencionado país, sendo a *Pampana Publications* (concentrada mais na literatura infantil) e o *Sierra Leonean Writers Series* (SLWS) as principais editoras.

Um último ponto sobre a falta de ímpeto da literatura escrita em Serra Leoa é enfaticamente expressada por Sesay (2019, s/p.):

> Talvez o desafio em tudo isso seja a própria natureza do texto em papel como mídia para engajamento. Talvez escrever ou ler seja muito pessoal e privado para um povo sociável, muito taciturno para nossas comunidades volúveis, muito passivo para nossas culturas centradas no desempenho, muito conscientemente individual para uma sociedade onde a criatividade é comunitária e muitas vezes espontânea. Talvez seja porque a criação da literatura como texto é muito unilateral, muito monólogo, indireta e distante para a nossa cultura de conversas diretas e instantâneas. O objetivo, então, poderia ser tornar nossos textos mais dinâmicos, como através de feiras de livros e festivais de arte, como através de leituras em praças e vilas das cidades, através da inserção da literatura serra-leonesa nos currículos universitários e escolares, através de bibliotecas móveis, através de audiobooks, assim como através das telas dinâmicas da nova multimídia.

Em relação à geração mais recente de literatas de Serra Leoa, é pertinente realizar mais algumas reflexões. O excelentíssimo Mahomed Bamba (1966-2015), pesquisador de Costa do Marfim que atuou tantos anos em universidades do estado da Bahia, ao analisar a história, as singularidades e pluralidades do cinema africano, afirmou que os(as) cineastas da diáspora africana ocupam uma dupla identidade e que suas produções cinematográficas, amiúde, aspiram à universalidade (Bamba, 2017). Como postula o cineasta do Chade, Mahamat Saleh Haroun, o cinema africano de sua geração é "'um cinema nômade', sem territórios" (Haroun *apud* Bamba, 2017, p. 224). Talvez a mesma lógica esteja penetrada na literatura de Serra Leoa, numa quarta geração que busca olhar para os aspectos sociais universais, em detrimento

da expressão das singularidades e choques culturais que outrora fez parte da agenda literária local.[54]

Em qualquer circunstância, falar de literatura em Serra Leoa requer considerarmos, segundo Stephanie Newell, as influências árabes muçulmanas advindas das rotas comerciais que levaram àquele país mercadorias, ideias e literatura religiosa. Por isso, Newell afirma que

> os africanos ocidentais trocavam narrativas, ideias, doutrinas, música e notícias junto com mercadorias e moedas. Em momentos de expansão violenta, como as *jihads* islâmicas do início do século XIX, essas trocas culturais e econômicas foram mais fortes, criando uma paisagem islâmica que continua a crescer para o sul na região, permeando as literaturas orais e escritas da África Ocidental (Newell, 2006, p. 12).

É também necessário entendermos que o estudo sobre literaturas da África Ocidental deve ir "além dos limites convencionais da terra, conforme dispostos no atlas" (Newell, 2006, p. 15). Fazendo isso, estaríamos suscetíveis à percepção da importância do Atlântico negro na literatura de Serra Leoa e do papel dos movimentos antiescravistas do final do século XIX que facilitaram a publicação de narrativas de escravizados ou ex-escravizados naquele país. Por exemplo,

> Os jornais de propriedade africana desempenharam um papel sem paralelo na cultura política e literária do período colonial na África Ocidental, fornecendo aos africanos educados os meios para gerar posições contrárias às políticas dos estados coloniais. A imprensa de língua inglesa divulgou vários novos poetas e autores e ajudou os africanos a estabelecer conexões com movimentos anticoloniais na Índia (Newell, 2006, p. 18).

Assim, além de funcionar como instrumento colonial, a língua inglesa "tornou possível essas primeiras redes anticoloniais" (Newell, 2006, p. 18). Esse ambiente de trocas entre o mundo asiático, árabe, africano e ocidental contribuiu para a criação de identidades culturais e políticas na África Ocidental envolvendo, inclusive, ao longo do tempo, uma grande atividade literária. Ainda hoje o inglês é a principal língua de publicação em Serra Leoa e o alfabeto latino é o mais utilizado, ainda que existam publicações em árabe e em krio, mas em proporções bem menores. Sobre a questão da utilização de determinadas línguas, Sesay (2019, s/p.) postula:

---

[54] Não se entende aqui como literatura local apenas as obras escritas para um público-alvo circunscrito aos territórios étnicos e/ou nacionais. O termo literatura local está relacionado a um lugar específico de produção artística dentro de uma nação, no caso, Freetown.

> escrever em línguas serra-leonesas traria vozes mais frescas e novas maneiras de traduzir textualmente nossas experiências. Mas também não se deve esquecer que o inglês também é nosso […] O truque é não permitir que estes usos nos amarrem a formas estreitas de olhar para nós mesmos […] é sobre não permitir que o uso do inglês nos restrinja; mas também não descartar séculos de experiência e experimentação com a [*língua inglesa*] (*grifos meus*).

À vista disso, Newell pontua que o "ativismo político e a escrita criativa são inseparáveis na África Ocidental desde pelo menos a década de 1880" (Newell, 2006, p. 19). Tal afirmação é aplicável ao contexto específico da Serra Leoa, como veremos nos próximos capítulos, sobretudo no compromisso ético e histórico que Beah, DePrince e Kamara expressam a partir de suas obras literárias. Mas, por outro lado, "Em consequência, até recentemente, um dos princípios centrais da literatura da África Ocidental tem sido sua orientação política e a concomitante relutância dos autores em tolerar a ideia de 'arte pela arte'" (Newell, 2006, p. 20). Tal constatação é endossada por Kamara (2024, entrevista pessoal), a qual argumenta que, em Serra Leoa, "a maioria de nós escreve pelo desejo de mostrar às pessoas as coisas que estão erradas com a sociedade". Refletindo sobre isso, talvez uma produção literária orientada em excesso ao político e ao histórico, considere a questão da estética de forma secundária, tornando a literatura apenas um instrumento que justifica a sua existência, não uma experiência.

Outro componente crucial ao se falar de literatura em Serra Leoa é a questão racial, a qual esteve, inclusive, na base de construção da mencionada nação. Desse modo, a "negritude representa um momento fundacional na cultura literária da África Ocidental" (Newell, 2006, p. 24), podendo ser considerada uma escola literária da região. No caso de Serra Leoa, a questão da negritude esteve bem mais presente nos romances do século XX, momento que teve um estouro de salões, saraus e uma série de jornais literários.

Já a década de 1980 foi marcada, tanto em Serra Leoa, como no oeste africano no geral, pela crítica das romancistas aos escritores africanos do sexo masculino à invisibilidade e/ou fetichização feminina em suas obras. Essa crítica foi direcionada, inclusive, a grandes nomes da literatura mundial, como Chinua Achebe, Wole Soyinka e Ngugi wa Thiong'o. Escritoras, como Florence Stratton, expressavam abertamente a necessidade de "uma literatura que reconhecesse o papel heroico de mães africanas reais e comuns com água e madeira para coletar, terra para cultivar, filhos para criar e importantes papéis nas organizações sociais e políticas" (Newell, 2006, p. 38).

Em contexto específico de Serra Leoa, a década de 1980 foi marcada pelo *boom* do teatro que, na época, se tornou a principal expressão literária (Sesay, 2019). Já na década de 1990 a predominância literária foi a poesia. É importante salientar que uma expressão literária não apaga a existência da outra, apenas se alocam em níveis diferentes de mobilização social. Um exemplo disso pode ser visto na popularidade do "Teatro do macabro", como chamou Sesay (2019): peças que tratavam sobre a guerra civil e que foram produzidas ainda durante o calor do evento nos anos noventa, no auge da poesia; ou mesmo nos anos logo após a guerra, quando o teatro já não era uma expressão literária tão popular no país e, ainda assim, escritores como Mohamed Sheriff e Charlie Haffner, organizavam peças comunitárias com mensagem de paz para promover a reconciliação entre a população.

Chegando ao século XXI, nos anos 2000, assistimos a produção de diferentes gêneros literários simultaneamente, tendo a não-ficção como expressão literária mais popular, seguida da poesia, do romance e do conto. Mas a categoria literária que mais cresce em Serra Leoa é, desde o final da primeira década do século XXI, a literatura infantil. Talvez venha funcionando como uma forma de conscientização e letramento social das crianças, da infância e da juventude, atores centrais na história recente do país. No que diz respeito aos romances e biografias desse período, é possível perceber que os mesmos estão mergulhados na temática da guerra civil, mas também se abrindo a temáticas futuristas, o que corrobora para a proposição de Newell de que a literatura da África Ocidental "segue caminhos que podem ter sido abertos pelo colonialismo, mas que posteriormente se desenvolveram por caminhos próprios" (Newell, 2006, p. 08). Afinal,

> Desse ponto de vista, as pessoas não são recipientes passivos de ideologias importadas, mesmo nas situações mais extremas de dominação cultural global […] as pessoas absorverão o novo material em seus próprios discursos cultivados localmente e interpretá-lo através de seus próprios conjuntos particulares de entendimentos (Newell, 2006, p. 11).

Apesar de Newell se ater, principalmente, às produções literárias da macrorregião chamada de África Ocidental, suas proposições são válidas a este escrito na medida em que cada país dessa região compartilha experiências comuns em sua história: escravidão, domínio colonial, guerras civis e o compartilhamento de algumas cosmovisões básicas.

1.2. Representações e questões de método

Seja em África ou qualquer lugar que produza literatura baseada na trajetória de pessoas específicas, uma questão persegue os(as) historiadores(as): o que a vivência desse único indivíduo no universo, agora de oito bilhões de pessoas, pode contribuir para reflexões acerca de grupos sociais, comunidades ou sociedades como um todo? Sobre um cenário, uma conjuntura ou uma estrutura social? A raiz desses problemas é basilar para o historiador. Para achar possíveis caminhos para essas questões, permitam-me realizar uma pequena digressão.

Em *Song for Night* (2007), segundo romance do nigeriano Chris Abani, acompanhamos a história de My Lucky, um adolescente que foi recrutado pelas forças armadas de Biafra para ser soldado aos doze anos de idade. A narrativa vai se desenrolando e mostrando a resistência do personagem frente aos mais diversos eventos violentos, como ver pessoas sendo mortas e, ao mesmo tempo, ser a pessoa que também mata. No romance *Feras de lugar nenhum* (2006), Uzodinma Iweala, também nigeriano, nos envolve na história de Agu, uma criança que está entrando na puberdade e que foi capturada por outra criança, um pouco mais jovem que ele, para servir às forças armadas de seu Estado. Acompanhamos toda uma série de violências perpetradas por e contra Agu.

De forma semelhante, Ahmadou Kourouma, romancista de Costa do Marfim, cria o personagem Birahina, um menino que se envolve em diversos conflitos armados no continente africano, em *Alá e as crianças-soldados* (2003). Com suas singularidades autorais, as narrativas sobre crianças em situação de guerra vai se repetindo: nos romances *God Grew Tired of Us* de John Bul Dau (2007 – Sudão), *Little Boys Come from the Stars* e *Johnny Mad Dog* de Emmanuel Dongala (2001/2005 – Congo), *Jelly Baby* de Philip Begho (2004 – Serra Leoa) e na autobiografia *They Poured Fire on Us from the Sky* de Benson Deng (2005 – Sudão).

O que todas essas obras, sejam ficção ou não-ficção, têm em comum? Além de um tratamento estético da linguagem e da forma, nelas há representações em forma de relatos e/ou de personagens, de crianças e infâncias específicas, mas que compartilham elementos (vivências, reações, ações, etc.) com outros infantes que estavam submetidos a experiências semelhantes. Percebamos a conectividade entre os diferentes discursos. É explicitada a capacidade do ser humano, de modo geral, e da criança, de modo específico, em ser agente até nas situações adversas. Como pontua Nestrovski (2000, p. 196), em narrativas sobre a infância em eventos traumáticos, o que acessamos são “pedaços de infâncias, que retornam, transfigurados pela memória e pela escrita, ao narrador em busca de si”. O que Nestrovski

esquece é que, apesar desses pedaços de infâncias serem representados de forma escrita, há também as transfigurações narrativas orais. Afinal, como propõe o sociólogo serra-leonense Mohamed Gibril Sesay (2019) e Kamara (2024), para falar em literatura de Serra Leoa é preciso considerar suas expressões escritas, ouvidas e faladas.

Posto isso, é evidente que "considerar qualquer texto literário como o reflexo preciso e puro da sociedade é ignorar a criatividade do autor, bem como a textualidade da obra, a funcionalidade dos personagens e as qualidades literárias da linguagem" (Newell, 2006, p. 41). Contudo, ao mesmo tempo, a própria textualidade, narrativa e personagens representam um local de enunciação do discurso, sendo assim, históricos. O grande trabalho do historiador ao lidar com biografias seria, então, "'tramar' as vivências singulares com os contextos onde elas se realizaram, sem subsumi-las ao coletivo e, ao mesmo tempo, sem destacá-las dele" (Schmidt, 2017, p. 46). Segundo Benito Schmidt, a estrutura não é uma moldura rígida, o que pode ser questionável se focarmos em períodos de guerra. Podemos falar, a meu ver, sobre graus de rigidez dessas estruturas.

De todo modo, as biografias podem evocar memórias e defender valores morais e coletivos. Tendo essas características, Schmidt propõe que utilizemos os interlocutores biográficos "como inspirações para criarmos novos projetos de futuro" (Schmidt, 2017, p. 48). Nesse caso, como expressado na introdução desta tese, meu projeto de futuro almejado diz respeito à valorização da infância, das crianças, de suas capacidades e visibilização de suas vivências e agências, de acordo com os valores morais e coletivos desejados também por Ishmael Beah, Michaela DePrince, Mariatu Kamara e meus interlocutores de campo.

Dialogando com esses ideais, Ripe (2022) postula que as práticas do escrever e do ler, podem ser consideradas educativas. Se assim é, a escrita de autobiografias e romances seria um ato educativo e, como toda prática educativa, haveria recortes e escolhas do que deve ser narrado, escrito e lido. Concomitantemente, a relação de aprendizagem não depende apenas do(a) autor(a) desses escritos, mas também do(a) leitor(a), de suas subjetividades e conhecimentos prévios. Destarte, ao representar a realidade de forma escrita "estamos atribuindo um determinado sentido de uma evidência passada" (Ripe, 2022, p. 29).

Posto dessa forma, como as quatro gerações de escritas literárias dos mencionados autores(as) podem contribuir para a construção de narrativas históricas? Assim como um caso específico de uma criança/adolescente em contexto de guerra pode ser representativo e se conectar com a experiência de outras crianças em situações semelhantes, o que as quatro gerações de escritores(as) serra-leonenses propiciam ao conhecimento histórico é, por

exemplo, a identificação das continuidades e rupturas das formas representativas de um grupo social e das questões que mobilizam a escrita em determinado tempo e espaço. À vista disso, o(a) historiador(a), ao tomar a literatura como fonte e objeto, deve considerar os aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos do espaço no qual a obra foi produzida e o local de enunciação das representações literárias. Mas se todas as experiências de crianças em contexto bélico estão interconectadas, porque adotar quatro fontes de pesquisa?

Partindo desse questionamento, trago as reflexões de Slavoj Zizek (2008) sobre a visão em paralaxe. A paralaxe trata-se de uma ilusão que utiliza

> a mesma linguagem para fenômenos mutuamente intraduzíveis e que só podem ser compreendidos a partir de uma espécie de visão em paralaxe, de um ponto de vista sempre mutável entre dois pontos entre os quais não há síntese nem mediação possível […] embora sejam intimamente ligados, de certa maneira até idênticos (Zizek, 2008, p. 12).

Em outras palavras, de forma objetiva, a paralaxe é "o deslocamento aparente de um objeto (mudança de sua posição em relação ao fundo) causado pela mudança do ponto de observação que permite nova linha de visão" (Zizek, 2008, p. 29). Em suma, o quero afirmar a partir disso é que o sujeito não consegue ter uma visão panorâmica de um evento, visto o seu posicionamento particular no tempo e espaço histórico que cria os contornos do observável. É na diferença que está calcada a paralaxe; situação que impede a redução de um evento histórico aos pontos de vista isolados. Desse modo, as diferentes fontes literárias podem contribuir para a construção desse quebra-cabeça panorâmico que é a história.

As variadas perspectivas formam algumas visões coletivas, podendo ter alto grau de uniformidade dentro dessas visões. Ainda assim, a paralaxe está em ação, pois os variados indivíduos e grupos que compartilham dessas visões sobre algo, como a guerra civil de Serra Leoa, podem divergir, por exemplo, ao momento que determinado evento ocorreu e/ou como esse acontecimento impactou determinadas parcelas da população; Beah, por ser homem, pode menosprezar e não perceber o papel das meninas na guerra, enquanto DePrince e Kamara podem estar atentas a esse aspecto, pois vivenciaram a guerra civil neste local. Essas, por sua vez, podem não perceber a pressão social sobre os homens no que diz respeito à masculinidade em períodos bélicos.

Dito isso, considerar as diferentes posições sociais dos(as) autores(as) na produção de suas autobiografias e romance é primordial para a construção do conhecimento histórico sobre a temática, assim como levar em consideração a conjuntura, a estrutura e o cenário de

elaboração dos produtos culturais utilizados como fontes e objetos. É proveitoso assinalar que, ao analisar as autobiografias de Beah, DePrince e Kamara, tomo essas obras como biofícção, nos termos de Tunca & Ledent (2020), as quais postulam que se trata de uma micro-história, uma parte da história dos indivíduos esquecidos ou marginalizados na história hegemônica, que toma forma de narrativa em discurso quase novelístico.

Há neste gênero literário a contaminação dos componentes não ficcionais pelos elementos ficcionais e vice-versa, sendo as narrativas construídas a partir de uma interpretação dos eventos, governada por diferentes leis de estabelecimento de coerência. Para as autoras, há uma indefinição entre biografia e autobiografia, afinal, "o projeto de compreensão do outro torna-se igualmente o projeto de compreensão de si mesmo" (Tunca & Ledent, 2020, p. 342). O equivalente pode ser dito sobre outras questões: há uma indefinição entre público e privado, entre individual e coletivo, por isso a importância da utilização das autobiografias como fontes históricas. Isso quer dizer que a arte segue os princípios da realidade, emulando-a e sendo a própria realidade. Essa imitação/*mimesis* teria o papel de transportar a narrativa do particular para o universal, segundo Victor Knoll (1996, p. 68). Pensando nisso, Fábio Durão (2015) afirma que o aprendizado de uma pesquisa com literatura se dá "com a apreciação sensível dos traços do texto" (Durão, 2015, p. 386).

Mas como definir uma autobiografia. Segundo Verena Alberti, a autobiografia é uma narrativa que expressa como um indivíduo se relaciona e interpreta o seu passado individual e social, a partir de uma reconstituição realizada para ser lida por outras pessoas. É classificada enquanto literatura por ser uma expressão artística, uma narrativa estruturada que dá encadeamento aos fatos e à constituição do ser, a partir do presente e por seu texto estar vinculado "à existência de um indivíduo sujeito da criação, origem legítima da produção do discurso" (Alberti, 1991, p. 66). Ou seja, uma relação direta entre o autor e a narrativa presente no livro. Estamos falando sobre autoridade, criação e originalidade narrativa.

Philippe Lejeune (2008) propõe que a autobiografia ou literatura de intimidade seria uma "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (Lejeune, 2008, p. 14). Assim, na lógica do autor, com a qual compactuo, a autobiografia seria um objeto literário no qual existe uma relação identitária intrínseca e explícita entre autor, narrador e personagem. Nesse sentido, as obras analisadas nesta tese tratam-se de autobiografias autodiegéticas, ou seja, narradas em primeira pessoa, com narrativas referenciáveis, com poucas aberturas para perscrutações sobre o que realmente ocorreu,

afinal, a "autobiografia não é um jogo de adivinhação" (Lejeune, 2008, p. 26). Nessa linha de raciocínio, Lejeune define que: "o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro" (*Ibidem*). No caso da ficção, essa relação entre a história contada no livro e seu autor (autenticidade) não está em plena comunicação; não há a afirmação da identidade, ainda que possa haver semelhanças entre o conteúdo do livro e o autor, conforme a lógica da bioficção.

Sendo um texto referencial, a autobiografia se aproxima da narrativa histórica, pois se propõe "a fornecer informações a respeito de uma 'realidade' externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de verificação" (Lejeune, 2008, p. 36). O que está em jogo é a imagem do real, não a verossimilhança, como no caso da ficção, do pacto romanesco. Há, neste sentido, um pacto referencial implícito ou explícito que dialoga com o pacto autobiográfico. Essa imagem do real não é estática ou "pura", ela é maleável e afetada pelos "inevitáveis esquecimentos, erros, deformações voluntárias, etc" (Lejeune, 2008, p. 37). Desse modo, a autobiografia é um relato da verdade sobre determinado aspecto da vida, sob determinada paralaxe, assim como a narrativa histórica, não perdendo o caráter de enunciação autêntica. Dito isso, podemos afirmar que "o gênero autobiográfico é um gênero contratual" (Lejeune, 2008, p. 45), que "é tanto um modo de leitura quanto um tipo de escrita" (Lejeune, 2008, p. 46), fluxo que também ocorre no romance, mas com outras cláusulas.

Também preocupada com as problemáticas relacionadas à autobiografia em termos de definição e metodologia de pesquisa, Sabina Loriga (2011) ressalta que, ao lermos uma autobiografia, é necessário considerarmos que o(a) autor(a), narrador(a) e pessoa biografada são uma das expressões possíveis "das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc." (Loriga, 2011, p. 14). Dito de outra forma, trata-se de identificarmos a natureza multiforme desse passado que chega ao presente através da escrita literária específica.

Em diálogo com as proposições de Lejeune, Loriga pontua que a autobiografia pode funcionar como um relato histórico das populações subalternas, uma narrativa que proporciona ao(à) historiador(a) uma perspectiva não estatal dos acontecimentos históricos. Como constata a autora, "os fatos sociais só podem ser explicados explorando-se cientificamente as raízes do comportamento individual" (Loriga, 2011, p. 46), ainda que esse comportamento tenha componentes socioculturais. Mais uma vez voltamos à ambiguidade das autobiografias que ocupam o lugar do privado e do público, da escrita de si e de outrem.

Pensando sobre o caráter social dessas obras, a estudiosa ganense Theresah Ennin (2022) destaca a importância de olharmos para as memórias, biografias e autobiografias sobre a infância africana de forma positivada e visualizar aquelas obras que mostram as infâncias africanas sem dores, como *The Dark Child* de Camara Laye e *Aké: The Years of Childhood* de Wole Soyinka, mesmo sabendo que as biografias e autobiografias que ganham popularidade global são, principalmente, aquelas que tratam sobre infâncias traumáticas. Sobre essas, Ennin expõe que há duas visões na historiografia: um lado que afirma que as produções sobre infâncias traumáticas trazem à luz os variados tipos de abusos perpetrados contra as crianças; e um outro que defende que essas obras alimentam o voyeurismo da população, principalmente ocidental.

Analisando as supracitadas obras de Soyinka e Laye, Ennin (2022) afirma que os autores sentem nostalgia "de um tempo **despreocupado** na vida de duas crianças africanas, um tempo que os narradores relembram através do ato de recontar para revisitar as alegrias e a **inocência** daqueles dias" (Ennin, 2022, p. 265, *grifos meus*). Num determinado ponto de seu artigo, Ennin afirma que "a soma total das experiências da infância de Soyinka invariavelmente afetou sua personalidade adulta" (Ennin, 2022, p. 268). Se assim é, as escritas autobiográficas de DePrince, Beah e Kamara não podem ser diferentes. Mas ao contrário de Soyinka, todas elas não tiveram os privilégios de classe que Soyinka teve desde a infância.

Sim, é essencial olharmos para as infâncias desprovidas de privações e alegres do continente africano. Inclusive, suponho que todo trabalho acadêmico que trate sobre as "infâncias perdidas", deve situar, em algum momento, a existência das "infâncias em pleno desenvolvimento". É imperativo fugirmos das imagens controladoras abordadas por Collins (2019). Contudo, os exemplos de Soyinka e Laye, trazidos por Ennin (2022), já nos coloca uma problemática: a das gerações. Soyinka e Laye são de gerações mais antigas de literatas da África Ocidental, que não cresceram sob a sombra de guerras civis. Como olhar para a inocência e despreocupação da criança, no caso de Serra Leoa, sendo que uma nação inteira cresceu na privação desses mesmos elementos? Outro ponto: se o problema das memórias, biografias e autobiografias de traumas africanos infantis está no voyeurismo da população ocidental, então a resolutiva para tal problemática não estaria na promoção da educação dos(as) leitores(as)?

No caso das autobiografias utilizadas como objetos e fontes desta tese, por se tratarem de escritos sobre a situação das crianças em contexto bélico, Susanne Gerhmann e Charlott

Schönwetter (2017) vão chamar esse tipo de literatura de "autobiografia de detrito",[55] a qual se enfoca no trajeto das crianças à adolescência e/ou vida adulta e suas aprendizagens durante conflitos armados em África. Segundo as autoras, essas literaturas surgiram no contexto das últimas décadas do século XX, quando várias guerras civis estouraram no mundo pós-colonial.

Seja como for, para Gerhmann & Schönwetter (2017), essas obras rejeitam visões maniqueístas do ser criança. Assim, as autoras defendem que os escritos autobiográficos de crianças-soldado podem ser instrumentos através dos "quais os traumas de personagens individuais é representativo de um trauma coletivo" (Gerhmann & Schönwetter, 2017, p. 03). É pensando na rejeição das visões maniqueístas sobre as crianças que iniciaremos o próximo capítulo, definindo o que seria infância e criança-soldado.

[55] A primeira obra de detrito teria sido *Sozaboy*, do nigeriano Ken Saro-Wiwa, publicado em 1985.

2. Infâncias e Direitos Humanos

Até agora abordei as categorias direitos humanos e infância sem grandes compromissos teóricos e epistemológicos, de modo bem próximo das concepções do senso comum sobre os termos. Contudo, neste capítulo, tentarei definir essas categorias com a ajuda não só dos estudos teóricos sobre as temáticas, mas também das próprias fontes da tese, a literatura e as entrevistas que realizei em Freetown entre novembro e dezembro de 2024. Partindo de Victor Souza (2019), a Carta Mandinga (datada do século XIII) pode ser considerada um bom exemplo de fonte do próprio continente africano que fala sobre o que chamamos de direitos humanos, visto "que as categorias presentes no documento estão relacionadas ao modo de vida de povos tradicionais da África do Oeste" (Souza, 2019, p. 131).

De acordo com a bibliografia, já na Carta Mandinga, com seus quarenta e quatro artigos, havia uma preocupação com o direito à vida, à integridade física e até "ao cuidado com as crianças e com a sua educação" (Souza, 2019, p. 134). Obviamente, a educação que Souza se refere não é a educação eurocentrada e escolarizada que conhecemos na contemporaneidade. No artigo 9º, por exemplo, é ressaltado que "a educação das crianças compete à comunidade" (Souza, 2019, p. 135). Os ensinamentos da Carta estão em agência até os dias atuais, devido à transmissão oral dos mesmos, "preservada por intermédio de performances gestuais, musicalidades, danças, em ato solene, na presença de autoridades governamentais e membros da comunidade, em lugar de memória destacado" (Souza, 2019, p. 133).

Hodiernamente, podemos dizer que há dois sistemas de defesa dos Direitos Humanos: o global (ONU) e os regionais, como a União Africana (UA), agregado chamado também de Sistema Africano de Direitos Humanos (SADH). A Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança, um documento assinado por cinquenta e quatro países africanos, apresentada na Vigésima Sexta Sessão Ordinária da Assembleia dos Chefes de Estado e Governo da Organização da Unidade Africana, em Addis-Abeba, Etiópia, em Julho de 1990, defende que a infância é marcada pela imaturidade física e mental, fatores que indicam a necessidade de segurança e cuidados especiais nesta etapa da vida, que seria do zero aos dezoito anos. É esta definição de infância que venho adotando nesta tese.

No 15º artigo, o documento destaca que

> é reconhecido a toda criança o direito de estar protegida contra todas as formas de exploração econômica e contra o desempenho de qualquer trabalho que possa pôr em perigo a vida da criança ou que possa ser nocivo para sua saúde ou para o seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social (Organização da Unidade Africana, 1990, p. 09-10).

No artigo 22, os Estados que assinaram tal documento se comprometeram em assegurar "que nenhuma criança participe diretamente nas hostilidades [*geradas por conflitos armados*] e esteja isenta em particular, de ser recrutada" (Organização da Unidade Africana, 1990, p. 14, *grifos meus*). Considerando esses documentos e outros referenciais teóricos, vejo que a guerra civil de Serra Leoa, como qualquer outra guerra, foi um evento que causou grandes impactos às crianças, tanto materiais e simbólicos, quanto corporais/mentais/comportamentais.

Concomitantemente, a Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança que adoto como instrumento definidor da categoria infância não surgiu de um dia para o outro e sem arbitrariedades. Tal documento foi resultado de uma longa agenda global que buscou definir as crianças enquanto sujeitos de direitos, ditada pelos países europeus desde o início do século XX. A título de exemplo, em 1924, pós-Primeira Guerra Mundial, houve a criação da Declaração Universal dos Direitos da Criança, norma que não era de adesão obrigatória pelos Estados e que teve pouco impacto na atenuação das realidades infantis em diferentes localidades. Vinte e quatro anos depois, em 1948, pós-Segunda Guerra Mundial, houve a constituição da Declaração Universal dos Direitos do Homem, à luz do surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU). É a partir desse momento que uma série de normas internacionais foram criadas, propostas e impostas às diferentes localidades do globo.

No intuito de especificar melhor os direitos das crianças, em 1959 houve a elaboração da Declaração Universal dos Direitos da Criança e em 1989 a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, ambas normativas que influenciaram na criação tanto da Declaração sobre os Direitos e Bem-estar da Criança Africana (1979), à luz do surgimento da Organização da Unidade Africana (1963), como a criação da Carta Africana dos Direitos e Bem-estar da Criança (1990), à luz das democratizações nos países africanos e da relativa conscientização africana para a promoção dos Direitos Humanos.

Todavia, para além de um desejo por mudanças pelos próprios africanos, no mundo globalizado, não aderir a esses acordos internacionais era significado de sanções econômicas executadas pelos Estados outrora coloniais, em detrimento dos Estados subdesenvolvidos pelas ditas metrópoles. Por um lado, a definição de infância presente nos documentos

contemporâneos pode apontar para uma exogenia do termo no que se refere ao continente africano. Mas por outro lado, dialogando com a Carta Mandinga, percebe-se que os postulados contemporâneos sobre a infância não destoa essencialmente das definições propriamente africanas, se é que podemos falar assim.

Nesse sentido, em sua biografia, Michaela DePrince (2016) nos permite elaborar algumas reflexões sobre o assunto. A ideia de infância que a autora evidencia é caracterizada pela necessidade dos cuidados e proteção dos adultos que, numa sociedade machista, recaem sobre os ombros das mulheres (DePrince, 2016, p. 08; p. 19). Talvez possamos argumentar que a concepção de infância de DePrince seja enviesada já pela sua experiência juvenil de classe média, vivenciada nos Estados Unidos e na Europa, localidades que teriam formas particulares de se viver a infância. Contudo, enquanto ainda estava em Serra Leoa, Mabinty (nome atribuído pelos pais biológicos de DePrince) viveu parte de sua infância em um orfanato, sem apoio de instituições internacionais. Dito isso, a existência de uma instituição de cuidado e abrigo a pessoas de determinada faixa etária pode nos dizer um pouco sobre a concepção social em relação a determinado período da vida, chamado aqui de infância.

De forma semelhante, Beah (2015a, p. 02) fala sobre crianças que tiveram suas infâncias roubadas pela guerra civil. Ao escrever o prefácio da autobiografia de Mariatu Kamara, Beah rotula sua conterrânea como uma sobrevivente que teve sua infância surrupiada, assim como ele, e que nos apresenta uma "narrativa sobre a inocência perdida" (Beah, 2010, p. 15). Não há uma definição objetiva sobre o que seria o ser criança ou a infância, mas há indícios de uma vinculação dos termos a um período da vida, a uma determinada faixa etária, como aquela que definimos no "mundo Ocidental".

Na normalidade social, sem a guerra, por exemplo, jogar futebol na rua fazia parte das atividades destinadas às infâncias masculinas (Beah, 2015a, p. 119; Beah, 2015b, p. 12), tal como observei nas ruas de Freetown em 2024. Kamara também monta todo um cenário de como era a vida infantil antes da guerra: "Em Magborou [*cidade natal da autora*], nós, crianças, brincávamos com pernas de pau feitas com pedaços grossos de madeira, latas e cordas […] acabávamos brincando juntas […] e acabávamos sempre rindo" (Kamara, 2010, p. 54, *grifos meus*).

No primeiro romance de Beah, *O brilho do amanhã*, escrito com impulsos biográficos, para utilizar os termos de Tunca & Ledent (2020), vemos também o papel que a infância poderia ter socialmente em Serra Leoa, como animar e dar vida à comunidade (Beah, 2015b, p. 12). Ao mesmo tempo, seguindo os escritos do autor, é esperado pela sociedade certa

imaturidade das crianças, expectativa que foi modificada com a guerra civil. No pós-guerra, aquelas crianças outrora imaturas, "Eram [*consideradas*] maduras para a idade e haviam experimentado tanto sofrimento que cada dia na vida deles equivalia a três anos ou mais […] Precisava-se olhar com muita atenção para enxergar resíduos de infância" (Beah, 2015b, p. 32, *grifo meu*). Como argumenta Kamara (2010, p. 76), a guerra reforçou a necessidade de "aprender a sobreviver e tomar conta de nós mesmos após tamanha provação". A infância representada em *O brilho do amanhã* também está relacionada ao desenvolvimento corporal da criança ou a sua falta (Beah, 2015b, p. 34), assim como está vinculada à inocência (Beah, 2015b, p. 51).

Segundo Kamara (2010, p. 18), as pessoas em sua aldeia não celebravam aniversários, nem mantinham registros de idade, o que vai de encontro com os postulados de Pimenta (2019). Apesar disso, os membros de sua vila dispensavam tratamento diferenciado às crianças, entendidas como tal a partir do seu desenvolvimento corporal e comportamento social.[56] A prioridade alimentar na comunidade de Kamara eram as crianças, pois se tinha o entendimento que, por causa da sua condição física, a criança precisava mais de alimento. Desse modo, assim como no mundo ocidental, é possível afirmar que em África há uma hierarquia etária: são os mais velhos que controlam as refeições nas comunidades, que devem atuar nas instituições, entre outras ações de gerência e poder. Para cada grupo etário há deveres, direitos e responsabilidades, como lembram André & Hilgers (2015, p. 123).

Outro elemento que chama a atenção na narrativa de Beah (2015b, p. 55), pensando no esforço de conceituar a infância, é a ideia de que durante essa fase da vida, o ser humano tem um grau mais elevado de desconhecimento histórico, o que dificultaria o seu discernimento. O próprio Beah (2015a, p. 03) diz que, "aos dez anos de idade, não tinha capacidade de compreender" os tensionamentos sociais existentes em Serra Leoa no início da guerra civil. Talvez seja pela identificação dos adultos dessa imaturidade e desconhecimento histórico, que Mariatu Kamara, ao virar moradora de rua num determinado momento de sua narrativa biográfica, obtém vantagens por conta de sua condição: "Logo aprendi que crianças como eu, sem mãos, eram os melhores pedintes dentre todos. As pessoas de Freetown sentiam pena de nós, então nos davam mais dinheiro do que aos outros" (Kamara, 2010, p. 79).

Como podemos perceber, Mariatu Kamara nos apresenta um relato biográfico bem descritivo de como era a sua infância na década de 1990. O recorte da memória que Kamara

[56] E diria mais, a partir de Beah (2015b), a infância também seria entendida a partir do nível de acúmulo de sofrimento. Por isso a compreensão popular de que pessoas abastadas demoram para sair da infância.

exterioriza se inicia quando ela tinha 11 anos de idade. Na época, ela vivia com os tios, pois "era comum em meu país que as crianças das áreas rurais fossem criadas por outras pessoas em lugar de seus pais" (Kamara, 2010, p. 17). Percebe-se que a serra-leonense vivia numa família estendida. Kamara nos descreve a organização de sua aldeia, na qual "os adultos dormiam nos quartos menores, e nós, crianças, habitualmente dormíamos juntas na sala de estar" (*Ibidem*). Todas as famílias se ajudavam mutuamente e, frequentemente, homens realizavam tarefas externas, as mulheres as tarefas internas e as crianças brincavam, mas também ajudavam em tarefas de ambos os espaços dos adultos. No entanto, "as meninas passavam a maior parte do tempo com as mulheres e as outras meninas, não com seus pais, avós e tios" (Kamara, 2010, p. 20).

Outra pista para a definição de infância explanada por Kamara é que as crianças de sua aldeia não frequentavam a escola, mas por motivos econômicos, não culturais:[57] "Minha família, como todas as outras em Magborou, era muito pobre" (Kamara, 2010, p. 17). Como é constatado na autobiografia, crianças de famílias e comunidades mais abastadas frequentavam a escola. Trata-se, a meu ver, não de uma compreensão africana específica de viver a infância, mas de infâncias desprivilegiadas e marginalizadas do sistema capitalista que não têm poder de escolha, ou pelo menos, têm suas escolhas condicionadas. Então, o problema que tenho perseguido é: na contemporaneidade, em que medida são as questões materiais que impõem um modo de vida e não a cultura? Kamara constrói uma relação direta entre as habilidades pessoais não desenvolvidas (como cálculo básico) e a vida desejada; entre o modo de vida que ela nunca tinha tido (ter um quarto para si, como começou a ter em Londres ao ser adotada) e o modo de vida que ela tinha em sua terra natal.

Como Corsaro (2011) exemplifica, referindo-se ao contexto do norte da Nigéria pós-guerra civil, muitas crianças "usam o dinheiro do subsídio fornecido por seu trabalho para as mães, e executam pequenas tarefas para outros adultos" (Corsaro, 2011, p. 46). Ao contrário dos países desenvolvidos, nos países em desenvolvimento e subdesenvolvido, o trabalho infantil ocorre para as próprias famílias dos infantes ou para terceiros, no intuito de complementar a renda familiar. Nada há de essencialmente africano nessa vivência infantil.

Por exemplo, as crianças, em várias sociedades africanas, podem até considerar que devem "ajudar os mais velhos realizando várias atividades relacionadas ao trabalho de acordo com seu gênero e seguindo também sua posição social" (André & Hilgers, 2015, p. 124), mas

---

[57] Ou melhor dizendo, pela cultura excludente do capitalismo.

dificilmente as crianças consideram e/ou são consideradas como força de trabalho para o ato de guerrear. André & Hilgers (2015, p. 125) chegam a apontar para a diferenciação (com estratificação social) das crianças em África: as que trabalham em ambientes domésticos, as que atuam em ambientes a céu aberto e aquelas que não trabalham. O que os autores não abordam é se os mais pobres almejam ter condições financeiras para que suas crianças não precisem trabalhar. Se esse for o caso, trata-se de uma resignação infantil ao trabalho por questões de classe, não por questões locais e culturais africanas. Em acréscimo, a afirmação de que, no continente africano, as crianças que trabalham "consideram que o que fazem ajudam os mais velhos" (André & Hilgers, 2015, p. 135) não exclui os malefícios que tal exercício pode causar e/ou a insatisfação da criança ao trabalhar.

Então, ao me questionar qual marcador geopolítico rege minha escolha teórica de infância, a resposta possível é que seja um marcador voltado às experiências infantis da África, da América Latina e do oeste asiático, ou seja, do sul global. Por isso que considero as reflexões de Luciana Ballestrin como pertinentes, mesmo que tenham sido utilizadas para tecer pensamentos sobre o feminismo. De acordo com a autora, os elementos globais ou globalizados "não podem ser reduzidos ao colonialismo e ao colonial, pela complexidade das interações, racionalidades e processos que têm sido estabelecidas nas relações transnacionais entre diferentes atores e instituições – locais, nacionais, regionais, internacionais" (Ballestrin, 2020, p. 12).

Essa perspectiva de Ballestrin dialoga com o pensamento do escritor negro francês, Édouard Glissant, ao definir "creolização", conceito pertinente não só para pensarmos neste momento as categorias de infância e direitos humanos, mas também o trauma. De modo objetivo, o conceito de creolização parte de uma crítica a ideia globalizada e universalizante da identidade, assim como a ideia mitológica da "identidade-raiz". Realizando uma análise do pensamento de Glissant, Leonora Corsini pondera que o autor nos convida a pensarmos as identidades de forma relacional, que assumem "múltiplas formas ou facetas que se delineiam em meio aos conflitos, tensões e, também, conforto" (Corsini, 2008, p. 192).

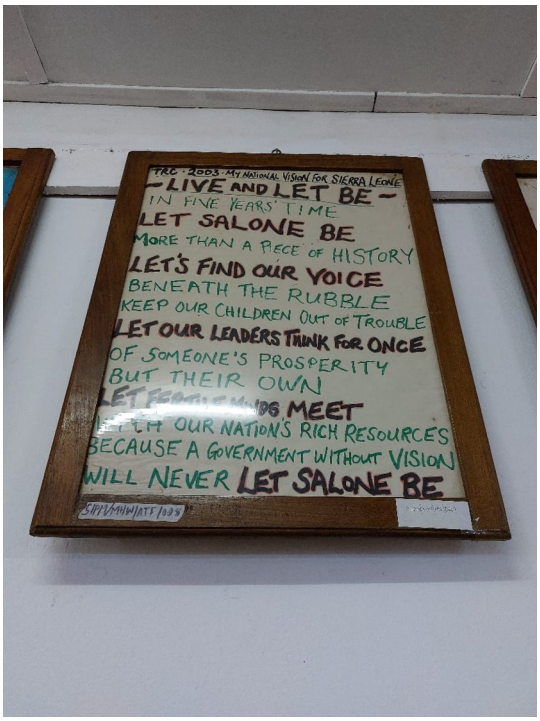
A globalização, nessa perspectiva, teria um papel fundamental na formação, apreensão e apropriação das identidades, aparecendo "de maneira mais concentrada e intensa nas grandes cidades" (Corsini, 2008, p. 193). As identidades, sob esse prisma, não é sinônimo de permanência, mas sim, variação, mobilidade. Como o próprio Glissant (2006, s/p.) afirmou, a creolização salienta "a maravilha do aqui-lá", impedindo de categorizarmos a realidade a partir de uma suposta estabilidade ideológica. O contato com o outro gera novas identidades,

ao mesmo tempo que cria a percepção de compatibilidade na multiplicidade. Em suma, ao considerar a multidirecionalidade do poder, Glissant (2006) e Corsini (2008) apontam para a diluição do que é subalterno e do é hegemônico, colocando “em xeque o paradigma binário” (Corsini, 2008, p. 195).

Esse posicionamento pessoal em relação à forma como podemos definir infância estava escancarado na prática, enquanto eu estava em Freetown. Lá, além de entrevistar muitas pessoas, visitei algumas instituições. Já nos primeiros dias fui ao *Sierra Leone Peace Museum*, localizado no bairro *New England*. Com um rico acervo disponível, pude ver expressões de como a instituição e as pessoas que contribuíram para construção desse espaço enxergam a infância em contexto bélico, pelo menos, superficialmente e no campo das normativas. Numa parte do acervo, a população civil pôde expressar seus desejos para o futuro de Serra Leoa através de um projeto intitulado *Looking to the Future – The National Vision Project*. Um dos quadros tinha o seguinte texto:

> Live and let be, in five years time let salone be more than a piece of history, lets find our voice beneath the rubble, **keep our children out of trouble**, let our leaders think for once of someone’s prosperity but their own, let fertile minds meet with our nation’s rich resources because a government without vision will never let salone be (Sierra Leone Peace Museum, 2024, *grifos meus*).

Figura 5: Exposição de quadro no Museu da Paz da Serra Leoa.



Fonte: Sierra Leone Peace Museum (2024).

Chama atenção que a infância faz parte do projeto de futuro. É necessário deixar as crianças afastadas de problemas, que aqui podemos entender como a violência em suas várias formas. Vários objetos expostos no museu reforçam a necessidade de se criar condições de vida para a população, seja através do materialismo cotidiano, seja através da política, inclusive para as crianças. No museu é possível perceber também que a relação do Estado com os jovens e crianças mudou no pós-guerra. Houve, pelo menos no plano teórico legislativo, ações que buscaram ampliar os mecanismos de defesa às crianças e adolescentes, como a criminalização por "not sending a child to primary school", exploração sexual infantil e prostituição infantil, e determinou a gratuidade do ensino público básico, condições de trabalho humanas para as crianças, o fortalecimento do Ministério da Juventude, criado em 2002, e o estabelecimento de "recreation centres throughout the country where children can be exposed to sports and the art of play" (Sierra Leone Peace Museum, 2024).

Percebe-se não apenas a adoção de condutas para a preservação da infância, mas também o desenvolvimento holístico das crianças. Da mesma forma, preservação e desenvolvimento da infância foram temáticas centrais em várias entrevistas que realizei. Relatos se repetiram de pessoas que não tiveram quem cuidasse delas na infância e isso as levaram a trilhar seus caminhos sozinhas. Aqueles que cresceram no interior, relataram com mais frequência os desafios da infância. Um entrevistado de 23 anos afirmou que sua infância foi ruim porque na aldeia onde cresceu, comia pela manhã, mas não sabia quando comeria de novo: "Normalmente as coisas são muito difíceis na vila para as crianças […] Às vezes, elas não comem nada até as 22h, 23h" (Anônimo XXV, 2024, entrevista pessoal). Em sua leitura atual, sua rotina na infância não deveria ser o modelo de como se criar uma criança.

Outros entrevistados relataram terem tido uma boa infância, que segundo uma entrevistada de trinta e seis anos, teve essa característica "porque aprendi a falar, fui à escola, cuidaram de mim durante o tempo em que eu fui à escola e muitas outras coisas que eles [meus pais] fizeram por mim" (Anônima XXIV, 2024, entrevista pessoal, *grifos meus*). E aqui entra o modelo de infância que a maioria dos entrevistados expressaram desejar para as crianças do presente e do futuro da Serra Leoa: uma infância livre de trabalho, tutorada por seus pais e com garantias de acesso a serviços básicos. Um entrevistado de apenas dezenove anos verbalizou que é necessário que os pais "cuidem de seus filhos, que tenha mais escolas, hospitais, orfanatos… eu tenho tudo isso em minha mente. Especialmente para os órfãos que

estão nas ruas. Tem que ter alguém para conversar, falar com eles, para cuidar deles, para alimentá-los" (Anônimo I, 2024, entrevista pessoal).

Para alguns entrevistados, essa tutelagem, tal qual ponderamos nas páginas anteriores, perpassa pela proteção contra eventos violentos: "Que a guerra não aconteça para as crianças de hoje e de amanhã. Porque o que aconteceu na guerra civil foi muito terrível. Então devemos tentar alertar agora" (Anônimo V, 2024, entrevista pessoal). Numa perspectiva mais global sobre a infância, um dos entrevistados pontua: "Eu desejo que o mundo mude e que nós possamos mudar o mundo. As crianças não vão ter uma vida boa se continuar assim. Queremos ser pessoas educadas no futuro. Queremos que o nosso país se desenvolva como os outros países" (Anônimo VI, 2024, entrevista pessoal). Para o texto não ficar pesado para a leitura, segue abaixo mais algumas concepções de pessoas entrevistadas em Freetown:

Mulher de 22 anos: *"Na Serra Leoa não temos tempo para as crianças. Tem países que o custo de vida é mediano. E esses são os países que são doces para elas aproveitarem e se desenvolverem. Mas em Serra Leoa… não temos direitos" (Anônima X, 2024, entrevista pessoal);*

Homem de idade não identificada: *"Eu as apoio para irem à escola. Talvez se elas [as crianças] terminarem a escola, alguém será advogado, alguém será médico, alguém será ministro" (Anônimo XIV, 2024, entrevista pessoal, grifos meus);*

Homem de 20 anos: *"Quero que o governo abrace as crianças com boas instalações escolares, comida, emprego… Não como aconteceu comigo e com os outros" (Anônimo XV, 2024, entrevista pessoal);*

Mulher de 43 anos: *"Se eu tiver ajuda para sustentar meus filhos, eles irão mais longe do que eu… para serem médicos, jornalistas, engenheiros" (Anônimo XIX, 2024, entrevista pessoal);*

Homem de 53 anos: *"Elas [as crianças] têm que voltar para a escola, descobrirem quem são seus pais, se estão vivos para cuidar deles, que prezem pelo bem-estar deles até o nível universitário. Então não é fácil" (Anônimo XXIX, 2024, entrevista pessoal, grifos meus).*

Todas essas falas catárticas demonstram que as infâncias vividas pela maioria dos infantes não condiz com as infâncias desejadas socialmente. Nesse sentido, é válido ressaltar a existência de uma instituição que descobri andando pela caótica e barulhenta Freetown, a *Hope for the Children Foundation*. A ONG foi fundada em 2016 por Khadijatu Koroma, uma jovem serra-leonense "que acredita no poder dos jovens para promover mudanças positivas em Serra Leoa, especialmente quando recebem a devida atenção que os tornará menos vulneráveis" (Hope for the Children, 2024, s/p., tradução minha).[58] A própria Koroma "foi vítima das circunstâncias, o que hoje despertou nela a paixão por contribuir para uma melhor qualidade de vida para crianças em todo o país" (Hope for Children, 2024, s/p.).[59]

Entre os objetivos da organização estão: (1) resolver os problemas enfrentados pelas crianças de rua que não têm outra opção a não ser se defenderem sozinhas por todos os meios possíveis, incluindo o trabalho infantil; (2) a formação de cidadãos produtivos de forma holística; (3) capacitar jovens negligenciados e marginalizados, incluindo órfãos; (4) fornecer oportunidades de subsistência; (5) cuidar da saúde e bem-estar das crianças; (6) fornecer apoio educacional; (7) defender os direitos das crianças; e (8) combater a violência de gênero. A instituição chama a atenção ainda para a necessidade de se criar ambientes familiares para o crescimento das crianças. É interessante a existência dessa e de tantas outras instituições locais que buscam amparar as crianças, construindo ambientes de respeito aos direitos humanos, pois mostram que tais preocupações não fazem parte apenas da agenda dos estrangeiros ou dos interesses "imperiais".

Conquanto, mesmo considerando as proposições das fontes documentais, teóricas, literárias e orais supracitadas sobre a infância, julgo necessária a apresentação de algumas contra-narrativas que problematizam essas definições, afinal, os direitos fundamentais e a infância como conhecemos hoje foram formuladas no mundo Ocidental, carregando em si uma "perspectiva igualmente formadora de uma percepção religiosa (cristandade), racial (homem branco), epistêmica (iluminismo), geográfica (Europa) e ideológica (eurocentrismo)" (Souza, 2019, p. 130). Para fazer essa contraposição, acredito que os pontos sobre "pureza" e "imaturidade" das crianças sejam bons fios condutores.

Debbie Olson (2019, p. 86) afirma que "o conceito de infância na África é, em alguns aspectos, diferente das noções idealizadas de infância proeminente no Ocidente". Aqui cabe

---

[58] Texto original: "who believes in the power of young people to effect positive change in Sierra Leone especially so when they are given the due attention that will make them less vulnerable".

[59] Texto original: "been a victim of circumstance, which has today ignited her passion for contributing to improved quality of life for children across the country".

ressaltar a expressão “em alguns aspectos”, qual sugere que as diferenças não são tão profundas como as correntes teóricas críticas mais radicais indicam, como veremos. Mas no que diz respeito a essas dessemelhanças, Olson argumenta que “em algumas partes da África Ocidental, as crianças são frequentemente vistas como mais próximas do reino espiritual e, como tais, não são ‘totalmente confiáveis’ pelos adultos” (Olson, 2019, p. 86). Não sei de quais localidades em específico a autora refere-se, mas consigo traçar uma semelhança na dessemelhança. De certo modo, no mundo ocidental cristão, as crianças também são vistas como puras, estado que seria resultado da falta de maldade, supostamente, inerente a esta etapa da vida. Por conseguinte, o vínculo/diálogo das crianças com as entidades divinas seria mais fácil, mais comum e mais provável.

Realizo essa comparação para pontuar que, mesmo com discursos levemente diferentes, há um padrão nas culturas aqui expressas (ocidentais e africanas ocidentais) sobre as crianças. Em ambas concepções é evidente o entendimento de que o trajeto natural do ser humano é passar da imaturidade para a maturidade, que nas palavras de Corsaro (2011, p. 36) é “uma visão linear do processo de desenvolvimento”, mesma perspectiva desenhada por Beah, DePrince e Kamara sobre a infância. Kamara (2010), por exemplo, fala sobre a Sociedade Secreta Bondo, na qual jovens meninas são iniciadas. Esse é um ritual pelo qual as meninas marcam socialmente a sua chegada à juventude. A *digba* ou *soweis*, uma mulher mais velha, é a responsável pela cerimônia que mutila a genitália feminina e ensina as meninas a cuidarem da casa, a cozinhar e a costurar.[60] Relembrando esse ritual ao qual passou aos nove anos de idade e que durou quatro meses, Kamara (2010, p. 89) explana:

> Uma cabana havia sido erguida especialmente para as outras jovens e eu, e seria nossa casa. Nós só tínhamos autorização para deixá-la para ir ao toalete, e, antes de sair, devíamos pintar a face e o corpo com uma tinta branca à base de gesso. A pintura era para simbolizar nossa **pureza** e a transição de criança para moça ou mulher (*grifo meu*).

Mais uma vez é reforçado o entendimento de infância calcado na ideia de ingenuidade, imaturidade, candura e de ser embrionário no mundo. Por isso que uma tia de Kamara, Yabom, busca amenizar o sofrimento da futura autora com a perda de seu filho ao dizer: “Você era ainda uma criança, e as crianças não estão preparadas para ter bebês” (Kamara, 2010, p. 144).

---

[60] Apesar de ser um ritual tradicional serra-leonense, está longe de ser uma prática aceita acriticamente pela maioria da população daquele país, como é possível constatar em reportagem da BBC: < https://www.youtube.com/watch?v=1iRaKep87fM >. Acesso em: 24 jan. 2026.

Seja como for, baseada em autores da Antropologia Social que caracterizam teoricamente a infância, Elena Colonna (2009) argumenta que essa categoria é, como qualquer outra, fruto de uma construção social, ou seja, não é natural nem universal:

> Assim, enquanto as crianças existem concretamente como seres bio-psico-sociais, a infância não é nada mais do que uma modalidade de observação, uma categoria do pensamento, uma representação […] qualquer concepção de infância é apenas uma definição parcial de 'múltiplas realidades', no entanto, uma determinada realidade é sempre tida como óbvia e legítima dentro do contexto onde ela é produzida (Colonna, 2009, p. 12).

Na interpretação de Colonna (2009), a ideia globalizada de infância tem raízes nas culturas de classe média europeia e estadunidense, as quais destinam o ambiente doméstico e escolar às crianças. Para a autora, essa concepção patologiza "todas as crianças que trabalham ou que vivem nas ruas, que são presentes nos espaços públicos e ausentes da escola e da casa, representam alguma forma de disfunção pessoal ou familiar" (Colonna, 2009, p. 13). Concordo em partes com a enunciação de Colonna. No entanto, a questão que eu faço é: até que ponto o dito "Terceiro Mundo" não "comprou" essa ideia de infância "ocidental" e começou a aspirar tal modelo para seus infantes? E mais: não estaríamos rotulando como infância não-ocidental experiências e condições degradantes, como a fome, a laboração pesada e a participação de crianças em guerras?

Reforço: trata-se então, a grosso modo, da divisão entre infâncias beneficiadas do sistema capitalista e as infâncias desfavorecidas desse mesmo sistema, não necessariamente da binaridade ocidental/não-ocidental. Ainda que a maioria das infâncias em África sejam vividas fora dos anseios da classe média europeia tida como padrão, essas vivências são semelhantes a outras realidades marginais do sistema capitalista extra-africanos. Por isso que, para Huynh *et al*. (2012, p. 64), juventude, e aqui estendo a reflexão para pensarmos a infância, é definida "pela falta de oportunidades de emprego digno e de acesso a recursos".

A perspectiva sobre a qual disserto aqui, busca fugir da tão frequente negação da coetaneidade (das mudanças sociais, da temporalidade progressiva, do compartilhamento de elementos entre sociedades) quando olhamos para contextos africanos. Sobre isso, Müller & Araújo (2020, p. 13) argumentam que na perspectiva crítica acadêmica, amiúde, existe o exercício da alocronia, ou seja, a distinção entre regimes temporais humanos. Ao continente africano caberia a indefinição da duração da infância, diferente do mundo ocidental, com limites da infância bem definidos. Assim, o que busco aqui é a homocronia ou o

reconhecimento pleno da coetaneidade (do compartilhamento de elementos sociais). Trata-se de ir além: a África e os(as) africanos(as) não são meros resultados do colonialismo, como não são aquela essência "do que é considerado originalmente africano" (Müller & Araújo, 2020, p. 16). Mais uma vez dialogo com o conceito de creolização.

Nesse mesmo sentido, segundo Newell (2006), os pesquisadores pós-coloniais têm cometido um grande erro ao analisar publicações literárias escritas da África Ocidental. Esse erro consistiria na ideia do africano sem individualidade, que vive para o coletivo, em contraposição aos ocidentais capitalistas, considerados indivíduos. Newell postula que essa visão "não escapa a esse legado colonialista invertendo a valoração negativa da África e tornando-a uma qualidade positiva" (Newell, 2006, p. 31). Transforma-se assim "as qualidades que foram rotuladas como 'más' em características 'boas', sem contestar os termos do próprio discurso" (*ibidem*).

Seja como for, Muniz Falcão (2026), do ponto de vista normativo, pontua que os documentos regulatórios regionais africanos sobre os direitos humanos e sobre as infâncias foram fundadas no eurocentrismo e na necropolítica, carregando categorias do norte global e biopoder de governança (Muniz Falcão, 2026, p. 14). Assim, as normativas internacionais e regionais estariam carregadas de colonialidade que, por conseguinte, impedem a coexistência dos modos de significação do mundo. Mas como ponderei nas páginas anteriores, a visão binária, presente nas argumentações de Muniz Falcão, impedem a apreensão da multipolaridade do poder. Nem o racismo funciona de forma binária.

Nesse sentido, sob o prisma crítico, Luisa Façanha (2011) defende que o uso do conceito ocidental de infância "silencia outras definições alternativas e negligencia a influência de circunstâncias culturais, políticas, econômicas e sociais nas experiências de vida de cada criança" (Façanha, 2011, p. 18). Ao adotarmos essa epistemologia da infância, segundo a autora, acabaríamos por ser responsáveis "por desconectar a criança da sua realidade social, das definições de infância da sua sociedade e das consequentes atividades atribuídas a ela" (*Ibidem*). Nessa lógica, os discursos dominantes sobre a infância nos faria reproduzir formas "de categorizar, pensar e agir em determinada realidade social de modo que ações alternativas se tornam impensáveis" (Façanha, 2011, p. 21).

Frequentemente as teorias críticas do conceito mais disseminado de infância afirmam que o mundo ocidental despoja as pessoas em idade puerícia de sua autonomia e capacidade de contribuição para a sociedade. Contudo, como mostra Ripe (2022) em sua pesquisa relacionada aos séculos XVII e XVIII da cultura impressa portuguesa, já naquele contexto, "o

infantil não era mais observado como uma ovelha por seu pastor, mas incitado a vigiar as suas próprias ações bem como realizar constantes autorreflexões a fim de se autoconduzir" (Ripe, 2022, p. 18).

À vista disso, de acordo com Nascimento (2012, p. 44), "para as cosmovisões banto e iorubá, não chegamos prontos ao mundo […] Isso implica dizer que o processo de subjetivação que finda na elaboração da pessoa é contínuo e comunitário". O que não difere da concepção dita ocidental de infância. No entanto, em algumas sociedades africanas mais tradicionais, localizadas principalmente nas zonas rurais, incluindo em Serra Leoa, a criança é sim entendida

> como uma espécie de mensageira da ancestralidade, de modo que a infância é um signo de continuidade dinâmica, que traz em si toda a potência da memória ancestral, que deverá ser atualizada na formação […] [*servindo de*] argamassa tradicional através da qual toda a possibilidade de transformação se instaura. A infância é, assim, a marca de um recomeço que, partindo do já dado na história, na cultura e nos valores, abre a possibilidade de que outras experiências se instaurem. A infância, para os bantos e iorubas, recusa a noção de propriedade ou *patria potestas.* As crianças são filhas de uma grande família [*como no caso de Mariatu Kamara*], a comunidade, e trazem consigo toda a ancestralidade desta. Essa família expandida faz com que a responsabilidade coletiva da educação/formação seja materializada (Nascimento, 2012, p. 47, *grifos meus*).

Esses pressupostos dialogam com a afirmação de Beah (2015b) de que toda história se inicia e termina a partir da criança. É considerando essa ancestralidade que a teoria crítica da infância argumenta que, ao elencarmos o conceito ocidental de infância como universal,[61] corroboramos para a

> criação de hierarquias entre os Estados que possuem capacidade de se comprometerem com as normas internacionais, garantindo, dessa forma, a promoção dos direitos individuais dos seus cidadãos e os Estados em conflito que são vistos como incapazes de proteger a sua população, particularmente a sua população infantil, dos efeitos das guerras (Façanha, 2011, p. 19).

No entanto, não vejo essa hierarquia entre Estados que têm conseguido defender os direitos de sua população e os que não têm conseguido como algo negativo. O que não podemos é cristalizar as ideias de que sempre o estado de incapacidade fez e fará parte da realidade dos Estados em conflitos armados, como foi o caso de Serra Leoa. Façanha também não apresenta nenhuma outra concepção de infância, assim como várias outras produções acadêmicas que criticam categorizações "geradas" no Ocidente.

---

[61] E aqui é válido frisar que se trata da infância desejada da classe média.

Evidenciar as potencialidades e os limites do conceito trabalhado é essencial para o(a) historiador(a). Neste caso, devemos ter em mente que a ideia de proteção à criança e sua infância não é apenas um fenômeno ocidental. Historicamente, em grande parte do continente africano, as crianças foram e são "consideradas como seres humanos que são biologicamente vulneráveis e precisam de ajuda, orientação, proteção e socialização adequada para perpetuar os legados estruturais de sua família e cultura" (Botchway, 2019, p. 08), assim como exemplificado com as biografias e romance de Beah, DePrince e Kamara. Contudo, na atualidade, sobretudo nas grandes cidades, como em Freetown, essa proteção à infância está mais atrelada à preparação para o mercado de trabalho do que para a perpetuação de legados culturais.

De qualquer forma, para Colonna (2009), o problema estaria na hierarquia de poder que se construiu em relação às infâncias, sem entender que

> modelos de comportamento 'patológicos' para uns, podem resultar 'normais' para os outros. Por exemplo, o desenvolvimento precoce de mecanismos de sobrevivência, tais como o trabalho infantil, é visto por muitos como parte do normal processo de socialização das crianças (Colonna, 2009, p. 14).

A autora não conjectura que nem todo comportamento normalizado numa sociedade é aquele comportamento desejado pela mesma. Ver crianças agredindo e matando foi uma experiência normalizada durantes os idos da guerra civil serra-leonense, tampouco era um desejo social esse envolvimento infantil no conflito. Como a própria Mariatu Kamara relatou, a sua infância desejada seria aquela na qual pudesse ter "belas roupas, comida à vontade, segurança e noites de sono ininterrupto" (Kamara, 2010, p. 82). Em última análise, o próprio artigo de Colonna (2009), que tem como objetivo "levantar algumas questões mais gerais sobre a relação existente entre a investigação científica e as crianças do continente africano" (Colonna, 2009, p. 03), de vinte páginas, destina apenas uma página e meia (nas páginas 19 e 20) para falar especificamente sobre a ideia de infância no mencionado continente.

A questão que fica é: seria essa "desconstrução" da categoria infância uma inquietação dos próprios africanos ou, como defendo, uma inquietação do mundo acadêmico ocidental que necessita olhar para seus conhecimentos construídos e reconfigurá-los? Para onde somos levados ao dissociar a ideia de "infância africana" da "ideia ocidental" de infância? Sem dúvidas há formas de se viver a infância que são influenciadas pela procedência dessa criança (rural ou urbana) ou por fatores como classe, gênero e etnia. Mas o que quero dizer é que a

infância é, em qualquer sociedade, uma fase da vida separada daquela que chamamos de adultez e velhice. Em muitas cosmologias, há a interpretação social de que as crianças só obtêm sabedoria ao decorrer da vida. Assim, refletindo sobre a utilização da categoria "trauma", de acordo com Tunca (2013, p. 128), "embora se deva prestar atenção à cultura das generalizações […] uma 'tendência ao hiper-particularismo' […] em que a aplicação de modelos teóricos seria restrita aos seus contextos de origem pode ser igualmente contraproducente".

Por isso que trato aqui de infância no singular, pois a existência de sua pluralidade interna não é passível de dissolvimento do conceito geral, tal como alvitrou Alanen (2016, p. 157) e Qvortrup (2010). Quando trato sobre infância no singular, faço isso baseado na premissa de que mesmo em localidades diferentes do globo, em sociedades diferentes, a infância pertence à mesma classe ou ordem. Assim, argumento que, comumente, o discurso baseado na diversidade da infância (que enfatiza a particularidade do ser criança em África) acaba excluindo elementos que são essenciais para a vida humana e os desejos dos adultos para com a infância: como alimentação, saúde e moradias salubres. Nesse sentido, Qvortrup (2010, p. 1126) questiona: "Estaríamos […] perdendo de vista a posição e o *status* comum às crianças quando as visualizamos pelas lentes da diversidade? Temo que este seja realmente o caso".

Ao escolher abordar os aspectos comuns a toda infância, ajo conforme as prerrogativas de Qvortrup (2010, p. 1127), o qual postula que o foco na diversidade da infância "nos diverte do que é característico da infância como categoria social. De fato, privilegia características que não pertencem nem à infância, nem ao que as crianças partilham com as outras categorias". Dito isso, "Os estudos sociais sobre a infância […] não devem considerar como tarefa primeira procurar diferenças *entre* crianças, assim como os estudos de classe não devem priorizar as diferenças entre trabalhadores" (Qvortrup, 2010, p. 1128). No cerne do argumento de Qvortrup está a ideia de que toda categoria é elaborada em relação à outra categoria, seja ela oposta ou complementar. A infância teria o conceito "adulto" como comparativo correspondente, que segundo o autor, é uma distinção estrutural na maioria das sociedades. Por conseguinte, a maioria das abordagens que focam na diversidade da infância, "ressaltam a variabilidade, a diversidade, a diferenciação […] aparentemente, ignoram o fato de que todas são crianças" (Qvortrup, 2010, p. 1133).

Conforme André & Hilgers (2015), guiados pelas prerrogativas de Bourdieu sobre o *habitus*, a análise sociológica da infância tem a preocupação com o "conjunto de agentes

colocados em condições de existência semelhantes que impõem um tipo semelhante de socialização [*e experiência*] que conduz a sistemas homogêneos de disposições" (André & Hilgers, 2015, p. 124, *grifos meus*). As condições de existência partilhadas que chamo atenção são as vivências impostas às infâncias à margem do capitalismo, com recursos financeiros escassos. Por esse prisma, Beah (2015b) nos conduz a um entendimento do que é ser criança/humano: "Agradeço […] principalmente às crianças, que deixaram uma marca indelével em mim do que significa ser humano em qualquer lugar a qualquer hora" (Beah, 2015b, p. 273).

Aqui abro um parêntese. Uma vez uma amiga brasileira que trabalhava para a ONU me contou sobre sua experiência de visitar o Marrocos. Antes da viagem ela pensou e pesquisou minuciosamente sobre as vestimentas das mulheres naquele país africano, concluindo que era melhor estar lá vestindo roupas folgadas e com *hijab*. Chegando em Marrakech, capital de Marrocos, a brasileira percebeu que estava deslocada com sua vestimenta "à moda local"; a maioria das mulheres estavam usando calças *jeans* e sem *hijab*.

O que quero pontuar a partir dessa lembrança é que, amiúde, nós historiadores e historiadoras, a fim de "cumprir bem" o nosso ofício, desconstruímos o que muitas vezes não está construído e desenhamos uma outra sociedade como "conservadora" em seus costumes, tradições e culturas, mas quando entramos em contato com as mesmas, percebemos que ela não é aquela caricatura: que boa parte das mulheres de Marrakech podem não andar de *hijab*, que a ideia de infância ocidental não é só ocidental, pois penetrou em variadas localidades, que por sua vez ressignificou ou apenas reproduziu tal categoria em seu meio social, assim como exportou formas de identificar a infância para além do território africano. Não quero dizer que não há mulheres usando *hijab* no Marrocos, nem que não existe outra concepção de infância em sociedades africanas, mas sim que as civilizações mudam mais rápido do que enxergamos, principalmente nas grandes cidades, tal como Freetown.

Por exemplo, na Nigéria, em Serra Leoa e em outras localidades africanas, nas famílias mais tradicionais, há rituais de transição entre a infância e a adultez, práticas que não são vistas com frequência no Ocidente. Em partes da Nigéria, um homem mais velho faz um corte em forma de arco nos tornozelos e pulsos para marcar fisicamente a transição da infância masculina para a vida adulta (Ennin, 2022, p. 269). Esse corte tem significado espiritual, físico e emocional no desenvolvimento do jovem. Na Tanzânia, entre o grupo étnico maasai, a circuncisão é um outro tipo de corte que simboliza a supracitada transição. Mas no Ocidente as festas de quinze e dezoito anos também funcionam como rituais, apesar

de não serem marcas corporais e de estarem, amiúde, vinculadas às práticas de consumo capitalista da classe média.

A economia das sociedades africanas, até o século XIX, era fundada na produção de alimentos, ou seja, na agricultura. Conforme Ajayi (2010), por causa da centralidade desse tipo de produção, é possível entender as relações sociais e políticas africanas. Tal como, nesse contexto, as crianças participavam da semeadura, junto com as mulheres e homens adultos. Além disso, "as crianças guardavam os carneiros, as cabras e outros animais" (Ajayi, 2010, p. 18), além de participarem da preparação de alimentos. As crianças eram cuidadas pela família estendida. Essa família tinha a responsabilidade de assegurar a saúde, segurança e bem-estar da criança.

Sem embargo, nos dias atuais, apesar dessa rotina infantil ainda existir em África, coexiste de forma pujante o desejo e vivência de outros modos de infância, como já mencionado em relação à minha experiência na capital de Serra Leoa, do mesmo modo que identifiquei em pesquisa de campo na Tanzânia. Ao entrevistar uma pequena amostra de nove homens na ilha de Zanzibar, a percepção gerada dos relatos foi que a infância, naquele Estado, esteve e está condicionada à estrutura capitalista, a qual criou desejos e necessidades de uma vida baseada na acumulação de recursos financeiros.[62]

Os relatos atribuíram grande importância à educação escolar como instrumento de mobilidade social, dialogando com as considerações de Mozie (2021) sobre a população igbo nigeriana pós-colonial. Segundo o autor, para esse grupo étnico, as crianças deveriam ter educação formal para poder ter mais oportunidades no futuro profissional e, por conseguinte, poder ajudar a família financeiramente. Foi essa perspectiva social que contribuiu para a ascensão política, econômica e cultural dos igbos nas últimas décadas na Nigéria.

Mas é possível mesclar a perspectiva globalizada da infância no capitalismo com os pensamentos tradicionais para compreender os impactos da guerra civil serra-leonense nas crianças. No interior de Serra Leoa, segundo Tynes (2012), a criança costuma pertencer à família nuclear, mas deve responder às normas das sociedades secretas, como a sociedade masculina *Poro*. Integrada a essa sociedade, a criança deveria ser domesticada, guiada por um homem adulto para "que esteja em conformidade com as normas sociais" (Tynes, 2012, p. 20), religiosas e culturais.

---

[62] Pesquisa realizada em junho de 2024, em inglês, a partir de abordagem censitária.

Nessas sociedades, as crianças não são vistas como inocentes e carregam consigo um enorme poder, um potencial que os adultos podem "sugá-lo", destruí-lo ou desenvolvê-lo. Esse poder, baseado nas proposições da antropóloga Mariane Ferme, pode ser do bem ou do mau. Crianças que ao nascerem colocam a mãe em risco de vida, por exemplo, são consideradas carregadas de espíritos ruins. As crianças são, assim, seres ambíguos: "às vezes 'pessoas reais', mas também são consideradas como animais, incapazes de controlar os seus comportamentos. Esta marginalidade torna as crianças uma ameaça potencial para a ordem social" (Tynes, 2012, p. 19). Foi essa ambiguidade que os adultos mobilizaram antes e durante a guerra civil, no intuito de derrubar o *status quo*.

Longe das sociedades secretas, havia pouco a se fazer pelos adultos para controlar a "periculosidade" dos infantes, chamados pela FRU de *wild boys*: "Como combatentes, as crianças estavam ameaçando porque eram um poder caótico com uma arma" (Tynes, 2012, p. 20), ou seja, a FRU "solidificou o poder das crianças" (Tynes, 2012, p. 29). Concomitantemente, de modo geral, as culturas da Serra Leoa têm "um forte tabu contra forçar as crianças a lutarem em guerra de adultos" (Tynes, 2012, p. 24) ou mesmo, de um adulto matar uma criança.

Sendo assim, trago as concepções de Wanderson Nascimento (2012), o qual defende que não podemos pensar a concepção de infância no continente africano sem refletir sobre as influências ocidentais nesse espaço, no próprio "conceito africano" de infância, afinal, "em função dessa colonização do imaginário, uma mescla entre o pensamento tradicional e o pensamento implantado no encontro com a colonização" ocorreu (Nascimento, 2012, p. 43). Desse modo, não podemos procurar uma concepção de infância autenticamente africana, pois "[…] as tradições são dinâmicas: elas transformam-se com a história" (*Ibidem*). Uma passagem resume bem o ponto de vista adotado nesta pesquisa:

> Este foco na singularidade da infância africana pode servir para perpetuar a 'alteridade' frequentemente associada ao crescimento na África, em vez de reconhecer as semelhanças no crescimento das crianças em diferentes partes do mundo [ter amigos, compartilhar experiências, brincar do lado de fora, etc.] (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 42).

Em suma, de forma objetiva, a infância é o "período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas" (Corsaro, 2011, p. 15), sendo uma categoria integrante da sociedade, assim como classes sociais, grupos raciais, classificações de gênero e família. A "infância consiste em um conjunto de estágios de desenvolvimento em que habilidades

cognitivas, emoções e conhecimentos são adquiridos na preparação para a vida adulta" (Corsaro, 2011, p. 36). Trata-se de uma categoria que é resultado da relação entre os adultos, a cultura e a criança. Assim, na década de noventa, todos os anseios dos adultos em relação à infância foram postos à prova pelo grau de envolvimento das crianças nesse evento, inclusive em posições de poder decidir quem vive e quem morre.

2.1. Crianças-soldado: conceito, características e modos de vida

Antes de iniciarmos a discussão sobre o ser criança antes, durante e após os conflitos armados de modo geral e, de modo específico em relação à guerra civil de Serra Leoa, proponho realizarmos uma digressão temática introdutória. Em 2008, Sérgio Pires e Ângela Branco realizaram uma pesquisa muito interessante sobre crianças em contextos armados, tendo como foco aqueles infantes que estavam envolvidos com o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Conforme o autor e a autora, "atualmente, os menores de 18 anos representam de 50% a 60% da força de trabalho à disposição dessas quadrilhas" (Pires & Branco, 2008, p. 156). Frequentemente a comunidade na qual os infantes estão inseridos rejeitam essas participações, mas como as crianças enxergam a situação na qual encontram-se?

Em sua pesquisa, Pires & Branco (2008, p. 157) afirmam que, "sob o ponto de vista das crianças, o ingresso nesses grupos lhes proporciona melhores condições de reagir aos riscos sociais a que estão sujeitos", assim como acontece nos ditos recrutamentos "voluntários" das crianças-soldado. Tal perspectiva pode ser adequada ao contexto de Serra Leoa, visto que "um dos principais motivos para a presença de crianças em conflitos armados é a busca pela sobrevivência" (Pires & Branco, 2008, p. 163). No caso das facções criminosas do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras, a sobrevivência está relacionada, principalmente, às necessidades materiais.

A participação de crianças na vida militar nem sempre foi vista de modo negativo pelo mundo Ocidental. Na Idade Média, por exemplo, essa prática era "entendida como um processo de transição no qual os meninos deixariam de ser crianças e adquiririam as aptidões masculinas, como virilidade, objetividade e racionalidade" (Façanha, 2011, p. 93). Já no final do século XV e início do XVI, a sociedade ocidental europeia começou a entender que as crianças precisavam de um tratamento diferenciado daquele destinado aos adultos. Do mesmo modo, em sociedades africanas tradicionais havia "o costume moral e pragmático de proteger as crianças, impedindo-as de participarem em combates e, se surgisse uma guerra, estas eram

somente incumbidas de guardar o gado ou transportar escudos de soldados" (Fernandes, 2017b, p. 05).

Contudo, nos dias atuais as crianças têm sido empregadas em atividades militares, mesmo com todas as narrativas que criminalizam tal prática. Uma das diferenças entre a participação das crianças nas guerras da Idade Média e a dos dias atuais é que agora elas têm sido utilizadas em larga escala, sistematicamente e participam ativa e diretamente dos combates, sem nenhum intuito de autotransformação ou autoformação; ainda que se tenha a ideia de que as crianças necessitam de ambiente familiar seguro, de acesso à saúde e à educação, não muito diferente de muitas sociedades africanas, como levantado por Fernandes (2017b) e como ponderei nas páginas anteriores. Não vejo essa concepção de defesa dos direitos das crianças enquanto elaboração adequada apenas às sociedades ocidentais.

Ainda que o fenômeno legislativo da proteção à criança tenha surgido no tempo cronológico linear contemporâneo, a participação das crianças em conflitos armados não pode ser considerada um fenômeno contemporâneo. Mas foi no século XX que documentos internacionais oficiais intensificaram os discursos de conscientização global sobre o assunto. Esses documentos foram produzidos a partir da interpretação ocidental do que viria a ser a infância e a criança, que

> está assentado na promoção de uma noção de humanidade de forma que os indivíduos possam ser considerados como [*legalmente*] iguais e portadores de direitos fundamentais, independentemente do seu Estado de origem […] [*concepção baseada no cosmopolitismo, o qual*] defende a formação de uma moral universal por meio da institucionalização dos direitos básicos dos indivíduos na esfera internacional (Façanha, 2011, p. 42, *grifos meus*).

Essa universalização dos direitos humanos é fruto do projeto iluminista moderno que, em vários casos, pode ser útil retoricamente, mas não esquecerei de estabelecer (ou pelo menos tentar) um diálogo com as diferentes visões e significados de humanidade. Entretanto, um fato irrefutável é que a participação de crianças em guerras impossibilita o desenvolvimento das mesmas, priva a criança de viver sua infância, cria situações de risco à vida, vulnerabilidade física e psicológica e causam consequências às vezes irreversíveis. Em suma, para que ocorra o desenvolvimento da mente, do corpo, do espírito e da comunidade é necessário o pleno funcionamento do indivíduo em sua integridade. Qualquer danificação às dimensões mencionadas pode gerar crises, pois "o desequilíbrio de um aspecto é refletido

através do bloqueio de energia em todas as outras camadas" (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 47).

Nesse sentido, um dos meus entrevistados de Freetown, ao ser questionado sobre sua infância e sobre sua vida na atualidade, atribuiu o seu estado atual de decadência econômica à guerra civil que impediu que ele se desenvolvesse intelectualmente. Nas palavras do homem de 37 anos, "A juventude em Serra Leoa é uma piada […] eu estava indo para a escola até um momento. Depois que fiz cinco anos, eu saí da escola. Eu era muito brilhante. Mas o problema é que eu não continuei com os estudos. Eu não pude continuar por causa da guerra que tivemos" (Anônimo XXVII, 2024, entrevista pessoal). Então o que dizer sobre os impactos das experiências infantis nos batalhões?

Criticamente, Aoki (2017, p. 1392) argumenta que ao ter crianças protagonistas de eventos violentos, "os padrões de normalidade a partir dos quais entendemos a infância são transgredidos quando a criança tortura, mata e estupra", tal como constatado nas fontes literárias nas páginas anteriores. Pensando nisso, a autora pontua que uma

> criança torturadora, assassina e estupradora causa potencialmente muito mais choque do que um adulto que cometeu os mesmos crimes, porque a infância foi culturalmente naturalizada como o espaço por excelência daquilo que é bom, puro, inocente e assexuado, diferentemente do mundo do adulto que já foi corrompido (Aoki, 2017, p. 1392).

Na interpretação de Aoki, a criança que subverte tais convenções sociais é alocada à "esfera da monstruosidade, porque transgride os predicados virtuosos que foram vinculados à criança normal" (Aoki, 2017, p. 1392). Por isso que vemos no primeiro romance de Beah a representação de personagens jovens e infantis que, após a guerra civil, tiveram que frequentar "centros para reaprender a ser 'crianças normais'" (Beah, 2015b, p. 32). Assim, as reflexões de Akemi Aoki são instigantes para refletirmos sobre a Serra Leoa pós-1991. Os padrões de normalidade que enxergavam um propósito social e comunitário no ser criança foram forçadamente desconstruídos durante e após o conflito, como argumentam minhas fontes.

À exemplo disso, é válido ressaltar que o ato de guerrear foi construído na contemporaneidade "como um espaço reservado a homens adultos que lutam pelos seus Estados, enquanto que as mulheres e as crianças permanecem na esfera privada, devendo ser protegidas por eles" (Façanha, 2011, p. 16). Isso porque "a criança é percebida como não pertencente à esfera pública, sendo, por isso, excluída das atividades políticas – inclusive, da

guerra" (Façanha, 2011, p. 27) e do trabalho. Do ponto de vista Ocidental, a família, a comunidade, o Estado e os Órgãos Internacionais têm papeis fundamentais na segurança e desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, as crianças como protagonistas de conflitos armados passaram a ser vistas e caracterizadas como crime internacional, pois afeta "o processo de desenvolvimento físico, emocional e intelectual de todas as crianças" (Façanha, 2011, p. 27) envolvidas, logo no período

> da vida no qual a criança estaria em processo de formação de suas capacidades físicas e cognitivas, ou seja, a criança não seria dotada de racionalidade para avaliar os seus melhores interesses já que ainda estaria em processo de aprendizagem e socialização (Façanha, 2011, p. 17).

Em adendo e em comunicação com tais pressupostos, "A jornada em direção à integridade e harmonia entre as partes do eu […] começa na infância" (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 48), quando a criança tem aflorada a criatividade, quando a mesma decide realizar aquilo que lhe dar prazer, quando cria suas primeiras relações de amizade e confiança com outros indivíduos, quando ocorre as primeiras reflexões sobre espiritualidade, identidade de gênero, sexualidade, cultura e identidade; enfim, período em que o desenvolvimento do corpo físico é essencial para a vida. Vidas estas que, em todo o continente africano, as comunidades veem "como uma representação de continuidade e sucesso geracional" (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 43). Muitos rituais são executados no intuito de "garantir a sobrevivência e prosperidade das crianças" (*Ibidem*).

Considerando tais interpretações, elucubro as crianças envolvidas nesses conflitos armados como vítimas da violência dos adultos, os quais exploram as primeiras alterando o "processo de transição natural para a fase adulta" (Façanha, 2011, p. 18) ou a transição social naturalizada. Acredito também que nesses contextos de violência generalizada, a comunidade civil no geral pode ser considerada vítima. O que ocorre, no entanto, é que as violências são perpetradas em diferentes graus e são assimiladas de diferentes formas pelos atores e atrizes sociais. Tratarmos as crianças-soldado como vítimas não exclui a compreensão de sua agência, mas sim que, entre as forças envolvidas nas relações sociais, a vítima acaba sendo mais prejudicada, violentada e tendo menos poder de agência. Há frequentemente uma confusão nas bibliografias sobre a vitimização das crianças-soldado, as quais consideram ser vítima como o oposto de agência, quando na realidade não são elementos excludentes.

Além disso, neste trabalho, os(as) infantes não são considerados apenas como membros de um núcleo familiar, pois tal visão determina o "lugar que as crianças devem ocupar", assim como "acaba por tornar-se uma forma metodológica de despojar as crianças do seu direito a serem notadas" por si (Colonna, 2009, p. 09). No que tange aos estudos sobre as crianças, Botchway (2019) afirma que, durante muito tempo, os infantes "não foram estudados para compreendê-los e dar sentido a seu mundo" (Botchway, 2019, p. 14), mas sim para compreender e dar sentido ao mundo dos adultos.

Buscando assimilar esse mundo infantil, podemos visibilizar, por exemplo, a agência das meninas recrutadas para os grupos armados de Serra Leoa. Repetidas vezes, elas resistiram aos abusos sexuais e sofreram "com espancamentos, torturas […] e até morte como consequência desse comportamento" (Martuscelli, 2019, p. 20). Em outros casos, as crianças-soldado

> resistiam ativamente à cultura de violência que as rondava por meio de atos de resistência ao falhar intencionalmente em matar alvos durante combate, desenvolver laços de solidariedade entre elas, planejar e executar fugas de seus abdutores e [*no caso das meninas*] resistir à violência sexual fingindo menstruação (Martuscelli, 2019, p. 22, *grifos meus*).

Mesmo em situações adversas, crianças podem ter relativa autonomia; até as relações com outras crianças que estão na mesma situação podem ser baseadas em ideias de fraternidade, camaradagem, solidariedade e cuidado. Outra forma de resistência das crianças em meio às atribulações da vida é o ato de cantar, um ato que, tal como percebi em minha visita à Freetown,

> fala com a alma ao nos conectar com outros, levando-nos a descobrir quem somos, e manifestando melhor compreensão de experiências de diversas culturas […] especialmente em países com colonialismo em sua história, a música pode ser uma forma muito poderosa e comovente de expressão individual e comunitária pela qual membros de uma cultura podem se relacionar coletivamente (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 55).

Uma das características dos conflitos armados contemporâneos é que não há uma distinção entre combatentes e civis, caracterizando-se por serem eventos violadores "das normas do direito internacional humanitário que estabelece a distinção entre combatentes e não combatentes" (Façanha, 2011, p. 70). A guerra civil da Nigéria, estudada em minha dissertação, e o conflito armado em Serra Leoa podem ser utilizadas como exemplos dessa prática. Quanto mais uma guerra se estende, mais o recrutamento de meninas e meninos

torna-se provável, “uma vez que os meios de sobrevivência das crianças ficariam cada vez mais restritos” (Façanha, 2011, p. 70). Como amostra podemos nos basear na experiência em Serra Leoa, a qual teve o seu maior número de recrutados menores de idade apenas após quatro anos de conflito. Os grupos armados desestabilizaram as vidas das crianças através da dominação de comunidades, expulsão da população local e propagação do medo por meio de assassinatos em massa, “ou seja, a maior parte da violência estaria direcionada contra os civis o que levaria a graves crises humanitárias” (Façanha, 2011, p. 72).

Como já supracitada, a interpretação adotada de criança e infância segue a compreensão da Carta Mandinga, da Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança e da Convenção dos Direitos da Criança, as quais definem ou sugerem como criança qualquer pessoa menor de dezoito anos. Destarte, criança-soldado pode ser “qualquer pessoa menor de 18 anos membro ou aliada às forças armadas governamentais ou irregulares ou a grupos políticos armados” (Affonso, 2016, p. 12). Sendo assim, este conceito abarca crianças e jovens, meninos e meninas, que agem não só na linha de frente do combate, mas também exercem outras tarefas como: treinamentos, sabotagens, trabalhos de inteligência (escutar conversas, passar informações e espionagem), vigilância (ficar de guarda, patrulhar ou cuidar de sequestrados); funções de cultivo, cozinha, construção de fossas, combate, assalto e participação em operações; atividades administrativas e logísticas (transporte de documentos, armas e dinheiro); extorsões, cobrança de tributos, assassinatos seletivos (ajustes de contas e castigos exemplares), sequestros; tarefas de cuidado com a saúde, sexuais e em disposição e manejo de cadáveres (Cabral, 2005/2006; Williamson, 2006; Façanha, 2011; Paiva, 2011; Song, Brink & Jong, 2013; Lourenço, 2014; Affonso, 2016; Costa, 2016; Fernandes, 2017b; Zamin, Jung & Richter, 2018; Martuscelli, 2019).

Kamara (2010) lembra, por exemplo, da existência das “garotas rebeldes”. Segundo sua memória narrada, uma das táticas de ação das meninas soldado era fingir “estar feridas e conseguiam que aldeões não desconfiados as ajudassem. Enquanto todos estavam ocupados com isso, os rebeldes entravam furtivamente na aldeia, sem ser percebidos, e atacavam” (Kamara, 2010, p. 56). Percebe-se que as meninas eram usadas como iscas em emboscadas.

Com toda essa margem de atuação infantil, só nas duas últimas décadas do século XX e início do século XXI é que medidas de prevenção contra o recrutamento de crianças para conflitos armados ganharam popularidade internacional. Para não pensarmos que o fenômeno das crianças-soldado é um evento isolado, podemos recorrer à Patrícia Martuscelli (2019), a qual apresenta alguns dados mostrando que, em 2012, “existiam na Colômbia 18.000 crianças

soldados. Isso significa que houve um aumento no número de crianças vinculadas nos últimos anos, apesar dos avanços nas legislações nacional e internacional sobre o tema" (Martuscelli, 2019, p. 26).

Como exemplo da prática global de recrutamento de crianças, Claudia Britto e Camila Almeida (2019) citam o caso de Mianmar e Angola, país sul-asiático e africano, respectivamente, que recrutaram mais de mil crianças-soldado cada. Em Moçambique e Somália também podemos perceber a presença de crianças nos grupos armados durante as guerras civis. Dados de Kearney (2010) apontam que países com doutrina islâmica mais forte, como a Serra Leoa, tendem a não se opor à prática do recrutamento infantil,[63] assim como em países onde há baixas taxas de registro de nascimento. Com tais características, na concepção de Kearney (2010), o fenômeno do recrutamento infantil continua a ocorrer por causa das estruturas políticas e econômicas fracas. Sendo assim, ser criança-soldado perpassa, antes de tudo, por uma questão material e estatal.

Nesse sentido,

> as guerras pelo mundo produziram uma geração inteira de órfãos, milhares de pessoas perderam o sentido e perspectiva de um futuro, porque aqueles que cresceram nos conflitos passaram a perceber e adotar o confronto como modelo de vida, como modo de agir, perpetuando a guerra, a disputa e o sofrimento (Britto & Almeida, 2019, p. 194).

Conforme as bibliografias sobre o assunto, o recrutamento de crianças para o cargo de soldado era e é vantajoso porque saía/sai mais barato do que soldados adultos, sem contar o maior grau de suposta obediência dispensada pelas crianças e a descartabilidade das mesmas. Podemos traçar um paralelo desses motivos (econômico, moral e logístico) de recrutamento infantil em guerras civis com o recrutamento realizado pelos traficantes do Rio de Janeiro, que segundo Pires & Branco (2008, p. 161), "empregar crianças em atividade proibidas e criminosas é vantajoso sob o ponto de vista operacional por diversos motivos: destemor, inexperiência, disponibilidade, baixo custo, menor risco de ameaça à hierarquia dentro do próprio grupo, entre outros".

As táticas de recrutamento utilizadas nas guerras civis envolvem sequestros, intimidação, pressão social, ideologia religiosa, promessa de melhores condições de vida, sedução pela posição de poder, entre outros métodos. O sequestro nas ruas, escolas ou na

---

[63] Talvez a relação entre recrutamento infantil e doutrina islâmica seja mais relacionada a grupos extremistas que distorcem a interpretação do islã do que um fato *sui generis*.

própria casa das crianças funciona na medida em que é uma atividade rápida, assim como a intimidação/pressão psicológica. A pressão social e a ideologia religiosa são táticas de efeito em médio prazo, na medida em que precisam de construções sociais narrativas, as quais se repetem nos discursos. De modo geral, as crianças mais recrutadas são as provenientes das regiões rurais e pobres, visto a ausência ou presença deficiente do Estado nas regiões interioranas, como podemos perceber no caso de Serra Leoa.

Há vários casos, em vários países, de supostos recrutamentos voluntários, ou seja, quando a criança se alista por vontade própria. Mas de acordo com Martuscelli (2019), os supostos recrutamentos voluntários de crianças são frutos de cálculos racionais desses atores e atrizes sociais, os(as) quais levam em consideração "fatores estruturais (violência, pobreza, ausência do Estado, [*e*] ausência de proteção familiar)" (Martuscelli, 2019, p. 10, *grifo meu*). No caso de Ishmael Beah, a motivação por trás de sua transformação em criança-soldado foi a raiva sentida em relação à sociedade, visto que esta deixou que seus pais e outros familiares fossem assassinados pelos rebeldes da FRU, e o desejo de vingança.

Em suma, algumas crianças-soldados participam ativamente da guerra por escolha própria – a melhor disponível, se é que podemos chamar assim. Na lógica de muitas crianças, "é mais vantajoso [*se alistar*] do que permanecer um civil desprotegido pelo Estado e à mercê da vontade dos grupos armados, principalmente no caso das meninas que são mais propensas a serem violadas sexualmente" (Martuscelli, 2019, p. 12, *grifos meus*). No que diz respeito à pobreza, devemos enxergar que é um fenômeno que atinge todo o núcleo familiar, não só as crianças. Nesse sentido, os pais podem oferecer

> seus filhos para serviços militares ou estimularem que eles se voluntariem como forma de garantir refeições regulares, vestimentas e cuidados médicos [*coletivos e individuais*] […] A ausência de perspectivas de emprego formal ou outra atividade econômica rentável faz com que o alistamento se torne a oportunidade de emprego, seja essa formal junto ao exército ou informal como fonte de renda e comida por meio de grupos armados (Martuscelli, 2019, p. 11, *grifos meus*).

Omo pako/Talika/Talikuta ou criança em estado de vulnerabilidade/pobre/muito pobre, respectivamente, conforme os iorubás da Nigéria, são crianças que estão em contextos de vulnerabilidade por causa da falta de assistência dos pais, tendo perdas sociais irreparáveis. "O sustento dos pais determinam amplamente o padrão de desenvolvimento infantil e a hierarquia em que seus filhos serão categorizados [*socialmente*]" (Omobowale & Amodu,

2019, p. 03, *grifo meu*). Não tendo essa base familiar, as crianças estão expostas a vários tipos de violência, como o recrutamento de grupos armados.

Em acréscimo, outras causas de alistamento voluntário de crianças são os próprios ambientes familiares opressivos, discriminatórios, abusivos, violentos e exploratórios; a identidade ideológica e o engajamento com questões sociais, mais comum entre adolescentes; e a vontade de vingança "por seus parentes e sua comunidade contra injustiças perpetradas contra eles por grupos rivais. Crianças também podem entrar em forças combatentes por causa da existência de culturas masculinizadas que valorizam o militarismo" (Martuscelli, 2019, p. 13). Já no caso das meninas-soldado, além dessas questões colocadas, há um

> cálculo racional de que é melhor se voluntariarem para escolherem o comandante a que servirão (incluindo serviços sexuais) do que serem abduzidas e estupradas por batalhões inteiros. Dessa forma, o alistamento voluntário de meninas nessa situação é um modo de exercer, em alguma medida, alguma escolha sobre seus parceiros sexuais (Martuscelli, 2019, p. 21).

No que tange aos ambientes familiares opressivos mencionados, trago algumas reflexões de Zack-Williams (2001). O autor problematiza a ideia estática que temos no mundo ocidental sobre as famílias extensas no continente africano. No caso de Serra Leoa, muitas vezes pais e mães biológicos doaram suas crianças para famílias (ou grupos familiares) mais abastadas, no intuito de garantir a sobrevivência e perspectiva de futuro para suas crianças. No novo ambiente, essas crianças começam a ser tratadas como filhos(as), sobrinhos(as) ou afilhados(as). Entretanto, Zack-Williams (2001) aponta que esse sistema se transformou na segunda metade do século XX. Muitas vezes, essas crianças passaram a ser espancadas ou viram a frequência e força dos espancamentos aumentarem mais do que quando viviam com seus pais biológicos; executam trabalhos mais pesados fisicamente, recebem menos cuidados médicos, são silenciadas, recebem alimento de menor qualidade que o restante do grupo familiar, são privadas de educação formal, entre outras desvantagens que nos leva a questionar a ideia ingênua de família expandida construída no mundo acadêmico. Como Mariatu Kamara relata em sua biografia, ela percebia que havia tratamento diferenciado entre os membros de sua família estendida e que ela era desprivilegiada nessa organização por não ser filha biológica de nenhuma daquelas pessoas (Kamara, 2010, p. 23).

Dessa forma, seja em famílias nucleares ou expandida, o cenário pré-guerra civil contribuiu para a vulnerabilidade e exploração de crianças e jovens em Serra Leoa. Muitas crianças moradoras de rua e/ou muito pobres, por causa do mencionado sistema de "família

estendida", foram recrutadas pela Frente Revolucionária Unida. Assim, em contexto de degradação do Estado, para essas crianças que antes da guerra já não tinham estrutura familiar e econômica, "a vida militar proporcionou um relacionamento familiar substituto" (Zack-Williams, 2001, p. 78), na qual poderiam ser vistas. "Apesar dos rigores da vida militar, muitas crianças desfrutaram da liberdade e fortalecimento no ambiente belicoso" (Zack-Williams, 2001, p. 79). As aldeias invadidas tornaram-se a casa de Beah; o pelotão militar a família; a arma era a provedora de segurança; e sua "lei era matar ou ser morto" (Beah, 2015a, p. 123).

De acordo com algumas bibliografias, os recrutamentos de meninos e meninas aconteciam da mesma forma. Entretanto, muitas vezes, a motivação das meninas vinha do desejo profundo de

> emancipação e, que lhes é negada pela maior parte dos seus países devido à cultura dos mesmos. Deste modo, muitas forças armadas, através de propaganda enganosa alimentam a ideia da emancipação sonhada por muitas meninas reprimidas por ambientes familiares opressivos, vítimas de abuso sexual ou de casamentos forçados (Fernandes, 2017b, p. 27).

Pensando sobre o fenômeno das crianças-soldado na Colômbia, e que pode nos servir para analisar a mesma manifestação em Serra Leoa, Martuscelli (2019) coloca que a presença de crianças do sexo biológico feminino em forças armadas pode ser considerada como ato de empoderamento, visto os espaços machistas opressores de muitas das comunidades em que as mesmas fazem parte, ainda que a discriminação acompanhem-nas "durante o período junto ao grupo armado e em sua reinserção na sociedade" (Martuscelli, 2019, p. 01). No que se refere a esse ato provável de empoderamento em Serra Leoa, a autora coloca que "apesar de continuarem a ser os membros menos poderosos de suas unidades armadas, as meninas se sentiam relativamente mais empoderadas do que os civis" (Martuscelli, 2019, p. 22).

Todas essas características que envolvem o recrutamento e alistamento nos leva a entender que "sobrevivência não é uma escolha e sim uma necessidade humana, [*e que*] de fato não existe o alistamento voluntário de crianças quando ele ocorre em uma situação de conflito armado" (Martuscelli, 2019, p. 14, *grifos meus*). Por tratar-se de uma conjuntura de exceção, a guerra armada tem grande potencial traumatogênico para os indivíduos e para as sociedades, principalmente para as crianças, que veem o seu mundo ser atingido negativamente e suas opções de escolha serem minadas. Desse modo, podemos afirmar que,

nessas situações, só há recrutamentos forçados, diretos (sequestro e coação) ou indiretos (condições sociais).

Após o recrutamento, no contexto de Serra Leoa, uma das primeiras coisas a acontecer era que "as iniciais RUF eram queimadas na pele, na parte do corpo que os rebeldes preferissem, com uma baioneta quente" (Beah, 2015a, p. 21). Em seguida, as crianças passavam por treinos pesados: "qualquer criança, fosse menino ou menina, que caísse de exaustão era deixada para morrer. Aqueles que sobrevivessem ao treino inicial eram galardoados com armas" (Fernandes, 2017b, p. 30), com frequentes punições e ameaças de morte. Para muitos soldados, a arma era considerada o seu "único conforto"; andavam abraçados com suas "armas como se elas fossem a única coisa capaz de nos dar força" (Beah, 2015a, p. 115), ainda que crianças menores que Beah não conseguissem levantar as armas.

Durante os dois anos em que serviu como soldado das forças militares federais enquanto "bandana verde",[64] Beah tinha a mesma impressão de segurança com as armas que foi obrigado a manusear, mas que começou a gostar de tê-la em suas mãos. O autor constata ainda que "não tinha me separado da minha arma desde o dia em que havia me tornado soldado" (Beah, 2015a, p. 128). As crianças treinadas passavam por um processo de ressocialização no batalhão, "por meio do qual seus comportamentos, papéis, valores e identidades [*foram*] reconstruídos como forma de garantir a sua sobrevivência" (Façanha, 2011, p. 80, *grifo meu*). No próprio processo de treinamento, crianças já morriam por causa dos estupros, da alimentação inadequada ou por exaustão. As tentativas de fuga dos batalhões eram punidas com a execução.

Como dito no capítulo anterior, não há consenso no número de crianças-soldado que participaram da guerra civil em Serra Leoa. Enquanto algumas fontes afirmam que o número gira em torno dos cinco mil, outras fontes defendem que a participação de crianças foi oito vezes maior.[65] Essa discrepância acontece pela

> falta de consenso em relação tanto à faixa etária do fim da infância quanto à atividade que caracteriza uma criança-soldado, se o termo designa somente aquele que vai ao front de batalha ou se também seriam crianças-soldados aqueles que

[64] Os soldados da Frente Revolucionária Unida (FRU) utilizavam bandanas vermelhas na cabeça.

[65] Vieira Filho (2012, p. 127) estima que 25% do total de combatentes tinham entre 7 e 14 anos de idade; Williamson (2006, p. 186) quantifica em 8.466 o número de crianças recrutadas, tendo como base os números oficiais de crianças desaparecidas durante o conflito. Essa quantidade pode ser subestimada, visto que as crianças poderiam ter "desaparecido" por morte e as famílias com crianças desaparecidas podem não ter procurado o Estado para relatar o sumiço, seja por falta de confiança no Estado, seja por impossibilidade operacional criada pela guerra.

> realizam trabalhos como o de mensageiro, de cozinheiro e de carregador do grupo armado (Fernandes, 2017a, p. 478).

Como expus anteriormente, defendo a segunda tese, a qual entende que as mais diversas atividades desenvolvidas fazem parte de uma mesma engrenagem da guerra e da violência, ainda que estejam fragmentadas em campos diferentes. A maioria das tarefas exercidas pelas crianças-soldado são consideradas crime de guerra. No entanto, as meninas violadas sexualmente e usadas como domésticas e ajudantes dos combatentes ainda não são vistas como vítimas de crimes internacionais. Conforme Fernandes (2017b), tais práticas só seriam vistas como crime de guerra se as meninas fossem "parte ativa nas hostilidades […] que ofereça apoio essencial à força armada ou ao grupo armado durante o período de conflito" (Fernandes, 2017b, p. 16). Isso ocorre porque, na visão social/estatal, "a mulher não possui um papel na guerra" (Façanha, 2011, p. 51), o que corrobora para que as meninas-soldado sejam negligenciadas nos estudos acadêmicos e nas ações estatais e internacionais de "reintegração".

Conquanto, o que devemos visualizar como crime de guerra é a violência sexual contra o corpo de outrem, feminino em sua maioria. Nesses contextos, muitas meninas-soldado são obrigadas a ter relações sexuais que aumentam o risco de contaminação com HIV, sendo que "muitas delas acabam por contrair a doença sem que o possam impedir" (Fernandes, 2017b, p. 32), nem se tratar. Aquelas meninas que tinham relações sexuais e acabavam grávidas, amiúde, tinham complicações no parto ou, "carecendo de habilidades maternais e apoio familiar, sem cuidados pré e pós-natais, algumas meninas [*induziam*] abortos por conta própria, rejeitam seus filhos e, em alguns casos, cometem infanticídio" (Martuscelli, 2019, p. 23, *grifos meus*).

Enquanto civil, Mariatu Kamara foi estuprada, sofreu pelo medo de contração do HIV, ficou grávida e teve complicações no parto, o que levou à morte do filho indesejado após dez meses de vida. No mundo imaginado de Imperi, cidade fictícia central da narrativa de Beah em *O brilho do amanhã*, Mahawa retornara à sua comunidade com uma criança no colo. Os seios da adolescente de menos de dezesseis anos, "contavam que o filho era dela. Os olhos, especialmente quando miravam o menino, continham amor e ódio profundo" (Beah, 2015b, p. 32). Apesar de ser uma ficção, a narrativa de Beah dialoga com a realidade vivida por Kamara e outras jovens, inclusive no que diz respeito à ambiguidade sentimental em relação aos "filhos de guerra".

Muitas vezes a violência sexual em contextos de guerra busca causar alterações étnicas/limpeza étnica no grupo indesejável. Nesses casos, trata-se então "de uma questão de genocídio e/ou etnocídio" (Both; Lima; Alves, 2017, p. 144), o que não foi o caso de Serra Leoa. Mas seja como for, quando o estupro acontece com crianças, a violência alcança um patamar sensível:

> Primeiramente pelo status de criança (i.e. indivíduos não autônomos e que necessitam de mais cuidados que os adultos), segundo pela demora na identificação dos casos e reincidência nos casos de violência sexual (i.e. causados principalmente pela facilidade de dominar uma criança e sua vulnerabilidade) (Both; Lima; Alves, 2017, p. 146).

Na ocasião da guerra civil da República Democrática do Congo, na África Central, por exemplo, na primeira metade de 2012, 74% das vítimas de violência sexual foram crianças (Both; Lima; Alves, 2017).

Antes de prosseguirmos, é válido ressaltar que meninos-soldado e civis também sofreram com abusos sexuais e que essas práticas provocaram traumas profundos, assim como nas meninas, mas que são frequentemente invisibilizados. Afinal de contas, o que uma sociedade heteronormativa como a de Serra Leoa preconiza e aceita é a relação sexual (consentida ou não) entre pessoas do sexo masculino e feminino. No próprio *Sierra Leone Peace Museum* há em exposição a transcrição de um relato de um menino-soldado dizendo que todos os comandantes "tocavam" em seus garotos como forma de punição.

É interessante pensarmos sobre essas questões no pós-guerra. Como essas meninas e meninos, jovens, mulheres e homens lidam com uma infecção violenta (o HIV), fruto de uma atividade violenta, parte de um evento maior também violento? Muitas meninas engravidaram nessas relações abusivas, muitas abortaram, outras tantas faleceram no parto; e aquelas que tiveram seus filhos (chamados de *rebel-pikin* – filho de rebelde), como constroem suas vidas no pós-guerra? Como as crianças e adolescentes do sexo masculino lidam com a homofobia da comunidade após esses atos sexuais com outros homens?

Pensando sobre a vida dessas crianças submetidas à violência extrema, Affonso (2016) aponta que é necessário que o Estado crie políticas de reintegração, a fim de instalar e efetivar o processo de paz e justiça. Nesse sentido, "a reintegração prevê, entre outros fatores, que essas [*crianças*] recebam educação" (Affonso, 2016, p. 13, *grifo meu*). Em contextos de guerra, muitas escolas acabam fechando suas portas ou destruídas antes disso. De certo modo, tal cenário prejudica a educação formal dos infantes. Digo de certo modo porque, no

continente africano, “as crianças muitas vezes são deixadas [*pelos adultos*] para explorar livremente, uma forma de autoeducação que favorece o seu desenvolvimento” (Zeleke; Hughes; Drozda, 2019, p. 53, *grifos meus*). Em adendo, as crianças criariam e implementariam suas próprias medidas de educação. Mas conforme minha observação da capital de Serra Leoa, essa autoeducação não era um desejo na década de 1990, muito menos agora. Como ressaltou uma das minhas entrevistadas em Freetown:

> Agora eu sou muito triste, pois hoje eu não tenho oportunidade para estudar e eu realmente posso me sentir mal… E eu me sentia tão grande, pensava em ser engenheira, médica, estar ocupada, mas agora olhe para mim aqui de pé, lutando pela sobrevivência, cuidando dos meus filhos (Anônima XIX, 2024, entrevista pessoal).

Percebe-se não só um ressentimento em relação ao passado, mas também a deficiência das políticas de “reintegração” para as crianças e adolescentes que tiveram suas vidas impactadas. O único equívoco que vejo nas proposições de Affonso é a ideia de “reintegração”, um termo utilizado não apenas por essa autora, que considera implicitamente que as ex-crianças-soldado, em algum momento recente deixaram de fazer parte da sociedade. Ora, ao fazermos isso, ignoramos que um mesmo grupo social tem comportamentos diversos conforme o passar do tempo histórico e que aqueles(as) que perpetram males sociais estão convivendo na mesma sociedade daqueles(as) que sofrem as ações danosas. Talvez os termos mais adequados seriam a remoralização ou reconexão,[66] ambas expressões que consideram uma quebra moral entre as crianças-soldado e as regras comunitárias, não a exclusão das primeiras da sociedade.

Mas levando em consideração o uso recorrente desse termo, a Organização das Nações Unidas (ONU) elenca quatro instrumentos essenciais para a reintegração de ex-crianças-soldados: a “(I) reunificação familiar; (II) educação e treinamento; (III) criação de estratégias para uma economia sustentável e (IV) apoio psicossocial” (Affonso, 2016, p. 13). Tais categorias consideradas pela ONU mostram-se insuficientes, pois não consideram as ações a nível macro-estatal como, por exemplo, a necessidade de políticas educacionais de não silenciamento dos eventos traumáticos, através da criação de espaços sociais de diálogo e de não esquecimento dessas histórias frequentemente apagadas dos livros didáticos e dos espaços públicos de memória; ou a necessidade de visualizar as especificidades das violências

[66] Esses termos não são debatidos na historiografia sobre o assunto, mas têm o potencial de serem mais pertinentes à realidade analisada.

cometidas contra as crianças do sexo biológico feminino e masculino. Essas falhas reintegrativas acabam desprotegendo um vasto grupo de crianças, pois são julgadas conforme o grau de atividade nas hostilidades, ainda que tenhamos provas de que "quase todas [*crianças recrutadas foram*] sujeitas a todo o tipo de maus-tratos e abusos, tanto sexuais como físicos" (Fernandes, 2017b, p. 17, *grifos meus*).

Tomando como exemplo as crianças-soldado da República Democrática do Congo, Fernandes (2017b) afirma que as meninas, em específico, desempenhavam vários papéis ao serem recrutadas: combatentes, esposas, escravas sexuais, passando ainda por cozinheiras e empregadas domésticas. Entretanto, de forma geral, no continente africano, as meninas eram recrutadas principalmente para fins sexuais e eram minorias em unidades militares, se comparado ao número de meninos, segundo Martuscelli (2019). Tal fato não pode ser utilizado para invisibilizar a participação das meninas em conflitos armados e sua necessidade de políticas públicas de remoralização. É inegável que há uma invisibilização historiográfica da participação destas em guerras. Em muitos eventos ocorridos em El Salvador, Etiópia e Uganda, por exemplo, "foi reportado que um terço das crianças-soldado eram meninas" (Fernandes, 2017b, p. 26).

Na guerra civil de Serra Leoa, as meninas (assim como os meninos) que, treinadas para matar ou morrer e munidas de bazucas e metralhadoras, mostrassem "sinais de nervosismo e, de incapacidade de cometer as atrocidades solicitadas [*muitas vezes contra familiares ou amigos*], era frequente serem drogadas com cocaína de maneira a modificar o seu discernimento" (Fernandes, 2017b, p. 30, *grifos meus*), o seu possível pensamento crítico ou emocional. Do ponto de vista das crianças, o uso de drogas foi como um exercício de amenização do medo e da dor, como relatou Beah (2015a, p. 119) sobre o abuso de drogas em seu batalhão. Como podemos constatar, sem a participação das crianças, pelo menos na guerra civil de Serra Leoa, os grupos armados não poderiam ter pleno funcionamento ou possuir uma estrutura organizada, por isso essa recorrência às drogas como instrumento de controle por parte dos recrutadores, e de resistência, por parte dos menores de idade. Por isso também a necessidade da criação de políticas integrativas mais amplas.

Após o desarmamento, a desmobilização e a reintegração (DDR), muitas ex-combatentes vivenciaram a marginalização social "por preconceito cultural ou embaraço social, criando-se, por isso, uma passagem de um ambiente hostil e perigoso para um ambiente indiferente e pouco solidário" (Fernandes, 2017b, p. 34). Como lembrou um entrevistado de 47 anos, "A guerra civil para mim foi tão perigosa, porque não tínhamos um

sentimento humanitário por nós mesmos naquela época" (Anônimo XXIII, 2024, entrevista pessoal). Outros problemas instalados no pós-guerra têm relação com a saúde dessas pessoas que tiveram ferimentos ocasionados pelas violências sofridas. Muitas ex-meninas-soldado "não conseguem sequer construir família, tanto devido ao estigma social de já terem sido 'usadas' como por repulsa em relação ao gênero masculino" (Fernandes, 2017b, p. 35). Repulsa narrada com bastante frequência por Michaela DePrince (2016) quando já morava nos Estados Unidos, mesmo tendo vivenciado a guerra enquanto civil.

Congruente com as ideias de Fernandes (2017b), é correto dizer que, nesse contexto pós-guerra, as ex-combatentes possuem uma dupla desvantagem: a idade e o gênero. Mesmo com essa desvantagem duplicada, "as meninas soldado não possuíam programas que as ajudassem a ultrapassar as especificidades dos seus traumas" (Fernandes, 2017b, p. 39). Amiúde, os programas educacionais de reintegração delegaram atividades "femininas" para as meninas, como a costura, exacerbando a cultura sexista com papéis bem definidos do que cada gênero poderia realizar.

Conforme Valença (2006), 6.845 crianças, 63.994 homens e 4.651 mulheres participaram do programa de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR), iniciada em 1998 e organizada pela ONU. No entanto, o processo não teve "planejamento específico para as crianças, que eram tratadas como adultos e participavam das mesmas atividades que eles" (Valença, 2006, p. 140). É válido ressaltar que a parte de reintegração diz respeito à transformação dos "antigos adversários em parceiros, renunciando à violência e levando a posturas colaborativas para estimular o desenvolvimento da economia e da sociedade" (*Ibidem*).

Em Serra Leoa, as políticas de "reintegração" foram falhas, principalmente com as crianças do sexo biológico feminino e com as crianças civis que foram vítimas da guerra, as quais não foram beneficiadas com os recursos dos programas voltados para as crianças-soldado. De acordo com Affonso (2016), 30% dos ex-combatentes infantis eram do sexo feminino, porém só 8% dos beneficiados pelos programas internacionais de reintegração eram meninas, as quais "deixavam de participar por medo ou por vergonha da estigmatização" (Affonso, 2016, p. 25). Por outro lado, "98% das crianças separadas registradas foram reunificadas com suas famílias" (Affonso, 2016, p. 25).

Esse é um dado perigoso se analisarmos de modo superficial, pois uma grande parcela das famílias perderam muitos dos seus membros. Como é exemplificado por Beah (2015b, p. 44), a integridade das famílias não foi a norma no pós-guerra. Além disso, muitas crianças e

adolescentes foram reunificadas “com membros da família que não eram seus guardiões antes da guerra” (Affonso, 2016, p. 19), frequentemente com familiares que nem conheciam, como aconteceu com Beah. Amiúde, as crianças reunificadas foram tratadas como empregadas domésticas por suas famílias adotivas ou foram abusadas sexualmente. Essas crianças e adolescentes tiveram maiores dificuldades de “reintegração” comunitária e familiar (Williamson, 2006). Outras tantas crianças, tal como na cidade fictícia de Imperi de Beah, nem chegaram a ser reunidas com suas famílias após o conflito, visto que foram

> sequestradas tão jovens, que não se lembravam de quem eram seus familiares. Outras haviam sido rejeitadas por suas famílias, ou o medo do estigma e da rejeição as impediram de voltarem para suas comunidades. As meninas, em particular, enfrentavam estigma e rejeição por terem se tornado ‘esposas’ dos comandantes ou escravas sexuais (Affonso, 2016, p. 18).

Nos primeiros anos pós-guerra, para além das meninas, o medo e a hostilidade social eram direcionadas às crianças que fizeram parte da Frente Revolucionária Unida de forma geral. Isso era sabido pelo fato de que a FRU, “assim como outros grupos, marcava fisicamente as crianças com suas iniciais, em seus peitos, braços e até mesmo em suas testas, como uma forma de aterrorizá-las e impedir que elas fugissem” (Affonso, 2016, p. 19), também exposto imageticamente no *Peace Museum* de Freetown. Em compensação, as crianças associadas ao grupo pró-governo tiveram maior aceitação social. Tal cenário só mudou após o conhecimento coletivo de que as crianças “haviam sido forçadas a fazer o que os seus comandantes mandavam e, mesmo depois, quando cometiam atrocidades voluntariamente, eram vítimas do processo” (Affonso, 2016, p. 18).

No que diz respeito ao direito das crianças à educação, como vários órgãos internacionais preconizam, a guerra exacerbou o problema do acesso à educação formal em Serra Leoa. Para Nascimento (2012), em algumas sociedades africanas, a educação das crianças vai além “das palavras ditas: os gestos, olhares, os modos que as pessoas têm de ser e viver também ensinam sobre o que fazer e o que não fazer sob a ótica da comunidade” (Nascimento, 2012, p. 48); educação que é impossibilitada em contextos de guerra. Durante o conflito civil de Serra Leoa, em ambos os casos, entre meninos e meninas, soldados e civis, não houve educação formal e comunitária, o que diminuiu a possibilidade de ingresso desse grupo no mercado de trabalho depois que foram desmobilizadas, gerando um sentimento de frustração na juventude (Pimenta, 2019, p. 61), assim como contribuiu para a alienação desses grupos em relação às condutas sociais esperadas delas.

Por conseguinte, a falta de oportunidades "laborais e educacionais aumenta a probabilidade de que essas crianças sejam re-recrutadas por grupos armados (em casos em que não houve de fato o fim do conflito) ou se envolvam com a criminalidade" (Martuscelli, 2019, p. 29). Como constataram dois dos entrevistados de Pimenta (2019, p. 104), "a dificuldade de estudar e ter uma formação durante a guerra era o que viam como o legado mais penoso deixado pelo conflito ao país, ou seja, uma geração de adultos e jovens adultos que […] não tiveram formação e, no presente, não possuíam qualificação". Essa percepção também foi identificada em minhas entrevistas em Serra Leoa, como citei nas páginas anteriores.

No período pós-guerra, há registros de "professores e outros pais [*que*] rejeitavam a possibilidade de ter ex-crianças-soldado matriculadas em suas escolas" (Affonso, 2016, p. 20, *grifo meu*). Muitas ONGs e a própria ONU ofereceram benefícios financeiros para diretores(as), professores(as) e alunos(as) que aceitassem uma ex-criança-soldado na escola. O que me parece uma ação tomada no calor do momento para remoralizar os jovens, mas que, a médio e longo prazo, pode não ter tratado da raiz do problema que foi o preconceito e os traumas. Essa percepção construída pela sociedade civil sobre o outro, ex-soldado, corroborou também para o ressentimento entre as crianças no ambiente escolar. O próprio Beah, em sua biografia, afirma que quando voltou a frequentar a escola, aos 16 anos (1996), "todos os alunos sentaram longe de nós, como se Mohamed e eu pudéssemos surtar a qualquer momento e assassinar alguém" (Beah, 2015a, p. 204).

Como é possível vislumbrar, as políticas públicas de acesso à educação são essenciais para a remoralização e reconexão das ex-crianças-soldado e das crianças civis com as normas sociais, pois as ajudam a refletir sobre os acontecimentos da guerra, a estabelecer uma nova identidade e vida, assim como podem aumentar a taxa de aceitação das crianças nas famílias e comunidades. Mesmo com todas as críticas levantadas ao processo de "integração", é válido ressaltar que, em concordância com Williamson (2006, p. 193), os maiores índices de aceitação comunitária do menor, ex-criança-soldado, foram em regiões nas quais ONGs nacionais e internacionais fizeram atividades de sensibilização da comunidade para com essas pessoas que haviam sido forçadas a cometer os atos violentos durante a guerra.

Antes de voltarem para as suas comunidades, muitas crianças passaram por lares de transição, os quais serviam de descanso físico, emocional, psicológico e espiritual. Entretanto, mesmo nesses lares, longe do *front*, a violência entre os ex-soldados expressava a internalização daqueles eventos traumáticos. Era ingênuo "pensar que, nos tirando da guerra,

nos livrariam do ódio que sentíamos […] não poderia imediatamente nos transformar em garotos normais; éramos perigosos, e tínhamos recebido uma lavagem cerebral que nos havia tornado assassinos" (Beah, 2015a, p. 133). A abstinência das drogas também pode ter contribuído para a extrapolação da violência, mesmo com a desmobilização. No que diz respeito à passagem de meninas nesses lares, o descanso não era uma realidade efetiva: "algumas meninas relataram assédio sexual […] seja por residentes do sexo masculino ou por adultos combatentes visitantes" (Williamson, 2006, p. 194).

Mas como remoralizar e reconectar um(a) jovem que se sentia velho(a) de mais para ir para escola e com necessidade de geração de renda? Em concordância com Affonso (2016), podemos afirmar que houve, no pós-guerra, pouco apoio estatal para a integração dos jovens recrutados ao mercado de trabalho. Muitos programas da ONU para amenizar os efeitos da guerra nas crianças não tiveram sucesso como, por exemplo, os treinamentos para o mercado, os quais não consideraram se tais habilidades ensinadas serviriam para as ex-crianças-soldado provenientes, em sua maioria, das áreas rurais do país. Nesse sentido, as ações internacionais "não levavam em consideração as realidades econômicas e pouco se preocupavam com a questão da sustentabilidade" (Affonso, 2016, p. 22). Todo esse cenário contribuiu para o retorno de muitas crianças e jovens à vida militar em Serra Leoa, Libéria e Costa do Marfim na primeira década do século XXI.

Ex-combatentes tiveram mais dificuldade de adentrar ao mercado de trabalho e a pobreza para essa parcela da população continuou como nos idos antes da guerra civil, se não piorou.[67] Não houve uma "reintegração" efetiva dessas crianças e jovens que tiveram suas infâncias perdidas, devido à brevidade dos programas e as deficiências das ações de integração familiar e comunitária; de oferta educacional e profissional; e de minimização dos preconceitos de gênero. Várias crianças e jovens acostumaram-se com valores relacionados ao período de guerra, como o desapego, hierarquização, crueldade, terror e violência, os quais foram desestimulados após o término do conflito. Esses valores sustentaram a individualização desses ex-soldados infantis, os quais tiveram que se adequar, praticamente sozinhos, à nova realidade social.

Além das consequências materiais, físicas e psicológicas que a guerra causou, a protagonização das crianças no conflito alterou as relações sociais. De forma a exemplificar, podemos citar a relação entre a população mais velha e os jovens: os idosos passaram a ver os

---

[67] Vieira (2017, p. 207), afirma que mais de 70% da população daquele país vive abaixo da linha da pobreza, com expectativa de vida em torno de 48 anos.

segundos como inimigos, como possuidores de poder sobrenatural que os permitiam desafiar os mais velhos. Nas palavras de Kamara (2010, p. 25), antes do conflito bélico, “em Serra Leoa, as crianças eram ensinadas a nunca desobedecer aos adultos”. Já Beah (2010, p. 15) afirmou que a guerra “incentivou a desintegração do nosso país, tornando a sociedade repleta de suspeitas e desconfianças”.

Como Kamara, Beah (2015a, p. 29) pontua que só em estado de guerra para os jovens “se dirigir daquela maneira rude a alguém mais velho. Fomos criados em uma cultura que exigia bons modos de todos, especialmente dos mais jovens. Gente jovem era obrigada a demonstrar respeito pelos mais velhos e por todos na comunidade”. O romance do serra-leonense também resgata essa temática ao expor que os anciãos pararam de contar histórias, “eles se debatiam, pois sua presença e importância iam sumindo” (Beah, 2015b, p. 109). Postulados que dialogam com a narrativa de um jovem de 23 anos que conversei em Freetown, que ao verbalizar sobre a ação das crianças-soldado nos idos da guerra civil, disse: “Foi uma loucura, realmente. As imagens que eu via, os vídeos que eu via, tinha garoto por todo lado [*com armas*], dizendo aos mais velhos: ‘ajoelhem-se’, sabe?” (Anônimo IV, 2024, entrevista pessoal).

Aqueles(as) que se tornaram refugiados, ao retornarem para suas terras, tiveram que enfrentar os problemas financeiros, da falta de alimento e dos poucos e precários serviços estatais. Já os(as) ex-combatentes continuaram vivendo, em sua maioria, “nas periferias da cidade, sem expectativas de encontrar emprego fixo e receosos de sofrerem retaliações” (Fernandes, 2010, p. 27). De acordo com dados de Valença (2006), dos mais de dois milhões de refugiados da guerra civil, em 2004, dois anos depois do fim da guerra, apenas 80% haviam retornado aos seus lares originais.

Com o fim da guerra, o que foi possível perceber em Serra Leoa foi que, “o cenário que originou os conflitos continuava a existir […] A má distribuição da renda no país persistia, mantendo parte da população marginalizada e vivendo em condições de pobreza” (Valença, 2006, p. 150). Beah (2015b, p. 88) representou muito bem essa realidade ao descrever que a preocupação dos jovens no pós-guerra passou da sobrevivência bélica para a sobrevivência econômica. Para Valença, tal cenário escancara “o risco do ressurgimento dos conflitos em um futuro próximo” (Valença, 2006, p. 151). Mesmo com o fim da guerra e da relativa calmaria social

> há inúmeros fatores considerados como potenciais ameaças à estabilidade do país, como a miséria generalizada, o desemprego, principalmente entre os jovens, a corrupção no setor público, deficiências no sistema judicial, e restrições de recursos que podem inibir o governo a prestar serviços à população (Vieira Filho, 2012, p. 136-137).

Na atualidade, ser um serra-leonense significa, de forma simplista, lutar dia após dia para sobreviver. Logo quando cheguei ao aeroporto internacional de Serra Leoa percebi isso na prática, com o constante assédio dos jovens homens que, às 3 da manhã, já estavam abordando todo e qualquer passageiro na esperança de conseguir algum trocado, oferecendo serviços como: carregamento de bagagem e agilização dos trâmites de compra de moeda local ou compra da passagem de barco que leva os passageiros do aeroporto de Lungi até Freetown.

Ao caminhar pela cidade de Freetown, percebi tudo aquilo que já sabemos e estereotipamos no mundo ocidental sobre a África, mesmo realizando um exercício mental de não estigmatizar ainda mais aquela população: a falta de saneamento básico escancarada, o odor das ruas, a pobreza das pessoas e o caos do trânsito – sinaleiras não são respeitadas, utiliza-se as buzinas dos veículos com muita frequência e as pessoas transitam junto com os carros, motos e *kekês*, veículo semelhante aos *tuktuk*. Vez ou outra, escutam-se nas ruas cânticos em árabe vindo de alguma mesquita. Ao adentrar nos mercados, percebe-se que os africanos atuam no tratamento com os clientes, enquanto pessoas com fenótipos árabes, normalmente homens, gerenciam o espaço. Uma estrutura de poder que é rescaldo do século passado e até do século XIX, quando da chegada dos libaneses ao local. Atualmente, existe em Freetown o *Young Sportsmen Club (YSC)*, uma associação libanesa de promoção do lazer e bem-estar que tem uma estrutura invejável para a realidade daquele país. Não obtive a informação se o clube pode ser frequentado por locais, mas os rostos que têm lá dentro são dos fenótipos árabes, a tonalidade das peles mudam ao adentrar os portões da instituição. Parece que em segundos, você está fora de Serra Leoa.

Andei pela cidade, fui nas partes mais bem cuidadas, as colinas próximas a *Congo Cross Roundabout* e ao redor da *State House*. A desigualdade é escancarada. Óbvio que existe desigualdade escancarada no Brasil, mas percebo que há gradações, proporções e agravantes dessas desigualdades, as quais não têm a mesma carga em todo lugar. Todo o ambiente de Freetown é cumulativo: o ar pesado das queimadas de lixo e de gases tóxicos emitidos por veículos antigos; a falta de saneamento básico em várias regiões da cidade e o lixo atirado nas ruas, o que acaba deixando o ar mais poluído com variados odores; as condições precárias de habitação e de preparo dos alimentos; a falta de recursos que leva os jovens em peso às ruas,

na esperança de conseguir o mínimo para sobreviver; o Estado que não oferece serviços básicos de qualidade – há a falta de luz e água constantemente… são muitas camadas contínuas e pulverizadas da desigualdade. Não vou esquecer da cena de pedintes correndo atrás do *kekê* em que eu estava para pedir dinheiro, água e comida.

Há jovens homens trabalhando incansavelmente na condução de transportes e na oferta de serviços, enquanto as mulheres tentam com muita garra vender seus produtos alimentícios, têxteis, entre outros. Todo esse cenário gera uma insatisfação generalizada com a realidade da população no geral e instabilidade política. Nesse mesmo bojo, mas não menos importante, o trauma é um grande elemento potencializador de ameaça à estabilidade social. Indivíduos e comunidades inteiras desestabilizadas podem desestabilizar também a sociedade.

3. Os traumas dos adultos de hoje começaram na infância

Cada vez mais os(as) pesquisadores(as) têm problematizado a construção do conhecimento, a utilização de categorias ocidentais para compreender fenômenos e realidades africanas, inclusive a categoria trauma. Não é de agora que tenho lidado com essa questão, visto que desde a graduação já venho flertando com tal conceito. Talvez pela minha percepção da humanidade enquanto um grande agente gerador de danos emocionais, psicológicos, físicos e simbólicos, ou pela minha própria experiência da infância nos anos 2000, essa temática do trauma persiste em minhas análises acadêmicas. Meus traumas de hoje começaram na minha infância socialmente marginal, tal como os traumas de muitas das pessoas que entrevistei em Freetown e de Ishmael Beah, Mariatu Kamara e Michaela DePrince.

De forma simplista, podemos dizer que a teoria freudiana sobre o trauma foi desenvolvida em quatro fases. Na primeira fase, Freud postulou que o trauma era gerado por uma força real externa que seria passível de cura através da fala, a qual aliviaria os sintomas. Na segunda fase, Freud passou a considerar que o trauma poderia ser gerado pelo inconsciente, por conflitos internos e desejos reprimidos. Em decorrência dessa última, a terceira fase de desenvolvimento da categoria do trauma ressaltou o próprio papel do trauma na formação do inconsciente – haveria um conflito entre desejo e repressão. Na última fase, no contexto pós-Primeira Guerra Mundial, é constatado que o trauma é revivido e muitas vezes insuperável, não por vontade do prazer, mas pela compulsão involuntária do sofrimento. É nessa fase que o princípio destrutivo do trauma ganha força, o que ultrapassaria a capacidade de elaboração da experiência violenta.

Sigmund Freud, em seu texto “Além do princípio de prazer”, escrito entre 1918 e 1920, propõe uma revolução fundamental em sua teoria das pulsões, reavaliando os alicerces da psicanálise. Inicialmente, Freud concebia que o fluxo dos processos psíquicos era “regulado automaticamente pelo princípio de prazer” (Freud, 2016, p. 26), visando à diminuição da tensão ou à geração de prazer, derivado do princípio de constância. No entanto, a “experiência mais geral contradiz energicamente” essa ideia (Freud, 2016, p. 28), pois o princípio de prazer é “desde o começo inútil, e até perigoso em alto grau, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo exterior” (Freud, 2016, p. 29). Assim, sob a influência dos impulsos de autoconservação, o princípio do prazer é substituído pelo princípio de realidade, que “exige e impõe o adiamento da satisfação, a

renúncia a muitas possibilidades para tanto e a tolerância temporária do desprazer no longo desvio que leva ao prazer" (*ibidem*).

A teoria freudiana do trauma ganha destaque com a análise das neuroses traumáticas, um estado observado após eventos que envolvem o risco de morte, fenômeno amplamente notado após a Primeira Guerra Mundial. Freud postulou que o susto, ou seja, aquilo que o perigo causa por não estarmos preparados, é um fator crucial para a geração do trauma. A vida onírica dessas pessoas se caracterizariam pela condução "repetidamente à situação de seu acidente" (Freud, 2016, p. 33), o que, para Freud, é uma manifestação da compulsão à repetição.

Em sua autobiografia, *Muito Longe de Casa*, Ishmael Beah descreve como "não conseguia mais distinguir entre sonho e realidade" (Beah, 2015a, p. 13) e sonhava com experiências que danificava o seu eu corporal e mental. Beah também tinha "medo de que os pensamentos reprimidos surgissem" (Beah, 2015a, p. 48) em seus sonhos e, frequentemente, era "acordado pelos pesadelos" (Beah, 2015a, p. 100). No romance *O Brilho do Amanhã*, personagens como Coronel, um ex-combatente, "lutava para manter longe as imagens atormentadas que dançavam em sua cabeça" (Beah, 2015b, p. 94) e "ainda estava aprendendo a dormir" (Beah, 2015b, p. 100). O ancião Moiwa, ao ver sua amiga Kadie, teve um lapso mental e "repassou os horrores da guerra" (Beah, 2015b, p. 17).

Essa compulsão "traz de volta aquelas vivências do passado que não contêm qualquer possibilidade de prazer, que também naquela época não podem ter sido satisfações" (Freud, 2016, p. 42). Para Freud, é válido ressaltar mais uma vez, a compulsão à repetição "se coloca acima do princípio de prazer" (Freud, 2016, p. 45). O trauma é visto como uma ruptura da proteção no aparelho psíquico, uma inundação de excitações que inicialmente revoga o princípio de prazer, exigindo a tarefa de "ligar psiquicamente as quantidades de estímulo invasoras" (Freud, 2016, p. 53). Beah, em sua autobiografia, manifesta essa ruptura psíquica ao expressar que, no início da guerra, sentiu "como se tudo estivesse desmoronando" (Beah, 2015a, p. 09). E estava… a "ordem" cotidiana.

Em relação à guerra civil de Serra Leoa, não só os indivíduos, mas também as instituições existentes naquele país reforçam a ideia de um grande trauma social causado pelo conflito. A Serra Leoa é um dos 16 países africanos que possuem um plano nacional de ação para a promoção da saúde mental, com rubrica orçamental própria, segundo a OMS.[68] O que

[68] Ver mais em: < https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/22d8139a-45a6-4fcd-b249-e516b632cd40/content >. Acesso em: 08 abr. 2026.

não está relacionado única e diretamente à guerra civil, mas sem dúvidas esse evento influenciou a postura do Estado serra-leonense para com os traumas coletivos. O *Sierra Leone Peace Museum* é um outro exemplo, apesar das possíveis críticas que podemos realizar à sua fundação com apoio da ONU e o seu relativo afastamento em relação à população. Enquanto estava em Freetown, várias vezes tive que me deslocar pela região onde o museu está localizado, no bairro *New England*, mas quase nenhum condutor de mototáxi sabia onde ficava essa instituição, o que é sintomático. Seja como for, ao adentrar no museu, avistei um cartaz que dizia que a guerra civil "*was a war we waged against ourselves*" (Sierra Leone Peace Museum, 2024, s/p.) e que o museu serve para lembrar, aprender, participar e construir a Serra Leoa desejada. Além disso, é explicitado que o papel do museu é "*promote human rights and those who work to bring it*" (Sierra Leone Peace Museum, 2024, s/p.).

Ao andar pela cidade de Freetown, encontrei uma organização chamada *Mental Health Coalition Sierra Leone*, mais uma entidade que robustece o argumento de que existe um grande trauma social em Serra Leoa em relação à guerra. Essa é uma ONG sem fins lucrativos que

> aims to advocate for the human rights and dignity of all those affected by and working to improve mental ill-health; including service users, their families, and service providers. Its overall objective is to raise awareness and campaign for increased national commitment to mental health issues in Sierra Leone […] To raise awareness around the burden of vulnerable and marginalized persons including persons with disability with specific focus of persons with lived experiences of mental and psycho social disability in Sierra Leone and campaign for increased national commitment to, and resources for the same whilst building community and national capacity to care for and support those in need (M. H. Coalition, 2024c).

A instituição criada em 2011 é formada, principalmente, por profissionais voluntários da área da saúde da própria Serra Leoa. Como é ressaltado em várias partes do site da coalizão, é dever da instituição promover a proteção dos direitos humanos e da dignidade das pessoas marginalizadas socialmente. A MHC atua em quatro frentes: sensibilização social, capacitação, advocacia e apoio à subsistência. Essas ações são cofinanciadas pela União Europeia, mas a maior parcela do financiamento tem como fonte o Ministério da Saúde e Saneamento da Serra Leoa. Contudo, a *Mental Health Coalition* me chamou atenção por apresentar uma série de dados sobre saúde mental que, amiúde, estão vinculadas à existência de grandes traumas.

Com dados de setembro de 2024, a MHC afirma que "Sierra Leone's suicide rate at 9.7 per 100,000 people, which is higher than the sub-Saharan average of 7.5. This equates to

733.0 every year in Sierra Leone, with 50 attempts for each committed suicide" (Mental Health Coalition, 2024a, s/p.). Esse alto índice de suicídio está relacionado a vários fatores: "include limited mental health infrastructure and service delivery, a law that criminalizes suicide, stigma, **and compounded trauma from years of war**, the Ebola epidemic, natural disaster related casualties, and the COVID-19 pandemic" (Mental Health Coalition, 2024a, *grifos meus*).

Esse mal-estar mental atinge inclusive "school going children and those in universities" e que foi fortificado durante a guerra civil, quando crianças extinguiram "the lives of men, women and children who had very little or no political affiliations" (M. H. Coalition, 2024b). Beah, por exemplo, relata que, nos idos da guerra civil, tinha a sensação de que a vida "havia se transformado em um fardo" (Beah, 2015a, p. 18) e que ele não conseguiria escapar da tristeza, o que se alinha com os fatores de risco para altas taxas de suicídio. Beah só viu a guerra de frente aos doze anos de idade, em 1993, e foi exposto a situações inumanas que geraram medos, desconfianças, inseguranças e traumas.

No romance *O Brilho do Amanhã*, personagens como Coronel, um jovem de dezoito anos de idade, cujo rosto era "sombrio e severo que notava-se que por ela não passara nenhum sorriso, por mais leve que fosse, durante anos" (Beah, 2015b, p. 33), exemplificam o impacto prolongado da guerra na infância/juventude e na saúde mental. A *Mental Health Coalition* enxerga a questão da saúde mental como central para o desenvolvimento social, inclusive abordando sobre a sobrecarga laborativa dos trabalhadores em Serra Leoa, o que causaria mais desgaste mental.

Para além das instituições, o próprio comportamento das pessoas que entrevistei em Freetown aponta para a latência de um trauma, tal e qual se percebe em sociedades ocidentais. As pessoas abordadas iniciavam o diálogo com receio de responder às questões, monossilábicas, sem muita abertura e, de certa forma, resistentes, mas aos poucos iam se abrindo, baixando um pouco a guarda, numa sociedade onde se aprende a não ceder as coisas facilmente. Beah (2015a, p. 18) frequentemente explana sobre a disseminação perturbadora do silêncio individual e coletivo em relação aos traumas da guerra em Serra Leoa. Essa percepção pessoal e subjetiva do silêncio que paira naquele país, talvez dialogue com a percepção de ex-combatentes que, logo após o conflito, pensavam que os civis não entenderiam suas experiências no *front*. Esses, tiveram que se acostumar "a não demonstrar felicidade" (Beah, 2015a, p. 179). Apesar do silêncio social cotidiano sobre várias temáticas, inclusive sobre a guerra, a escuta do que essa população tinha a dizer se mostrou valiosa e

necessária quando estive em Freetown. Por exemplo, ao final das entrevistas que realizei, na maioria das vezes, se construía a sensação de camaradagem, troca de contatos pessoais, o ar mais leve e até os sorrisos apareciam mais abertos.

Sobre a necessidade da expressão individual e social dos traumas, é válido chamar atenção para a percepção da professora Elizabeth Kamara, a qual entrevistei em Serra Leoa. Segundo a mesma, a maioria dos serra-leonenses escrevem suas literaturas com o desejo de mudar, impactar, influenciar e beneficiar a sociedade, para mudar a mentalidade das pessoas, para trazer à tona, por exemplo, o que costumava acontecer durante a guerra civil (Kamara, 2024, entrevista pessoal). De forma semelhante, Beah (2015a, p. 200), ao testemunhar para a ONU, sentiu que estava "transformando nossos sofrimentos enquanto falávamos sobre maneiras de resolver" as causas da guerra e seus impactos. A escrita de *Muito Longe de Casa* e de *O Brilho do Amanhã* são reflexos desse desejo de colocar a guerra civil na pauta pública. Isso ajudaria os leitores a serem conscientes sobre suas ações, inclusive na prevenção de novos traumas, assim como para o rompimento dos silêncios perigosos. O que vai de encontro com os postulados de Mariatu Kamara (2010, p. 16), a qual atribuiu à fala a capacidade de superar os traumas,[69] tal como Freud percebia a catarse na primeira fase de sua teoria do trauma.

Outra forma de prevenção de traumas é descrita por Claudius Sawyerr, representante da *Mental Health Coalition* que entrevistei quando estive em mobilidade naquele país. Segundo o mesmo, há "estresse incontrolável, temos traumas, temos angústia, algumas dessas coisas podem se acumular por negligência. Veja, nem todos nós realmente precisamos de medicamentos, alguns só precisam de terapia de conversação" (M. H. Coalition, 2024d, entrevista pessoal), ainda mais no cenário desenhado pelo representante da instituição sobre os impactos da guerra civil no presente. A "terapia de conversação" mencionada por Sawyerr remete à "clínica psicanalítica" proposta por Freud (2016, p. 07) como uma "fala do sujeito endereçada à escuta de um outro". Beah (2015a, p. 160) relata que, ao narrar sua experiência no *front* para uma enfermeira chamada Esther, percebeu que apenas precisava de uma escuta, reforçando a importância da terapia de conversação.

---

[69] O que não é um consenso, visto que, Aminatta Forna, romancista serra-leonense/escocesa que também escreveu sobre a guerra civil, no romance *The Memory of Love* (2010), tensiona e problematiza a importância que os profissionais da saúde atribuem à fala para analisar as realidades traumáticas africanas. Concomitantemente, acadêmicos que se dizem decoloniais ou pós-coloniais, achando que estão criando uma teoria nova, em contraponto à Freud, dizem que a oralidade seria vital para a articulação e construção de novos modos de pertencimento, o que conduziria o indivíduo e a sociedade à superação do trauma, vide Barros (2025).

Todavia, existe uma miríade de questões mal resolvidas socialmente que vão além de uma simples conversação. De acordo com Sawyerr, muitas das drogas utilizadas pelos jovens na atualidade de Serra Leoa teriam surgido com a guerra, assim como o alcoolismo desenfreado. Nesse longo pós-guerra, teve muitas pessoas traumatizadas e a guerra se tornou diária, pois existem muitos desafios que as pessoas enfrentam: o ebola, a COVID, a pobreza constante e assim vai. As pessoas tiveram que lutar por suas sobrevivências, inclusive os órfãos de guerra (M. H. Coalition, 2024d, entrevista pessoal). O uso de drogas pelos jovens seria o resultado do abandono infantil, "de não ser cuidado, não ser bem treinado, não ser bem-ensinado, apenas ter sido deixado sozinho para se defender" (M. H. Coalition, 2024d, entrevista pessoal). Nesse mesmo caminho, Lopes (2018, p. 23) defende que a violência na infância "pode estar associada ao abuso de tabaco, álcool e drogas". Complementando esse raciocínio,

> a guerra levou algumas pessoas a esse tipo de história, na qual alguns não conseguiram se recuperar […] A maioria das pessoas pensam que a guerra aconteceu há mais de uma década, que está no passado, mas ainda estamos tendo seu impacto sobre os indivíduos, sobre as pessoas. Eu conheci alguém que estava indo muito bem durante a guerra, mas ela perdeu tudo. Eu não sei se foi suicídio ou o que quer que seja, mas, de repente, descobrimos que a pessoa estava morta, deixando as crianças para se defenderem sozinhas. Agora tenho 47 anos, eu vivi a guerra civil. Sou da geração dos que dançaram para as armas. Eu estava em Freetown. E bem, a guerra ainda tem muito impacto sobre mim. Está tendo muito impacto porque durante o tempo da guerra tudo parou. Então você começa a pensar: "onde eu poderia ou deveria estar agora? Eu não estou em determinado estágio da vida por causa da guerra". Perdi alguns dos meus parentes. Então, na guerra, as pessoas que tinham uma equipe de apoio, algumas delas perderam. Eu sempre digo que essas são algumas das experiências em que você tem que começar tudo de novo por conta própria. Você tem que saber que não tem ninguém que possa contar. Minha mãe e meu pai estão mortos agora, não por causa da guerra, por causa natural. Mas a guerra também tem seu próprio impacto, porque acredito que se não fosse por causa daquela guerra, eles não teriam ficado perdidos, não teriam perdido parte de suas propriedades e suas vidas. Eu não tive herança para começar tudo de novo. Eu normalmente digo que nunca herdei nada de ninguém. Eu comecei do zero. Então isso também tem seu impacto porque somos incapazes de preparar o espaço para nossos filhos. A guerra realmente quis que tudo ficasse parado (M. H. Coalition, 2024d, entrevista pessoal).

A observação de processos que operam além do princípio do prazer levou Freud à especulação sobre uma pulsão de morte. Essa energia atacaria o psiquismo, podendo "paralisar o trabalho do eu, mobilizando-o em direção ao desejo de não mais desejar, que resultaria na morte psíquica" (Freud, 2016, p. 09). É essa mesma energia de pulsão de "morte"/ressentimento que é explicitada por Sawyerr. Beah relata que, por um longo período, sua mente não teve espaço para a possibilidade de um amanhã, ele "sempre esperava que o

pior acontecesse" (Beah, 2015a, p. 65), sentimentos que ressoam com o desejo de não mais desejar e a paralisação do eu.[70] Trata-se de uma "pressão, inerente às coisas orgânicas vivas, para restabelecer um estado anterior ao qual essas coisas vivas precisaram renunciar sob a influência de forças perturbadoras externas" (Freud, 2016, p. 62), ou seja, o retorno ao inanimado. O supereu, que na teoria freudiana representa a consciência moral e é responsável pelos sentimentos de culpa e autoexigência, contribui para o "mal-estar que acompanha todo sujeito" (Freud, 2016, p. 10).

O relato acima exposto corrobora para o que tenho afirmado desde o início dessa tese: a guerra rouba a infância e, ao acontecer isso, aquele indivíduo "assaltado" não tem as experiências que enriqueceriam a sua transição para uma outra etapa da vida, a adultez. Nesse sentido, Beah (2015a, p. 27) descreve como, paulatinamente, viu sua infância e sua liberdade fluírem pelo ralo da violência, tendo que se tornar mais inflexível consigo mesmo e com os outros. Sua experiência no *front*, onde "matar tinha se tornado tão trivial quanto beber água" (Beah, 2015a, p. 120), ilustra o conhecimento a partir da violência em vez da aprendizagem tradicional. Claudius Sawyerr, da *Mental Health Coalition*, que na época do início da guerra civil tinha por volta de 14 anos de idade, em vez de ter atividades de aprendizagem com sua família e comunidade, estava exposto também a conhecimentos a partir da violência. Nos espaços de aprendizagem comunitários e familiares, o processo educacional costuma ser gerenciado por uma pessoa mais velha que passa seus conhecimentos tradicionais, valores e responsabilidades coletivas para os mais jovens, dinâmica ausente ou prejudicada em atmosferas bélicas. Como bem lembraram Abebe & Ofosu-Kusi (2016, p. 312), "a história – ou melhor, nossa memória coletiva – está sempre enraizada na infância, deixando suas marcas nas experiências vividas e na imaginação futura das crianças".

Sawyerr ainda chama atenção para os vários abusos que as crianças e adolescentes tiveram no pós-guerra ao serem reconectadas com suas famílias antigas ou conectadas com novas famílias adotivas; ao abandono desses jovens; ao sistema estatal que não permitia que essas pessoas continuassem seus estudos; chama atenção também à relação entre a guerra e a atual decadência econômica de Serra Leoa; e ao aumento do número de moradores de rua. Já a presidente da *Hope for the Children Foundation*, Khadijatu Koroma, afirma que

---

[70] O que é interessante se pensarmos que a segunda produção literária de Beah, *O Brilho do Amanhã*, valorizou justamente o sentimento do desejar o futuro e do esperançar, entendendo a história como aquilo que ainda é passível de mudança.

> ainda é uma luta enorme a vida diária dos civis, porque o que quer que tenha acontecido durante a guerra, ainda continua a impactar, a afetar as pessoas hoje, ainda estamos em tempo de guerra, porque nada mudou desde então […] Minha mãe realmente viu muitas pessoas serem mortas na frente dela, então está traumatizada (Koroma, 2024, entrevista pessoal).

Em vista disso, é válido pontuar que o romance *O Brilho do Amanhã* representa a pobreza pós-guerra civil, descrita como "pior que pesadelos" (Beah, 2015b, p. 112) por um dos personagens da obra, como uma condição social que torna "a vida das pessoas barata e descartável" (Beah, 2015b, p. 109), o que reforça a ideia de que existe uma "batalha" de sobrevivência cotidiana dos civis na atualidade de Serra Leoa, tal como afirmou Koroma (2024). Os variados relatos aqui divulgados, reafirmam a relação intrínseca entre direitos humanos, traumas e direitos sociais para se compreender a situação da infância e juventude na atualidade serra-leonense.

Todo esse divagar é para evidenciar a razão da utilização da concepção freudiana sobre o trauma em detrimento da corrente teórica pós-colonial. A utilização dessa última vertente neste trabalho teria apenas um caráter simbólico e buscaria a "aceitação" dos meus pares ao escrever o que eles gostariam de ler. As características do estresse, do silêncio, da angústia, do sentimento de solidão, do sentimento de constância da experiência traumática, da estagnação da vida, do mal-estar social, do suicídio e até da própria catarse por meio da escrita literária, da fala e da terapia, apontadas pelas instituições supracitadas e seus representantes, nos levam a considerar os postulados de Freud sobre a temática. Por isso, nas próximas páginas, concomitante à análise literária e dos relatos orais, procurarei abordar de maneira mais aprofundada o conceito de trauma.

3.1. O trauma conceituado

O pesquisador alemão Peter Gay (1923-2015) foi um dos raros historiadores que buscou compreender, ainda no século XX, a relação entre Psicanálise e História, afinal, para Gay (1989), havia fatores mentais/psíquicos individuais e coletivos que permitiriam a compreensão dos eventos históricos. Nesse sentido, o autor propõe a ideia da psico-história, ou seja, a percepção das "pressões do mundo externo que tão vigorosamente atingem todos os indivíduos" (Gay, 1989, p. 14). É considerado, ainda, que essas pressões são historicamente localizadas e influenciadas pelas particularidades culturais e sociais.

Contudo, Gay (1989, p. 16) afirma que existem questões inconscientes "compartilhadas que subjazem a estilos culturais", constatação também realizada por Glissant (2006) ao falar sobre a creolização. Assim, Peter Gay pondera que as críticas realizadas à Freud sobre o trauma são "muito mais vulneráveis do que as alegações freudianas que procuram desacreditar" (Gay, 1989, p. 18), interpretando que esse rechaço é resultado da má compreensão da escrita freudiana. Atualizando o debate para os dias atuais, a recusa ao pensamento freudiano, neste caso, sobre o trauma, diz respeito à revisitação acadêmica dos cânones europeus para delinear suas limitações epistemológicas e retirar suas pretensões universalistas, ainda que esse movimento resulte em outra limitação para a interpretação dos eventos históricos.

Em diálogo com minhas reflexões sobre a História Global e sobre a Literatura-Mundo, o trabalho de Gay (1989), respaldado pela perspectiva da psico-história, considera "que os seres humanos exibem algumas características estáveis e discerníveis, alguns modos predizíveis, ou pelo menos decifráveis, de lidar com suas experiências" (Gay, 1989, p. 25). Beah, em sua escrita, ao descrever suas reações ao trauma, como o congelamento do corpo e a incapacidade de fugir do que via, demonstra reações que podem ser consideradas "decifráveis" globalmente. Entretanto, para a teoria pós-colonial do trauma, essa "universalização" comportamental invisibiliza as formas locais de reação a eventos violentos. Em contraposição, é válido resgatar o pensamento de Achille Mbembe (2001). Conforme o autor, desde o período colonial vigoram construções narrativas sobre a África e sua população baseadas num discurso nativista, o qual "promove a ideia de uma única identidade africana, cuja base é o pertencimento à raça negra" (Mbembe, 2001, p. 174). Essa concepção nativista, enfatiza o particularismo, a diferença e a especificidade africana em relação ao global.

> Por isso, o discurso sobre a identidade africana ficou preso em um dilema do qual luta para se libertar: será que a identidade africana participa de uma genérica identidade humana? Ou se deve insistir, em nome da diferença e da singularidade, na possibilidade de formas culturais diversas dentro de uma mesma humanidade? (Mbembe, 2001, p. 183).

Não obstante, essa "busca irrefletida de uma alteridade africana" (Mbembe, 2001, p. 171) guarda vários perigos. Primeiramente, a busca pela autenticidade africana, seja em relação à infância, seja em relação ao trauma, é guiada pela obstinação com o passado, com parcas referências ao futuro ou à linha tênue do presente. Tal discurso é alimentado pela ideia

de isolacionismo,[71] "de que os africanos têm uma cultura autêntica que lhes confere um eu particular irredutível ao de qualquer outro grupo. A negação deste eu e desta autenticidade seria, assim, por si mesma, uma mutilação" (Mbembe, 2001, p. 183), ou como eu diria, uma forma de colonialismo. Assim, Mbembe afirma que tais posicionamentos são ingênuos e acríticos perante o curso histórico, mesmo que sejam utilizados como recursos de valorização da própria voz, visão e tato do nativo, com "a ênfase na afirmação de uma 'interpretação africana' das coisas, na criação de esquemas próprios de autogestão, na compreensão de si mesmo e do universo, na produção de um saber endógeno" (Mbembe, 2001, p. 184).

Trago as concepções de Mbembe no sentido de ressaltar mais uma vez os comportamentos globais individuais e coletivos que estão em atuação no século XXI, principalmente se considerarmos a organização em Estados-Nação e em grandes cidades;[72] as trocas culturais impulsionadas pela globalização e a pulverização do capitalismo que gera micro poder regional, que por sua vez, geram traumas e formas de reação semelhantes em diferentes localidades. Destarte, a tese da não-similaridade africana recusa esses elementos e foca nas "concepções particulares sobre a sociedade, o mundo e o bem que eles [*os africanos*] não compartilhariam com outros povos" (Mbembe, 2001, p. 178, *grifos meus*), sem considerar que a própria cultura e tradição são ambivalentes. Nesse sentido, o uso discursivo recorrente dos(as) acadêmicos(as) às ditas "tradições africanas", frequentemente caem no abismo da visão "radicalmente utópica […] de uma África desconectada do mundo", ou conectada apenas com sua diáspora. De acordo com Mbembe (2001, p. 181), "este ódio do mundo […] mascara um profundo desejo de reconhecimento". Então, para os fins dessa tese, a perspectiva nativista, pós-colonial e decolonial é limitadora, pois não enxerga as mudanças ocorridas no cerne da própria cultura, ou seja, a história é vista sem rupturas.

Mas qual é a base argumentativa da vertente pós-colonial do trauma? Vários autores(as) têm-se debruçado para pensar a "psicologia negra". Lucas Motta Veiga (2019), por exemplo, pondera que a interpretação da subjetividade negra e do sofrimento psíquico negro tem sido guiada por um véu racista. Na sua concepção, as subjetividades negras devem ser tratadas a partir de sua singularidade, assim seria possível descolonizar o inconsciente. Veiga (2019, p. 244) depreende que as experiências de violência da contemporaneidade "são produtos da máquina colonial de produção de subjetividade, produtos que operam um corte na realidade **e que dividem o mundo num arranjo que compõe quem exerce violência e**

---

71 Ideia criticada por Glissant (2006).

72 Locais onde a globalização mais atua, segundo Glissant (2006).

quem a sofre" (*grifos meus*). O problema dessa perspectiva é que não considera os rearranjos das estruturas de poder, muito menos a pulverização do poder da violência na sociedade, tendo uma visão binária sobre o mundo, tal como Fanon, pensador que ocupa um papel medular na escrita de Veiga e de outros autores da corrente pós-colonial do trauma.

Falando sobre o caso específico do Brasil, Veiga (2019) insinua que as concepções clássicas sobre o sofrimento psíquico não conseguem ajudar as pessoas negras, ou seja, haveria uma incompatibilidade cabal entre as formas de sofrimento psíquico dos brancos e dos negros. Isso por causa da escravização e da colonização, eventos que impediriam os brancos de entenderem as subjetividades negras e a "pulsão palmarina" dessa população, isto é, o desejo de ser africano e livre. Narrativas semelhantes sobre o trauma são defendidas por Amy Novak (2008), Anne Whitehead (2008), Marlene Guzmám (2012), Ogaga Ifowodo (2013), Mustapha Kharoua (2015), Irene Visser (2016), Justine Seran (2016), Martínez-Falquina (2016), Natalie Clark (2016), Charlotte Mackay (2018), Amina Saker (2019), entre outras(os).

No cerne das pesquisas dessas autoras está a premissa de que a teoria freudiana não considera os eventos de longa duração, não-singulares e ordinários, tal como o racismo; não consideraria as condições materiais como um fator gerador de traumas; e não levaria em conta o "trauma original", a colonização. Mesmo discurso levantado por Giovanna Franco Barros (2025), a qual, ao nomear sua linha de investigação como uma teoria do trauma decolonial, afirma que a violência estrutural impede a ocorrência de eventos traumáticos singulares.

O ponto fulcral de Fanon (1968) é exatamente este: o traumatismo gerado pela colonização. Para o autor, seria esse evento que causou males psíquicos aos colonizados. Contudo, como é lembrado pelo historiador ganense Emmanuel Kwaku Akyeampong (2015), que é, inclusive, adepto da perspectiva pós-colonial sobre o trauma, a pobreza extrema, a marginalização social, entre outras violências (eventos de longa duração) não são traumas em si, pois não são eventos pontuais. Eventos como o colonialismo, a escravidão ou o racismo, são traumáticos porque geram experiências singulares de violência. Mas não podemos negar, por exemplo, que condições precárias de vida são sim fatores de risco para distúrbios mentais, não necessariamente o trauma.

Seja como for, Fanon (1968, p. 213-214) argumenta que acontecimentos traumáticos atingem o "eu" e deixam sequelas que comprometem o futuro individual e social. Não diferente da abordagem clássica, o autor considera que o trauma se manifesta através do choque, da ansiedade, da insônia, do pesadelo, da angústia, do delírio, do medo e da depressão

(Fanon, 1968, p. 218). Beah (2015a, p. 45), por exemplo, descreve **(1)** a ansiedade: "tinha a sensação de que havia alguém atrás de mim. Quase sempre fugia da minha própria sombra por quilômetros"; **(2)** a insônia e os pesadelos, mesmo já morando nos Estados Unidos: tinha "medo de dormir, mas ficar acordado também me trazia lembranças dolorosas" (Beah, 2015a, p. 17); **(3)** a angústia, ao sentir o coração apertado (Beah, 2015a, p. 10); **(4)** e o medo: "tudo me parecia estranhamente brutal" no mundo (Beah, 2015a, p. 45), que são sintomas do trauma. Por isso reforço o que afirmei em outra oportunidade, "o fenômeno traumático não tem variabilidade significativa se aplicados em contextos culturais diferentes" (Santana, 2022, p. 72).

Um exemplo disso está na experiência de Mariatu Kamara (2010, p. 97), a qual tentou lidar com as sucessivas deformações do seu corpo: amputação, fome, gravidez, cicatriz da cesária. Tudo isso desenvolveu episódios recorrentes de depressão em Kamara. DePrince (2016, p. 06), por exemplo, afirmava que pensar no passado da guerra civil lhe causava arrepios e lembranças perturbadoras. Suas experiências foram definidas por ela própria como um encadeamento de horrores – o "susto" definido por Freud ou o "choque" exemplificado por Fanon. Ainda no orfanato em Serra Leoa, DePrince (2016, p. 43) relata que passava noites tremendo, sem conseguir dormir, com sentimentos de insegurança, comportamentos semelhantes àqueles narrados por Beah.

Mesmo afastada do espaço palco dos seus traumas, nos primeiros anos nos Estados Unidos, DePrince reproduzia a violência que viveu, ao bater, morder, beliscar, arranhar e falar palavrões às pessoas ao seu redor, "[abusávamos] de nossas bonecas. Batíamos nelas e gritávamos com elas, chacoalhando-as até que as cabeças quase caíam" (DePrince, 2016, p. 63, *grifo meu*). A compulsão à repetição é claramente observada no relato de DePrince. A então criança estava transformando a passividade da sua vivência traumática em atividade, tornando-se "dona da situação". Beah, que quando estava com ódio por conta de suas perdas matava mais pessoas, pode ser visto como um exemplo de como a criança traumatizada, ao ser forçada a se tornar um soldado, transforma a passividade de sua vitimização em uma atividade violenta, ecoando a compulsão à repetição.

A premissa central dos *Estudos sobre a Histeria* é que os sintomas histéricos são reminiscências de traumas psíquicos. Ou seja, o sofrimento atual do indivíduo advém de memórias de vivências passadas que não foram devidamente processadas ou "ab-reagidas". Freud e Breuer (2016) explicam que, para que um afeto doloroso se dissipe, é necessária uma reação enérgica, seja pelo choro, um ato de vingança, ou a expressão em palavras do ocorrido.

Se essa reação é suprimida, "o afeto permanece ligado à lembrança" (Freud & Breuer, 2016, p. 20) e continua a atuar como um "corpo estranho". Os atos de violência de DePrince e Beah reiteram as manifestações somáticas e psíquicas que Freud atribui aos afetos não processados. Beah (2015, p. 68, *grifo meu*) "tinha dificuldade para evocar essas lembranças [*positivas*] e, quando finalmente começava a explorar a memória, ficava tão triste que até meus ossos doíam", indicando que o afeto doloroso permanecia ligado à lembrança, não tendo sido devidamente processado. DePrince passou anos tendo insegurança e medo em relação aos homens e animais considerados ferozes por ela, como cães e macacos. A memória se tornou um fardo:

> Eu gostaria de deixar todas as minhas lembranças ruins e desgostos em Serra Leoa, mas não foi possível. Eu tinha pesadelos frequentes. Em um sonho, minha mãe africana estava sendo perseguida por *debils* e lutava para escapar deles, mas eu a impedia. Eu era pequena demais para correr depressa. Quando os *debils* nos pegavam, eu acordava em pânico, suando. Em outro sonho, eu conseguia salvar a professora Sarah, mas, quando acordava, lembrava que não havia conseguido. Minhas irmãs e eu tínhamos medos parecidos, e eles duraram muito tempo (DePrince, 2016, p. 79).

A autora relata que esses medos eram principalmente de seres humanos, aqueles que lhe causaram tantos males: ela "via *debils* em todos os lugares, especialmente nas janelas à noite" (DePrince, 2016, p. 81). Até os seus últimos dias de vida, DePrince evitava estar em janelas ao anoitecer. No próprio ambiente de realização do *ballet*, que era seu sonho, a bailarina dizia que sentia medo de bailarinos e que ficava "chocada ao pensar que uma pessoa que dançava balé também podia me matar" (DePrince, 2016, p. 82). Aliado ao fato de ser um homem (aquele que faz a guerra), a voz masculina que emanava do corpo causava medo, pois os rebeldes gritavam, riam e falavam alto.

Central para a compreensão do trauma em *Inibição, sintoma e medo* é a concepção do medo que o ensaio coloca em seu cerne. Freud (2016, p. 13) postula que o sentimento é uma reação a uma situação de perigo. Ele distingue entre uma "situação traumática", um estado de desamparo vivenciado, como o nascimento, que é a primeira experiência individual de medo e serve de modelo para o afeto, e uma "situação de perigo", que é a antecipação ou expectativa desse trauma. Beah, vendo o cenário brutal da guerra civil, indagou-se: "que tipo de guerra atira em civis inocentes, em crianças, naquela garotinha?" (Beah, 2015a, p. 12), demonstrando a quebra da expectativa de segurança e a manifestação do medo diante de uma situação de perigo. O medo, portanto, funciona como um sinal afetivo que o eu produz para se proteger de

uma situação de perigo iminente. O medo é, para Freud, reação a uma provável perda. Kamara (2010), por exemplo, narra em sua autobiografia que, para sua avó, sonhar com azeite de dendê significava que sangue jorraria naquele dia. Com o início da guerra, Kamara diz que "sonhava bastante com azeite de dendê" e que esses sonhos tinham a inundado: "só conseguia pensar em meu sonho" (Kamara, 2010, p. 30). O receio ao perigo é explícito.

Aqui voltamos para a narrativa de DePrince (2016), a qual via em todo homem que gritasse, um perigo em potencial: "A torcida dos pais nas competições de natação me aterrorizava. Professores instrutores de balé, homens na rua… fossem caucasianos, africanos, asiáticos, nativos americanos ou hispânicos, não importava" (DePrince, 2016, p. 82). Esse temor pelas sonoridades masculinas foi nomeado por DePrince (2016, p. 113, *grifos meus*) de "voz africana, [*pois a*] fazia lembrar as vozes das figuras de autoridade […] como tio Abdullah, Papa Andrew e os aterrorizantes líderes *debils* da FRU". Sua hipersensibilidade a esses supostos perigos reflete a prontidão para a angústia diante de estímulos associados ao trauma, que Freud descreve como uma função protetora que falha no susto.

Do ponto de vista emocional, DePrince (2016, p. 147, *grifos meus*) relata que, enquanto vivenciou a guerra, "havia aprendido a ser forte e a esconder [*seus*] sentimentos, por isso não estava acostumada a [*se*] expressar abertamente". Michaela sentia a necessidade de esconder seus pensamentos e seu comportamento. Já Beah (2015, p. 65), em estado de melancolia, argumentou que "era mais fácil ser triste do que viver num vaivém de emoções", adotando o silêncio como instrumento comunicativo com pessoas que não entenderiam suas experiências. A "resistência" do traumatizado em trazer à tona as lembranças patogênicas é um conceito fundamental para Freud, e as experiências dos serra-leonenses ilustram essa resistência psicológica e social à rememoração e elaboração do trauma. Esse passado doloroso e traumático continuou latente na vida da garota/mulher e do garoto/homem, seja nas relações sociais, nos seus pesadelos ou na dificuldade para dormir.

Em Freud (2019), o sonho, chamado de deformação onírica, emprega diversas técnicas para operar essa deformação, sendo as principais a condensação e o deslocamento. A condensação permite que um único elemento do sonho condense múltiplos pensamentos oníricos, tornando o sonho lacônico e rico em sobredeterminação. As diversas manifestações do trauma em DePrince, podem ser compreendidas como condensações de diversas vivências traumáticas. Cada um desses comportamentos ou sintomas, aparentemente díspares, pode estar condensando uma gama de memórias, afetos e desejos inconscientes relacionados à guerra. Beah (2015a, p. 100), ao descrever que via "fagulhas de chamas, partes de cenas que

tinha testemunhado. As vozes agonizantes de crianças e mulheres se tornavam vivas na minha mente", exemplifica a condensação de múltiplas vivências traumáticas em elementos do pensamento onírico e vigilante. Os desejos de não repetir o passado são desviados para formas mais aceitáveis ou menos confrontadoras de expressão. A psicanálise, através da interpretação dos sonhos, revela a persistência do suprimido e reprimido na psiquê "normal", indicando que "o que foi psiquicamente suprimido […] encontra na vida noturna, e sob o domínio das formações de compromisso, meios e caminhos para se impor à consciência" (Freud, 2019, p. 603).

Beah relata que teve *flashbacks*, ou seja, reações dissociativas e pensamentos intrusivos por um longo período na vida. Mesmo suas ações dentro do Unicef o faziam lembrar do que ele passou: "é sempre difícil porque me traz lembranças" (Beah, 2015). DePrince quando saiu de Serra Leoa pensara que ela era um monstro; quando ia para cama, já nos Estados Unidos, "ficava com medo de acordar e estar de volta em Serra Leoa" (DePrince, 2018, s/p.), de adormecer e reviver, em forma de sonhos, "os pesadelos que tive em Serra Leoa" (DePrince, 2018, s/p.). Kamara (2010), por sua vez, afirmou que atividades do seu cotidiano foram afetadas: não podia mais realizar tarefas domésticas; ficou insegura com seu corpo, inclusive, muitas atividades íntimas ficaram impossibilitadas por causa da amputação de suas mãos. Kamara sonhava com pessoas levando tiros. Em um dos sonhos, Kamara gritava: "Eu nunca mais terei uma vida feliz. Eu não terei as mãos, e dentro de mim está crescendo uma criança da qual nunca serei capaz de cuidar" (Kamara, 2010, p. 77).

Em *O Brilho do Amanhã*, a filha e o filho de Bockarie, um dos personagens principais da obra, na inocência de suas idades, realizavam questões indesejáveis para a comunidade: "A maioria das pessoas as ignorava […] porque aquelas perguntas ou as recordavam da família que não tinham mais ou do fato de que o mundo ainda lhes era cruel, e queriam esquecer isso apenas por um tempo" (Beah, 2015b, p. 51). Essas mesmas crianças, ao verem os filhos de Sila, outro personagem central na narrativa, "queriam saber por que Hawa e Maada não tinham braços" (Beah, 2015b, p. 52). Bockarie teve que ensinar aos filhos que existiam alguns silêncios que eram necessários para poder digerir eventos violentos/traumáticos do passado recente. Percebendo esse cenário, no qual havia corpos mutilados para sempre por causa da guerra, um dos anciãos da cidade fictícia de Imperi relata que "os tempos mudaram, e o mesmo deve acontecer com certas tradições" (Beah, 2015b, p. 58), como aquelas que envolviam aperto de mãos ou rituais que usavam mãos e braços. Isso mostra como a guerra

alterou as dinâmicas sociais. A alegria na ficção de Beah, assim como na não-ficção de Kamara, tornou-se rara.

Para além das limitações físicas que a amputação causou, Kamara sofreu com as consequências psicológicas e simbólicas, como a necessidade de ser alimentada por um terceiro. Ela "achava errado ser alimentada como um bebê" (Kamara, 2010, p. 51). A guerra impediu também rituais de morte comuns em Serra Leoa. Segundo Kamara, naquele país "nós pranteamos o falecimento com festas no dia do enterro" (Kamara, 2010, p. 199). A guerra fez com que as crianças passassem "a ser os provedores de nossas famílias" (Kamara, 2010, p. 86), numa ocasião na qual a população pouco sentia a sensação de felicidade (Kamara, 2010, p. 91). Como ressaltou Abebe & Ofosu-Kusi (2016, p. 308), muitas crianças têm que amadurecer "cedo por causa da pobreza, educação limitada e responsabilidades dentro e fora de suas comunidades". Como a guerra civil serra-leonense acentuou a pobreza, não seria incorreto afirmar que esse evento agilizou o amadurecimento infantil. Mas trata-se de um amadurecimento desesperançoso.

No pós-guerra, Beah vociferava não confiar na felicidade ou em qualquer tipo de normalidade e tentava evitar hábitos previsíveis para não se expor ao perigo, mostrando um medo persistente de reviver o trauma. Na adolescência, a possibilidade de voltar para Serra Leoa deixava DePrince em estado de pânico. Mesmo tentando esquecer os eventos passados, "a mídia tocava no assunto com tanta frequência que tivemos que enfrentá-lo" (DePrince, 2016, p. 155). Alguns chegavam a falar nas mídias digitais que a serra-leonense deveria estar em seu país natal e que sua adoção foi fruto da colonialidade persistente do Ocidente sobre a África: "isso me irritou. Nós tínhamos que nos esconder atrás das árvores para evitar ser baleadas por *debils*; havíamos chegado aos Estados Unidos tão doentes que provavelmente teríamos morrido se ficássemos na África por muito mais tempo" (DePrince, 2016, p. 155). A autora defende que ir para os Estados Unidos salvou sua vida. Aqui percebemos mais uma vez como as teorias, muitas vezes, esbarram na materialidade da vida real.

Em uma das apresentações internacionais como bailarina de balé, DePrince constatou que "mesmo tendo definido quem [*ela*] era e o papel da África em [*sua*] vida, um dia antes de [*sua*] partida para a África do Sul [*acordou*] de madrugada suando e tremendo" (DePrince, 2016, p. 157, *grifos meus*). O continente africano estava marcado por "memórias terríveis". Os pesadelos frequentes de DePrince, são paralelos aos "sonhos dos neuróticos acidentários" de Freud (2016, p. 33) que reconduzem "o paciente repetidamente à situação de seu acidente".

A viagem acabou revivendo um "espírito enfraquecido" do passado (DePrince, 2016, p. 161). Ao final de sua biografia, a autora chega a questionar o motivo dela ter sido uma das poucas a ter conseguido "sair bem" daquela realidade bélica, visto que mais de 320 mil pessoas viraram órfãs e centenas de milhares de crianças morreram. "Essa parece ser a chave: por que eu fui uma das felizardas?" (DePrince, 2016, p. 167). Esse sentimento que podemos chamar de culpa perdurou, podendo indicar até uma motivação de um possível suicídio da serra-leonense em 2024.[73] Beah também se questionava sobre "o motivo pelo qual foi o único do seu núcleo familiar próximo a sobreviver". Com todas as perdas que teve, Beah (2015a) também afirmou que sobreviveu "por mera sorte". Paradoxalmente, foi a violência que fez o autor sobreviver.

A guerra, enquanto evento singular, começou a afetar a vida de Mariatu Kamara quando a mesma tinha doze anos de idade. De forma geral, a autora narra uma vida de tranquilidade antes do conflito bélico, o que fortifica a tese da necessidade de um evento extraordinário para a formação do trauma, na medida em que rompe com o relativo *status quo* da vida costumeira. O mesmo acontece com Ishmael Beah, o qual afirmou que sua família costumava contar histórias, até o advento da guerra civil. Conforme o mesmo, "essa simples e linda vida que eu tive quando criança parou quando a guerra civil começou na década de 90" (Beah, 2015a).

No romance *O Brilho do Amanhã*, Beah representa a surpresa dos habitantes de Imperi com a eclosão do conflito, os quais "não sabiam que no dia seguinte abandonariam tudo e seriam separados para sempre" (Beah, 2015b, p. 14). Essas narrativas demonstram que o evento traumático foi a guerra, um evento pontual que rompeu com o *status quo*. Embora a pobreza subsequente e a exploração mineral, como descritas no primeiro romance de Beah, perpetuem o sofrimento com a retraumatização, a guerra é o catalisador inicial. Sobre o conflito armado ser um evento que impede o desenvolvimento das potencialidades das pessoas, Kamara (2010, p. 126) expressa que tinha desejos por frequentar a escola e que, aos quatorze anos de idade (em 2000), sua família africana queria que ela fosse para a escola e conseguisse um bom emprego (Kamara, 2015, p. 144). Já Beah, tinha o sonho de ser economista.

---

[73] Principalmente se considerarmos que, segundo Lopes (2018), o risco de episódios depressivos aumentam à medida que saímos da infância; que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade; e que países de baixa renda geram situações sociais e psicológicas que aumentam o índice de suicídio.

Mesmo considerando as vozes de Beah, DePrince e Kamara, não posso deixar de mencionar mais alguns detalhes da perspectiva pós-colonial do trauma. Anne Macclintock, em *Couro Imperial* (2010, p. 271), afirma que a psicanálise surgiu "em torno da invenção do fetiche primitivo", um fetichismo racial, instrumento de policiamento dos colonizados. Ora, uma parte da vertente pós-colonial afirma que Freud não pensou nas populações colonizadas para formular seus conceitos, outra diz que a psicanálise surgiu como forma de dominação dos subalternos? Segundo Macclintock, Freud via o fetiche como uma questão puramente masculina. Contudo, o que a autora não faz em nenhuma parte da obra é considerar as mudanças ocorridas nas teorias do Freud, o qual revisitou muitas vezes seus escritos. Trata-se de uma mudança de conduta intelectual, não de uma contradição, como Mcclintock afirmou.

Em adendo, é afirmado no mencionado livro que Freud não admitia "classe ou raça como categorias crucialmente formativas […] relegando, assim, raça e classe ao *status* secundário ao longo de uma corrente de significação primariamente sexual" (Macclintock, 2010, p. 275). A autora, apesar de escrever um interessante e necessário livro, desloca temporalmente a escrita do Freud, apontando preocupações dos dias atuais que não estavam em voga quando da escrita de Freud. É fato que as teorias do Freud foram formuladas considerando, a princípio, as experiências dos homens, brancos, europeus, de classe média e de famílias socialmente bem localizadas. Mas nem por isso suas constatações sobre a psiquê humana são descartáveis.

Outra tônica da perspectiva pós-colonial está centralizada na ideia de que o evento traumático é sim acessível na psiquê individual e coletiva dos colonizados e escravizados, supostamente, diferente da perspectiva freudiana. Mas como o próprio Freud (2014, p. 217) advoga, a nascente dos sintomas traumáticos pode manifestar-se no inconsciente, mas pode chegar ao consciente sob diversas condições. Mesmo Ifowodo (2013), crítico da teoria freudiana do trauma, reconhece que o inconsciente é de fundamental importância para a compressão das sociedades pós-coloniais. Em suma, a vertente teórica do trauma pós-colonial não é uma abordagem que propõe uma revisão do conceito de trauma, mas a sua utilização para compreender o sofrimento psíquico das populações subalternas, tal como é observável na escrita de Barros (2025). A autora, ao descrever as etapas da traumatização causada pelo racismo, narra, em outras palavras, o mesmo fluxo mental e social defendido por Freud. Barros (2025) afirma que o trauma do racismo nasce em três etapas: **(1)** o choque, **(2)** o afastamento social e a fratura identitária, e **(3)** o caráter de atemporalidade. Pergunto: o

choque não seria o susto na teoria freudiana? A fratura identitária não seria o recalcamento e a ruptura com o meio? A atemporalidade não seria a compulsão e a latência?

Hamish Dalley (2016, p. 27) pondera que a escrita de Freud "invoca o colonialismo como fonte de transtorno mental". No livro de Akyeampong (2015, p. 43), é afirmado que as guerras da era pós-colonial africana têm gerado traumas devastadores, estado que estaria associado a eventos ou períodos de adversidade e violência extremas, que costumam ser generalizadas e que geram sofrimento e instabilidade social. Nesse contexto, o recrutamento infantil, segundo William Murphy (2015, p. 282), é um problema a ser enfrentado pela psiquiatria africana contemporânea, ainda despreparada, inclusive, de acordo com Akyeampong (2015, p. 43), para lidar com as formas de manifestação do trauma, como depressão, ansiedade e somatização. Ou como eu acrescentaria, com o comportamento violento, a alienação social e a perplexidade, vestígios de outrora. Murphy (2015, p. 290) vai mais longe ainda, afirmando que, com muita frequência, as ditas formas locais de tratamento do trauma acabam subordinando, estigmatizando e marginalizando os jovens, visto que em muitas sociedades africanas há hierarquias gerontocráticas e quem comandam esses tratamentos são os mais velhos.

Pensando especificamente sobre o trauma, Mbembe (2001) postula que trata-se de um estado gerado por determinado evento de efração, que expropria o eu e que tem "impulso destrutivo e uma desarticulação do eu e de toda a individualidade […] [*perante*] a extrema desvalorização da vida" (Mbembe, 2001, p. 187, *grifo meu*). Dessa experiência, o que fica no inconsciente psíquico individual e coletivo, funciona como uma feitiçaria neste eu e nós "danificado e humilhado para além de qualquer limite" (Mbembe, 2001, p. 189). Em eventos bélicos, tal como a guerra civil de Serra Leoa, a espetacularização e generalização do sofrimento reforça "o processo de constituição de memórias traumáticas" (Mbembe, 2001, p. 194).

No romance de Beah, essa espetacularização e generalização do sofrimento é representada ressaltando como a "guerra das crianças" era movida por "operações que os combatentes chamavam de 'Nenhuma Coisa Viva' – matavam tudo que tivesse vida […] Vários lança-granadas apresentaram a guerra à população de Imperi […] Depois vieram tiros, gritos e choro, com pessoas sendo baleadas diante de filhos, mães, pais, avós" (Beah, 2015b, p. 20). Mariatu Kamara viu tantas pessoas serem mortas por crianças-soldado, tanta banalização da vida e da morte que, ao ser questionada por um deles se queria ser morta, Kamara (2010, p. 34) pensava: "parte de mim queria".

Quando do episódio de seu estupro, aos doze anos de idade, Kamara (2010, p. 74) pensou novamente: “Leve-me, Alá. Leve meu bebê e a mim. Eu quero morrer”. Chegou a pensar em suicídio: “ninguém mais me impediria de matar-me e à criança dentro de mim” (Kamara, 2010, p. 75). O risco de suicídio é elencado pela *American Psychiatric Association* (2014) como sendo alto para crianças que são abusadas sexualmente. Toda a violência perpetrada contra ela a fez perder a esperança: “‘eu não tenho futuro’, repeti muitas e muitas vezes” (Kamara, 2010, p. 76). Ao mesmo tempo, Kamara percebia que “não ter futuro” foi um destino comum entre jovens e adolescentes de seu país. Assim, os sentimentos que a serra-leonense foi desenvolvendo era o de aversão, prostração e nostalgia em relação a um passado sem a violência física que estava vivendo. “Tudo o que eu podia ver diante de mim era uma vida de esmolas e dependência de outros para sobreviver” (Kamara, 2010, p. 108). Beah, nesse mesmo sentido, quando chegou aos Estados Unidos, sentia que sua vida “não tinha espaço para emoções” (Beah, 2015, 4:48, *grifos meus*).

Então, de forma objetiva, segundo a *American Psychiatric Association* (2014), o trauma é resultado de um evento que se desenvolve como uma ameaça à vida, tem potencial de lesão, seja ocorrido com a própria pessoa ou pelo testemunho pessoal da perpetração da violência contra o outro, principalmente amigos e familiares. Conforme a Associação, são sintomas do trauma: lembranças intrusivas recorrentes e involuntárias do evento traumático, sonhos angustiantes recorrentes, reações dissociativas (como o *flashback*), sofrimento psicológico intenso, reação fisiológica a sinais que sejam associados ao evento traumático, evitação das recordações do trauma ou incapacidade de lembrar, de recordar algum aspecto do evento violento, expectativas negativas de si e do mundo, estado emocional negativo (medo, pavor, raiva, culpa, vergonha), sentimento de afastamento em relação à sociedade, comportamento irritadiço e pertubação do sono. “Os adolescentes podem nutrir crenças de terem mudado a ponto de terem-se tornado socialmente indesejáveis e estranhos a seus pares (p. ex., ‘Agora nunca mais vou me encaixar’) e perder aspirações para o futuro” (American Psychiatric Association, 2014, p. 277).

A Associação ainda chama atenção para os fatores agravantes pré-traumáticos, como a condição socioeconômica da pessoa, da comunidade e/ou do Estado; os fatores agravantes peritraumáticos, como a gravidade da ameaça à vida ou ser um perpetrador da violência; e os fatores agravantes pós-traumáticos, como “eventos de vida adversos subsequentes e perdas financeiras ou outras perdas relacionadas ao trauma. O apoio social (incluindo estabilidade familiar para crianças) é um fator protetor que modera a evolução depois do trauma”

(American Psychiatric Association, 2014, p. 278). Beah cresceu em um contexto onde a guerra civil foi uma resposta, entre outros fatores, à corrupção e anos de amargura social desde a independência, indicando fatores pré-traumáticos relacionados à condição socioeconômica da Serra Leoa. Sua atuação como perpetrador de violência é um fator agravante peri-traumático. Beah, ao ser adotado e ir para os Estados Unidos, encontrou o apoio social e a estabilidade familiar que a APA descreve como moderadores da evolução traumática.

No entanto, em sua escrita ficcional, Beah problematiza a realidade histórica ao destacar que a instalação de empresas de mineração no pós-guerra, as quais devastaram o meio ambiente e as relações sociais, levando à perda de "árvores, terra apropriada para o cultivo, mananciais de água" (Beah, 2015b, p. 186), perpetuaram o trauma e impediram a "recuperação" para muitos. O narrador onisciente constata que grande parcela da população de Imperi teve que mudar de residência e até de cidade por conta das empresas. O trauma, assim, não está afastado das condições materiais, é, na realidade, impulsionado por "relações sociais e familiares empobrecidas, ausências ao trabalho, renda mais baixa e menor sucesso acadêmico e profissional" (American Psychiatric Association, 2014, p. 279).

Tanto quanto na teoria mais clássica, Mbembe (2001) pondera sobre a latência do trauma, pois a memória da experiência vivida se perpetua nos corpos físicos, nos corpos sociais e nos comportamentos individuais e coletivos. Em Estados de renda baixa, essas memórias traumáticas interagem com "uma paisagem geral de fragmentação e decadência econômica" (Mbembe, 2001, p. 195). Sobre a latência, podemos resgatar novamente o relato autobiográfico de Mariatu Kamara que, ao adentrar em um grupo de teatro, especialmente para participar de uma peça sobre a guerra civil, representando sua própria vida, a própria arte causava sofrimento na serra-leonense: "O enredo trouxera de volta muitas lembranças ruins para mim" (Kamara, 2010, p. 111).

Essa latência fez com que representar, cantar e dançar fossem atividades ressonantes do trauma da guerra. Mas aos poucos, o fardo de Kamara foi amenizando, afinal, "fingir chorar no palco oferecia algum alívio para minha dor" (Kamara, 2010, p. 114), uma forma de catarse, embora a expressão não seja diretamente verbal, mas encenada. A experiência de Kamara no grupo de teatro é um exemplo paradigmático de elaboração. Esse foi um momento de passagem da passividade à atividade, que procurou dar forma simbólica ao trauma, característico do trabalho de elaboração, exercício psíquico individual e coletivo que exige um contexto material e social favorável. A partir disso, o próprio grupo de teatro criou peças

sobre o perdão e a reconciliação. Só depois desse episódio que Kamara diz se sentir viva novamente.

Mas o desejo de ser adotada por estrangeiros se mantinha, fazendo parte de um raciocínio legítimo da então garota para poder fugir do lugar que lhe causou e continuava causando sofrimento. No fim de sua biografia, Kamara relata que, encontrar Ishmael Beah, já na adultez, evocou nela memórias ruins, visto que ele, enquanto ex-criança-soldado, simbolizava as figuras que tinham amputado suas mãos, situação que exemplifica o estado crônico da latência e que reforça a ideia freudiana de que o traumatizado é "obrigado a repetir o recalcado como uma vivência presente, em vez de […] recordá-lo como uma parte do passado" (Freud, 2016, p. 40). Beah, embora tenha afirmado que sua "cura é impossível, ainda que o perdão seja necessário para seguir em frente", personifica a compulsão à repetição, visto que sua própria presença como ex-criança-soldado evocou memórias ruins em Mariatu Kamara, antes que ela o reconhecesse como amigo. Mas, nas palavras da autora, "quando vi Ishmael, soltei um suspiro de alívio. Ele não se parecia em nada com qualquer um dos garotos [*rebeldes*] […] senti que havia encontrado um amigo, por mais estranho que isso fosse, num ex-menino-soldado" (Kamara, 2010, p. 193-94, *grifo meu*).

Em finais do século passado, Bourdieu (1998, p. 183) já apontava que a autobiografia "descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas […] um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional". Para o autor, tal perspectiva é movida pela ideia de que a vida é formada por um conjunto de eventos coerentes e orientados. Nesse sentido, Bourdieu argumenta que a autobiografia "propõe acontecimentos que, […] tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis" (*Ibidem*), ou seja, organizações que atribuem sentidos lógicos às experiências passadas, através da seleção de "certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência" (Bourdieu, 1998, p. 184-185). As escritas autobiográficas aqui analisadas expressam essa posição autoral que empurra o sujeito do passado para o futuro de modo sequencial, não observando as bifurcações e ramificações que toda trajetória é dotada. A própria linearidade funciona como uma forma de lidar com o trauma, seja **(1)** organizando o "caos", atribuindo-lhe uma ideia de progresso, **(2)** reconstruindo identidades, percebendo momentos de agência e **(3)** ressignificando o passado, objetivando comunicar para a sociedade determinado ponto de vista.

De modo geral, as autobiografias de Beah, DePrince e Kamara têm como organizador temporal e temático de seus discursos o trauma da guerra, apesar de DePrince ir um pouco além, ao apresentar um segundo fio condutor: a realização de um sonho (ser bailarina). A autobiografia de Beah tem a guerra como seu principal organizador temporal e temático, narrando de forma linear sua experiência de fuga, combate, reabilitação e testemunho. No caso de *A mordida da manga*, o próprio livro insinua a ideia de uma viagem através da narrativa, pois no início da obra há um mapa representando a área percorrida por Kamara durante a guerra. A própria grandiosidade do evento impõe uma narrativa com percurso orientado e linear.

No que diz respeito ao momento da produção e publicação das obras literárias analisadas, o início da década de 2010 mostrou um olhar no mínimo controverso em relação à Serra Leoa. A revista Forbes elencava o supracitado país como o quinto mais infeliz do mundo, sem grandes dados dos elementos considerados para a realização dessa lista. Ao mesmo tempo, em 2012, havia a condenação pela ONU de Charles Taylor, ex-presidente da Libéria, por crime de guerra durante os idos da guerra civil serra-leonense. De certa forma, esse julgamento trazia à tona os traumas latentes da guerra e, concomitantemente, a tranquilidade de milhares de sobreviventes (A Tribuna, 2012, p. 8). As obras aqui analisadas, nesse contexto, podem ter contribuído para o luto e a compreensão do trauma que a sociedade carregava, além de terem o potencial de serem um meio de ampliação de vozes de milhares de sobreviventes.

Em 2014, com a crise do Ebola que se instalou na África Ocidental, mais uma vez o luto marcava aquela população. Escrever, nesse contexto, poderia funcionar como um método de lidar com esse encadeamento de traumas. Pode também ter sido um instrumento para sair da pobreza, visto que na primeira década do século XXI, a Serra Leoa ocupava a última colocação no ranking da pobreza e desigualdade social no mundo e a primeira colocação em violência (A Tribuna, 2005, p. 1). Além disso, entre 2006 e 2008, o nome “Serra Leoa” estava em alta no mundo Ocidental por conta do lançamento do filme *Diamante de Sangue*, estrelado por Leonando DiCaprio, que representa os anos de guerra civil. Então, quando da escrita de Beah, Deprince e Kamara, esse trauma do passado ainda se fazia presente, mesmo com os serviços de suporte mental.

No que tange ao apoio psicossocial, o principal mecanismo utilizado

> foi a adoção de procedimentos tradicionais de cura e reconciliação. Eles envolviam a incorporação de valores tradicionais e aspectos de sistemas de crenças, por meio de rituais religiosos, por exemplo, que tinham o objetivo de livrar as ex-crianças-soldado do mal e apaziguar os antepassados. Esses métodos eram empregados por governantes tradicionais, como chefes da comunidade ou anciãos locais (Affonso, 2016, p. 23).

Essa foi uma das saídas encontradas para o problema da insuficiência da terapia focada no indivíduo. O apoio psicossocial através da comunidade teve mais sucesso, "isso se deve pelo fato da construção da personalidade do indivíduo nas culturas da África Ocidental, principalmente, estar profundamente correlacionado com a sua comunidade" (Affonso, 2016, p. 23). Beah, em sua autobiografia, relata que buscava afastar da mente as tragédias da guerra através da ruminação da beleza natural da terra; ou dançando e cantando, o que se alinha com a utilização de cantos, danças, histórias e jogos como instrumentos terapêuticos no apoio psicossocial comunitário. No romance *O Brilho do Amanhã*, embora a contação de histórias tradicionais tivesse provocado "tremendas risadas no grupo, algo que não acontecia fazia um bom tempo" (Beah, 2015b, p. 62), para os personagens que foram crianças-soldado como Coronel, Ernest e Miller, "o riso não tinha conseguido entrar" (Beah, 2015b, p. 63), indicando os limites da contação de histórias para aqueles que foram perpetradores de violência.

Nesse mesmo sentido, o interessante da música como meio para lidar com o trauma é que ela manifesta a simples liberdade de expressão. Conforme Spencer (2012, p. 74), "cantar sempre foi uma parte importante da expressão cultural dos povos de Serra Leoa e da África Ocidental em geral […] Portanto, não é surpreendente que mesmo no meio de privação, refugiados de Serra Leoa na Guiné encontraram consolo cantando". De acordo com a bibliografia, o ato de cantar foi essencial durante a guerra civil, mas também depois do evento. Para Spencer (2012), muitas das canções do pós-guerra, produzidas por jovens, carregam um apelo à mudança social e servem também para os jovens engajarem-se com uma proposta de uma Serra Leoa melhor, diferente daquela que deixou a guerra civil ocorrer por mais de dez anos.

No entanto, ter apenas um método de tratamento psicossocial pode ter sido prejudicial, uma vez que a terapia comunitária, amiúde, "não trabalha com questões consideradas tabus nessas comunidades, como o abuso sexual sofrido por essas crianças, por exemplo" (Affonso, 2016, p. 24). Em *O Brilho do Amanhã*, a narrativa aponta para "estupros dos quais ninguém fala" (Beah, 2015b, p. 141), exemplificando um dos tabus que a terapia comunitária pode não ter abordado. A personagem Mahawa, por exemplo, tinha que lidar com a violência sexual

que viveu e ainda conviver e cuidar do fruto dessa violência, seu filho. Mahawa ficava "apavorada com a possibilidade de ter que explicar como a criança viera ao mundo" (Beah, 2015b, p. 33). Os anciãos da comunidade, ao olharem para Mahawa, "ficaram em silêncio, com uma vaga ideia da provação que a criança carregando outra criança tinha suportado" (*Ibidem*). Esses mesmos anciãos, ao avistarem um grupo de jovens chegando à cidade imaginada de Imperi, percebiam que "O rosto deles era de criança, mas suas maneiras eram de adultos" (Beah, 2015b, p. 34).

Dessa forma, a prática de apoio social baseada na comunidade ignora, frequentemente, as "necessidades psicossociais no longo-prazo, o que pode ser prejudicial" também (Affonso, 2016, p. 24). Outro meio de dispor de apoio psicológico foi a construção da Comissão de Verdade e Reconciliação, a qual buscava impedir violações e abusos dos direitos humanos no futuro. Em tese, tal comissão "ajudaria a restabelecer a confiança entre as pessoas, o que facilitaria a reconciliação" (Affonso, 2016, p. 23).

Conforme Song, Brink & Jong (2013), estudos realizados com crianças ex-combatentes da Serra Leoa revelaram que muitas delas têm comportamentos que são chamados de ansiogênicos, depressivos e/ou agressivos. Esses comportamentos são resultados de vários fatores: a morte de familiares e de membros da comunidade, as violências perpetradas pelas próprias crianças, o surgimento ou intensificação da pobreza durante o conflito, as marcas físicas da guerra deixadas nos corpos das crianças, a rejeição social, as memórias de tudo isso, etc. Os personagens em *O Brilho do Amanhã*, como Sila, Hawa e Maada, que "não tinha o braço direito, cortado acima do cotovelo" ou "não tinha os dois braços" (Beah, 2015b, p. 35), são exemplos explícitos das marcas físicas da guerra deixadas nos infantes. De modo semelhante, Both, Lima & Alves (2017, p. 173) afirmam que "mesmo décadas após o fim dos conflitos, as crianças que sobreviveram à violência sexual cometida durante a guerra continuam a sofrer os efeitos desses crimes, incluindo a marginalização socioeconômica e o estigma deixado pela natureza desses crimes".

Vários(as) entrevistados(as) (adultos que eram crianças na época da guerra civil) pelas autoras relataram ter sintomas de trauma e abuso de substâncias, elementos que foram associados à guerra civil. Outros estudos apontam pesadelos, tristeza e repetição mental das violências relacionadas à guerra como sinais do trauma vivenciado por ex-crianças-soldados. "Além de graves problemas mentais individuais relacionados com a guerra, nossos participantes também relataram grande preocupação com fatores da comunidade pós-guerra" (Song; Brink; Jong, 2013, p. 621), como a violência/abuso sexual contra mulheres e o abuso

de drogas por adultos que iniciaram tal uso durante a guerra civil, tal como constatei a partir da entrevista com o representante da *Mental Health Coalition* em Freetown.

Com todos esses efeitos à vida das crianças civis e das crianças-soldado de Serra Leoa, não vejo como não falar em trauma. Como apontam minhas fontes, e isso pode ser considerado como uma fragilidade epistemológica, a categoria trauma é utilizada sem problematizações sobre o seu suposto eurocentrismo. Na prática, Beah e DePrince problematizam a ideia de que conseguimos acessar tudo que envolve nossa forma de agir e de que somos autossuficientes, individual e coletivamente, para tratarmos nossos sofrimentos. Nesse sentido, podemos afirmar que categorizar as crianças-soldado como vítimas simboliza o reconhecimento de

> seus direitos de compensação, necessidade de proteção e reintegração à sociedade e não culpabilidade pelas atrocidades cometidas, ou seja, o trauma e a categoria de vítimas são ferramentas usadas para demandar justiça para esse grupo […] [*afinal, as*] crianças soldados seriam três vezes traumatizadas por sofrerem violências, serem forçadas e socializadas para cometerem violências e presenciarem colegas e civis sofrendo diferentes tipos de violência (Martuscelli, 2019, p. 08, *grifos meus*).

De forma resumida, os programas de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR) deveriam pensar em mecanismos e ações que não culpabilizassem crianças, adolescentes e jovens adultos, mas as ensinassem "sobre a gravidade dos atos cometidos e sobre como lidar com seus traumas" (Martuscelli, 2019, p. 17). Assim seria possível iniciar um processo de apaziguamento entre os civis e aqueles(as) que foram recrutados(as). Como já ressaltado nos capítulos anteriores, as políticas de reparação tiveram problemáticas ao serem orquestradas e implementadas no pós-guerra de Serra Leoa, como as questões de gênero, classe, educação e regionalismo. Mas, por exemplo, a Comissão de Verdade e Reconciliação de Serra Leoa (SLTRC) teve relativo sucesso ao propor diferentes formas de justiça: a restaurativa, "que busca invocar a cura social, não somente entre as vítimas, mas também entre os infratores" (Grant, 2006, p. 303); e a distributiva, a qual recomendou "que se providenciassem vários instrumentos de compensação não monetária e reparações na forma de assistência à saúde, formação educacional e vocacional, e concessão de microcréditos" (*Ibidem*).

De qualquer modo, mesmo com as políticas de reparação social, "a angústia e frustração permaneceram" (Grant, 2006, p. 308) presentes nas vidas de muitas pessoas. Em *O Brilho do Amanhã,* a tristeza fazia parte de muitas atividades no pós-guerra, e os ex-

combatentes, como Coronel, Miller e Ernest, não conseguiam encontrar alegria, mostrando que a angústia, a culpa e a frustração persistiram em suas vidas. Bockarie, por outro lado, tinha dificuldade em demonstrar emoções, sentimentos muito profundos (Beah, 2015b, p. 68).

Foi comum ex-combatentes fugirem e se esconderem no primeiro ano após o término da guerra, pois temiam a criminalização de seus atos durante o conflito civil. O acordo que encaminhou o evento ao fim não considerou as contribuições "do cidadão comum de Serra Leoa, com respeito às cláusulas de anistia contidas no acordo de paz" (Grant, 2006, p. 311), o que pode ter contribuído para a multiplicação dos ressentimentos entre os civis e aqueles(as) que participaram ativa e violentamente da guerra. Da mesma maneira, a falta de participação da população na construção desses acordos de paz, pode ter criado reparações, remoralizações e reconexões artificiais, pois foram construídas de forma arbitrária, "implantados de cima para baixo e intermediados pela comunidade internacional e o governo, com pouca contribuição para se alcançarem benefícios tangíveis ou verificáveis" (Grant, 2006, p. 311).

Para Aisha Fofana Ibrahim (2009), professora que possibilitou minha mobilidade acadêmica em Freetown, a guerra civil de Serra Leoa terminou, "mas deixou muitas pessoas traumatizadas de várias maneiras" (Ibrahim, 2009, p. 249) e de modo generalizado. Exemplificando o caso das mulheres durante a guerra, as quais ela entrevistou, Ibrahim diz que é comum a presença do trauma naquelas que sofreram agressões sexuais, expressando fortes sentimentos de vergonha, perda de dignidade, baixa autoestima, pesadelos frequentes e depressão, consequências que não foram amenizadas com as terapias ocidentais centradas no indivíduo, nem nas ações psicossociais tradicionais coletivas.

Também no pós-guerra, os alimentos eram escassos, assim como os empregos; os cuidados de saúde eram precários; inexistia um sistema educacional de qualidade e muitas mulheres continuaram marginalizadas na sociedade. Tudo isso colaborou para um pesado trabalho de sobrevivência, no qual a pobreza era o pano de fundo principal, estimulante e indutor do trauma. Nesse sentido, grande parte da "recuperação dessas mulheres depende do tipo de apoio material que elas recebem" (Ibrahim, 2009, p. 252). Ou seja, o trauma de um evento singular é consubstanciado por eventos traumáticos anfêmeros. Em outras palavras, estamos falando sobre a "sobredeterminação" dos sintomas (Freud & Breuer, 2016, p. 166), um conceito freudiano que implica que um sintoma não tem uma causa única, mas sim múltiplas causas que se somam. As condições materiais da existência pós-guerra são vistas como elementos que perpetuam e agravam o trauma da guerra. Essa visão expandida das

causas do sofrimento permite afirmar que a predisposição individual e as circunstâncias sociais da vida se entrelaçam para dar origem e manter a neurose.

Ibrahim (2009) chega a afirmar que, nessa realidade, uma de suas entrevistadas procurou herbalistas locais para tratar-se mentalmente. Segundo Williamson (2006), ONGs ajudaram as comunidades a obterem itens necessários para as cerimônias de cura, as quais eram de cunho religiosos (cristãs, muçulmanas e/ou tradicionais africanas). Crianças que voltaram a viver com seus pais biológicos e foram aceitas por suas comunidades tiveram "taxas mais baixas de depressão e ansiedade" (Williamson, 2006, p. 201). No entanto, no primeiro romance de Beah, a narrativa mostra a "população esquecida de Imperi" (Beah, 2015b, p. 142), com crianças sem família e outras "vagando de um lado para outro durante anos" (Beah, 2015b, p. 23), vivendo em "desespero", o que é representativo dos desdobramentos do trauma e pode ter contribuído para a elevação das taxas de depressão e ansiedade. Nos casos analisados por Ibrahim (2009), o trauma inicial estava calcado nas experiências violentas durante a guerra, "mas seus desdobramentos está entrincheirado nas condições materiais de sua existência" (Ibrahim, 2009, p. 254). Em todo esse contexto, as crianças estão cientes e são afetadas pelos problemas e traumas que assolam a elas e suas famílias.

Mesmo realizando críticas ao conceito freudiano do trauma, Ibrahim (2009) acaba utilizando tal categoria para analisar a guerra civil de seu país. Para a autora, "os membros perdidos dos amputados adquirem uma importância especial porque eles recordam a memória do sofrimento e são evidências físicas do que ocorreu e do que não pode ser esquecido" (Ibrahim, 2009, p. 265). Assim, esses corpos são as provas da "guerra, [*do*] sofrimento e [*do*] trauma" (Ibidem, *grifos meus*). O corpo de Mariatu Kamara, ou mesmo a dos personagens do primeiro romance de Beah, tais como Sila, Hawa e Maada, funcionam como símbolos da desfiguração física e social. No final das contas, qualquer "guerra é traumática para todos: vítima ou agressor" (Ibrahim, 2009, p. 268). A maioria dos perpetradores de violência na guerra civil de Serra Leoa foram crianças entre sete e dezessete anos de idade, o que contribuiu para uma disseminação do perdão social de modo mais efetivo que em outros contextos de guerra.

Conforme Valença (2006), a instauração da paz, em contextos bélicos, "não se esgota quando a violência direta chega a um fim, mas quando se proporciona um cuidado específico com as causas que levaram as partes a optarem pela guerra" (Valença, 2006, p. 19), o que não tem ocorrido em Serra Leoa. A paz só será instaurada quando a justiça for feita e

"testemunhada por essas mulheres e crianças. Caso contrário, o trauma, a doença, a desonra e o desejo de vingança não diminuirão" (Both; Lima; Alves, 2017, p. 172). Em suma, o argumento aqui levantado é que os maus-tratos da guerra, ou seja, a exposição prolongada/repetida a eventos/atos violentos, causam prejuízos de longo prazo na vida social, sobretudo, quando os maus-tratos estão relacionados a uma atuação coletiva.

Ao mesmo tempo, Pimenta (2019, p. 76) afirma que diversas etnias de Serra Leoa resolvem "possíveis conflitos com a máxima *forgive and forget*, 'esquecer e perdoar', reintroduzindo à comunidade pessoas, antes afastadas, através de rituais de purificação". De acordo com a bibliografia, no contexto daquele país, a suposta cura pela fala não está em questão (será?). "Isso certamente está alinhado, primeiramente, à longa experiência religiosa das práticas confessionais cristãs no 'mundo ocidental'. Tais práticas redesenham-se com a psicanálise que, mantendo o caráter confessional, atualiza o empreendimento da cura pela palavra" (Pimenta, 2019, p. 77). Nessa linha de raciocínio, Pimenta argumenta: "as comunidades deste país sugerem o esquecimento social como forma de cura para grandes desastres, tragédias e mesmo aflições cotidianas" (Pimenta, 2019, p. 77). Contudo, um fato não considerado pela autora é que Freud, o precursor da psicanálise, era judeu. Assim, a questão da "cura" pela palavra não está tão diretamente relacionada à prática confessional cristã.

Além disso, a amnésia infantil, tal como definido por Freud,[74] que ocorre por conta da tenra idade quando da experiência traumática, pode impedir que impressões e sentimentos profundos cheguem à consciência.[75] O silêncio coletivo sobre o trauma da guerra pode ser visto como uma manifestação desse mecanismo. Freud (2016, p. 34) explica que, de modo geral, os sintomas são criados para evitar o desenvolvimento do medo ou para retirar o eu da situação de perigo. Os sintomas são o resultado de um processo de recalcamento, onde o eu impede que uma "moção impulsional desagradável" se torne consciente. Contudo, esse recalcamento não é uma supressão total, mas uma tentativa de fuga, deixando a moção impulsional recalcada como um "fora da lei", que pode se manifestar de forma distorcida. A vivência traumática não é esquecida, mas "privada de seu afeto", pelo menos para Beah, DePrince, Kamara e meus interlocutores de Freetown.

---

74 Abordado em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

75 Ou mesmo que a narrativa daquele que vivenciou um evento traumático seja considerada genuína. Podemos questionar, por exemplo, até que ponto as memórias narradas no livro *O voo da bailarina*, são de Michaela DePrince ou de sua mãe, coautora da obra. Afinal, DePrince saiu de Serra Leoa com apenas 4 anos de idade. Esse ocorrido gera uma outra questão, obviamente, sem resposta: quão marcante um evento traumático deve ser para que crianças menores de 4 anos de idade lembrem-se de suas experiências?

Seguindo, Pimenta (2019, p. 79) diz que a "obsessão pelo passado histórico é algo dos europeus e não daqueles que sofreram danos como os nigerianos. Ou seja, aqueles que sofreram não querem reviver as dores através das lembranças – rememorar o passado é um desejo de quem não sofre diretamente a pena, no caso, o pesquisador estrangeiro". A meu ver, há uma problemática frente à questão do esquecimento como método de cura dos traumas; como se o silêncio das pessoas para continuar suas vidas não causasse dores, ressentimentos, medos, aflições e angústias. Ainda assim, Pimenta afirma: "Portanto, o esquecimento e as estratégias para mantê-lo eram centrais na forma como os serra-leonenses lidavam com suas dores e 'tragédias sociais', e as curavam" (Pimenta, 2019, p. 80).

Contraditoriamente aos argumentos apresentados, dois dos entrevistados da antropóloga afirmam: "aqui os jovens não se manifestam, não reclamam, eles têm medo que a guerra volte" (Pimenta, 2019, p. 97); "Aqui ninguém fala mal do governo e nem do presidente, é melhor assim para todos vivermos em paz!" (Pimenta, 2019, p. 98). Coronel, um dos jovens em *O Brilho do Amanhã*, permanece em silêncio por boa parte da narrativa, e os anciãos de sua comunidade, evitavam suscitar algumas questões para discussão, ecoando a ideia de uma "ferida" não cicatrizada e de uma censura coletiva. A própria Pimenta pontua que "Contavam-me sobre o modo pacífico de se viver em praticamente todo o país, mas o tom de orgulho era acompanhado por certo receio, como se houvesse um vulcão há anos inativo, não morto, tendo possibilidade de entrar em erupção" (Pimenta, 2019, p. 97). Podemos até traçar um paralelo com a ideia freudiana (2019) da deformação onírica, fenômeno central na formação dos sonhos, que é resultado da censura que uma instância psíquica exerce sobre a outra. O esquecimento social em Serra Leoa pode ser interpretado como uma forma de censura coletiva, uma tentativa de suprimir as dores e ressentimentos que, de outro modo, viriam à tona e potencialmente desorganizariam o tecido social.

Sobre as consequências da guerra nas crianças, Pimenta pontua, de forma sagaz, que as "crianças que ainda virão, não nascerão sob o signo da guerra (esperamos), mas certamente não serão eximidas dela e de suas consequências e influências perversas" (Pimenta, 2019, p. 83), tal como é perceptível na cidade imaginada de Imperi, no romance de Beah. É constatado na narrativa que as crianças nascidas perto do fim da guerra em Imperi "não a compreendiam" o que havia ocorrido, mas certamente sofriam e continuariam a sofrer suas consequências. Para as que viveram a guerra, "seus corpos e posturas já não eram os mesmos de antes" (Pimenta, 2019, p. 87) do conflito.

Sobre o simbolismo do grande número de amputados em Serra Leoa, Pimenta afirma que a amputação não finda no indivíduo, "representa a desfiguração do corpo político e social de um grupo" (Pimenta, 2019, p. 112), afinal, "o corpo físico do indivíduo está completamente ligado ao corpo social da casa, da família, da comunidade e, em última instância, do próprio país" (Pimenta, 2019, p. 114). Eu iria além, ao afirmar que os amputados são, também, um símbolo daquilo que foi "deformado" pela guerra e que não tem nenhuma chance de voltar ao que era antes, apenas aceitar esse novo corpo, esse novo modo de vida. Talvez por ressaltar essas experiências limítrofes, o romance de Beah tenha sido analisado nesta tese, tão próxima ao discurso histórico. Sabe-se que a ficção é um objeto literário que impõe um pacto romanesco entre autor e leitor, no qual o conteúdo e os personagens são frutos da imaginação do primeiro. Contudo, a estrutura e contexto sociais que condicionavam as condutas dos personagens em *O Brilho do Amanhã*, é de uma verossimilhança histórica tal que, o pacto romanesco não exclui outros pactos de leitura, como o pacto ambíguo. Ou seja, o romance pode ser relativizado e lido de forma a dialogar com a História.

Para a professora serra-leonense Aisha Fofana Ibrahim (2009), o ato de escrever ou contar oralmente sobre a experiência traumática "está positivamente correlacionada com a recuperação e o enfrentamento [*do trauma*]" (Ibrahim, 2009, p. 260, *grifos meus*).[76] Além disso, o que é feito socialmente com essa escrita e/ou narrativa é de muita importância para o enfrentamento do trauma. Ou seja, em situações de testemunhos de eventos limítrofes, os(as) ouvintes devem se preocupar em entender a natureza do sofrimento, em ajudar as vítimas e em não duvidar da legitimidade do seu testemunho, como muitas vezes ocorreu em relação aos relatos de Ishmael Beah. Em que pese as dúvidas formuladas por terceiros alheios à sua experiência, Beah assevera: "nunca serei capaz de esquecer nada do que aconteceu comigo" (Beah, 2007, 4:44).

3.2. Direitos calados, traumas espalhados: as entrevistas

Não poderia finalizar esta tese sem trazer trechos dos relatos das dezenas de pessoas que entrevistei quando estive em mobilidade acadêmica em Serra Leoa, entre os meses de

[76] A ocorrência de um festival comunitário no norte de Serra Leoa, em 2007, mesmo ano de lançamento da autobiografia de Beah, coaduna com essa perspectiva. Noticiado no jornal serra-leonense Awoko News (2007b), o festival tinha como objetivos a promoção da convivência pacífica, dar visibilidade aos problemas psicossociais que afetavam jovens e crianças na época, a identificação das formas de tratamento dispensado a essa parcela populacional e a criação de ambientes para a elaboração do trauma, onde fosse possível fazer declamações de poemas, dramatização, escrita e contação de histórias.

novembro e dezembro de 2024. Várias constatações teóricas que teci nas páginas anteriores foram vistas na vida cotidiana da população, principalmente em Freetown e região metropolitana, localidades pelas quais transitei. De modo geral, as narrativas das pessoas com as quais dialoguei permitem afirmar que:

- A guerra civil não é de conhecimento de muitos jovens adultos, os quais não vivenciaram o conflito;
- Por conseguinte, é possível inferir que há um silêncio comunitário e até institucional sobre o assunto, que impede que esse conhecimento seja transmitido através das gerações;
- Para os que viveram os anos 1990, existe a ideia cristalina de que a guerra causou traumas dos quais a população, de modo geral, não se livrou;
- O trauma da guerra foi acentuado pelas condições materiais de escassez pós-conflito e que perduram até os dias atuais;
- E por fim, que as infâncias e juventudes foram afetadas pelas perdas familiares, comunitárias e materiais, pelo impedimento do desenvolvimento de potencialidades e pela negação de um futuro digno. Em suma, pelo roubo das infâncias.

Os relatos reforçam a ideia de um trauma do qual não é possível se recuperar. Afirmam a existência de uma geração "perdida", afinal, a guerra alterou o curso considerado normal da vida comunitária e segue interferindo no presente e no próprio futuro por conta da grande migração de pessoas do interior do país para Freetown, pela falta de oportunidades, pelo alto custo de vida, pela falta de condições materiais (que permitiriam o pleno exercício e usufruto dos direitos humanos) e pela fome generalizada. Nesse contexto, crianças e adolescentes tiveram um aumento de suas responsabilidades concomitantemente ao estado de desamparo social. A partir das entrevistas, observa-se que muitos adultos do presente ainda vivem orientados pelas expectativas frustradas do que deveriam se tornar, e não pelo que efetivamente são, como ressaltou o entrevistado 12. Essa lógica se articula com a concepção amplamente difundida em diversas sociedades, de que as crianças são valorizadas, quase que exclusivamente, em função de seu potencial futuro. É como se a negação da vivência plena da infância mantivesse os indivíduos presos a um estado permanente de expectativa do devir. De certo modo, os relatos orais sugerem que o cuidado com a infância está concatenada ao cuidado com a Serra Leoa.

A análise comparativa entre os relatos orais e os testemunhos literários de Beah, DePrince e Kamara, revelam visões complementares, mas parcialmente distintas sobre os

impactos da guerra civil. Enquanto a literatura, de certa forma, como uma pedagogia da esperança, foca na jornada de reabilitação, redenção, superação e sucesso no exílio,[77] os relatos orais expõem feridas abertas de quem permaneceu em um país marcado pela pobreza e pelo abandono governamental.[78] A escrita literária, nesse caso, é resultado de uma posição de segurança no exílio. Nesse espaço, o trauma manifestou-se através de gatilhos sensoriais e de pesadelos; o trauma individual é confrontado com novas barreiras, como o racismo, que gera o sentimento de não pertencimento.

Nos relatos orais, o trauma aparece mais fortemente enquanto uma condição sócio-histórica coletiva, vinculada também a fatores socioeconômicos. A dor individual de ter perdido alguém mistura-se à revolta contra a corrupção política. Muitos entrevistados sentem que a guerra "desperdiçou" seu tempo e que o Estado nada faz para recuperá-lo. As escritas de Beah, DePrince e Kamara funcionam como testemunhos que, ao perceber a fragmentação da subjetividade do eu e a destruição do tempo psíquico, buscam a "reconstrução do eu" partido, enquanto os relatos orais escancaram a dificuldade dessa reconstrução. Isso porque, ao contrário da literatura, que narra, à sua maneira, o trauma como uma história com começo, meio e fim, os depoimentos orais aparecem geralmente de forma lacunar, hesitante e atravessada por silêncios. Na oralidade, o trauma é exposto de forma banalizada, às vezes manifestado com escárnio, outras vezes com economia de palavras, o que atesta sua condição de local não-dito, com as consequentes negação ou dificuldade de elaboração.

Ao passo que os relatos literários elaboram o trauma através da arte (balé, teatro, narrativa escrita), seja buscando quebrar os desejos de vingança ou sublimando a dor, com o uso da autoria e da criatividade para sua expressão e superação, os relatos orais, muitas vezes, recorrem à fé religiosa como apoio emocional. Além disso, como forma de elaboração, o discurso obtido a partir da história oral explicita o desejo de alertar as novas gerações sobre a guerra para que nunca se repita. Já o recalcamento do trauma, nas autobiografias, ocorre pelo distanciamento do corpo físico em relação ao espaço gerador do trauma e, às vezes, pela recusa inicial em falar sobre o passado para evitar o julgamento de civis. Nos discursos orais, o trauma é bloqueado pela necessidade urgente de sobrevivência. A fome e a falta de recursos impedem a reflexão aprofundada, mantendo os indivíduos em estado de vigilância pelo devir. Desse modo, as falas nas entrevistas realizadas por mim, parecem menos uma tentativa de

---

[77] Com leitores principalmente do exterior. Essa é uma inferência que podemos realizar se considerarmos que, em 2008, 61% da população de Serra Leoa era analfabeta (Awoko News, 2008a) e que a circulação das obras analisadas foi contida em território serra-leonense.

[78] Onde, em 2008, havia a maior taxa de mortalidade infantil do mundo (Awoko News, 2008b).

comunicabilidade do trauma e mais uma denúncia ou reação a questionamentos arbitrários do pesquisador. Os interlocutores não acreditam plenamente que a fala vá produzir algum reconhecimento ou tratamento dos seus traumas.

Para as crianças-soldado, como Beah, a infância é descrita como algo "furtado" ou transformado em pesadelo, onde brincadeiras foram substituídas pelo uso indiscriminado de AK-47. DePrince, por outro lado, guardava a memória de sua mãe africana através de sensações, como o cheiro da chuva, o que contrasta com a violência testemunhada. Nos relatos literários, a reabilitação mental está vinculada ao afeto. Já as narrativas orais mostram o estigma das ex-crianças-soldado que ainda vivem nas ruas, entregues ao álcool e à marginalidade por falta de afeto humanitário e governamental. Apesar disso, os relatos convergem na descrição dos horrores vivenciados e na valorização da educação como ponto comum de esperança social. Talvez uma expectativa desesperada de que a educação seja a chave para mudar o país.[79] Na ficção analisada, Beah ressalta a importância de viver no "brilho do amanhã", onde se possa esperançar a partir da convergência dos saberes dos mais velhos e dos anseios dos mais jovens.

Sob a ótica psicanalítica, a infância exige um "escudo protetor", papel ocupado pelos pais, pelas comunidades e pelo Estado, que, na contemporaneidade, filtram o mundo externo para os infantes. A guerra em Serra Leoa representou o rompimento violento desse "escudo". DePrince, por exemplo, usa uma metáfora espacial para representar o afeto e a sua destruição: nascer na "casa da direita" (amor), a protegeu inicialmente da "casa da esquerda", onde sofreu abusos de seu tio. O trauma se instala quando a violência da guerra invade o espaço de proteção e amor, e a faz ver, por exemplo, sua professora grávida ser assassinada, o que pode ser interpretado como uma imagem de destruição da fertilidade e do futuro. Seja qual for a forma de testemunho, a melancolia manifesta-se como uma resposta ao luto impossível de uma infância interrompida. O objeto perdido da melancolia é a suposta plenitude da vida antes da guerra civil, a qual sabemos, neste ponto da tese, que se trata de uma plenitude mítica, afinal, as condições materiais nas décadas anteriores aos anos noventa não eram estáveis em Serra Leoa.

Os relatos orais expostos nas próximas páginas são tão atuais que podemos traçar um paralelo com o fato de, no ano de 2025, crianças das mais variadas localidades da Serra Leoa,

---

[79] Desejo que, em 2007, tinha as práticas tradicionais como desafio para as meninas, visto que, segundo o jornal serra-leonense Awoko News (2007a), a mutilação feminina e o casamento precoce eram as principais barreiras para a educação.

terem discursado numa sessão especial do parlamento nacional, evento que ficou conhecido como "*My Day, My Right*". Na ocasião, os infantes chamaram a atenção do então governo federal para os desafios que afligem a infância naquele país, como o casamento forçado, a violência e a negligência familiar e estatal. Uma das porta-vozes no evento, uma garota do interior de Serra Leoa, vociferou: "as crianças têm necessidades únicas que os adultos às vezes ignoram […] [*e as violências perpetradas contra elas*] são problemas sérios que afetam a saúde mental e o seu futuro" (Sesay, 2025, s/p.). Muitas crescerão sem nem saber que parte de suas aflições são decorrentes da guerra civil. Mas como lembrou o jornalista serra-leonense Beny Sam (2025, s/p.),

> As crianças não são apenas o futuro de uma nação — elas são uma parte vital do seu presente […] a forma como tratamos as crianças hoje determina o que o nosso mundo se tornará amanhã […] a infância é uma experiência humana compartilhada. No entanto, muitas vezes, as sociedades ignoram isso […] os direitos das crianças devem sempre vir em primeiro lugar. Em Serra Leoa, como em muitas partes do mundo, as crianças já eram vistas, mas não ouvidas — consideradas mais como apêndices da vida adulta do que como seres humanos completos. Até o final do século XX, os censos domiciliares frequentemente não conseguiam contabilizar as crianças corretamente. Nas comunidades rurais, as crianças eram amplamente vistas como mão de obra gratuita — guardando campos de arroz, ajudando nas fazendas de cacau — raramente como indivíduos com sonhos, talentos e vozes […] Eles são o elo mais próximo que temos com o futuro — e o recurso mais precioso que podemos cultivar […] Com a orientação adequada de pais, professores e mentores, elas podem se tornar agentes poderosos de mudança. […] Está claro que as crianças não são apenas as porta-tochas do amanhã, mas também contribuidoras ativas para o presente.

Dito isso, todo o escopo teórico elencado ao decorrer dessa tese dialoga com os sofrimentos relatados nas fontes orais e literárias sobre a guerra; com os sentidos coletivamente compartilhados de que o presente daquele país é marcado pela fragmentação da paz e pelo medo persistente. Por isso, transcrevo abaixo, para finalizar o trabalho, alguns trechos das entrevistas realizadas aos serra-leonenses, os quais reforçam esses postulados.

As entrevistas foram conduzidas em inglês, a partir de quatro questões: Como foi sua infância? Você sabe algo sobre a guerra civil? Como é viver em Serra Leoa nos dias de hoje? E o que você deseja para as crianças do presente e do futuro da Serra Leoa? Gravadas em áudio de aparelho celular, transcrevi a maioria das entrevistas no mesmo dia em que as realizei, através do site *Notta*, uma ferramenta *online* que converte em texto áudios com dois ou mais interlocutores. A partir da transcrição automatizada, escutava a entrevista e lia o conteúdo para identificar possíveis erros do site de transcrição. Realizada a correção, eu mesmo traduzi o conteúdo para o português. A maioria das entrevistas foram realizadas em

espaços públicos. Os participantes da pesquisa foram selecionados por meio de uma combinação de amostragem censitária e amostragem não probabilística por indicação, utilizando informantes-chave,[80] que apontaram locais e possíveis participantes, considerando o recorte etário (maiores de 18 anos) e/ou a vivência da guerra civil, seja de forma direta ou indireta.

Entrevistado 1 (19 anos): "Minha infância foi muito boa, eu era realmente notável em minha comunidade, sabe? Meninos mais novos que eu me admiravam, como um mentor, porque eu usava roupas, falava com as pessoas respeitosamente, meu senso de maneiras". Natural de Freetown, filho único de mãe solo, pois seu pai o abandonou quando tinha entre 1 e 6 meses, o entrevistado diz que "minha mãe é a única que se importa comigo. Eu não testemunhei a guerra. Meus pais me contaram sobre tantas coisas misteriosas, especificamente as coisas de decapitar, cortar as mãos, cortar os pés… Há coisas tão devastadoras que me disseram… Eu nem consigo me lembrar agora. O país está realmente difícil. As coisas estão realmente difíceis agora por causa do governo… sim, o governo não se importa com a população. Há menos empregos, oportunidades… Ainda assim eu vejo futuro para mim, definitivamente. Na verdade, eu costumava jogar basquete, mas devido às circunstâncias do país, tive que cortar meu basquete. Eu realmente tenho um bom talento no basquete, eu tive que colocar tudo isso de lado para me concentrar em meus estudos, para entrar na universidade, porque é isso que precisava ser feito, apenas me concentrar nos estudos". Em acréscimo, o entrevistado relata: "nem toda criança vai à escola. Há crianças que moram na rua e que não têm pais. Há crianças que têm família, mas escolhem a vida nas ruas. Nem toda criança liga para a escola. Algumas crianças têm talentos diferentes. Eu desejo que os pais cuidem de seus filhos, que tenha mais escolas, hospitais, orfanatos… eu tenho tudo isso em minha mente. Especialmente para os órfãos que estão na rua. Tem que ter alguém para conversar, falar com eles, para cuidar deles, para alimentá-los".

Entrevistado 2 (45 anos): "Eu era um garoto pequeno, não me lembro muitas coisas. Mas perdi tios, sobrinhos e outros familiares. Vi pessoas sendo decapitadas, amputadas e muita fome. Depois da guerra, muitas coisas aconteceram […] muitos países doam, mas você não vê o dinheiro. Muitas famílias estão sofrendo, há muita fome. Como você pode comprar um saco de arroz por 1.000.000 de leones? [*em média 215 reais em 2024*]. Nós não podemos pagar por isso. É por isso que você está vendo muitos órfãos, fizeram muitos orfanatos porque as

[80] Principalmente a bibliotecária da *Milton Margai University* - Campus Goderich.

pessoas não conseguem cuidar de seus filhos. É isso que eu vejo. Tantas pessoas… Elas não têm recursos para cuidar das crianças. Algumas pessoas… apenas algumas famílias têm recursos para cuidar de seus filhos. O presidente e seus ministros não governam para a Serra Leoa, eles estão trabalhando para a segurança de suas famílias. A crise política é a questão principal do país. Todos os presidentes e ministros não se importam com a população. Honestamente, para mudar essa realidade precisamos de presidentes de outros países e também de boas pessoas humanitárias para vir, ajudar e consertar a Serra Leoa. Se não for isso, ainda estaremos lutando por escolas, porque o sistema educacional é pequeno. Os políticos são pessoas más. Eles vêm aqui e falam muito: 'eu vou trazer isso, eu vou trazer aquilo, eu vou ajudar vocês nisso', mas eles estão viajando para o exterior, eles veem outros países se desenvolvendo… por que não aqui? Agora é dezembro e está chegando o natal. Eles levam suas famílias para o exterior e se divertem. Eles estão usando o dinheiro da Serra Leoa, eles estão usando nosso dinheiro […] Há várias crianças que, por falta de oportunidades, vão morar nas ruas, há muitas que dormem nas ruas, várias são prostitutas e ladrões, muitas vezes por causa do *Kush*.[81] *Kush* não é bom para os serra-leonenses. É uma droga ruim, isso está nos prejudicando. Há muitos nas ruas que estão sofrendo, sem trabalho, e o governo não quer saber. Inflação todo dia [3x]. Você vai à loja hoje e compra este telefone por 1.000.000 de leones, amanhã se você for vai ser 3.000.000 leones. As coisas mudam todo dia. Essa é a realidade da Serra Leoa, essa é minha realidade. Conseguimos material humanitário, mas ainda sofremos". Por exemplo, Dominic relata que é caro ir buscar a água que as embaixadas disponibilizam por causa do alto custo do transporte. "E se você não tem dinheiro? Nós sofremos. Agora eu não tenho trabalho, nem dinheiro… Essa é minha casa, eu durmo em blocos de barro. Não há esperança para a Serra Leoa. Mas eu vejo futuro para o meu filho. Deus me deu uma criança e o mesmo Deus que é responsável por mim é o mesmo Deus que vai ser responsável por ele. Mas por enquanto, como eu estava dizendo, as coisas estão muito difíceis, embora ele tenha começado a ir para a escola. Mas não poderei prosseguir com nossa educação, porque uma faculdade é muito cara, muito dinheiro por semestre, se você não tem dinheiro. É por isso que muitos comerciantes voltaram para nossas ruas… as pessoas estão apenas subindo e descendo, subindo e descendo, subindo e descendo, fazendo negócios. E se você olhar para a Serra Leoa hoje, se você não tem dinheiro, então não é ninguém. Não há esperança. Não há esperança para a Serra Leoa. Não esperança para nós, porque os políticos

[81] Droga sintética composta por derivados de maconha, analgésicos e outros componentes químicos.

não estão lutando por nós. Sem dinheiro você não pode estudar numa universidade". O entrevistado chama atenção para o fato da África ter muitos recursos naturais, mas a população mais pobre não ver os frutos desses recursos. Isso impacta no futuro das próximas gerações. "Há muito egoísmo, esse é o ponto principal, egoísmo. Os políticos não querem saber se seus colegas estão sofrendo. Eu queria abrir um negócio" (*grifos meus*).

Entrevistado 3 (18 anos): "Minha infância foi muito boa. Eu estudei aqui em Freetown. Eu não sei muito sobre a guerra civil. Ninguém da minha família falou comigo sobre a guerra. Sei que meu avô foi um soldado que atuou durante guerra. Atualmente, por enquanto, está tudo difícil, porque tudo é dificultoso, principalmente para os mais pobres. A economia está ruim. O *kush* tem matado a juventude do nosso país e o nosso futuro".

Entrevistado 4 (23 anos): "Minha infância não foi boa. A guerra civil foi uma loucura. A guerra civil mais sangrenta na África Ocidental foi a guerra civil de Serra Leoa. Foi uma avalanche por 11 anos. Muitas coisas ruins estavam acontecendo, como as amputações pelos rebeldes. Eles costumavam cortar as mãos dos cidadãos que não tinham poder. O país sofreu muito. A maioria dos jovens aqui se tornaram rebeldes, até mesmo crianças que nem sabiam o que era errado. Então eles também começaram a carregar armas, sabe? Só por causa da guerra civil. Foi uma loucura, realmente. As imagens que eu via, os vídeos que eu via, tinha garoto por todo lado, dizendo aos mais velhos: 'ajoelhem-se', sabe? Várias crianças se foram. Eu conheço um cara que foi, particularmente, uma criança-soldado durante a guerra. Ele fica naquele bar, algo assim, você sabe… onde as pessoas pegam álcool e tudo mais. Há um cara lá cujo nome é Abu Bhingri, e ele é muito bravo. E algumas pessoas dizem, tipo, está no sangue dele, sabe? Porque ele matou muitas pessoas durante a guerra. Então o sangue o deixou, você sabe, louco. Ele costuma gritar que era um rebelde. Hoje há muitas oportunidades [*em Serra Leoa*], mas só se você tiver sorte de ter conexões políticas ou com membros do parlamento, enteado, irmãos, filha, assim por diante. E se você não for membro de uma família de homem bem-sucedido, então significa que você tem que encontrar uma maneira de sobreviver. Eu desejo que nosso país esteja em primeiro lugar. Espero que Deus nos perdoe, você sabe, pelo menos nos dê um caminho para o céu e nos livre do inferno, porque aqui já é o próprio inferno. A única coisa que eu posso desejar para essas crianças que estão chegando é uma educação adequada. Eles [*os políticos*] deveriam fortalecer o setor educacional, pelo menos, criar mais empregos para os serra-leonenses. Tenho irmãos mais velhos que, claro, estão desempregados. Mas eu vou ser um rei, sabe? Eu vou ser um rei para minha família. Estou me movendo para ter um grande momento, uma vida boa" (*grifos meus*).

Entrevistado 5 (43 anos): "Minha infância foi melhor do que estou agora. Não está fácil. Não tenho boas lembranças. Naquela época eu me separei dos meus pais. Há tantas coisas, tantas coisas que aconteceram na guerra civil. Eu perdi tudo: perdi minha irmã, minha mãe… A maioria das nossas propriedades foram destruídas e nunca conseguimos voltar para a aldeia. Nunca conseguimos voltar para a aldeia [*repete 5x*]. Eu me sinto muito traumatizado. Eu me sinto muito traumatizado depois da guerra civil. Seja lá o que for, você não é nem capaz de se recuperar de novo. Então você simplesmente deixa tudo seguir seu fluxo também. Não é fácil. Depois da guerra, na maioria das vezes, para viver na cidade, o custo de vida é muito alto. Depois da guerra civil, não há mais trabalho a fazer. Então, estou fazendo um trabalho de segurança neste lugar. Não é fácil. A vida é muito difícil. A vida é muito difícil agora. A cada dia, as coisas estão mudando. No campo, o custo de vida é muito alto também. As coisas são realmente difíceis depois da guerra. As coisas não são fáceis para nenhum homem. Eu torço para que a guerra não aconteça para as crianças de hoje e de amanhã. Porque o que aconteceu na guerra civil foi muito terrível. Então devemos tentar alertar agora, para que a guerra não chegue às crianças, em suas vidas" (*grifos meus*).

Entrevistado 6 (20 anos): "Tive tantos problemas financeiros. Para uma criança crescer aqui e ser educada, não é realmente muito fácil, por causa do apoio financeiro. Há a escassez de água e luz. Então esses são um dos nossos principais problemas em Serra Leoa. Estamos sofrendo com a água, especialmente aqui em *Signal* [*Hill Road*]. Não sei muito sobre a guerra civil. Foi outro tempo. Sei que precisamos de apoio… em termos de eletricidade, precisamos de apoio inicialmente para seguir nossa educação. Precisamos ter escolas melhores para poder ir para o nível universitário. Quando terminamos a escola, sabemos que é o nosso fim, porque os jovens não podem pagar para avançar para o nível universitário. Eu desejo que o mundo mude e que nós possamos mudar o mundo. As crianças não vão ter uma vida boa se continuar assim. Queremos ser pessoas educadas no futuro. Queremos que o nosso país se desenvolva como os outros países. Eu quero ser arquiteto, quero estudar numa universidade e ter um bom emprego depois de sair da universidade".

Entrevistado 7 (40 anos): "Eu nasci em 1984. Nasci e vivi em Serra Leoa. Então, a vida neste país é muito pobre. Você entende? Nós não temos direitos. Nós não temos justiça neste país. Não há como entrar na faculdade, não há trabalho, nada. O governo sempre pressiona os mais fracos. Quando tentamos ir para as ruas para implorar pelo resto de nossas vidas, não conseguimos. Então é por isso que nos sentamos agora e olhamos para Deus e perguntamos: o que Deus fará por nós? Há muito tempo que moro sozinho, sem família. A vida das crianças é

muito ruim. Agora você tem os policiais que usam drogas e atiram em você neste país. Eu tenho filhos, mas não consigo cuidar dos meus filhos. Não consigo olhar para o rosto dos meus filhos porque não tenho o poder de cuidar deles. Eu vivo para descobrir porque não consigo dinheiro para cuidar dos meus filhos e de mim. É por isso que eu vivo aqui nas ruas da cidade".

Entrevistada 8 (70 anos): "Quando eu era criança… é difícil lembrar dessa época. Bem, naquela época não tínhamos problemas com comida. Minha infância foi muito boa. A vida hoje em dia é muito degradante, drástica. Tudo é pior. O maior problema é que as pessoas da política…". O entrevistado diz que hoje em dia há muitas casas de *streepers* e que as pessoas estão trocando as escolas por esses lugares. Diz que o mundo vive a tecnologia, mas que nessas casas não se aprende isso.

Entrevistada 9 (45 anos): "Ahh, o tempo que eu era criança eu era tão teimosa. Eu era tão teimosa porque eu gostava de fazer coisas de homem e meus pais não gostavam disso. Bem, eu conheci a guerra, eu experimentei a guerra no hospital, porque naquela época eu estava no hospital com meu filho. Foi tão terrível para mim, sem médico, sem enfermeiros no hospital. Meu filho pequeno estava internado lá. Então, para mim, hoje eu não me sinto bem em relação a guerra, a guerra me causa dor… Porque eu perdi meu filho por falta de condições geradas por conta da guerra. Então, veja, a guerra me dá dor. Eu perdi meu filho. Então eu vi os rebeldes entrarem em Freetown e destruírem tudo. Seja em um país bom ou ruim, você tem que se manter. Antes de você conseguir as boas coisas você tem que suar, você não obtém as coisas facilmente. Você tem que suar para conseguir seu pão de cada dia e viver bem na Serra Leoa. Você não pode cruzar os braços, você não pode cruzar os pés, mas isso você não pode conseguir nem mesmo na América [*E.U.A*]. Desde que nasci, nunca trabalhei para uma pessoa. Sempre tento fazer um pequeno negócio, como mercados, vendendo, comprando e vendendo. Essa é minha opinião e coisas que eu faço. Não gosto de trabalhar para uma pessoa. Gosto de estar em meu lar. Gosto de fazer coisas em minha casa, de criar meu filho. Eu desejo para minha filha um bom marido e bons empregos. Preciso que boas coisas aconteçam porque do jeito que passo por coisas ruins… não quero que ela passe pelas mesmas coisas. Quero que ela esteja perto de mim para que possamos nos divertir. E amor, que o amor entre na minha família. Não acredito em amargura, mas acredito no amor. Se não temos nada e você tem seus filhos, você tem amor. Bem, precisamos de ajuda para criar nossas crianças para que elas possam crescer, porque se seu filho crescer, e toda criança crescer de uma maneira boa, de uma maneira saudável, coisas melhores virão para a Serra Leoa".

Entrevistada 10 (22 anos): A entrevista inicia com a entrevistada pedindo dinheiro para poder falar algo. Quando respondo em negativa ao seu pedido, a entrevistada responde: "Não tenho palavras para falar então". Quando eu estava para sair em busca de outro serra-leonense, a jovem decidiu responder ao questionário. De forma sucinta, ela responde: "Minha infância foi muito boa. Eu olho para trás e vejo que joguei muitos jogos, *kickstarter*, *balance ball*, fui à igreja, esse tipo de coisa". Assim como outros jovens entrevistados, a entrevistada diz: "não sei nada sobre a guerra civil. Viver em Serra Leoa não é fácil. É muito difícil. Vivemos aqui porque não temos para onde ir. Tudo é muito caro em termos de transporte, comida, roupa, taxas escolares, tudo é caro. Na Serra Leoa não temos tempo para as crianças. Tem países que o custo de vida é mediano. E esses são os países que são doces para elas aproveitarem e se desenvolverem. Mas em Serra Leoa… não temos direitos, não temos dinheiro… Mas estou projetando tudo para mudar essa realidade. Eu não quero viver em Serra Leoa para sempre. Quero viajar para outro país e fazer isso com a minha família. Porque eu sei que se eu viver em Serra Leoa, o que estou planejando para meu futuro não vai dar certo. Em outros países há muitos empregos, como América, Inglaterra, Alemanha, Brasil… então não tenho que aceitar isso. Eu quero ganhar dinheiro. Faço isso por minha família. Tenho que me salvar. Tenho que cuidar de mim. Tenho meu filho. Tenho minha família. Quero salvar meus melhores amigos. É uma oportunidade muito importante para mim me mudar para outro país".

Entrevistado 11 (53 anos): "Minha infância não foi fácil. Meu pai não cuidou de mim, minha avó que me cuidou. Eu passei minha infância hospedado com minha avó e minha avó também não estava achando isso fácil, era difícil cuidar de oito, porque eramos oito de nós aos seus cuidados. Nós tínhamos um negócio bem pequeno para sobreviver. Então não foi fácil [*2x*]. Minha infância não foi fácil, porque quando eu estava crescendo, indo da segunda série para a terceira série, minha avó me trouxe aqui e me mandou para um orfanato. Ela disse que eu estava causando, que eu estava causando muita perturbação, isso, aquilo, então ela me mandou para lá, sabe? Então eu estava lá, indo para a escola, mas a escola não era tudo o que havia no lugar, sabe? Porque de lá nós íamos, depois da escola, para a fazenda. Plantávamos mandioca, abóbora, cocos… Era uma área de cultivo […] Os rebeldes disseram que o governo que estava no poder, o APC [*All People's Congress*], ia continuar no poder por muito tempo. Era um Estado de partido único naquela época. Vendo que essas coisas não seriam mudadas, eles começaram a matar pessoas. De uma forma ou de outra, todos, digo, a maioria das pessoas foram afetadas, porque a guerra… depois da guerra, não dissemos que a guerra havia

acabado, sabe? Nós pensamos que mentalmente a mentalidade das pessoas mudaria para melhor, mas piorou. Meu irmão, é muito difícil… quando nós estávamos chegando à juventude, desde aquela época até agora, deixe-me dizer: de 1991/1992 quando a guerra começou até agora, para mim parece que o país está apenas indo para trás a cada dia, a cada dia, a cada dia. É isso que estamos vendo. O custo de vida aqui é muito difícil, meu irmão. Mesmo você não pode andar apenas com dez dólares para comer, não tem como. Nosso dinheiro é fraco. Quando o país não produz, não envia nada para fora, você sabe o que isso significa. O custo de vida não é fácil, meu irmão. A cada dia as coisas estão subindo. Um saco de arroz agora é um mil, um mil e duzentos leones. Então, veja bem, seu salário não pode comprar. Por isso… Deixe-me ver, como eu vou falar isso? Vendo maconha, às vezes eu vendo um pouco de maconha, alguns pegas, cigarros, água, tudo para conseguir sobreviver. As crianças que têm dinheiro, elas parecem bem agora. Mas quando falo da maioria, das bases, é triste. Você pode olhar para alguns deles. Você pode ver alguns deles pedindo esmolas por todo lugar. Veja, alguns deles deixam os pais em casa e ficam andando nas ruas em busca de dinheiro. Olha só o que eu estou dizendo. Isso é terrível, meu irmão. Por isso que em minha visão, eu diria, você não pode ter um plano, você sabe o que quero dizer. O que facilitaria um plano é o dinheiro. Eu tenho meu lugar [*casa*] em Kamayama [*bairro de Freetown*], meu próprio lugar. Eu sei que não há dinheiro para cuidar do lugar, porque eu só tenho, talvez, o suficiente para comer. Então não é realmente fácil, meu querido. Com dinheiro você pode ter objetivos e planejar".

Entrevistado 12 (27 anos): O entrevistado começa a entrevista respondendo com ironia como uma forma de protesto à sua realidade e à minha questão, até certo ponto, sem propósito prático e material. "Minha vida foi tão perfeita, tão doce, porque eu tenho minha mãe e meu pai, tudo que eu preciso eu tenho, entendeu? Hum. Obrigado, senhor! Obrigado! Eu não cresci com meus pais. Eu perdi meus pais quando eu tinha oito anos. E o que aconteceu depois? Eu tive que parar e, você sabe, é muita coisa para uma criança. Mas eu não quero, eu não quero, eu não quero falar dessas coisas. Eu não sei nada sobre a guerra, não sei o que foi e não sei como funcionou. Este é meu país e nada mais eu posso fazer. Mas se por acaso eu tiver uma maneira de escapar deste país, eu farei isso. Mas por agora, no momento, eu tenho que ficar focado e paciente para qualquer coisa que eu receba, porque eu espero que definitivamente seja enviada por Deus. Para as crianças eu desejo, assim que tiverem juízo, que comecem definitivamente a ir para a escola e depois faculdade. Mas eu quero ter dinheiro, casa grande,

carro, andar como um homem grande, eu quero ser um homem grande, grande. Essa é a minha ideia".

Entrevistada 13 (49 anos): "Sem problemas. Assim… como as coisas são tão difíceis, mas que são difíceis em todo o país, não é [*difícil*] para uma única pessoa. Então, tipo, eu tive o que era saudável para a minha saúde. Bem… Guerra civil. Em 6 de janeiro, aparentemente os rebeldes vieram para Freetown e começaram esse negócio. Então eu sei que é por aí. Eu perdi minhas irmãs, meus irmãos, até meu pai naquela época… eu perdi meu pai. Muito difícil [2x]. Estou me sinto mal… Eu estava lutando, sem comida, sem roupas para vestir, muito, muito difícil. É pesado agora, muito, muito difícil, estamos lutando agora, pesado agora e continuamos lutando. A economia, a comida… a economia é muito difícil. Eu só acho que devemos lutar, ajudá-las e educá-las [*as crianças*]. Talvez amanhã esteja tudo bem para nós, só isso. Estou tentando apenas manter a pressão, estou tentando fazer o meu melhor" (*grifos meus*).

Entrevistado 14 (idade não identificada): "Quando eu era criança, sofri muito com minha mãe… ainda luto hoje em dia. Eu vi muita coisa na guerra civil em Serra Leoa, muita coisa, então vejo alguém que matou alguém, alguém que sofreu danos, alguém em casa que ainda não tem trabalho. Perdi não foi uma, mas várias pessoas. Muitos morreram após ficarem deficientes por causa da guerra. Para mim, a guerra civil não foi boa para este país, porque agora é muito difícil para nós vivermos, não temos emprego. Eu conheço pessoas que foram crianças-soldado, mas depois da guerra civil, muita gente foi para a Guiné, muita gente saiu do país, alguns foram para a Gâmbia, alguns foram para o Mali. Eu não sei como é a vida deles. Bem, aos meus filhos, eu os apoio para irem à escola. Talvez se eles terminarem a escola, alguém será advogado, alguém será médico, alguém será ministro. É por isso que eu luto muito para deixá-los irem à escola. Eu oro a Deus Allah para eu conseguir um emprego. Toda vez que você ora a Allah, ele cumprirá seu desejo e você continuará a crescer e ter uma vida longa".

Entrevistado 15 (20 anos): "Minha vida foi amor, doce, prazerosa e boa [*afirmação em tom jocoso*]. Eu não cresci com meus pais, depois que nasci meus pais me deram para meus tios. Então meu tio materno e meu irmão materno me pegaram e me criaram. Eu não sei de nada sobre a guerra civil, mas eu sabia. Eles me contaram na escola. Mas, por enquanto, não consigo me lembrar disso, não consigo me lembrar de uma experiência verdadeira. Eu estou morando em Serra Leoa hoje. Mas para mim, agora, morando em Serra Leoa, por enquanto, é muito nojento, está muito difícil. Eu penso sobre comida, modo de vida, transporte, o jeito

que as coisas estão indo. As coisas não estão indo normalmente, não estão indo bem. Por enquanto, para nós, as coisas em Serra Leoa são muito difíceis. É muito difícil, muito difícil. Não é fácil para nós quando estamos em Serra Leoa. São 50 leones ou 100 leones para pegar o transporte. Muito difícil. Tudo é muito difícil para nós. Quando digo 'para nós', são os mais jovens, porque os mais velhos fizeram muitas coisas quando eles eram jovens. Quero que o governo abrace as crianças com boas instalações escolares, comida, emprego… Não como aconteceu comigo e com outros. Hoje, não importa se saímos da escola com boas notas ou notas ruins, não há emprego. Algumas escolas em Serra Leoa não tinham estrutura. Eu mesmo… eu jogo futebol. De manhã, quando acordo, lavo meu rosto e choro. Dê-me algum tempo para que eu não tenha que gritar [*pausa*]. Para mim, eu mereço uma coisa melhor que isso [*o trabalho vendendo jogos de aposta*]. A qualquer momento meu chefe vai me demitir e, quando ele me demitir, ele vai levar sua máquina. Eu não sou o dono. Eu apenas trabalho para a pessoa. Eu mereço um emprego melhor. Ou mais tarde na carreira, eu jogo futebol no [*inaudível*]. Mas, por enquanto, estou apenas administrando isso. Eu me engajo o tempo todo, então farei muito [*oração incompleta*]" (*grifos meus*).

Entrevistada 16 (55 anos): "Minha infância foi mediana. Meus pais eram de classe média. E naquela época, as coisas eram mais baratas, as coisas eram mais razoáveis, porque naquela época, tínhamos empregos para os jovens. Então… Nós vivemos bem. Meus pais… naqueles anos eles conseguiram proporcionar tudo, o ambiente foi cheio de amor. Na guerra civil eu não estava aqui. Mas o que meus irmãos e irmãs dizem é que foi terrível. Foi realmente terrível. Quando os rebeldes entraram [*em Freetown*], eles vieram para minha área, lá em cima, porque eles estavam por cima de nós, em *Wilberforce*. Eles usaram as colinas para descer. Eles açoitaram minha mãe [*relato feito com gargalhadas*], eles açoitaram os outros dois [*seus irmãos*] porque um dos meus irmãos era militar". A entrevistada diz que foi abusada sexualmente por um dos rebeldes. "Eu não gosto de viver em Serra Leoa. Eu, para mim, eu não gosto de ficar em Serra Leoa. Sabe quando você fica muito tempo no exterior e então quando você volta descobre que tudo lá é para você? Então eu realmente não gosto daqui porque agora tudo é caro. As coisas são difíceis para as pessoas. Meus filhos são nascidos lá [*no exterior*], eles não gostam de ficar aqui o tempo todo".

Entrevistado 17 (48 anos): "É uma longa história. Eu dormia em veículos, dormia em mesas a céu aberto, dormia na praia, no mercado. Então por que eu estava morando na rua, havia uma organização de caridade chamada *Way Out*. *Way Out* é uma organização que ajuda jovens de rua. Se você está morando na rua, você pode vir para *Way Out* e aprender produção

de som, edição de vídeo, escrita de roteiro, design gráfico, narrativa, poesia, habilidades musicais de graça. Foi assim que eu me transformei. Então eu tive sorte de ir para aquele lugar. Eu aprendi produção de som. Eu produzi minha música sozinho. Produzo som, toco violão, escrevo poesia, conto de histórias. Foi assim que eu me transformei. Eu perdi muitas pessoas na guerra, mas da minha família pessoal, não. Mas amigos, parentes e vizinhos, sim. Não há futuro para a juventude, a velha geração está abandonada, sem provisão, sem esperança. O futuro foi destruído, espalhado em pedaços. Todos estão apenas sobrevivendo. As pessoas, neste país, estão tentando sobreviver, tentando permanecerem vivas. Não há provisão. Este país está fazendo escolhas ruins para ajudar os mais pobres. Antes as coisas estavam funcionando, mas nesse regime, não. Não há respeito, direitos humanos, nenhuma liberdade de expressão. Então, não temos futuro. Eu sou um músico, normalmente canto o que estou sentindo por dentro. Mas também estou com medo. Mesmo quando você é preso, ninguém virá e perguntará: 'por que você foi preso?'. Eles dizem: 'esse cara é um criminoso'. Você sabe, quando eles dizem isso, todo mundo diz: 'ele é um criminoso, ele é um criminoso'. Ninguém quer saber qual é o motivo. Estamos perdidos [6x], para ser honesto. Sem futuro [3x]". Apesar disso, o entrevistado gere uma oficina de música e dança para mulheres moradoras de rua e usuárias de drogas. Segundo o músico, o que o move nessa ação "é o fato de que essas mulheres sentem que estão perdidas, até mesmo seus velhos amigos querem se desconectar delas… elas sentem que se distanciaram da sociedade porque são viciadas em drogas, são profissionais do sexo, vivem nas ruas, vivem de sexo, quando têm dinheiro, fumam muitas drogas, continuam se insultando. Então, para mim, acho que elas ainda têm um futuro brilhante, elas ainda têm uma segunda chance. A sociedade não devia empurrá-las para as margens, mas encorajá-las, porque não é culpa delas. Você sabe, nascemos e crescemos em uma sociedade muito exposta, muito exposta. Somos vulneráveis a danos, desrespeito, desumanização, você sabe, então, eu acho que essas mulheres têm direitos, você pode ver a maioria delas, elas são lindas, fortes, tudo o que elas precisam é de alguém para chamá-las de volta: 'ei, você pode ser a mudança que você quer ser, você pode ser o futuro, você pode ser, você ainda tem um futuro mais brilhante, olhe para você'. Então continuamos dizendo a elas que elas são lindas. Então você vê, nós fornecendo comida a elas. Temos uma sessão com muita comida e água; quando estão doentes, nós as levamos para o hospital. Está vendo aquela moça com o bebê? Ela estava grávida na rua. Nós a levamos, a levamos para casa, ela tem uma casa onde ela está morando agora, agora ela não está fumando drogas, ela parou. Ela tem um bebê, ela está bem. Isso é o que queremos ver. Alguém está

acreditando em si mesmo, que ainda há um futuro melhor, você sabe. Porque hoje estamos de um jeito, mas amanhã você pode ser um homem rico, um bilionário. Ninguém sabe. Amanhã, eu estarei voando com o jato, você sabe. Então hoje é hoje. Amanhã, nós não sabemos. Você sabe, nós apenas compartilhamos um pouco de amor, gentileza e nossa companhia". Além disso, o próprio rapaz cresceu nas ruas, sem pais, desde os 14 anos de idade. Ao mesmo tempo, em suas produções artísticas, o rapaz diz querer enfatizar que a África é o futuro. "Queremos encontrar um espaço de escritório com salas para que possamos tirar esses meninos das ruas e começar a dar a eles diferentes habilidades, treinamentos e boas habilidades de geração de renda, para que eles não voltem para as ruas. Então esse é o meu sonho. Aquela moça, essa mulher tem dois filhos, a menina está morando com um amigo meu e ela disse que vai me dar esse aqui. Eu só quero levá-lo para um lugar melhor. Eu não tenho dinheiro, eu não tenho CEP. Então, esperamos que no futuro, quando ele crescer, o coloquemos na escola, o mandemos para a escola para ter um futuro melhor. Não temos muitas pessoas, temos poucas redes que nos apoiam. Degrau por degrau. Quero realizar meu sonho, como ter uma família linda, e quero viajar pelo mundo cantando música, espalhando palavras de amor para as pessoas que precisam, para dar esperança às pessoas através da música, encorajando as pessoas a serem fortes, a continuar vivendo, não importa a situação, através da música. Você sabe, a música é uma ferramenta muito poderosa que une as pessoas. Você sabe, ela pode facilmente unir as pessoas, não importa o tipo de simplicidade ou o que seja, mas ela as une sem que você questione quem eu sou. Veja agora mesmo, o que fizemos aqui, eu dancei, nós cantamos, você entrou e dançou também. Então esse é o poder da música. Então, para mim, a música é uma ferramenta que eu quero levar pelo mundo. Eu tenho muitas faixas que eu fiz".

Entrevistado 18 (não sabia muito bem, mas aparentava ter entre 50 e 60 anos): "Sou um jamaicano serra-leonense [2x]. Meu pai era jamaicano, nasci em Jamaica. Sou um jamaicano serra-leonense. Morei no Quênia, Voltei para a Jamaica, onde morei por 20 anos e depois vim para a Serra Leoa. Minha mãe era da Serra Leoa. Minha infância nunca foi boa. Eu passei minha vida sofrendo. Já adulto, perdi o contato com meus filhos há mais de três anos. Eles não têm dinheiro para comprar comida. O dinheiro é muito pouco. Eu perdi meu pai. Perdi meu pai aos 22 anos, mas estou lutando para me recuperar disso. Eu penso que este país não é bom. Agora as pessoas estão se manifestando na cidade, agora mesmo, porque o país é tão difícil. Conseguir um lugar para sobreviver é muito difícil. Como um jovem pode ter um emprego? Olha, as crianças mais novas são sobreviventes. Não temos dinheiro. Se você não é

um militar, então como você consegue coisas para si aqui? A vida é muito difícil. O custo de vida é muito alto. Sem democracia, sem direitos humanos, sem emprego. Como podemos conseguir um emprego? Eu sei que eu não vou para as ruas, eu sou grande, eu tenho algo na minha cabeça para fazer, então eu não posso ir para as ruas. Mas é difícil para mim. Eu estou trabalhando aqui como segurança, a situação é melhor porque estou trabalhando. Para mim é melhor. Quando estou trabalhando, não preciso implorar a ninguém novamente. Eu ganho meu próprio dinheiro. Não estou pensando em mim agora. Estou pensando nessas crianças muito jovens. Elas deixam suas casas para encontrar uma forma de sobreviver. Quem pode cuidar dessas crianças? Nem o governo pode pagar nada por elas. Elas sempre vêm para essa região, contatam pessoas brancas da cidade para ajudá-las a conseguir dinheiro para comprar comida. Este governo não tem nada a fazer pelo povo. Eles sempre lutam para que suas próprias famílias fiquem ricas. Mas eles deixam as crianças, os cidadãos, saírem e implorarem [*dinheiro e comida*] aos brancos. Estou pensando nessas crianças. Como elas podem sobreviver? Onde elas podem dormir? Elas não têm onde dormir. Elas dormem nas ruas. O que o governo está fazendo pelo povo? Este governo não está cuidando delas [*das crianças*]. Mas temos muitas fundações para crianças neste país, como o UNICEF, mas eles não podem ajudar essas crianças. Eles não estão ajudando as crianças. Então o país é tão difícil. Então como as pessoas podem viver? Quando você vai ao mercado, tudo é tão difícil. Coisas para comer são muito difíceis, para dormir é muito difícil. Sem medicação adequada, sem emprego adequado, sem facilidade de trabalho, sem educação adequada, sem facilidade de luz. Há muito para ver. As pessoas estão subindo e descendo como uns loucos. Elas não estão loucas, o país que é muito difícil. Veja, esse é o problema. Agora as pessoas estão se manifestando bem na *State House*. Quando estamos manifestando, a polícia vai e atira em nós. Não é certo. É uma democracia. Você pede o direito dos cidadãos de se manifestarem. Se você for bem, os cidadãos não se manifestarão. Mas se você estiver indo mal, os cidadãos se manifestarão contra você. A Serra Leoa é muito rica. Temos diamantes, temos ouro, temos minério de ferro, temos bauxita. Mas quando você sai, vê os navios que estão minerando nosso petróleo bruto… Disso, o que fica com o cidadão? Nada. Você vê cerca de sete a oito navios 'minerando' nosso petróleo bruto. O cidadão não tem nada a ganhar. Eles [*os políticos*] estão levando seus filhos e os enviando para o exterior para estudar melhor. Eles deixarão os filhos de outras pessoas para viver na rua aqui. Isso não é bom. É bom? Não é bom. No final, temos muitos mais mendigos do que outros países africanos, porque todo mundo é mendigo em Serra Leoa, não há emprego".

Entrevistada 19 (43 anos): "Minha mãe e meu pai me criaram no distrito de Quenadugo, em Kaballah. Eu ia para a Escola Católica Romana em Kaballah. Então, quando eles [rebeldes] chegaram em 1994, viemos para Freetown. Nessa época eu tinha 12 a 13 anos de idade. Não me esqueço dos tempos de luta em Freetown. Eu não tive como continuar meus estudos em Freetown porque meu pai estava morrendo naquela época e minha mãe não pôde me sustentar na escola porque eramos muitos, somos nove no total. Eu sou a mais velha. Então, tipo, minha carreira educacional foi muito pobre, casando cedo. Deus me abençoou com dois filhos, um menino e uma menina. Então, meus pais morreram na guerra. Em 1994, antes de sermos capturados em Kaballah, até então eu não tinha noção do começo da guerra. As lutas não pararam desde então, mataram muitos dos meus irmãos, amigos, familiares, capturaram alguns dos meus amigos e mataram alguns. Não foi fácil. Eu perdi minha irmã, mamãe, tio, meus vizinhos, amigos que crescemos brincando juntos, fazendo coisas em comum. Perdi muitos. Agora eu sou muito triste, pois hoje eu não tenho oportunidade para estudar e eu realmente posso me sentir mal… E eu me sentia tão grande, pensava em ser engenheira, médica, estar ocupada… mas agora olhe para mim aqui de pé lutando pela sobrevivência, cuidando dos meus filhos. Estou doente. A vida não é fácil, nem mesmo na área médica. Vou ao hospital, faço muitos exames. Então, preciso ir ao hospital fazer todos os meus check-ups o tempo todo. Estou tomando remédios também. Então a vida não é fácil agora. O custo de vida é muito terrível. Uma xícara de temperos, 50 leones. Os negócios não estão fluindo. Quero que as crianças aprendam que *Salone* se tornará uma versão melhor se não estivermos ao lado do Estado. Eles [*os políticos*] são capazes de viver com sua própria segurança, seus próprios irmãos e tudo mais. Os negócios têm que fluir e as crianças ter que ir para a escola. Se eu tiver ajuda para sustentar meus filhos, eles irão mais longe do que eu… para serem médicos, jornalistas, engenheiros".

Entrevistado 20 (39 anos – Amputado): "Eu sou de Kamabai [*vilarejo ao norte da Serra Leoa*]. Quando eu era um garotinho, eu tinha minha mãe e meu pai, mas durante a guerra, quando iniciou a guerra em 1991 em Serra Leoa… Foi quando eu tinha seis anos… Eu tinha acabado de sair da escola, estava indo para casa e quando eu chego lá eu vejo minha mãe levando tiros". A então criança foi capturada pelos rebeldes junto com seu pai: "eles açoitaram meu pai. Eu vim para Freetown em 1999. Foi quando eles [*os rebeldes*] atiraram na minha perna. Eles me perguntaram se eu gostaria de longo ou curto *[longo = amputação desde o joelho; curto = amputação do pé*]. Eu disse que não queria nada. Eles disseram que iriam me punir. Depois daquele incidente onde eles atiraram na minha perna, eu lutei durante

três meses para conseguir comida. Hoje não vivemos uma guerra, mas o mundo é uma luta para conseguir comida, trabalho, como você vê, nós amputados não temos emprego, não temos ferramentas médicas, nem educação… é muito difícil sobreviver, é por isso que você vê muitos deficientes na rua, implorando, abordando as pessoas, uma após a outra, porque descobrimos que não há emprego, nenhuma ajuda… nós somos apenas deficientes. Eu moro na rua, eu durmo na rua, porque durante a guerra os rebeldes destruíram minha casa em Kamabai. Muitas crianças estão nas ruas. Sim, elas estão trabalhando, mesmo o governo dizendo que tem educação gratuita para elas, assistência médica gratuita… Você descobre que as crianças nas ruas, a maioria delas, não têm famílias. E é por isso que eu vejo muitas delas… Porque eu vejo um garotinho assim [*gesticula para mostrar o tamanho*] na rua. Você vê um garoto assim na rua. Você vê um garotão assim na rua. Você vê um lugar muito difícil de se viver. Você vê todos aqueles garotos que estão dormindo na rua… E ainda tem mais problemas: se você dorme na rua e alguém vê que você está dormindo, seu companheiro virá e roubará o pouco que você tem no bolso. Você vê? Para viver aqui não é fácil. Para obter algo, não é fácil. É isso que você vê".

Entrevistada 21 (33 anos): "Eu cresci com diferentes pessoas. Eu não cresci com minha família. Eu não gostei da minha infância, não foi boa. Ninguém quis saber de mim. Se não for sua mãe e seu pai, ninguém vai te levar um livro. Eu só tenho uma pequena ideia do que foi a guerra. Eu não perdi ninguém na guerra. Meu desejo, e esse é o desejo de todos, é ter dinheiro. Meu desejo agora na minha vida, eu só quero ganhar dinheiro, eu só quero ganhar mais. Então é assim que estou trabalhando. Eu desejo coisas boas para as crianças, como que se tornarem crianças pacíficas, crianças que amemos, que nos conheçamos mais, embora não vivamos juntos".

Entrevistada 22 (23 anos): "Eu cresci parcialmente com minha mãe e minha avó. Infelizmente, minha mãe faleceu há nove anos. Então fiquei com minha avó. Minha avó faleceu no ano passado, em novembro. Agora eu moro sozinha. Eu não sou órfã. Eu só não tenho pais. Então eu fico sozinha, tenho um negócio e essa é minha filha. Então eu cuido de mim e dos meus filhos. Minha infância foi boa. Infelizmente, as coisas são difíceis em qualquer situação. Minha infância foi boa. Minha mãe era mãe solteira, não tivemos pai. Eu sou a menina mais velha. Ela cuidou de nós. Então, infelizmente, minha mãe faleceu. Minha avó nos levou e ficamos com ela. Minha avó não estava trabalhando. Ela era paralítica. Então as coisas ficaram difíceis para nós. Meu irmão mais novo foi morar com o irmão da minha mãe em uma aldeia. Com a morte de minha avó, não há ninguém para cuidar de nós. Então o

que eu faço é me mudar, ter meu próprio lugar e ficar lá. Eu não sei nada sobre a guerra civil. Em toda escola eles ensinam sobre isso, mas eu abandonei a escola seis anos atrás. Não lembro nada. Tudo o que tenho a dizer é que luto pela minha vida, luto pelas [*vidas*] dos meus filhos. Quando você luta, você tem algo para comer. Estou fazendo o meu melhor [3x]. As crianças precisam de apoio, especialmente as sem família, sabe? Olhando pelo lado bom, isso [*pequena banca de comercialização de produtos alimentícios*] é a única coisa que está me mantendo viva, mas é tudo que tenho" (*grifos meus*).

Entrevistado 23 (47 anos): "Foi legal porque vindo de onde viemos, tive minha mãe e meu pai… nós estávamos indo muito bem naquela época. Eu nasci na cidade de Bo, no sul da Serra Leoa. Eu cresci com meus pais. Vim para Freetown quando eu estava no 2º ano: comecei minha escola primária em Bo e depois minha escola secundária, parte da minha escola secundária em Freetown. Naquela época meu pai estava trabalhando e minha mãe também, então eles realmente cuidaram de mim, cuidaram bem de mim e da minha irmã, o que foi bom. A guerra civil para mim foi tão perigosa, porque não tínhamos um sentimento humanitário por nós mesmos naquela época. Sim, a guerra era assim: você podia ver alguém segurando a mão de outra pessoa decepada. Então a guerra foi, para alguns, a tentativa de acesso aos minerais, ouro, diamante e poder. Era como se todo mundo estivesse apenas subindo e descendo. Perdi na guerra meu tio, minha tia, um primo, você sabe, alguns amigos. Foi uma época difícil, porque mudamos do lado luxuoso para o lado difícil. Naquela época, você poderia ficar em Bo apenas por um dia, de dia, à noite, você já ouvia tiros. 'Oh, os rebeldes estão chegando!'. Você se movia de um local para outro, isso quando você podia se mover. Você tinha toda uma logística. Naquela época, em casa, você encontrava dificuldade para ter acesso à água, comida, bom abrigo, e então você não conseguia nem dormir, porque você era o único responsável pela sua vida. No momento, a vida é um pouco melhor, embora seja realmente difícil o custo de vida. Mas como digo, o governo está tentando o seu melhor e então mesmo que às vezes as pessoas digam que os serra-leoneses são preguiçosos, nós não somos preguiçosos, não podemos fazer uma grande plantação com nossas próprias mãos, exceto se você vai para uma fazenda com máquinas, aí é um pouco melhor. Você vai para as áreas das favelas, você tem os necessitados, embora todos nós sejamos necessitados. Mas as áreas vulneráveis, as pessoas, elas estão realmente vivendo em áreas vulneráveis. Elas realmente precisam de apoio. Elas realmente precisam de apoio de, você sabe, qualquer outro bom... um americano pode vir para dar-lhes apoio e seria muito, muito bom".

Entrevistada 24 (36 anos): "Ah, o tempo que eu era uma garotinha… a questão é tão grande para mim. Já faz muito tempo. Eu cresci com minha mãe e meu pai. Eu cresci com eles. Minha infância foi boa porque aprendi a falar, fui à escola, cuidaram de mim durante o tempo em que eu fui à escola e muitas outras coisas que eles fizeram por mim. Meus pais eram bons, mas sinto pena que todos eles me deixaram. Eles se foram todos para longe de mim e não sei onde vivem agora. E eles não têm ideia do que eu faço. Não sei nada sobre a guerra civil. Não me lembro de nada. Meus pais, minhas irmãs, meus irmãos, todos vivemos juntos, ficamos juntos. Não perdemos ninguém durante a guerra. Mas hoje não é fácil para nós [2x]. Então lutamos pela vida. Porque só isso podemos fazer. É isso, não é fácil de qualquer maneira. Alguns pais vão para as ruas e encontram algum negócio para fazer, alguns pais vão ao mercado e vendem seus produtos, alguns pais não sabem como vender, como cuidar de uma criança, não têm nada para fazer. Então não é fácil de qualquer maneira. Meu único desejo é que eu quero fazer uma fundação para crianças, trazê-las para casa, cuidar delas porque eu amo crianças. Estas não são minhas crianças, mas eu as amo. Elas sempre vêm até mim, ficam comigo, eu interajo com elas. Quando eu tenho comida, eu dou a elas, faço tudo por elas. Então eu amo crianças. Então esse é meu próprio plano. Se eu tiver uma terra, eu vou ter um orfanato para criar crianças. Eu não quero aquelas que passaram dos 16 anos, apenas o nível mais baixo, três, dois, seis, sete anos. Então eu gosto de cuidar. Por enquanto, eu não tenho facilidades para realizar isso. Tenho que ter força por enquanto, para que Deus deseje esse plano para mim, porque o plano que você tem, Deus fará isso por você. Eu faço universidade. Eu faço Economia Doméstica. Agora eu não tenho emprego, mas eu sei que Deus fará um emprego para mim um dia".

Entrevistado 25 (23 anos): "Quando eu era um garoto pequeno, eu estava na vila. Eu estava na vila com minha mãe, sabe, e as coisas da vila não são as mesmas comparadas com a cidade, porque há poucas oportunidades lá. Normalmente as coisas são muito difíceis na vila para as crianças. Minha vila é numa das províncias, não sei qual. Acho que fiquei lá por algum tempo […] Mas eu estava lá até meu tio me chamar para vir para a cidade. Eu fiquei na vila por pouco tempo. A ocupação normal dos meus pais era a agricultura. Eles tinham que cultivar e também pescar. É uma ocupação normal. Por isso minha infância foi difícil. Foi difícil. Como eu disse, normalmente na aldeia, as crianças comem muito pouco. Às vezes, talvez você coma algo só de manhã, mas à noite, as pessoas [os adultos] normalmente vêm de suas atividades normais de suas fazendas, então, naquela hora, na hora em que eles chegam em casa, eles já estão no escuro [não há iluminação]. Então, naquela hora, eles vêm, tentam se

lavar, tentam preparar as coisas para que as crianças comam. Às vezes, elas [as crianças] não comem nada até às 22h, 23h. Então, assim que terminam de comer, todos vão dormir porque naquele horário, eles estarão cansados de suas atividades: agricultura, ir ao mercado, fazer algumas coisas. Normalmente, depois que terminam de cozinhar, eles apenas dormem. Sobre a guerra, não sei nada. Eu não tinha nascido naquela época. Na escola eles nos disseram que se trata de desentendimentos e instabilidade política. Essa foi a principal razão para a guerra, de acordo com o que eles disseram, de acordo com a história. Nunca soube da guerra pelos meus pais. Sobre os dias atuais, não há nada que possamos dizer que seja simples, como conseguir um trabalho para que possamos sobreviver. Como você pode ver, o custo de vida é muito alto, então você vê, especialmente, algumas pessoas têm suas famílias, têm suas esposas, têm filhos para cuidar… você tem que pagar as taxas escolares dos seus filhos, você tem que comer, você tem que usar roupas, você tem que vestir-se como homem, então as coisas não são realmente tão fáceis, as coisas não são tão fáceis, mesmo para nós, jovens, sobreviver, você sabe, não é fácil. Existem pessoas, eu posso te dizer, que ficam o dia todo sem comer, ficam um dia inteiro sem uma refeição completa, não é fácil. Desejo que todas as crianças tenham uma vida normal, uma vida feliz, você sabe, tudo para elas, tudo o que elas querem, o que elas desejam; menos estresse, há muito estresse na atualidade. Quero que enfrentem as dificuldades para obterem o que querem. As coisas devem ser acessíveis, devem ser fornecidas para que adquiramos [*os adultos*] algumas coisas porque, as crianças não trabalham nessa idade, então tudo será fornecido para elas e essa base tem que ser construída, embora às vezes seja conhecido em algumas organizações humanitárias ações que tentam criar essas bases para que possam ajudar as crianças a terem uma vida mais fácil, um futuro mais brilhante, então isso é bom, nós realmente apreciamos isso. Mas você sabe, a base que será construída para as crianças para que tenham uma vida normal, eu não acho que elas [*as organizações humanitárias*] trabalhem para isso, porque às vezes elas apenas veem [*parte incompreensível*], mas para cada um é muito difícil, às vezes essas coisas que elas fornecem, elas normalmente vão para aquelas pessoas que elas têm conexão. Se você tem conexão com alguém influente do governo, eles podem beneficiar você com os donativos que o governo está fornecendo, caso contrário, a menos que você tenha sorte, então muito difícil. Você tem que estar conectado, você tem que ser muito influente. Eu só quero cuidar da minha família, ter uma vida melhor, ter certeza de que eles estão bem. Como uma criança que cresceu, eu sei que minha infância não foi tão fácil, então eu não esperaria, eu não gostaria que ninguém que eu conheço passasse pelo que eu passei, então é por isso que, pelo menos, eu quero criar essa

base onde elas [*as crianças*] não passariam pelo que eu passei, é assim que eu quero que elas tenham uma vida normal, confortável. Esse é meu maior desejo da minha vida, além de querer o melhor para minha mãe e meu pai, eu realmente quero o melhor para eles, eu realmente quero cuidar deles, para que eles não tenham que coçar a cabeça por qualquer coisa que eles queiram" (*grifos meus*).

Entrevistada 26 (34 anos): "Eu fui cuidada pela minha mãe e pelo meu pai. Morávamos numa família estendida, tinha primos, minha avó e meu avô. Isso foi antes da guerra… eu era feliz com uma família extensa. E então veio a guerra. Mas vivíamos em *Wilberforce*... Não vivenciamos a guerra, deixe-me dizer, diretamente, porque o que posso dizer é que, naquela época, não tinha visto rebeldes, mas durante os tiroteios, tivemos que ir embora, tivemos que ir por um curto período. Naquela época eu era uma menina, então tinha medo de viver… Quando o tiroteio chegava, nós saíamos. Naquela época a experiência da guerra não era algo para se escrever [ser registrado]; foi muito terrível, mesmo sendo apenas uma criança, foi muito terrível: sem comida, com fome, tudo se foi. Nós tínhamos naquela época a irmã mais nova do meu pai que morava em Makeni. Então surgiram rumores de que os rebeldes estavam chegando: 'os rebeldes estão chegando!' [2x]. E naquela época, estavam acontecendo coisas pesadas em Freetown. Então nós constatamos que Freetown não era segura naquele momento. Então nós tivemos que migrar. Usamos a Rodovia Peninsular. Houve um monte de acidentes naquela época na Peninsular. Foi tão difícil. Tivemos que ir para Makeni. Moramos em Makeni por um mês ou dois. Foi em Makeni onde eu vi rebeldes, eu vi muitas crianças rebeldes. Quando mais tarde entendemos que Freetown estava sob controle da ECOMOG, então tivemos que nos mudar novamente de Makini para Freetown. Ficamos refugiados em Makeni por dois meses. Quando chegamos a Freetown, a cidade estava sob controle, porque a ECOMOG, com os soldados nigerianos e senegaleses tinham sitiado a cidade. Meu sentimento profundo em relação à guerra foi a perda de vidas, porque a vida é a coisa mais importante. Pobreza, pela graça de Deus, você pode superá-la. A perda de vidas, a desvantagem de crianças e mulheres, porque naquela época não havia escola, não havia comida, não havia paz de espírito, nem paz interior, nem mesmo dentro de nós mesmos. Fico consternada pelas vidas perdidas, pela pobreza e também pelas amputações de crianças, homens, mulheres. Para mim é uma pena que a nova geração não saiba sobre a guerra, deixe-me dizer, é uma pena para um serra-leonense não saber ou não ter qualquer pista sobre a guerra civil, mesmo que você não tenha nascido naquela época. Mas você deveria ter feito perguntas, deveria ter perguntado aos seus pais ou irmãos, ou você mesmo fazer pesquisas, ler

livros. Então, com isso, você poderia ter uma pista do que foi a guerra. Eu não vivenciei a guerra diretamente, o que posso lhe contar é sobre os tiros, posso lhe contar sobre os cadáveres por toda a rua em Freetown, sobre as pessoas que perderam suas vidas, pessoas que perderam propriedades, o país estava parado naquela época, nada estava acontecendo suavemente. Gostaria de encorajar os professores a ensinarem os seus alunos sobre esta guerra civil, porque você não pode falar da Serra Leoa sem a guerra civil, o diamante de sangue, a montanha do leão e tudo mais. Então você precisa ensinar essas crianças. Hoje, depois da guerra, Serra Leoa também não é um país rico e até agora está tudo bem, estamos tentando nos desenvolver. Não posso dizer que Serra Leoa é um país desenvolvido porque se você fala sobre instalações de água, eletricidade, estradas, internet… estamos apenas tentando desenvolver algo. Acho que as crianças em Serra Leoa precisam de mais, porque os pais ricos podem sustentar seus filhos, mas os pais pobres, que são a maioria, não. Então as crianças precisam de boa comida, precisam de boa educação, as crianças precisam de água, eletricidade. Nas províncias, algumas crianças andam duas milhas, três milhas, só para ir à escola. Você vê? As crianças em Serra Leoa precisam de mais, especialmente as da província. Elas precisam de mais, precisam de melhor educação, melhor comida, estradas, água. Não é fácil. Em Serra Leoa temos as escolas do governo e temos as escolas particulares. Para as escolas do governo, a educação gratuita é algo dos últimos seis anos. Mas as universidades, sejam universidades governamentais ou universidades privadas, não há gratuidade. Quero um futuro brilhante e melhor para as crianças em Serra Leoa. Quero que elas tenham uma atmosfera propícia ao aprendizado. Se você for à escola e encontrar as crianças saudáveis com sala de aula limpa já é bom. Eu acho que a primeira e mais importante coisa no mundo, é ser feliz. Eu quero ser feliz e eu quero sempre ir para a faculdade para estudar mais, porque educação é a chave".

Entrevistado 27 (37 anos): "A juventude em Serra Leoa é uma piada. Crianças que não têm pais, crianças que perderam seus pais na guerra. Minha mãe me criou e eu estava indo para a escola até um momento. Depois que fiz cinco anos, eu saí da escola. Eu era muito brilhante. Mas o problema é que eu não continuei com os estudos. Eu não pude continuar por causa da guerra que tivemos em Serra Leoa. Eu perdi meus pais [*2x – o entrevistado fica em torno de 30 segundo olhando fixamente para o chão enquanto fala*]. Eu era um garoto. Quando a guerra aconteceu, houve ataques. Eu não estava vulnerável financeiramente, eu estava nas províncias. Eu era rico, muito rico. Então, quando eles [os rebeldes] vieram, eles estragaram todas as casas. Eu fui até meu avô. Porque meu avô estava guardando diamantes. Então eles

[os rebeldes] foram lá e pegaram todos os diamantes. Meu avô estava prestes a ir para o exterior. Ele havia prometido que compraria passagens para mim e seus dois filhos irmos para o exterior… durante a guerra. Vários Estados começaram a retirar seus cidadãos daqui: cidadãos americanos, ingleses, alemães. Eu era corajoso. Então eu disse: 'vovô, eu vejo pessoas que estão indo para o exterior. O que vamos fazer?'". O entrevistado relata que o seu avô foi tirar satisfação com os rebeldes que roubaram seus diamantes. Como resultado desse embate, "Meu avô acabou morrendo. Então perdi tantas pessoas boas. Bons amigos. Me sinto bravo com o que vi. Vi matarem alguns dos meus colegas. Eu perdi minha viagem. Muitos jovens morreram, estudantes morreram. Oh, louvado seja Allah [2x], louvado seja Deus, graças a Deus tenho vida, mas a vida das pessoas na minha visão não é fácil. Não tenho dinheiro para começar um negócio, as coisas estão difíceis para mim. Por enquanto, estou quebrado, eu só quero me manter ocupado, entende? Quero me manter ocupado todos os dias, é por isso que estou procurando ajuda, quero me manter ocupado todos os dias. Quando venho, eu rezo, vou comprar produtos para fazer negócios. A vida das crianças hoje em dia é muito chata, elas não comem com frequência. Normalmente as crianças comem às 10 da manhã, algumas delas comem às 9 da manhã, então se elas acordam de manhã, às 6 da manhã, elas tomam chá, algumas delas não tomam chá, algumas delas têm a oportunidade de tomar leite e tomar um leite de verdade. Então o que acontece? Elas cozinham arroz, colocam arroz na tigela, 7 crianças aqui, 5 crianças ali, colocam o óleo de palma em cima do arroz… a vida é chata. Eu quero que Deus traga pessoas boas para cuidar das crianças. Eu sei que tem crianças que vivem suas vidas, mas que estão sofrendo. Elas estão vivendo suas vidas, mas suas vidas são chatas. Oito crianças comem na mesma tigela. Quando têm molho, é óleo de palma, sem peixe, sem carne, sem vegetais. A vida é difícil para as crianças. Mas pelas graças de Deus, as crianças vão sobreviver. Já as crianças ricas, elas estão bem".

Entrevistado 28 (52 anos): "Minha infância foi abençoada e divinamente ordenada por meu Deus e meus pais, amigos e comunidade. Na minha cidade natal, chamada Bradford, no distrito de Moyamba, tive minha educação primária e cresci nas mãos de grandes e substanciais mulheres de disciplina na escola primária UMC. Até certo ponto, minha família era fraca financeiramente, mas minha carreira educacional foi de ponta a ponta, graças a uma família cristã na aldeia que ajudava crianças menos privilegiadas e me enviou para a escola. Estudei Gerenciamento de Projetos e Contabilidade Informática, e fui voluntário numa instituição que prestava serviços para pessoas com deficiência em Serra Leoa com foco no desenvolvimento comunitário em todo o país. Eu era um garoto em idade escolar quando a

guerra estourou em Serra Leoa numa vila oriental chamada Bomaru em 1991. A guerra trouxe imensas lutas e sofrimentos para o povo em Serra Leoa, eu vi tantas coisas durante a guerra que vão além da imaginação, como amputações, tiroteios, violência, ódio, malícia, etc. Percebia uma certa ganância no ar, egoísmo, ódio, corrupção em altos cargos, analfabetismo, etc. Precisamos de amor, tolerância em todos os níveis, gentileza e paz. Mas não perdi ninguém na guerra. Meu irmão, morar em Serra Leoa é um milagre, as situações são muito desafiadoras, dá muito trabalho, isso em todo o país. Espero que no futuro tenhamos instituições mais fortes, bem estabelecidas para promover a esperança e a mudança. Seria bom se a associação esportiva de amputados de uma perna tivesse apoio financeiro, pois faríamos mudanças por meio de advocacia pela causa na mídia impressa e eletrônica e em protestos de rua, em prol da utilização dos esportes para alcançar a sociedade e comunidades com mensagens de paz".

Entrevistado 29 (53 anos): "Minha vida durante o tempo antes da guerra… foi normal porque eu estava indo para a escola, naquela época, em Makeni. Frequentei a escola primária e secundária e cresci com meus pais. Eu sou [*nome do entrevistado*], fui Sargento. Entrei para o Exército em 1991. Sei que treinei perto de Waterloo. Assim que cheguei em Benguema, fui instrutor, mas também lutei na guerra, você entende? Porque temos muitos tipos diferentes de exercícios dentro do exército. Temos os MPs, o ramo de inteligência militar, temos o MIB… Decidi ir para o lado da infantaria para lutar na guerra. Lutei na guerra por dez anos. Eu decidi sair do exército em 2004. Durante a guerra lutei em Kono, Daru, Pujehun, Kasseh… Também me enviaram para fazer parte do DDR [Desarmamento, Desmobilização e Reintegração], onde todos aqueles que passaram pela guerra foram. Mas deixe-me contar mais sobre a guerra, durante os idos de 1991. Este é meu irmão [*o entrevistado aponta para o homem que estava ao seu lado*], nós crescemos juntos em Makeni, ele me conhece muito bem. No início da guerra eu disse a ele que eu iria me juntar ao exército e o deixei na aldeia. Então ouvimos que a guerra chegou a Bomaru [*cidade ao leste da Serra Leoa*]. Eu treinei por seis meses. Então eles [*do Estado*] disseram que eu tinha que ir para Pujehun para lutar, porque os rebeldes da Libéria estavam interferindo dentro da Serra Leoa. Mas a maioria das pessoas que foram para lá se tornaram vítimas. Alguns deles [*dos soldados*] ficaram feridos, a maioria deles foram capturados. Até hoje, a maioria dos nossos amigos que foram para a luta, para a guerra, eu não os vejo. Aquele tipo de guerra eu nunca tinha visto. Quando capturávamos alguns deles, rebeldes, a maioria deles eram nossos irmãos, eram cidadãos de Serra Leoa, frequentavam escolas… Eu disse: "Ei, vocês são nossos irmãos. Por que vocês estão lutando

contra nós?". Para mim, se juntar aos rebeldes para lutar contra nós mesmos era algo errado. Seja como for, eles [*do Estado da Serra Leoa*] chamaram soldados nigerianos, guineenses e também egípcios para combaterem os rebeldes. Mas ainda assim, isso não resolveu o problema. Depois disso, eles assinaram a paz, o cessar-fogo. Mas teve um momento que eles [os rebeldes] me capturaram, me levaram para a prisão por dez dias e disseram que eu era um infiel e traidor. Hoje em dia, quase todos eles eu vejo como irmãos, agora rimos juntos, fazemos piada, como: 'Oh, você é aquele que lutou contra nós naqueles dias, eu disse que você não podia lutar contra mim, mas você tem sorte de não termos guerra agora'. Ao mesmo tempo, temos apenas pedaços de paz. Alguns deles [*ex-rebeldes*] esconderam armas na selva, então depois do desarmamento, alguns deles foram para o mato… eles sabem onde as armas estão. Se hoje alguém vir me convidar para lutar ou fazer uma guerra, minha resposta é não, não podemos concordar. Não mais, nunca mais. Não precisamos de guerra novamente aqui em Serra Leoa, entendeu? Então desde o final da guerra que eu não faço parte do exército, há vinte anos. A maioria dos meus amigos de exército que estão vivos ainda estão servindo ao exército. Mas eu consegui garantir prosperidade desde 2005… são 19 anos trabalhando aqui [*na Milton Margai University*]. Então é assim que eu vivo… Sobrevivi em Serra Leoa, não tive problemas com ninguém, vou para Makeni, em todos os lugares, sou livre, ninguém pode apontar o dedo para mim e dizer: 'você é quem queimou a casa do meu pai, você é quem matou meu pai', apesar de eu ter medo. Deus é nossa testemunha. Nos dias atuais, há muitos problemas, muitos têm traumas, como eu. Eu tinha minha casa e outro irmão. Eles [*os rebeldes*] o mataram e queimaram minha casa, então restou um trauma disso. [*Para parar com o trauma*] Teria que substituir minhas perdas, minha casa ou meu irmão… a guerra causou muitos problemas. Agora estamos enfrentando… não há emprego, há muita fome. Antes da guerra, a maioria da população de Freetown estava nas províncias. Alguns estavam trabalhando na agricultura, outros em atividades diferentes. Depois da guerra, essas pessoas migraram para Freetown e se recusaram a retornar para continuar com suas atividades agrícolas. Então, como resultado disso, temos escassez de alimentos. A maioria dessas pessoas estão dormindo nas ruas, a capital está superpovoada, porque eles se recusaram a retornar depois da guerra. Muitas das crianças tiveram suas mãos amputadas, muitas foram estupradas, ficaram sem educação, alguns ficaram órfãos… A maioria deles. Se você quiser ter acesso a essas vítimas, a maioria delas amputadas, se você quiser vê-las, terá que ir à Makeni. Lá tem um acampamento para amputados. No fim, meu próprio sentimento sobre essa guerra é que ela me privou de viver. Olhando para o passado, a guerra desperdiçou meu

tempo. Se Deus decidiu que vou viver 100 anos, é como se eu tivesse desperdiçado 30 anos. Como posso substituir esses 30 anos? Agora olhe para a minha idade… Lutamos por nossos filhos, por esta próxima geração que virá. Eles não enfrentarão esse tipo de guerra, porque nós vamos alertá-los antes que outra guerra chegue. Elas [*as crianças*] têm que voltar para a escola, descobrirem quem são seus pais, se estão vivos para cuidar delas, que prezem pelo bem-estar delas até o nível universitário. Então não é fácil" (*grifos meus*).

Considerações Finais

Segundo a ONU,[82] os últimos 3 anos atingiram níveis sem precedentes de violação contra menores em conflitos armados. Só em 2024, quase vinte e três mil crianças foram violadas diretamente por conta de conflitos (assassinatos, mutilações, recrutamento, etc), sendo um terço só de meninas. Essas violações ocorreram principalmente em Israel, Palestina, República Democrática do Congo, Somália, Nigéria e Haiti. Os países africanos lideram no recrutamento não só por causa das condições materiais de existência ou pelo colonialismo, mas também pela multipolaridade do exercício do poder naquele continente e pela urbanização das guerras.

A expressão *Na pikin de rule contri* não foi usada nesta tese apenas para valorizar a forma de atribuição de sentido próprio da população serra-leonense quando o assunto é a guerra civil. Seu uso também não se restringe a uma tentativa de historicização desde o título. Se no contexto original, durante o conflito armado de Serra Leoa, a expressão em *krio* descrevia uma ruptura social objetiva, a dizer, a falência social dos adultos e a perda infantil das características que qualificam as crianças, essa mesma expressão, aqui utilizada como chave interpretativa, permite pensarmos no que acontece quando essa ruptura não é plenamente elaborada após um evento traumático e em seus efeitos econômicos, sociais, políticos, psicológicos e simbólicos.

No último dia 18 de janeiro de 2026, a guerra civil de Serra Leoa completou vinte e cinco anos de seu término. De modo a não silenciar as dores causadas por esse evento, preservar a memória, instituir a dignidade, inibir incitações de ódio e manter a nação unida, o governo daquele país, decretou a data como um feriado nacional em homenagem às vítimas do conflito, sobreviventes e falecidos. Um dos atos mais importantes dessa solenidade, ocorreu no *Sierra Leone Peace Museum*, instituição que visitei em 2024. Estar nessa organização me fez perceber como o Estado serra-leonense tem conseguido manejar de forma positiva a sua relação com o passado, desde a fundação da Comissão da Verdade e Reconciliação (2002), a fundação do Museu da Paz (2013), até as diretrizes curriculares da educação básica, instituídas em 2020.[83]

Apesar disso, como os relatos orais sinalizaram, a guerra ainda é desconhecida por uma parcela significativa da população daquele país. Então, como pode o Estado tomar ações de valorização da memória sobre a guerra e a sua população desconhecê-la? Talvez a resposta

---

82 Ver mais em: < https://news.un.org/pt/story/2026/02/1852359 >. Acesso em: 09 abr. 2026.

83 O *National Curriculum Framework & Guidelines for Basic Education*.

seja a falta de incisividade do Estado ou o efeito do trauma na população. Por exemplo, nas diretrizes curriculares supracitadas, a guerra civil aparece mais como uma contextualização da elaboração do documento, do que uma recomendação de abordagem nas instituições educacionais. Talvez pelo fato de que o evento envolva ainda uma disputa narrativa, com atores políticos vivos e memórias concorrentes. A superação dessa questão só ocorrerá quando o Estado serra-leonense conseguir responder à seguinte questão: como elaborar políticas de memória e museológicas de algo que não passou?

Assim, contradizendo a percepção de Pimenta (2019), que afirmou que as pessoas em Serra Leoa eram constituídas pela experiência ou história contada da guerra civil, minha experiência de campo em Freetown permite inferir que a guerra não está no "paladar" da população mais jovem, muito menos há uma transmissão transgeracional dos conhecimentos e sentimentos relacionados ao conflito.[84] É válido ressaltar, no entanto, que o recorte etário daqueles que chamo de "população mais jovem" é entre 17 e 25 anos de idade, os quais entrevistei apenas na capital de Serra Leoa, não abrangendo a realidade do país como um todo. Como bem sabemos, as realidades urbanas e rurais do continente africano, exemplificam a pluralidade de experiências possíveis em um único território nacional. Seja como for, a partir dos relatos dos meus interlocutores, a guerra é apenas memória, não foi consolidada como pós-memória. Por outro lado, o trauma continua sendo transmitido de pai para filho, de mãe para filha, e a guerra continua criando vítimas de segunda geração.

A partir das fontes analisadas, orais e literárias, com as evidências e recortes explicitados, é possível defender a aplicabilidade e a adequação do conceito tradicional do trauma a um contexto não-ocidental, mostrando como a repetição, a estagnação psíquica e o mal-estar social em Serra Leoa são manifestações ressonantes dos conceitos freudianos, ao mesmo tempo em que amplia a discussão para os fatores socioeconômicos e as diferentes modalidades de cura culturalmente específicas, reconhecendo a complexidade do trauma em

---

[84] Como é evidenciado também em publicação recente do *Awoko News* sobre o silêncio transgeracional. Em relato para o jornal, uma jovem de 22 anos afirmou que seu pai evitava falar sobre a guerra com ela, mas que o alcoolismo, os pesadelos e a vigilância constante davam sinais de como o evento o atingiu. Um outro jovem, de 20 anos, diz que sua mãe nunca lhe contou sobre o que realmente aconteceu, mas a sua ansiedade, abstinência e silêncios denunciavam os impactos do conflito em sua vida: "Aprendi a tomar cuidado com as emoções dela. Fiquei ansioso, retraído. Às vezes, sinto que herdei o medo dela […] eu gostaria que houvesse mais apoio para pessoas como nós, filhos de sobreviventes. Muitas vezes somos esquecidos" (Ngevao, 2025, s/p.). Um rapaz de 19 anos diz que as feridas abertas do seu pai, que foi criança-soldado, "moldaram a forma como fui criado". Assim, os sobreviventes vivem em dois mundos: o violento que o moldou e a vida pacífica que tentaram construir depois, o que pode causar conflitos mentais. Ver mais em Ngevao (2025).

suas diversas camadas. Assim, os maus-tratos da violência na infância afetam não só as fases do desenvolvimento da criança, mas tem desdobramentos até na velhice.

A experiência do trauma em Serra Leoa, conforme representação nas obras de Ishmael Beah e nos estudos sobre o assunto, pode ser comparada a um campo minado deixado pela guerra. Mesmo após o fim oficial do conflito, o terreno da vida diária continua repleto de fragmentos invisíveis, as lembranças intrusivas, os pesadelos, os medos, as desconfianças, os silêncios. Cada passo no presente pode detonar uma "mina de dor" do passado. A tentativa de esquecer e perdoar para alguns, ou de se curar pela fala para outros, são como diferentes estratégias para desarmar essas minas. No entanto, sem um apoio sistêmico e material que reconstrua o terreno no presente, o perigo persiste, e as cicatrizes, tanto visíveis quanto invisíveis, continuam a moldar a paisagem humana, lembrando que a paz verdadeira é um esforço contínuo.

Como de praxe, os conhecimentos mobilizados aqui sobre as infâncias se deram a partir de uma perspectiva adultocêntrica, na qual aqueles que vivenciaram a guerra civil na infância, já na vida adulta, lançam seus olhares para o seu eu infantil. Talvez por isso, esta tese fale mais sobre os desejos dos adultos sobre a infância do que das crianças e seus modos de pensar, viver e desejar. Por esse enfoque estar na narrativa adulta sobre a infância, preferi privilegiar a análise do discurso do que a análise da forma das autobiografias e do romance. De todo modo, para os interlocutores orais e literários aqui elencados, a garantia dos direitos infantojuvenis está intrinsecamente relacionada à existência de direitos sociais.

O conflito bélico iniciado no início dos anos 1990 não apenas envolveu crianças e adolescentes em sua engrenagem, mas também os vulnerabilizou. Crianças e adolescentes ficaram órfãos, foram raptadas, abusadas, socialmente isoladas e psicologicamente estressadas; muitas morreram, inclusive pela ação de crianças-soldado. No pós-guerra, os sobreviventes perceberam que tiveram suas infâncias roubadas/perdidas por conta da necessidade de amadurecimento precoce ou, para utilizar um termo em voga, pela imposição da "adultização". Desde a ruptura com as normas sociais tradicionais, passando pela fragilização do acesso à educação formal, e observando a fragmentação das estruturas familiares e comunitárias, que contribuem para a marginalização da juventude, o trauma é, indubitavelmente, onipresente. As condições materiais da infância e juventude na Serra Leoa hodierna, agravam e perpetuam o trauma de outrora, e vice-versa.

No contexto de lançamento das obras de Beah e Kamara, 80% das crianças careciam da proteção e cuidado dos pais em Serra Leoa, situação que levou milhares de crianças à extrema pobreza, ao analfabetismo e à situação de rua.[85] Estar em Freetown é, para além de outros aspectos, estar rodeado por crianças nessas condições. Muitas delas vivem suas infâncias sem ter a noção dos motivos que as levaram a viver num silêncio em relação à história nacional, mas marcadas pelo seu efeito. Nas fontes literárias analisadas, a escrita desempenha papel central na modulação do trauma, ao funcionar simultaneamente como dispositivo de elaboração subjetiva e como meio de tradução da experiência extrema da guerra civil em uma linguagem inteligível e compartilhável no espaço público. Essas narrativas são atravessadas por sentidos coletivamente construídos no pós-guerra, como a ideia da criança enquanto vítima absoluta, a noção de ruptura irreversível da infância e a expectativa de superação moral do passado, os quais influenciam decisivamente a forma, o tom e a estrutura das obras. Enquanto os relatos orais menosprezam a possibilidade de cura através da fala e reforçam a invencibilidade do trauma, os textos literários analisados, oscilam entre o discurso da catarse através da fala e da escrita, presente na primeira fase da teoria freudiana do trauma, e a narrativa da insuperabilidade, presente na quarta fase teórica de Freud.

Ao mesmo tempo, os textos literários não apenas refletem esses sentidos, mas também os reforçam, estabilizam e difundem globalmente, contribuindo para a consolidação de uma memória pública da guerra marcada pela centralidade do sofrimento infantil. Nesse contexto, a guerra civil aparece como um evento de aceleração e distorção da passagem da infância para a vida adulta, produzindo trajetórias marcadas pela "adultização" precoce, pela perda da linearidade biográfica e pela redefinição forçada de responsabilidades, nas quais a escrita emerge como um dos principais meios de reinscrição simbólica dessas experiências em narrativas de sentido, reconhecimento e pertencimento coletivo.

Fazendo alusão aos vinte e cinco anos do término da guerra civil, em janeiro de 2026, o então presidente de Serra Leoa, Julius Maada Bio, ressaltou que lembrar este evento não diz respeito à reabertura de antigas feridas, mas "de reconhecer nossa dor, honrar aqueles que perdemos e reafirmar nossa determinação compartilhada de que Serra Leoa nunca mais descerá à tal violência" (Wilson, 2026, s/p.). A memória é, segundo o presidente, um pilar para a cura nacional, e o esquecimento é perigoso: "Nossa história nos ensina que, quando a

---

[85] Ver *Awoko News* (2009).

injustiça e a marginalização prosperam, a instabilidade segue. Boa governança não é opcional, é essencial para a paz" (*Ibidem*). Contudo, só a lembrança não é suficiente. É necessário intervenções políticas contínuas e multifacetadas, como o investimento em programas de apoio à saúde mental, o incentivo ao diálogo intergeracional, reparações monetárias às vítimas de segunda geração e um olhar atento aos infantes de ontem, de hoje e de amanhã.

Acredito que esta tese constitua uma contribuição singela para o campo dos estudos sobre memória, literatura e pós-conflito, ao analisar de forma articulada as narrativas da guerra civil de Serra Leoa a partir das experiências infantis e de sua inscrição no contexto global dos direitos humanos. Para além disso, não posso deixar de ressaltar a originalidade do trabalho, visto que, no sistema CAPES de teses e dissertações,[86] a partir da procura do termo "Serra Leoa", menos de vinte e cinco trabalhos foram publicados até 8 de abril de 2026, sendo que a área da História tem menos publicações do que campos do conhecimento como Direito, Química e Relações Internacionais. A partir disso, é possível afirmar que as pesquisas sobre a Serra Leoa no Brasil ainda estão no âmbito dos indicadores epidemiológicos.

Na tese, as escolhas metodológicas e do *corpus* respondem de modo coerente aos objetivos propostos, privilegiando obras amplamente difundidas não por limitação empírica, mas por sua centralidade nos processos de circulação, legitimação e universalização da memória do conflito. Ao assumir os direitos humanos e o trauma como linguagens estruturantes dessas narrativas, a tese não os naturaliza, mas os mobiliza como chaves analíticas parciais de compreensão da realidade. Eventuais restrições das fontes utilizadas e das perspectivas locais não representam fragilidades analíticas, mas delimitam com precisão o alcance do trabalho, abrindo, de forma produtiva, agendas futuras de pesquisa sem afetar a busca de solidez e a consistência nesta investigação em específica, a qual espero ter alcançado.

[86] Que pode estar desatualizada.

Fontes Primárias

BEAH, Ishmael. **Muito longe de casa**: memórias de um menino-soldado. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2015a.

BEAH, Ishmael. **O brilho do amanhã**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015b.

DEPRINCE, Michaela; DEPRINCE, Elaine. **O voo da bailarina**: de órfã de guerra ao estrelato. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2016.

KAMARA, Mariatu; MCCLELLAND, Susan. **A mordida da manga**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

Fontes Secundárias

ANÔNIMO I. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO II. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO III. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO IV. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO V. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO VI. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO VII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO VIII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO IX. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO X. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XI. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XIII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XIV. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XV. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XVI. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XVII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XVIII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XIX. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XX. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXI. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXIII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXIV. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXV. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXVI. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXVII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXVIII. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

ANÔNIMO XXIX. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

Jornais

AWOKO NEWS. **61% of our population are illiterates – says SLADEA boss**, 31 jan. 2008a. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/61-of-our-population-are-illiterates-says-sladea-boss/ >. Acesso em: 31 jan. 2026.

AWOKO NEWS. **Child Survival risk in Sierra Leone**, 15 jun. 2009. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/child-survival-risk-in-sierra-leone/ >. Acesso em: 29 jan. 2026.

AWOKO NEWS. **Sierra Leone leader in child mortality**, 23 jan. 2008b. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/sierra-leone-leader-in-child-mortality/ >. Acesso em: 23 jan. 2026.

AWOKO NEWS. **UNICEF poised to close boy/girl gap in school**, 08 mai. 2007a. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/unicef-poised-to-close-boy-girl-gap-in-school/ >. Acesso em: 29 jan. 2026.

AWOKO NEWS. **War Child Holland on community festivals**, 06 dez. 2007b. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/war-child-holland-on-community-festivals/ >. Acesso em: 29 jan. 2026.

BATALHÃO de bruxas combate na Serra Leoa. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 45, nº 5.355, p. 21, 03 de fevereiro de 1993.

DESIGUALDADE social no Brasil é a segunda pior do mundo. **A Tribuna**, São Paulo/SP, Edição 00069, ano 112, n. 69, p. 1, 02 de junho de 2005.

FALTA de alimentos ameaça 20 países. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 46, nº 5.632, p. 13, 27 de dezembro de 1993.

HABITANTES temem guerrilha. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 52, nº 7.614, p. 23, 08 de maio de 2000.

IMAGEM do dia. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 50, nº 6.925, p. 62, 17 de fevereiro de 1998.

ONU condena ex-presidente da Libéria por crime de guerra. **A Tribuna**, São Paulo/SP, Edição 00033, p. 08, 27 de abril de 2012.

PELO mundo. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 51, nº 7.206, p. 43, 12 de janeiro de 1999.

REBELDES mantêm freiras como reféns. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 47, nº 5.974, p. 51, 31 de janeiro de 1995.

RELIGIOSAS brasileiras são libertadas. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul/RS, Ano 47, nº 5.971, p. 49, 27 de janeiro de 1995.

Referências

ABANI, Chris. **Song for night**. New York: Editora Akashic Books, 2007.

ABEBE, Tatek; OFOSU-KUSI, Yaw. Beyond pluralizing African childhoods: Introduction. **Childhood**, v. 23, n.3, p. 303-316, 2016.

ABPN. **Anais COPENE**. Disponível em: < https://abpn.org.br/anais-copene/ >. Acesso em: 15 out. 2023.

ACHEBE, Chinua. **There was a country**: a personal history of Biafra. New York: The Penguin Press, 2012.

AFFONSO, Luiza Bizzo. A reintegração de ex-crianças-soldado em Serra Leoa. **Revista Mural Internacional**, v. 7, n. 1, p. 11-28, Jan-Jun 2016.

AJAYI, J. F. África no início do século XIX: problemas e perspectivas. *In*: AJAYI, J. F. (Org.). **História geral da África**, VI: África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010. p. 01-26.

AKYEAMPONG, Emmanuel. A Historical Overview of Psychiatry in Africa. *In*: AKYEAMPONG, Emmanuel; HILL, Allan; KLEINMAN, Arthur. **The Culture of Mental Illness and Psychiatric Pratice in Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 2015. p. 24-49.

ALANEN, Leena. 'Intersectionality' and other challenges to theorizing childhood. **Childhood**, v. 23, n. 2, p. 157-161, 2016.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRÉ, Géraldine; HILGERS, Mathieu. Childhood in Africa Between Local Powers and Global Hierarchies. *In*: ALANEN, Leena; BROOKER, Liz; MAYALL, Berry (Orgs.). **Childhood with Bourdieu**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015, p. 120-141.

AOKI, Akemi Magalhães Moura. O menino e o monstro: a escrita da barbárie em Feras de Lugar Nenhum. **Anais do XV Congresso Internacional ABRALIC**, s/vol., s/n., 2017, p. 1385-1394.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismo De(s)colonial como feminismo subalterno latinoamericano. **Revista de Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. 01-14, 2020.

BAMBA, Mahomed. O(s) cinema(s) africano(s): no singular e no plural. *In*: BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando (Orgs.). **Cinema mundial contemporâneo**. Campinas/SP: Papirus Editora, 2017. p. 215-231.

BARROS, Giovanna Franco. **Descolonizando o trauma**: efeitos da ocupação israelense na saúde mental dos palestinos em Gaza. 29 f. Monografia (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Relações Internacionais, São Paulo, 2025.

BEAH, Ishmael. **Biography** (2007). Disponível em: < https://www.ishmaelbeah.com/bio/ >. Acesso em: 27 nov. 2022.

BEAH, Ishmael. Interview with Ishmael Beah (2014). **GoodReads**. Disponível em: < https://www.goodreads.com/interviews/show/917.Ishmael_Beah >. Acesso em: 10 de julho de 2023.

BEAH, Ishmael. Prefácio. *In*: KAMARA, Mariatu; MCCLELLAND, Susan. **A mordida da manga**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. p. 15-16.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

BERGAMASCHI, Mara. "Passei mal enquanto traduzia", diz Gianetti sobre obra de Beah. **G1 – Globo** (2007). Disponível em: < https://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL63001-7084-9575,00.html >. Acesso em: 30 jun. 2023.

BIAZATTI, Bruno de Oliveira *et al*. Recrutamento infantil: uma reflexão à luz do estudo de crianças soldado na República da Colômbia e na República Democrática do Congo. *In*: TENÓRIO, Vivianne Wanderley Araújo; MUNIZ FALCÃO, Wanda Helena Mendes (Orgs.). **Crianças, infância e conflitos armados**: Análises das conjunturas global e regionais. Erechim: Editora Deviant, 2017.

BIRCHALL, John. A brief introduction to the Journal. **The Journal of Sierra Leone Studies**, v. 1, n. 1, p. 2-3, 2012.

BOAHEN, Albert Adu. Política e nacionalismo na África ocidental, 1919-1935. *In*: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África, VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010.

BOTCHWAY, De-Valera. Introduction. In: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. **New Perspectives on African Childhood**: Constructions, Histories, Representations and Understandings. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

BOTH, Ana Lídia; LIMA, Matheus Pontes de; ALVES, Nádia de Castro. Infância, conflitos armados e violência sexual: uma análise sob os preceitos do Direito Internacional. *In*: TENÓRIO, Vivianne Wanderley Araújo; MUNIZ FALCÃO, Wanda Helena Mendes (Orgs.).

Crianças, infância e conflitos armados: Análises das conjunturas global e regionais. Erechim: Editora Deviant, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In:* FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

BRITTO, Claudia Aguiar Silva; ALMEIDA, Camila Ferreira de. Crianças-soldado, uma realidade atual em contexto internacional: a utilização de crianças e adolescentes em conflitos armados. **Revista de Direito**, Viçosa, v. 11, n. 1, p. 187-220, 2019.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CABRAL, Ilundi. Digerir o passado: rituais de purificação e reintegração social de crianças-soldado no sul de Moçambique. **Antropologia Portuguesa**, v. 22, n. 23, p. 133-156, 2005/2006.

CHARLES, Ron. "Radiance of Tomorrow", by Ishmael Beah. **The Washington Post** (2013). < https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/radiance-of-tomorrow-by-ishmael-beah/2013/12/31/a0a4a5c2-69b3-11e3-8b5b-a77187b716a3_story.html >. Acesso em: 16 out. 2023.

CLARK, Natalie. Shock and Awe: Trauma as the New Colonial Frontier. *In:* ANDERMAHR, Sonya (Org.). **Decolonizing Trauma Studies**: Trauma and Postcolonialism. Basel/Suiça: Editora MDPI, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. *In*: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 200-242.

COLONNA, Elena. O lugar das crianças nos estudos africanos: reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique. **Poiésis** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, v. 2, n. 2, p. 03-23, 2009.

CONRAD, Sebastian. **O que é a História Global**. Lisboa: Edições 70, 2019.

COPENE 2022 ABPN. **Anais eletrônicos:** ST 09 (2022). Disponível em: < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=219 >. Acesso em: 15 out. 2023.

COPENE 2022 ABPN. **Anais eletrônicos:** ST 24 (2022). Disponível em: < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=234 >. Acesso em: 15 out. 2023.

COPENE 2022 ABPN. **Anais eletrônicos:** ST 24 (2022). Disponível em: < https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=238 >. Acesso em: 15 out. 2023.

CORBETT, Sara. A Long Way Home. **The New York Times** (2014). Disponível em: < https://www.nytimes.com/2014/01/19/books/review/radiance-of-tomorrow-by-ishmael-beah.html >. Acesso em: 16 out. 2023.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

CORSINI, Leonora. A potência da hibridação: Édouard Glissant e a creolização. **Lugar Comum**: estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro: LABTeC UFRJ, 2008. p. 190-199.

COSTA, Ana Carolina de Oliveira. **Guerra no plural:** magia, conflitos geracionais e o Estado em Serra Leoa e Libéria. Brasília: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UNB), 2016.

DALLEY, Hamish. The Question of "Solidarity" in Postcolonial Trauma Fiction: Beyond the Recognition Principle. *In:* ANDERMAHR, Sonya (Org.). **Decolonizing Trauma Studies**: Trauma and Postcolonialism. Basel/Suiça: Editora MDPI, 2016.

DELGADO, Érika Melek. Identidades em trânsito: o caso dos africanos livres na primeira colônia britânica da África Ocidental. **Revista de Ciências Humanas**, v. 14, n. 2, p. 356-372, 2014.

DEPRINCE, Michaela. Depois de biografia, Michaela DePrince, bailarina clássica e estrela do clipe de Beyoncé, terá filme dirigido por Madonna (2016). **Vogue**: Lifestyle. Disponível em: < https://vogue.globo.com/lifestyle/noticia/2016/10/bailarina-classica-e-estrela-do-clipe-de-beyonce-michaela-deprince-lanca-biografia.ghtml >. Acesso em: 27 de junho de 2023.

DEPRINCE, Michaela. Michaela DePrince (2015). **Interview em L'air**. Disponível em: < https://interviewenlair.com/michaela-deprince/ >. Acesso em: 27 jun. 2023.

DEPRINCE, Michela. **Michaela DePrince** (s/ ano). Disponível em: < https://michaeladeprince.com/ >. Acesso em: 27 nov. 2022.

DIXON-FYLE, Mac. Epistemologies of African Conflicts: Violence, Evolutionism, and th War in Sierra Leone by Zubairu Wai. **African Conflict and Peacebuilding Review**, v. 6, n. 1, p. 123–126, 2016.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **D.E.L.T.A**, v. 31, n. especial, p. 377-390, 2015.

ENNIN, Theresah Patrine. Memory, innocence and nostalgia: other versions of African childhood in two African texts. **Journal of the British Academy**, v. 10, n. 2, p. 265-281, 2022.

ESSABHANI, Amal. Recrutamento infantil por guerrilheiros cresce na América Latina. **Jovem Pan**, 01 jul. 2024. Disponível em: < https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/fabio-piperno/recrutamento-infantil-por-guerrilheiros-cresce-na-america-latina.html >. Acesso em: 20 jan. 2026.

FAÇANHA, Luísa Café Figueiredo. **A Construção Social das Crianças-Soldado: representações e dilemas dentro do marco regulatório da ordem internacional do Pós-Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC - Rio, 2011.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Breno. Os heróis que detestavam quem eles deviam salvar: o paradoxo identitário das crianças-soldados na Guerra de Serra Leoa. **Cadernos do CEAS**, Salvador/ Recife, v. 1, n. 241, p. 477-496, mai./ago 2017 (a).

FERNANDES, Catarina Susana Pereira. **Crianças-soldado como Crime de Guerra – Em especial Meninas-soldado**. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito Público Internacional e Europeu da Universidade Católica Portuguesa (UCP), 2017 (b).

FERNANDES, Luciana Esther Costa. **O conflito armado e os recursos naturais: o caso de Serra Leoa**. Brasília: Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília, 2010.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e medo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

FRISSO, Giovanna Maria. Crianças-soldados no conflito em Serra Leoa: direitos humanos, direito internacional humanitário e/ou direito internacional penal. **Revista de Direito Internacional**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 83-91, jul./dez. 2012.

FYLE, Magbaily. **Historical Dictionary of Sierra Leone**. Toronto: The Scarecrow Press, 2006.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989.

GBERIE, Lansana. Revisiting Sierra Leone's "Rebels" War: Reflections on Evidence from the TRC and the SCSL. **The Journal of Sierra Leone Studies**, v. 1, n. 1, p. 34-50, 2012.

GERHMANN, Susanne; SCHÖNWETTER, Charlott Schönwetter. The African child soldier novel: anti or alternative bildungsroman? **Arbeitspapiere des Instituts für Ethnologie und Afrikastudien der Johannes Gutenberg-Universität Mainz**, v. 174, s/n, p. 1-14, 2017.

GLISSANT, Édouard. Não há fronteira que não se ultrapasse. **Diplomatique**. Online. Disponível em: < https://diplomatique.org.br/nao-ha-fronteira-que-nao-se-ultrapasse/ >. Acesso em: 08 abr. 2026.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. *In*: LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério. **Para a compreensão história da infância**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007. p. 19-38.

GRANT, J. Andrew. O poder de atuação dos cidadãos na governança da justiça: reflexões sobre a Comissão da Verdade e Reconciliação de Serra Leoa. C. Slakmon, M. R. Machado, et al (Org.). **Novas Direções na Governança da Justiça e da Segurança**. Brasília/ DF: Ministério da Justiça, p. 301–316, 2006.

GUZMÁN, Marlene De La Cruz. Trauma and Narrativity in Adichie's Half of a Yellow Sun: Privileging Indigenous Knowledge in Writing the Biafran War. *In:* CREARY, Nicholas (Org.). **African Intellectuals and Decolonization**. Athens: Ohio University Press, 2012.

HARRIS, J. E. A diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. *In*: OGOT, Bethwell Allan (Org.). **História geral da África, V**: África do século XVI ao XVIII. Brasília: UNESCO, 2010.

HOFFMAN, Danny. Disagreement: Dissent Politics and the War in Sierra Leone. **Africa Today**, v. 52, n. 3, p. 03–22, 2006.

HOPE FOR CHILDREN. **Hope for the Children Foundation** (2024). Disponível em: < https://hopeforchildrensl.org/ >. Acesso em: 19 dez. 2024.

HUYNH, Yoomie; WRIGHT, Michael; OSBORN, William *et al*. The Role of Diamonds in Peace to War Transition in Sierra Leone: Examining the 'Greed' vs. 'Grievance' Argument as a Cause of War. **The Journal of Sierra Leone Studies**, v. 1, n. 1, p. 64-77, 2012.

IBRAHIM, Aisha Fofana. Connecting Testimony, Trauma, and Memory: The Sierra Leone Experience. **Pacific Coast Philology**, v. 44, n. 2, p. 249–271, 2009.

IFOWODO, Ogaga. **History, Trauma, and Healing in Postcolonial Narratives**: Reconstructing Identities. New York: Editora Palgrave Macmillan, 2013.

ISTO É. **Presidente de Serra Leoa decreta emergência contra estupros** (2019). Disponível em: < https://istoe.com.br/presidente-de-serra-leoa-decreta-emergencia-contra-estupros/ >. Acesso em: 28 nov. 2022.

IWEALA, Uzodinma. **Feras de lugar nenhum**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

KAMARA, Elizabeth Lucy Alberta. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

KAMARA, Mariatu. Mariatu Kamara in Interview (2009). **Online Magazin füe Frauen Aviva-Berlin**. Disponível em: < https://www.aviva-berlin.de/aviva/content_Interviews.php?id=1425758 >. Acesso em: 09 jul. 2023.

KAMARA, Sheku Bakarr. Sierra Leone: Ten Years after Reintegration of Excombatants. **The Journal of Sierra Leone Studies**, v. 1, n. 1, p. 77-83, 2012.

KANIKI, Martin H. Y. A economia colonial: as antigas zonas britânicas. *In*: BOAHEN, Albert Adu (Org.). **História geral da África, VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010.

KEARNEY, J. A. The Representation of Child Soldiers in Contemporary African Fiction. **Journal of Literary Studies**, v. 26, n. 1, p. 67-94, 2010.

KERSHAW, Ian. **De volta do inferno**. Europa, 1914-1949. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KHAROUA, Mustapha. Traumatic Realism and the retrieval of Historical Value in Chimamanda Ngozi Adichie's postcolonial text Half of a Yellow Sun. **International Journal of Humanities and Cultural Studies**, v. 2, n. 1, p. 291-304, 2015.

KOROMA, Khadijatu. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024.

KOUROUMA, Ahmadou. **Alá e as crianças-soldados**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.

KNOLL, Victor. Sobre a questão da Mimesis. **Discurso,** São Paulo, v. 27, n. 1, p. 61-81, 1996.

LANDAY, Jonathan. EUA colocam Rússia em lista de países envolvidos em tráfico humano e crianças-soldado. **UOL - Guerra da Rússia-Ucrânia**, 19 jul. 2022. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/07/19/eua-colocam-russia-em-lista-de-paises-envolvidos-em-trafico-humano-e-criancas-soldado.htm >. Acesso em: 20 jan. 2026.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES, André de Oliveira. **Associação entre maus-tratos na infância e suicidalidade na adolescência**: um estudo transversal de base comunitária. 54 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento, Porto Alegre, 2018.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

LOURENÇO, Ana Paula. Os "senhores da guerra" e as crianças-soldado. **Janus**, s/v., s/n., p. 122-123, 2014.

LUSENI, Gabriel. Reconstrução e Reabilitação: Conflito e Pós-conflito na Serra Leoa. **Missão Espiritana**, v. 6, n. 6, p. 129-135, 2004.

MACHADO, Caetana Bliebernicht de Lucena Silveira. **As crianças-soldado em África**: o caso de Uganda. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, 2016.

MACKAY, Charlotte. (Post)colonial Trauma, Memory and History in Léonora Miano's Contours of the Coming Day [Contours du jour qui vient]. **Limina – Journal of Historical and Cultural Studies**, v. 23, n. 2, p. 01-15, 2018.

MADOLO, Yolisa. Translating children's biographies: A translator's self-critique. **Southern African Linguistics and Applied Language Studies***,* v. 37, n. 4, p. 279–288, 2019.

MAFEJE, Archie. Africanity: a combative ontology. **Codesria Bulletin**, Dakar, s/v., n. 3 p. 106-110, 2008.

MARTÍNEZ-FALQUINA, Silvia. Postcolonial Trauma Theory in the Contact Zone: The Strategic Representation of Grief in Edwidge Danticat's Claire of the Sea Light. *In:* ANDERMAHR, Sonya (Org.). **Decolonizing Trauma Studies**: Trauma and Postcolonialism. Basel/Suiça, Editora MDPI, 2016.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. Onde estão as meninas soldados? Gênero e conflito armado na Colômbia. **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 55, p. 1-40, 2019.

MATA, Inocência. Estudos literários africanos e literatura-mundo: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 43-60, 2023.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MH COALITION – SIERRA LEONE. **Call to Descriminalize Suicide in Sierra Leone** (2024a). Disponível em: < https://mentalhealthcoalitionsl.com/2024/09/10/call-to-decriminalize-suicide-in-sierra-leone/ >. Acesso em: 30 nov. 2024.

MH COALITION – SIERRA LEONE. **Call to Prioritizing Mental Health in the Work Place in Sierra Leone** (2024b). Disponível em: < https://mentalhealthcoalitionsl.com/2024/10/11/call-to-prioritizing-mental-health-in-the-work-place-in-sierra-leone/ >. Acesso em: 30 nov. 2024.

MH COALITION – SIERRA LEONE. **Home Page** (2024c). Disponível em: < https://mentalhealthcoalitionsl.com/ >. Acesso em: 30 nov.2024.

MH COALITION – SIERRA LEONE. Interview with Claudius Sawyerr. **Entrevista concedida a Rafael Barbosa de Jesus Santana**. Freetown, dez. 2024(d).

MOZIE, John. Biafran children in the aftermath of the civil war - John Mozie – Igbo Conference (2021). **Igbo Conference**. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=GENac4hf7oE&t=2s >. Acesso em 05 set. 2024.

MÜLLER, Paulo Ricardo; ARAÚJO, Melvina A M. Apresentação do Dossiê – Coetaneidade, Pós-Colonialidade, Diáspora(s) e Africanidade(s): caminhos dos estudos africanos no Brasil. **Mediações**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 10-22, 2020.

MUNIZ FALCÃO, Wanda Helena Mendes. **A Carta Africana de Direitos e Bem-estar da Criança e a Necropolítica**: contribuições ao direito internacional a partir das epistemologias do Sul. 132f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2026.

MURPHY, William. Child Soldiers and Community Reconciliation in Postwar Sierra Leone: African Psychiatry in the Twenty-First Century. *In:* AKYEAMPONG, Emmanuel; HILL, Allan; KLEINMAN, Arthur. **The Culture of Mental Illness and Psychiatric Pratice in Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 2015. p. 282-310.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. "Jindengue – Omo kékeré: notas a partir de alguns olhares africanos sobre infância e formação". *In*: XAVIER, Ingrid Müller; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofar**: aprender e ensinar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NESTROVSKI, Arthur Nestrovski. Vozes de Crianças. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur Nestrovski. **Catástrofe e Representação**: ensaios. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

NEWELL, Stephanie. **West African Literatures**: Ways of Reading. New York: Oxford University Press, 2006.

NGEVAO, Patricia Sia. Raised by Trauma: Young Sierra Leoneans Confront the Legacy of a War They Never Saw. **Awoko Newspaper Sierra Leone**, 06 jun. 2025. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/raised-by-trauma-young-sierra-leoneans-confront-the-legacy-of-a-war-they-never-saw/ >. Acesso em: 30 jan. 2026.

NOVAK, Amy. Who speaks? Who Listens? The problem of address in two Nigerian trauma novels. **Studies in the Novel**, v. 40, n. 1/2, p. 31–51, 2008.

OLSON, Debbie. On the Innocence of Beasts: African Child Soldiers in Cary Fukunaga's Beasts of No Nation. *In*: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. **New Perspectives on African Childhood**: Constructions, Histories, Representations and Understandings. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

OMOBOWALE, Mofeyisara Oluwatoyin; AMODU, Olukemi K. Omo boti and Omo pako: Social Construction of Childhood, Livelihood and Health in Southwestern Nigeria. *In*: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. **New Perspectives**

on African Childhood: Constructions, Histories, Representations and Understandings. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA. **Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança (1990)**. Disponível em: < https://achpr.au.int/pt/charter/carta-africana-dos-direitos-e-bem-estar-da-crianca/ >. Acesso em 15 de maio de 2024.

PAIVA, Giovanna Ayres Arantes de. A atuação da ONU frente ao emprego de crianças-soldados: como lidar com os impactos das novas guerras? **Fronteira** (Belo Horizonte), v. 10, n. 19, p. 59-79, 2011.

PALMER, Eustace. New Trends in the Sierra Leonean Novel: Tradition and Change in Novels by Alasan Mansaray and J. Sorie Conteh. In: EMENYONU, Ernest N (Org.). **New Directions in African Literature – 25**. Trenton: Africa World Press, 2006. p. 22-40.

PIMENTA, Denise. **O cuidado perigoso:** tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada por mulheres, vivas e mortas). São Paulo, 2019. 351 f. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Departamento de Antropologia, 2019.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Ângela Uchoa. Na rota da violência: crianças em contexto armado. **Athenea Digital**, n. 13, p. 153-169, 2008.

POPULATION pyramid. **Serra Leoa**. 2026. Disponível em: < https://www.populationpyramid.net/pt/serra-leoa/ >. Acesso em: 22 fev. 2026.

QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade – e seus riscos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1121-1136, 2010.

REUTERS. **More than 8,500 children used as soldiers in 2020**: U.N (2021). Disponível em: < https://www.reuters.com/world/more-than-8500-children-used-soldiers-2020-un-2021-06-21/ >. Acesso em: 23 dez. 2022.

RIPE, Fernando. **História da Infância**: A Constituição do Sujeito Infantil Moderno na Cultura Impressa Portuguesa do Século XVIII. Caxias do Sul/RS: Educs, 2022.

ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. **Hist. R.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265-279, 2014.

SAKER, Amina. Chasing traumatic shadows: the role of memory in the reincarnation of the self in Chimamanda Ngozi Adichie's Half of a Yellow Sun. **Journal of Studies in Language, Culture and Society**, v. 1, n. 2, p. 197-218, 2019.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284-303, 2012.

SAM, Beny. Children: The Nation's Greatest Asset. **Awoko Newspaper Sierra Leone**, 24 jul. 2025. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/children-the-nations-greatest-asset/ >. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. **História, trauma e pós-memória:** as representações da Guerra de Biafra (1967-1970) em Meio Sol Amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie. 137f. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2022. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234758# >. Acesso em: 15 out. 2023.

SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. Passado violentado, presente e futuro impactados: possíveis consequências da Guerra Nigéria-Biafra nas crianças. **Aedos** - Revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 13, n. 29, p. 358-370, 2022.

SANTOS, Rodrigo Lucas Carneiro; MUNIZ, Iranice Gonçalves. As crianças-soldado de Hitler e a humanização do direito internacional. **Revista Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 3, n. 6, p. 270-293, 2012.

SCHERF, Erick da Luz; GONZALEZ, Rodrigo Milindre. A sociedade civil organizada e a luta pelo reconhecimento das liberdades fundamentais durante os processos de negociação da paz: lições da Guerra Civil na Serra Leoa e o Acordo de Paz de Lomé. **Revista Conjuntura Global**, v. 7, n. 2, p. 170-188, 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. **Diálogos**, v. 21, n. 2, p. 44-49, 2017.

SCHWIKOWSKI, Martina. África enfrenta dilema demográfico com crescimento acelerado da população mas sem desenvolvimento econômico. **G1 – Mundo** (2019). Disponível em: < https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/14/africa-enfrenta-dilema-demografico-com-crescimento-acelerado-da-populacao-mas-sem-desenvolvimento-economico.ghtml >. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SERAN, Justine. Australian Aboriginal Memoir and Memory: A Stolen Generations Trauma Narrative. *In:* ANDERMAHR, Sonya (Org.). **Decolonizing Trauma Studies**: Trauma and Postcolonialism. Basel/Suiça: Editora MDPI, 2016.

SESAY, Mohamed Gibril. Sierra Leone Literature: History, Hindrances, Hopes. (2019). **Africanist Press**. Disponível em: < https://africanistpress.com/2019/12/07/sierra-leone-literature-history-hindrances-hopes/ >. Acesso em: 12 dez. 2022.

SESAY, Sulaiman. Parliament Vows Action as Children Demand Their Rights. **Awoko Newspaper Sierra Leone**, 21 nov. 2025. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/parliament-vows-action-as-children-demand-their-rights/ >. Acesso em: 29 jan. 2026.

SIERRA LEONE PEACE MUSEUM. **Acervo pessoal.** Freetown, 2024.

SILVA, Luan do Nascimento; BENTO, Fábio Régio; NOBRE, Fábio Rodrigo Ferreira. Como a religião africana compreende a paz: uma proposta pós-colonial para a transformação social. **Conjuntura Internacional**, v. 16, n. 2, p. 51-63, 2019.

SKINNER, David E. The Influence of Islam in Sierra Leone History: Institutions, Practices, and Leadership. **Journal of West African History**, v. 2, n. 1, p. 27-72, 2016.

SONG, Susan J.; BRINK, Helene Van den; JONG, Joop de. Who Cares for Former Child Soldiers? Mental Health Systems of Care in Sierra Leone. **Community Ment Health J**, v. 49, p. 615-624, 2013.

SOUZA, Victor Martins. Uma percepção africana dos direitos humanos: a carta mandinga. *In*: MALOMALO, Bas´Ilele; FONSECA, Dagoberto José; VIEIRA, Francisco Sandro da Silvera (Orgs.). **África múltipla**: Anotações e reflexões. Editora Edilivre, 2019.

SPENCER, Sylvanus. The Use of Pop Songs by Sierra Leonean Youths in Enjoying the Space Created for Freedom of Expression after the Civil War. **Africa Today**, v. 59, p. 71-86, 2012.

STACEY, Diego & HIERRO, Lola. Mundo. **O Globo**, 25 out. 2023. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/25/numero-de-menores-mortos-em-gaza-desde-o-inicio-da-guerra-e-maior-que-a-soma-dos-ultimos-23-anos.ghtml >. Acesso em: 20 jan. 2026.

TENÓRIO, Vivianne Wanderley Araújo; MUNIZ FALCÃO, Wanda Helena Mendes. Crianças – soldados como pergunta, afirmação e negação. *In*: TENÓRIO, Vivianne Wanderley Araújo; MUNIZ FALCÃO, Wanda Helena Mendes (Orgs.). **Crianças, infância e conflitos armados**: Análises das conjunturas global e regionais. Erechim: Editora Deviant, 2017.

TUNCA, Daria. "We Die Only Once, and for Such a Long Time": Approaching Trauma through Translocation in Chris Abani's Song for Night. *In*: MUNKELT, Marga *et al*. **Postcolonial Translocations**: Cultural Representation and Critical Spatial Thinking. Amsterdam & New York: Editora Rodopi, 2013, p. 127-143.

TUNCA, Daria; LEDENT, Bénédicte. Towars a Definition of Postcolonial Biographical Fiction. **The Journal of Commonwealth Literature**, v. 55, n. 3, p. 335–346, 2020.

TYNES, Robert. Because it works: The advantages of Child Soldier use during the Sierra Leone Civil War. **The Journal of Sierra Leone Studies**, v. 1, n. 1, p. 03-34, 2012.

UNICEF, For every child. **Children and adolescents in Sierra Leone**: A snapshot. Disponível em: < https://www.unicef.org/sierraleone/media/2021/file/Sierra%20Leone%20SitAn.pdf >. Acesso em: 22 ago. 2024.

UNICEF, Para cada criança. **Dividendo ou desastre**: o novo relatório do UNICEF sobre crescimento populacional em África (2017). Disponível em: < https://www.unicef.org/angola/comunicados-de-imprensa/dividendo-ou-desastre-o-novo-relat%C3%B3rio-do-unicef-sobre-crescimento >. Acesso em: 22 ago. 2024.

VALENÇA, Marcelo Mello. **A Questão da Segurança nas Novas Operações de Paz da ONU:** Os casos de Serra Leoa e da Bósnia-Herzegovina.Rio de Janeiro: Dissertação de

Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2006.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 31, n. esp., p. 244-248, 2019.

VIEIRA, Maurício. Serra Leoa. *In*: MARTINS, Mônica Dias (Org.). **Defesa dos povos do Atlântico Sul**. Fortaleza: EdUECE, 2017. p. 205-227.

VIEIRA FILHO, José Maurício. **Promover a paz ou prolongar conflitos violentos? A dualidade das missões de paz da ONU em Serra Leoa**. Coimbra: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Coimbra (UC), 2012.

VISSER, Irene. Decolonizing Trauma Theory: Retrospect and Prospects. *In:* ANDERMAHR, Sonya (Org.). **Decolonizing Trauma Studies**: Trauma and Postcolonialism. Basel/Suiça: Editora MDPI, 2016.

WAR Child Holland. **History**. Disponível em: < https://www.warchildholland.org/history/ >. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

WHITEHEAD, Anne. Journeying through hell: Wole Soyinka, trauma, and postcolonial Nigeria. **Studies in the Novel**, v. 40, n. 1/2, p. 13–30, 2008.

WILLIAMSON, John. The Disarmament, Demobilization and Reintegration of Child Soldiers: social and psychological transformation in Sierra Leone. **Intervention**, v. 4, n. 3, p. 185-205, 2006.

WILSON, Alusine Rehme. Bio Warns on Civil War Legacy, Citing "Corruption, Exclusion, Inequality, and Weak Governance". **Awoko Newspaper Sierra Leone**, 23 jan. 2026. Disponível em: < https://awokonewspapersl.com/bio-warns-on-civil-war-legacy-citing-corruption-exclusion-inequality-and-weak-governance/ >. Acesso em: 23 jan. 2026.

ZACK-WILLIAMS, Alfred. B. Child Soldiers in the Civil War in Sierra Leone. **Review of African Political Economy**, v. 28, n. 87, p. 73-82, 2001.

ZAHREDDINE, Danny & TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de setembro. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, n. 53, p. 71-98, 2015.

ZAMIN, Angela; JUNG, Cleusa; RICHTER, Taiz. "Você é a primeira pessoa para quem eu conto isso": crianças-soldados como fontes testemunhais no jornalismo internacional. **Verso e Reverso**, v. 32, n. 79, p. 02-12, 2018.

ZELEKE, Waganesh A.; HUGHES, Tammy; DROZDA, Natalie. Childhood in Africa: Health and Wellness in Body, Mind, Soul, and Spirit. *In*: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. **New Perspectives on African Childhood**: Constructions, Histories, Representations and Understandings. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

Apêndice

APÊNDICE A – Vista da hospedagem em Congo Cross, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE B – Rua em Congo Cross, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE C – Rua em Murray Town, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE D – Rua no bairro New England, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE E – Cotton Tree, símbolo do surgimento de Freetown, Serra Leoa



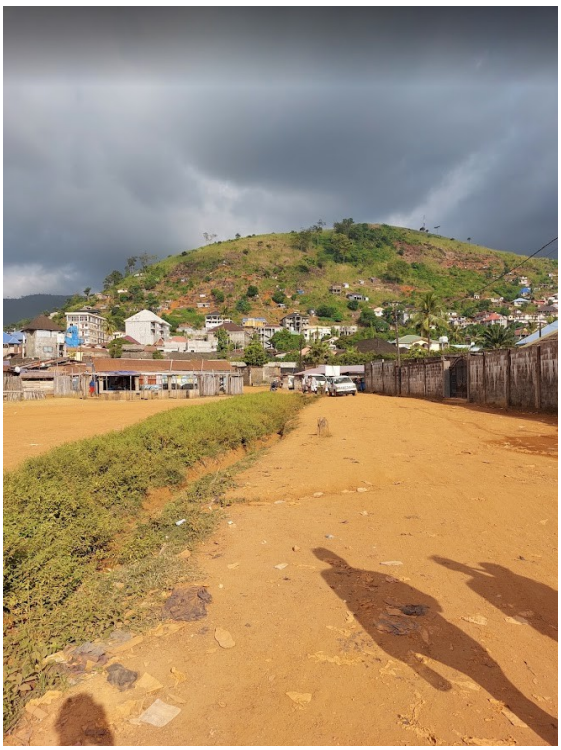
APÊNDICE F – Rua do Ministério das Finanças, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE G – Wilkinson Road, Freetown, Serra Leoa



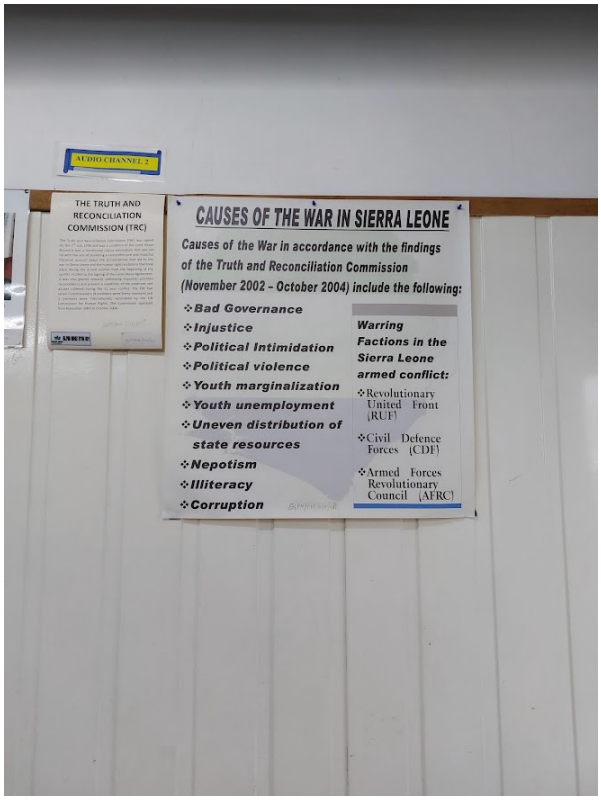
APÊNDICE H – Caminho próximo à Lakka Beach, Região Metropolitana de Freetown, Serra Leoa



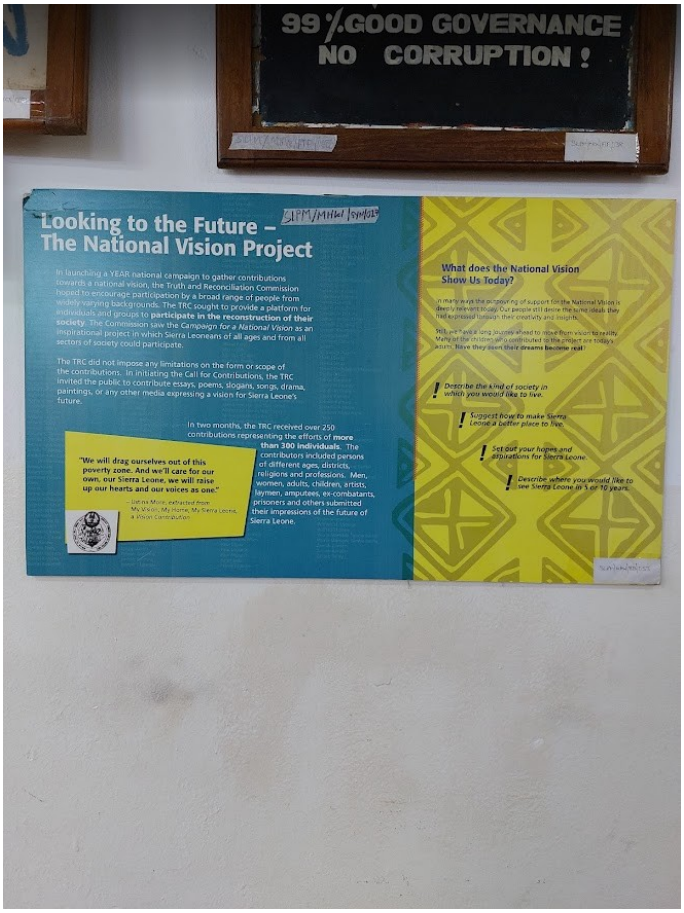
APÊNDICE I – Entrada do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE J – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE K – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE L – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE M – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE N – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE O – Memorial Garden do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



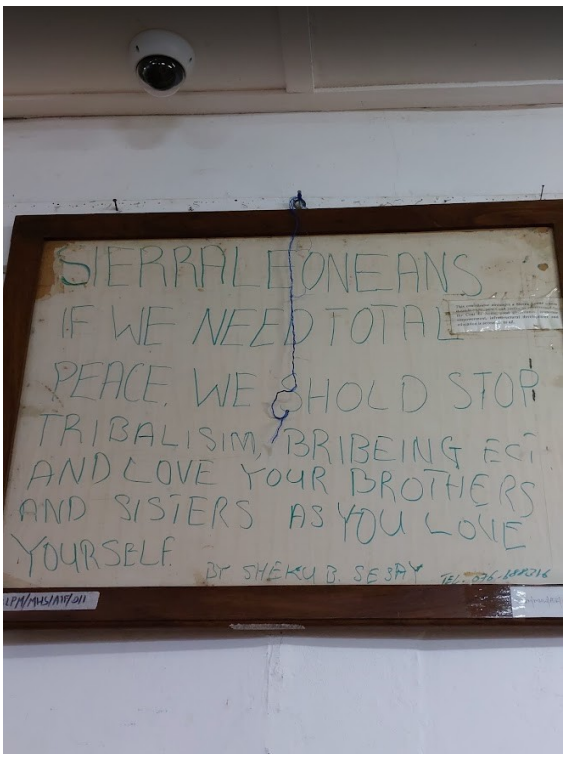
APÊNDICE P – Memorial Garden do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE Q – Memorial Garden do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE R – Acervo do Sierra Leone Peace Museum, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE S – Área externa da University of Sierra Leone, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE T – Área externa da University of Sierra Leone, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE U – Acervo da Comissão Independente para Paz e Coesão Nacional, Freetown, Serra Leoa



APÊNDICE V – Acervo da Comissão Independente para Paz e Coesão Nacional, Freetown, Serra Leoa

